

3º CICLO EM HISTÓRIA

A Companhia Neroni de Pisa e as suas relações comerciais com a Península Ibérica (1454-1463)

Ana Clarinda Cardoso

D

2023



Ana Clarinda Cardoso

A Companhia Neroni de Pisa e as suas relações comerciais com a Península Ibérica (1454-1463)

Tese realizada no âmbito do Doutoramento em História, orientada pelo Professor Doutor Luís Miguel Ribeiro de Oliveira Duarte, pela Doutora Joana Isabel Ribeiro Sequeira e pelo Professor Doutor Francesco Guidi-Bruscoli

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

Projeto de doutoramento financiado pela FCT: SFRH/ BD/130620/2017 e, posterior,
prorrogação COVID/BD/151909/2021.



CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E ENSINO SUPERIOR

Para a minha mãe e para o meu irmão

Em memória do meu pai

Sumário

Declaração de honra	9
Agradecimentos	10
Resumo.....	12
Abstract	13
Índice de Figuras	14
Índice de Tabelas.....	15
Índice de Gráficos.....	19
Introdução.....	21
1.Panorama bibliográfico, Fontes e Metodologia.....	30
1.1. Panorama bibliográfico	30
1.2. Fontes	42
1.3. Metodologia	49
2.Francesco di Nerone & Companhia Salviati	54
2.1. Os Nerone.....	54
2.1.1. A Família	55
2.1.2. Francesco di Nerone	58
2.2. Os Nerone e os Salviati.....	62
2.2.1. Os Salviati e o seu arquivo	62
a) A família Salviati.....	62
b) O <i>Archivio</i> Salviati	64
2.2.2. A relação entre as famílias Nerone e Salviati: a aliança matrimonial entre Maddalena Nerone e Averardo Salviati (1457)	66
2.3. Rede de Francesco di Nerone e da companhia Nerone-Salviati na Península Ibérica antes da Companhia em Pisa	70
3.Atividade Comercial da Companhia Neroni com a Península Ibérica	77
3.1. Comércio de importação de mercadorias com a Península Ibérica	80
3.1.1. Tipos de Mercadorias	80
3.1.1.1. Couros e Peles	80
a) A indústria dos curtumes em Pisa	80
b) Tipo de couros transacionados, quantidades e preços	83

c)	Fornecedores de couros	93
d)	Clientes dos couros transacionados e preços de venda	102
e)	Operações comerciais de peles	107
3.1.1.2.	Fibras têxteis (lã e seda)	108
a)	A indústria têxtil na Toscana e a importação de matérias-primas I. Lã e Seda	108
b)	Lã: Tipos, quantidade transacionada e preços	113
c)	Lã: Fornecedores	121
d)	Lã: operações de permuta	126
e)	Lã: Clientes e preços	127
f)	Seda: Tipos, quantidade transacionada e preços	132
g)	Seda: Fornecedores	137
h)	Seda: Clientes e preços	142
3.1.1.3.	Substância tintureira: grã	145
a)	A indústria têxtil na Toscana e a importação de matérias-primas II. A grã	146
b)	Grã: Tipos, quantidades transacionadas e preços	148
c)	Grã: Fornecedores	155
d)	Grã: Clientes e preços	160
3.1.1.4.	Produtos Alimentares	164
3.1.1.4.1.	Sal	164
a)	Operações de Importação de Sal Ibérico	168
b)	Operações de Venda de Sal Ibérico	172
3.1.1.4.2.	Peixe	174
3.1.1.4.3.	Biscoito	176
3.1.1.5.	Produtos vários	177
a)	Cerâmica de <i>Maiolicha</i>	178
b)	Cera de <i>Spagna</i> e do Norte de África	181
c)	Pez de Ibiza	182
d)	Sebo	183
3.2.	Mercadorias exportadas para a Península Ibérica	184
3.2.1.	Papel	185
a)	Operações de exportação de papel para a Península Ibérica	187
b)	Compradores de papel no espaço ibérico	191
3.2.2.	Panos de seda	196

3.2.3. Pastel.....	202
3.2.4. Trigo	205
3.3. Balanço da Atividade Comercial	207
a) Mercadorias da Península Ibérica para a companhia Neroni de Pisa	208
b) Mercadorias da companhia Neroni de Pisa para a Península Ibérica	224
c) Considerações finais	227
4. Atividade Financeira com a Península Ibérica.....	232
4.1. Operações de câmbio a partir de Pisa	235
a) De Pisa para Roma	239
b) De Pisa para Florença	246
c) De Pisa para Milão	249
d) De Pisa para Génova	251
e) De Pisa para Siena.....	252
f) De Pisa para Bolonha	254
g) De Pisa para Mântua.....	255
h) De Pisa para Barcelona	255
i) De Pisa para Lisboa	259
j) De Pisa para Valência.....	262
k) De Pisa para Sevilha	263
l) De Pisa para Bruges	264
4.2. Operações de câmbio para Pisa	265
a) De Lisboa para Pisa	268
b) De Barcelona para Pisa	275
c) De Valência para Pisa.....	279
d) De Málaga para Pisa	280
e) De Florença para Pisa	281
f) De Roma para Pisa	283
g) De Génova para Pisa	284
h) De Nápoles para Pisa	284
4.3. Outra operação com câmbio	285
4.4. Considerações finais	286
Conclusão	291
Fontes citadas e consultadas	297

Bibliografia citada e consultada	298
Anexos	341
Anexo 1 - Descrição detalhada do fundo documental da companhia Nerone de Pisa.....	342
Anexo 2 – Pedra Tumular de Francesco di Nerone	346
Anexo 3 – Genealogia da Família Nerone	347
Anexo 4 - Preços (em florins di sugello) dos couros transacionados pela companhia Neroni de Pisa, por ano e por tipo de negócio, 1454-1461	348
Anexo 5 - Preços (em florins <i>di sugello</i>) dos fardos de lã de São Mateus transacionados pela companhia Neroni de Pisa, por ano e por tipo de negócio, 1455-1460	350
Anexo 6 - Compradores da lã de São Mateus vendida pela companhia Neroni de Pisa, 1455-1460.....	351
Anexo 7 - Preços (em florins di sugello) dos fardelli de seda ibéricos transacionados pela companhia Neroni de Pisa, por ano e por tipo de negócio, 1454-1461	357
Anexo 8 - Compradores dos fardelli de seda ibérica vendida pela companhia Neroni de Pisa, 1454-1462	358
Anexo 9 - Preços (em florins di sugello) da grã transacionada pela companhia Neroni de Pisa, por ano e por tipo de negócio, 1455-1462	359
Anexo 10 - Registo dos Compradores finais da grã oriunda da Península Ibérica vendida pela companhia Neroni de Pisa, 1455-1462	360
Anexo 11 - Compradores do sal ibérico vendido pela companhia Neroni de Pisa, 1458-1463	

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Vila Nova de Gaia, 15/01/2023

Ana Clarinda Cardoso

Agradecimentos

Os percursos não se fazem sozinhos e devemos ser gratos a todos os que nos acompanham, independentemente da forma como o fazem.

Em primeiro lugar, agradecer o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia, bem como aos membros do júri do concurso de 2017, através da bolsa de doutoramento concedida e que me permitiu uma dedicação exclusiva a este projeto durante quatro dos cinco anos que levei a completá-lo.

Agradecer à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ao Departamento de História e, em particular, ao grupo dos Professores de História Medieval. Um agradecimento também aos três Centros de Acolhimento que permitiram a execução deste projeto: o CITCEM, no Porto; o CHAM, em Lisboa; e o DISEI, em Florença.

À Doutora Maddalena Taglioli, responsável pelo Arquivo Salviati, e à Professora Ilaria Pavan, minha tutora na Scuola Normale Superiore de Pisa. Agradeço a generosidade, o acolhimento e a disponibilidade aquando das minhas estâncias em Pisa para consulta das fontes. Um agradecimento extensível também à Biblioteca da SNS e ao Archivio di Stato de Pisa.

Uma palavra de agradecimento à Biblioteca Central da FLUP, bem como às Bibliotecas Municipais (do Porto, de Gondomar, de Vila Nova de Gaia e de Espinho) e ainda à Biblioteca da Universidade Católica, pela generosidade e disponibilidade total, sobretudo durante os vários confinamentos devido à pandemia COVID-19. Ainda um agradecimento especial à Dra. Carla Amaral, da secretaria da FLUP, por todo o apoio administrativo concedido.

Aos meus orientadores, para quem quaisquer palavras de agradecimento nunca serão suficientes: o Professor Luís Miguel Duarte, a Doutora Joana Sequeira e o Professor Francesco Guidi-Bruscoli. Volvidos quase dez anos, desde o trabalho de seminário no último ano de licenciatura, e depois ao longo de todo o mestrado, tenho vindo a trabalhar com o Professor Luís Miguel Duarte e a Doutora Joana Sequeira. Agradeço o carinho, a dedicação, a disponibilidade, a partilha e a generosidade ao longo destes anos

para comigo. Palavras de agradecimento que extendo ao Professor Francesco, sempre disponível para colaborar neste projeto de doutoramento ainda durante a sua fase pré-FCT. Pelo trabalho e pela amizade, obrigada.

Ao Professor Richard Goldthwaite, ao Professor Marco Spallanzani, ao Professor Jacques Bottin, à Doutora Ingrid, que tive a oportunidade de conhecer aquando das visitas ao arquivo Salviati e com quem pude trocar ideias. À Doutora Maria José Ferreira dos Santos e ao Museu do Papel. Ao Carlos Ferraz, sempre disponível para dúvidas da técnica da contabilidade, sem esquecer a História.

A todos os meus colegas do Grupo Informal de História Medieval, pela partilha e entreajuda. A toda a família do TASSE, mas sobretudo à Silvia pela confiança e reconhecimento. Aos que acompanharam de perto este caminho, com quem posso contar e a quem sou grata pela amizade: à Tatiana, à Inês, à Neide, ao Filipe. Um agradecimento muito especial à Glória, por todas as palavras de incentivo e pela sua imensa amizade.

Dedico as minhas últimas palavras às pessoas que são os principais alicerces da minha vida. À minha mãe, Rosa, e ao meu irmão, Joaquim, pelo apoio incondicional, pela compreensão das ausências, pela dedicação e por tudo o que me possibilitam alcançar. Nunca terei palavras suficientes para vos poder agradecer. Por fim, umas palavras não de agradecimento, mas em memória daqueles com quem seria muito feliz ao partilhar todos estes momentos: ao meu pai e ao meu avô Cambra.

Resumo

Esta dissertação centra-se na atividade comercial e financeira da companhia Neroni de Pisa (1454-1463), que se estendia até Portugal, passando por várias cidades e portos do sul da península Ibérica. Este estudo de caso tem como premissa a tese braudeliana que perspectiva a acção das companhias comerciais enquanto factor de integração económica agregador dos diferentes espaços do Mediterrâneo, ultrapassando as fronteiras da religião, da língua, dos poderes políticos e culturais.

Com base nos dez livros de contas desta companhia, depositados no Arquivo Salviati de Pisa, identificar-se-ão os atores dos negócios e as redes de atuação, os produtos comercializados, os instrumentos financeiros e os locais de produção e de comércio. O objectivo é o de conhecer os interesses associados às diferentes praças ibéricas e avaliar a importância destes negócios no conjunto da atividade da companhia, contribuindo para uma visão aprofundada sobre a articulação das redes mercantis no Mediterrâneo Ocidental.

Palavras-chave: Francesco di Neroni, mercadores italianos, Península Ibérica, comércio, letras de câmbio

Abstract

This dissertation focuses on the commercial and financial activity of the Neroni company of Pisa (1454-1463), which extended to Portugal, passing through several cities and ports of the southern Iberian Peninsula. This case study starts on the Braudelian idea that sees the action of trading companies as a factor of economic integration that aggregated the different spaces of the Mediterranean, going beyond the borders of religion, language, and political and cultural powers.

Based on the ten account books of this company, deposited in the Salviati Archive in Pisa, we will identify the actors of the business and the networks of action, the products traded, the financial instruments and the places of production and trade. The aim is to understand the interests associated with the different Iberian markets and to assess the importance of these businesses in the company's activity as a whole, contributing to an in-depth view of the articulation of the mercantile networks in the Western Mediterranean.

Key-words: Francesco di Neroni, italian merchants, Iberian Peninsula, trade, bills of exchange

Índice de Figuras

FIGURA 1 - EXEMPLO DE IDENTIFICAÇÃO DE UMA CONTA DE UM AGENTE ECONÓMICO (GIOVANNI DELLA RITONDA SPAGNUOLO)	51
FIGURA 2 - EXEMPLO DE IDENTIFICAÇÃO DE UMA CONTA DE MERCADORIAS (COUROS DE LISBOA)	51

Índice de Tabelas

TABELA 1 - ORGANIZAÇÃO DO FUNDO DOCUMENTAL DA COMPANHIA NERONI DE PISA	46
TABELA 2 - COMPANHIAS COMERCIAIS, SOCIEDADES E UNIDADES DE PRODUÇÃO DE FRANCESCO DI NERONE, 1439-1466	73
TABELA 3 - QUANTIDADES DE COUROS TRANSACIONADOS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1454-1461 ...	83
TABELA 4 - ORIGEM DOS COUROS TRANSACIONADOS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1454-1461	84
TABELA 5 - COUROS PORTUGUESES E IRLANDESES TRANSACIONADOS PELAS COMPANHIAS CAMBINI DE FLORENÇA E NERONI DE PISA, 1459-1461	88
TABELA 6 - AMPLITUDE E MÉDIA DOS PREÇOS (EM FLORINS <i>DI SUGELLO</i>) NAS TRANSAÇÕES DE COUROS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1454-1461	92
TABELA 7 - NEGÓCIOS EM SOCIEDADE DA COMPANHIA NERONI DE PISA PARA A IMPORTAÇÃO DE COUROS, POR ORIGEM, 1454-1461	98
TABELA 8 - COUROS COMISSIONADOS À COMPANHIA NERONI DE PISA DE COUROS, POR FORNECEDOR, 1454- 1461.....	100
TABELA 9 - COMPRADORES DOS COUROS, EM BRUTO, TRANSACIONADOS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1454-1461	104
TABELA 10 - MARGENS DE LUCRO DOS COUROS TRANSACIONADOS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA EM 1455	106
TABELA 11 - QUANTIDADE DE LÃ DE SÃO MATEUS TRANSACIONADA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1455- 1460.....	114
TABELA 12 - IMPORTAÇÃO DE LÃ DE SÃO MATEUS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR ANO E POR TIPO DE NEGÓCIO	118
TABELA 13 - AMPLITUDE DOS PREÇOS (EM FLORINS <i>DI SUGELLO</i>) NAS TRANSAÇÕES DE LÃ DE SÃO MATEUS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1455-1460	119
TABELA 14 - FORNECEDORES DE LÃ DE SÃO MATEUS EM AQUISIÇÃO PRÓPRIA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1455-1459	121
TABELA 15 - NEGÓCIOS EM SOCIEDADE DA COMPANHIA NERONI DE PISA PARA A IMPORTAÇÃO DE LÃ DE SÃO MATEUS, 1455-1460.....	123
TABELA 16 - LÃ DE SÃO MATEUS COMISSIONADA À COMPANHIA NERONI DE PISA, POR FORNECEDOR, 1455- 1460.....	125
TABELA 17 - VENDA DE LÃ DE SÃO MATEUS, POR ANO, PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1455-1460	127

TABELA 18 - CLIENTES DA LÃ DE SÃO MATEUS COMERCIALIZADA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR REGIÃO, 1455-1460	129
TABELA 19 - AMPLITUDE DOS PREÇOS DE VENDA DA LÃ DE SÃO MATEUS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR UNIDADE DE MEDIDA, 1455-1460.....	130
TABELA 20 - AMPLITUDE DOS PREÇOS DE VENDA DA LÃ DE SÃO MATEUS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR REGIÃO E POR UNIDADE DE MEDIDA, 1455-1460	131
TABELA 21 - QUANTIDADES DE SEDA TRANSACIONADA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1454-1461	133
TABELA 22 - AMPLITUDE DOS PREÇOS E VALOR MÉDIO POR TIPO DE NEGÓCIO (EM FLORINS DI SUGELLO) NAS TRANSAÇÕES DE SEDA IBÉRICA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1454-1461	136
TABELA 23 - SEDA COMISSIONADA À COMPANHIA NERONI DE PISA, POR FORNECEDOR, 1454-1461	139
TABELA 24 - AMPLITUDE DOS PREÇOS (EM FLORINS DI SUGELLO) DE VENDA DE SEDA IBÉRICA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1454-1461	144
TABELA 25 - ORIGEM E QUANTIDADES DA GRÃ TRANSACIONADA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1455-1462.....	149
TABELA 26 - ORIGEM E QUANTIDADE DE GRÃ TRANSACIONADA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR ANO DE ATIVIDADE, 1455-1462	150
TABELA 27 - AMPLITUDE E VALOR MÉDIO DOS PREÇOS (EM FLORINS DI SUGELLO) NAS TRANSAÇÕES DE GRÃ PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1455-1462	153
TABELA 28 - FORNECEDORES DE GRÃ EM AQUISIÇÃO PRÓPRIA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1455-1462	155
TABELA 29 - NEGÓCIOS EM SOCIEDADE DA COMPANHIA NERONI DE PISA PARA A IMPORTAÇÃO DE GRÃ, 1455-1462.....	157
TABELA 30 - GRÃ COMISSIONADA À COMPANHIA NERONI DE PISA, POR FORNECEDOR, 1455-1462	159
TABELA 31 - AMPLITUDE DOS PREÇOS (EM FLORINS DI SUGELLO) DE VENDA DA GRÃ IBÉRICA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1455-1462	162
TABELA 32 - QUANTIDADE DE SAL IBÉRICO TRANSACIONADO PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1456-1463	166
TABELA 33 - QUANTIDADES DE SAL TRANSACIONADO PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR ORIGEM, 1456-1463.....	167
TABELA 34 - FORNECEDORES DE SAL DE PORTUGAL EM AQUISIÇÃO PRÓPRIA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1460.....	168
TABELA 35 - NEGÓCIOS EM SOCIEDADE DA COMPANHIA NERONI DE PISA PARA A IMPORTAÇÃO DE SAL IBÉRICO, 1458-1461	169

TABELA 36 - SAL DE TORTOSA COMISSIONADO À COMPANHIA NERONI DE PISA, POR FORNECEDOR, 1456- 1458	171
TABELA 37 - PRODUTOS VÁRIOS ORIUNDOS DA PENÍNSULA IBÉRICA TRANSACIONADOS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1454-62	178
TABELA 38 - ENVIO DE PAPEL DE COLLE PARA A PENÍNSULA IBÉRICA ATRAVÉS DA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1454-1463, EM BALLE.....	188
TABELA 39 - QUANTIDADE DE PAPEL DE COLLE ENVIADO PELA COMPANHIA NERONI DE PISA PARA A PENÍNSULA IBÉRICA, POR TIPOLOGIA DE NEGÓCIO, EM BALLE, 1454-1463	189
TABELA 40 - AMPLITUDE DOS PREÇOS (EM FLORINS DI SUGELLO) NAS TRANSAÇÕES DE PAPEL DE COLLE PELA COMPANHIA NERONI DE PISA PARA A PENÍNSULA IBÉRICA, 1454-1463	190
TABELA 41 - SOCIEDADES ESTABELECIDAS COM A COMPANHIA NERONI DE PISA PARA A EXPORTAÇÃO DE PAPEL PARA A PENÍNSULA IBÉRICA, 1455-1463	192
TABELA 42 - DESTINATÁRIOS DO PAPEL COMISSIONADO POR IACOPO DA COLLE À COMPANHIA NERONI DE PISA, 1455-1460	195
TABELA 43 - LOTES DE PANOS DE SEDA ITALIANOS ENVIADOS PARA LISBOA ATRAVÉS DA SOCIEDADE ENTRE A COMPANHIA NERONI DE PISA E O MERCADOR FRANCESCO GIUNTINI EM LISBOA, 1458 E 1461.....	198
TABELA 44 - COMPARAÇÃO DOS REGISTOS DO LOTE DE PANOS DE SEDA ENVIADO PELA COMPANHIA NERONI DE PISA E RECECIONADO POR MICHELE DA COLLE EM LISBOA, 1461-1462	200
TABELA 45 - MERCADORIAS TRANSACIONADAS DA PENÍNSULA IBÉRICA PARA PISA, PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL, 1454-62	210
TABELA 46 - EVOLUÇÃO ANUAL DE CADA MERCADORIA TRANSACIONADA DA PENÍNSULA IBÉRICA PARA PISA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL	211
TABELA 47 - REPRESENTATIVIDADE DE CADA MERCADORIA POR ANO TRANSACIONADA DA PENÍNSULA IBÉRICA PARA PISA, PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, EM PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL	212
TABELA 48 - DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS DE MERCADORES PRESENTES NAS TRANSAÇÕES DE MERCADORIAS DA PENÍNSULA IBÉRICA PARA PISA, POR PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL, POR PARTE DA COMPANHIA NERONI DE PISA.....	214
TABELA 49 - DISTRIBUIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO, POR PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL, DOS GRUPOS DE MERCADORES NAS OPERAÇÕES DE AQUISIÇÃO PRÓPRIA DA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR MERCADORIA, 1454-62	219
TABELA 50 - DISTRIBUIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO, POR PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL, DE GRUPOS DE MERCADORES NAS OPERAÇÕES COMISSIONADAS À COMPANHIA NERONI DE PISA, POR MERCADORIA, 1454-62	220

TABELA 51 - ENVIOS DE MERCADORIAS DE PISA PARA A PENÍNSULA, PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL, 1458-1463.....	225
TABELA 52 - DISTRIBUIÇÃO DAS TIPOLOGIAS DE NEGÓCIO NAS TRANSAÇÕES DE MERCADORIAS DE PISA PARA A PENÍNSULA IBÉRICA, POR PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL, PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1458-1463	226
TABELA 53 - DISTRIBUIÇÃO DAS TIPOLOGIAS DE NEGÓCIO NAS TRANSAÇÕES DE MERCADORIAS DA COMPANHIA NERONI DE PISA DE E PARA A PENÍNSULA IBÉRICA, PELO VALOR MONETÁRIO TOTAL, EM FIORINI DI SUGELLO, 1458-1463	228
TABELA 54 - OPERAÇÕES DE CÂMBIO COM ORIGEM NA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1454-1462	236
TABELA 55 - OPERAÇÕES DE CÂMBIO EMITIDAS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR ANO DE ATIVIDADE, NÚMERO DE REGISTOS E VALOR TOTAL TRANSACIONADO	238
TABELA 56 - OPERAÇÕES DE CÂMBIO COM DESTINO À COMPANHIA NERONI DE PISA, 1455-1462	266
TABELA 57 - OPERAÇÕES RECEBIDAS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR ANO DE ATIVIDADE, NÚMERO DE REGISTOS E VALOR TRANSACIONADO	268

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 - COUROS TRANSACIONADOS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR ANO DE ATIVIDADE E ORIGEM DOS COUROS, 1454-1461	86
GRÁFICO 2 - QUANTIDADES DE COUROS IMPORTADAS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR TIPO DE NEGÓCIO, 1454-1461	89
GRÁFICO 3 - IMPORTAÇÃO DE COUROS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR ANO E POR TIPO DE NEGÓCIO	91
GRÁFICO 4 - FORNECEDORES DE COUROS EM AQUISIÇÃO PRÓPRIA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR TIPO DE COURO, 1454-1461	95
GRÁFICO 5 - AGENTES FORNECEDORES DE COUROS, À COMISSÃO, DA COMPANHIA NERONI, 1454-1461	102
GRÁFICO 6 - QUANTIDADES DE Lã DE SÃO MATEUS IMPORTADAS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR TIPO DE NEGÓCIO, 1455-1460.....	117
GRÁFICO 7 - SEDA IBÉRICA TRANSACIONADA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR ANO DE ATIVIDADE, 1454-1461, EM FARDELLI	134
GRÁFICO 8 - SEDA IMPORTADA PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR TIPO DE NEGÓCIO, 1454-1461.....	135
GRÁFICO 9 - VENDAS DE SEDA IBÉRICA, POR ANO, EM FARDELLI, PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1454-1462.....	143
GRÁFICO 10 - QUANTIDADES DE GRã IMPORTADAS PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR TIPO DE NEGÓCIO, 1455-1462	152
GRÁFICO 11 - EVOLUÇÃO ANUAL DAS TRANSAÇÕES DE MERCADORIAS DA PENÍNSULA IBÉRICA PARA PISA, POR PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL, PELA COMPANHIA NERONI DE PISA, 1454-1462	209
GRÁFICO 12 - DISTRIBUIÇÃO DAS TIPOLOGIAS DE NEGÓCIO NAS TRANSAÇÕES DE MERCADORIAS DA PENÍNSULA IBÉRICA PARA A COMPANHIA NERONI DE PISA, POR PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL, 1454-1462.....	218
GRÁFICO 13 - TRANSAÇÃO DE MERCADORIAS DA PENÍNSULA IBÉRICA PARA PISA, POR PARTE DA COMPANHIA NERONI DE PISA, POR PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL, 1454-1462	222
GRÁFICO 14 - DISTRIBUIÇÃO DAS TIPOLOGIAS DE NEGÓCIO NAS TRANSAÇÕES DE MERCADORIAS DA COMPANHIA NERONI DE PISA DE E PARA A PENÍNSULA IBÉRICA, POR PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL, 1458-1463	229
GRÁFICO 15 - DISTRIBUIÇÃO DAS TIPOLOGIAS DE NEGÓCIO NAS TRANSAÇÕES DE MERCADORIAS DA COMPANHIA NERONI DE PISA DE E PARA A PENÍNSULA IBÉRICA, POR PERCENTAGEM DO VALOR MONETÁRIO TOTAL .	230

Lista de abreviaturas, equivalências de pesos e medidas e moedas

Abreviaturas

AS – Archivio Salviati (Scuola Normale Superiore di Pisa)
ANTT – Arquivo Nacional Torre do Tombo
AML-AH – Arquivo Municipal de Lisboa, Arquivo Histórico
c. – carta (conta do livro mastro)
doc. – documento
fl./ fls. – fólio/fólio
liv. – livro
reg. – registo

Equivalências de Pesos e Medidas

1 côvado = 66 cm
1 vara = 110 cm
1 canna = 233 cm
1 cantaro = 49 kg
1 arroba = 14,688 kg
1 libra = 18 onças
1 onça = c.0,028 – 0,030 kg
1 modino = 50 staia
1 staia = 24,36 lt

Equivalência de Moedas

1 libra portuguesa = 20 soldos = 12 dinheiros
1 real português = 35 libras
1 libra de Valência = 20 soldos = 240 dinheiros
1 florim *di sugello* = 20 soldos = 240 dinheiros

Introdução

A dissertação de doutoramento que aqui se apresenta centra-se no estudo da atividade comercial e financeira da companhia Neroni de Pisa (1454-1463), que se estendia até Portugal, passando por várias cidades e portos do sul da Península Ibérica. Este estudo de caso tem como premissa a tese braudeliana que perspetiva a ação das companhias comerciais enquanto fator de integração económica agregador dos diferentes espaços do Mediterrâneo, ultrapassando as fronteiras da religião, da língua, dos poderes políticos e culturais¹. Além disso, esta investigação insere-se numa já estabelecida tradição de estudos de companhias comerciais italianas, tendo por base os seus fundos privados².

¹ Entre outros, veja-se: BERTI, Marcello – “Le aziende da Colle: una finestra sulle relazioni commerciali tra la Toscana ed il Portogallo a metà del Quattrocento”. In *Toscana e Portogallo: Miscellanea Storica nel 650º anniversario dello Studio Generale di Pisa*. Pisa: Edizione ETS, 1994, 57-106. IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia en el siglo XV: rutas, mercados y hombres de negocios en el espacio económico del Mediterráneo occidental*. València: Universitat de València, 1996. BRAUDEL, Fernand – *O Modelo Italiano*. Lisboa: Teorema, 1997. BARATA, Filipe Themudo – *Navegação, comércio e relações políticas: os portugueses no Mediterrâneo Ocidental (1385-1466)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. CRUSELLES GÓMEZ, Enrique – *Los mercaderes de Valencia en la edad media (1380-1450)*. Lleida: Editorial Milenio, 2001. CECCARELLI, Giovanni – “Dalla Compagnia medievale alle Compagnie assicuratrici: famiglie mercantili e mercati assicurativi in una prospettiva europea (secc. XV-XVIII)”. In CAVACIOCCHI, Simonetta (ed.) – *La famiglia nell'economia europea, secc. XIII-XVIII*. Atti della “Settimana di studi”, 6-10 aprile 2008, Firenze: Firenze University Press, 2009, 389-408. GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl - “Rapporti commerciali tra Firenze e il Regno di Granada nel XV secolo”. In TANZINI, Lorenzo; TOGNETTI, Sergio (eds.) – *“Mercatura è arte”. Uomini d'affari toscani in Europa e nel Mediterraneo tardomedievale*. Roma: Viella, 2012, 179-203. HOUSSEY MICHIENZI, Ingrid – *Datini, Majorque et le Maghreb (14e-15e siècles). Réseaux, espaces méditerranéens et stratégies marchandes*. Leyde: Brill, 2013. SEQUEIRA, Joana – “Michele da Colle: um mercador pisano em Lisboa no século XV”. In *Con Gran Mare e Fortuna. Circulação de mercadorias, pessoas e ideias entre Portugal e Itália na Época Moderna*. Lisboa: Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste» 2015, 21-34. NIGRO, Giampiero – *Reti Marittime come fattori dell'integrazione europea. Maritime Networks as a Factor in European Integration*. Atti della “Settimana di Studi”, 13-17 maggio 2018. Prato: Fondazione Istituto Internazionale di Storia Economica “F. Datini”, 2019.

² Entre outros, veja-se: DE ROOVER, Raymond – *Il Banco Medici. Dalle origini al declino*. Florença: La Nuova Italia Editrice, 1970. CASSANDRO, Michele – *Il Libro giallo di Ginevra della compagnia fiorentina di Antonio della Casa e Simone Guadagni. 1453-1454*. Prato: Casa Editrice Le Monnier Fondazione Istituto Internazionale di Storia Economica F. Datini, 1976. TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini. Affari e mercati di una compagnia mercantile-bancaria nella Firenze del Quattrocento*. Florença: Leo S. Olschki Editore, 1999. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco; BOLTON, Jim L. – “The Borromei Bank Research Project”. In ARMSTRONG, Lawrin; ELBL, Ivana; ELBL, Martin (eds.) – *Money, Markets and Trade in Late Medieval Europe: Essays in Honour of John H.A. Munro*. Leiden: Brill, 2006, 460-490. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa: commercio e finanza di una compagnia fiorentina tra il 1438 e il 1489*. Tomo I e II,

A elaboração e desenvolvimento deste trabalho resultou de um desafio lançado pela coorientadora deste projeto, a Doutora Joana Sequeira, no seguimento do trabalho conjunto levado a cabo aquando do nosso mestrado³ e que conduziu, posteriormente, a um projeto de transcrição e publicação de fontes históricas únicas para o panorama português: os livros de contas de um mercador toscano estante em Lisboa na segunda metade do século XV⁴. No decorrer deste projeto de transcrição, e numa missão de investigação levada a cabo no Archivio Salviati, na Scuola Normale Superiore, em Pisa, foi-nos possível conhecer com detalhe e maior proximidade o fundo documental da companhia Neroni. Apenas devemos referir que, ao contrário do trabalho desenvolvido em mestrado, este projeto implicava uma pequena mudança na cronologia, recuando ligeiramente no século XV; e também no espaço, já que a companhia Neroni estava sediada em Pisa, a partir de onde geria toda a sua atividade que, por sua vez, se desenrolava num amplo espaço geográfico, no qual a Península Ibérica se incluía. Volvidos cinco anos, quatro dos quais financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia⁵, dos quais dois em confinamento e com as limitações a vários níveis provocadas pela pandemia COVID-19, materializa-se nestas páginas o nosso trabalho de investigação.

Pisa: Universidade de Pisa, 2009. SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari e mercanti toscani nella Barcellona del Quattrocento*. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2010. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Bartolomeo Marchionni «Homem de grossa Fazenda» (ca. 1450-1530). Un mercante fiorentino a Lisbona e l'impero portoghese*. Florença: Leo S. Olschki Editrice, 2014. TANZINI, Lorenzo; TOGNETTI, Sergio (eds.) – *“Mercatura è arte”. Uomini d'affari toscani in Europa e nel Mediterraneo tardomedievale*. Roma: Viella, 2012.

³ CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (1462-63): do registo contabilístico à atividade comercial e financeira na praça de Lisboa*. Porto: Universidade do Porto, 2016. Dissertação de Mestrado.

⁴ Archivio Salviati (Scuola Normale Superiore di Pisa, doravante referido como AS), Serie I, *Libri di Commercio, Da Colle e Salviati. Giovanni da Colle e Averardo di Alamano Salviati, di Banco in Lisbonna*, reg. 7 e 8. Bolsa de Investigação, CHAM (UID/HIS/04666/2013).

⁵ Projeto de doutoramento financiado pela FCT: SFRH/ BD/130620/2017 e, posterior, prorrogação COVID/BD/151909/2021.

Objeto de estudo

O conjunto da atividade comercial e financeira da companhia Neroni de Pisa com o espaço ibérico é o nosso principal objeto de estudo e, para tal, as fontes primordiais são os livros de contas desta companhia que sobreviveram até aos nossos dias e que se encontram depositados no Archivio Salviati, na Scuola Normale Superiore, em Pisa. Em certa medida, estas fontes de que dispomos foram responsáveis pela definição das balizas cronológicas do nosso projeto, do espaço geográfico e ainda da própria perspectiva de análise adotada. Estamos perante um conjunto de 10 livros de comércio, registados segundo o método contabilístico de partida dobrada, de diferentes tipologias e, como tal, com distintos níveis de informações: quatro livros denominados *debitori e creditori* (débitos e créditos), um caderno de *entrata e uscita* (entradas e saídas), um *quaderno di chassa* (caderno de caixa), dois cadernos de *ricordanze* (memorial) e dois cadernos compostos⁶. Deste conjunto, os livros *debitori e creditori* são aqueles que se evidenciam pelo facto de neles se encontrar registada aquilo que hoje designamos como contabilidade de síntese.

Quanto à cronologia, a nossa abordagem concentra-se, como seria de esperar, nos anos de atividade da companhia na segunda metade do século XV. Se, por um lado, sabemos com clareza o ano da fundação da atividade da companhia pisana de Francesco di Nerone (1454), o ano de encerramento em concreto da sua atividade contabilística levanta algumas questões, tendo em consideração que alguns negócios são interrompidos logo no início da década de 60 e outros ainda decorrerem até meados desta década. Uma oscilação que pode estar associada aos acontecimentos da vida pessoal e, sobretudo, política do mercador fundador da companhia, Francesco di Nerone, e que tiveram lugar neste período, conduzindo à sua detenção e exílio na cidade de Nápoles, bem como de outros membros da família, pelo seu envolvimento numa tentativa de deposição da família Medici das esferas do poder em Florença.

⁶ Cadernos de escrita preparatória formados por secções diversas e com diferentes funções.

Do ponto de vista do espaço, a companhia em estudo, bem como o próprio mercador Francesco di Nerone, articulavam os seus negócios com uma ampla zona geográfica, que se estendia desde a Europa do Norte, o Oriente e, sobretudo, a Península Ibérica. No decurso da nossa missão ao Archivio Salviati, foi possível perceber, numa primeira abordagem, o relevo que as atividades comerciais e financeiras com a Península Ibérica tinham no conjunto da companhia Neroni de Pisa e, assim, considerámos que seria de grande interesse proceder a um estudo integral das relações ibéricas e não apenas com Portugal ou com os agentes portugueses: a par de Lisboa, incidimos a nossa análise nos negócios empreendidos com Sevilha, Valência e Barcelona. Para além disso, de uma forma geral, este espaço geográfico destaca-se pela particular presença de mercadores e companhias comerciais de italianos, com especial relevo para os oriundos de Florença e de Veneza.

Por fim, adotámos uma perspetiva de análise que parte da própria companhia Neroni de Pisa, ou seja, o nosso enfoque está em perceber quais os interesses comerciais e financeiros de Francesco di Nerone e de que forma os mesmos conduziram a determinados negócios, à escolha de certos agentes, intermediários e fornecedores, bem como matérias-primas e outras mercadorias.

Estrutura da dissertação e objetivos

A presente dissertação divide-se em quatro grandes partes. A primeira parte é, em primeiro lugar, um balanço historiográfico centrado nos estudos que utilizaram a mesma tipologia de fontes – livros de contas – organizado tendo em conta as principais praças comerciais ibéricas com as quais a companhia realizou os seus negócios. Estes vários estudos revelaram-se essenciais para o nosso projeto, já que o tempo disponível para a sua execução nos impossibilitou a consulta de outros fundos arquivísticos. A título de exemplo, teria sido de grande interesse poder cruzar a documentação que consultámos com os fundos disponíveis no arquivo de Barcelona, ou no de Valência, para melhor conhecer os negócios, as relações comerciais e financeiras, e a

multiplicidade de agentes económicos, ou seja, aquilo que a historiografia internacional define como a *network* destes mercadores e companhias comerciais.

Ainda nesta primeira parte, procedemos a uma análise do ponto de vista arquivístico e de tipologia das fontes, um aspeto essencial atendendo à especificidade e particularidade técnica de que as mesmas se revestem. De salientar que uma das principais dificuldades neste ponto em concreto foi o estabelecimento de uma clara identificação e definição das funções de cada um dos diferentes livros que constituem o fundo da companhia Neroni de Pisa. Dentro do próprio núcleo florentino – através da comparação com outros fundos documentais – e mesmo com as ‘normativas’ definidas nos manuais para mercadores coevos, verificam-se diferenças substanciais na organização dos livros de contas, sobretudo dos cadernos de escrita preparatória. Ao contrário dos livros *debitori e creditori*, que seguiam um conjunto de regras contabilísticas para o seu registo e organização, os cadernos complementares tinham uma organização flexível. Por exemplo, num mesmo fundo podemos ter um caderno de caixa (*quaderno di cassa*) independente e, simultaneamente, um só caderno composto no qual os registos da tipologia do *quaderno di cassa* são apenas uma das várias secções. Esta diferença de rigor entre os livros *debitori e creditori* e os cadernos preparatórios pode, de certa forma, estar relacionada com o facto de os primeiros possuírem valor probatório.

Refira-se ainda que o trabalho de arquivo nos permitiu, como será referido no ponto correspondente, identificar um outro livro da companhia Neroni de Pisa que se encontrava incorretamente inventariado no Archivio Salviati. Por fim, dada a especificidade das fontes, ainda neste primeiro capítulo dedicamos um ponto à explanação daquela que foi a metodologia adotada neste projeto.

No segundo capítulo, a finalidade principal foi dar a conhecer o contexto da história e das relações familiares do mercador que fundou a companhia em estudo, Francesco di Nerone. Esta análise passa pela própria história pessoal e familiar dos seus protagonistas, de modo a perceber quem são, quais as suas origens, qual – ou quais – os papéis desempenhados na sociedade florentina do Renascimento e que tipo de relações se estabeleceram entre esta multiplicidade de figuras (familiares e/ou

comerciais). Considerando o particular vínculo com a família Salviati, e o facto de o fundo documental da companhia Neroni de Pisa se encontrar à guarda do arquivo familiar e empresarial desta família florentina, dedicamos um apartado individual a este tema, por forma a percebermos como surge a parceria entre a companhia Salviati e a companhia Neroni em meados do século XV. Desta forma, pretendemos contribuir para o estudo da família florentina Neroni, paralelamente ao da sua companhia pisana, e ainda para o estudo da também florentina família Salviati.

Finalizada a análise dos aspetos mais formais das fontes, os dois capítulos seguintes incidem sobre os conteúdos presentes nestes livros de contas. O terceiro e o quarto capítulos estão divididos de acordo com o tipo de atividade económica da companhia Neroni de Pisa: comercial e financeira. A metodologia aplicada a ambas teve como finalidade, entre outras, permitir-nos definir o perfil dos negócios da companhia através de um estudo transversal ao espaço geográfico abrangido neste projeto. Após um levantamento exaustivo da informação, da criação e preenchimento das diferentes bases de dados, com a reconstrução das múltiplas operações, procurámos identificar todos os agentes de negócios intervenientes (mercadores, parceiros comerciais, correspondentes, produtores, clientes) e definir os níveis de ligação existentes entre estes e a companhia em estudo, por forma a detetar as redes de articulação. No caso dos correspondentes externos, a sua identificação e a definição do tipo de relação com a companhia são decisivas para compreender a forma de estabelecimento dos contactos nas diferentes praças comerciais e determinar os eventuais fatores de preferência por determinados locais e/ou produtos. Aqui, importa referir uma das maiores dificuldades encontrada: a reconstrução das múltiplas operações, sejam comerciais ou financeiras, apesar de estas últimas se revestirem de particular complexidade. Em muitos casos, estas limitações estavam relacionadas com o facto de os registos não fornecerem informações completas sobre as operações; o facto de não dispormos dos registos complementares, ou seja, os dados de quem está do outro lado da operação; e, tendo em conta que se tratava de operações com praças ibéricas, a *italianização* de nomes de pessoas e cidades, que muitas vezes dificultou a identificação e a tradução de alguns vocábulos.

O terceiro capítulo, dedicado à atividade comercial, encontra-se dividido em duas partes essenciais: os negócios de importação e os de exportação de mercadorias. E aqui é visível, logo à partida, um grande desequilíbrio, já que a atividade de importação, ou seja, os negócios que levaram à entrada dos produtos no mercado toscano através da companhia Neroni de Pisa, ocupa (a atividade) uma parte considerável deste capítulo. Esta assimetria é uma das primeiras demonstrações daquele que foi o perfil comercial da companhia Neroni de Pisa: uma companhia importadora e fornecedora do mercado toscano daquelas que eram as matérias-primas imprescindíveis às suas indústrias de então. A organização de ambas as partes deste capítulo teve em conta cada uma das mercadorias de forma individual ou grupos comuns de produtos. Assim, após uma abordagem introdutória, do ponto de vista historiográfico, a cada produto, procedemos a uma análise geral da sua representação nas operações – tendo em conta a quantidade e os valores movimentados – para depois nos dedicarmos a uma análise mais pormenorizada sobre quem os fornecedores, as origens das mercadorias, os preços e, por fim, os clientes finais já no mercado toscano. Importa referir uma das principais dificuldades neste terceiro capítulo: a divisão tripartida da atividade. Não estamos a falar de simples atividades de compra e venda de mercadorias. A somar a elas (denominadas *negócios em próprio*), na quais a companhia Neroni de Pisa assume o papel de importadora e exportadora de mercadorias, temos ainda duas outras tipologias específicas de operações. Por um lado, as operações em sociedade, ou seja, a companhia Neroni de Pisa estabeleceu parcerias com outros agentes económicos e/ou outras companhias para a importação e exportação de determinados produtos. E, por outro, as operações à comissão, nas quais a companhia pisana de Francesco di Nerone funcionou apenas como o agente intermediário para a inserção das mercadorias no mercado toscano ou, no caso das exportações, no mercado ibérico. No fim de cada um destes pontos, elaboramos um balanço de cada uma das atividades e, posteriormente, um balanço geral da sua atividade comercial.

O quarto e último capítulo da dissertação é dedicado à atividade financeira da companhia Neroni de Pisa, incidindo apenas num instrumento em particular: as letras de câmbio. Importa sublinhar a principal limitação deste capítulo: apesar de estarmos a

incidir sobre a análise de letras de câmbio, os documentos relativos a elas não chegaram até nós. O nosso estudo tem por base os registos a que as operações com as letras de câmbio deram origem nos livros de contas da companhia Neroni de Pisa. Por essa razão, um dos primeiros passos consistiu numa tentativa de reconstrução deste complexo instrumento financeiro – já definido como “engenharia financeira”⁷ – através de registos indiretos e, muitas vezes, parcos em informação. O capítulo inicia-se com uma explicação sobre o funcionamento deste instrumento financeiro, e organiza-se em duas partes: uma relativa às letras que foram de Pisa para o exterior através da companhia Neroni de Pisa e outra dedicada às letras rececionadas nesta mesma cidade pela companhia. A organização de ambos os pontos foi definida tendo em consideração o número de letras transacionadas com as demais praças financeiras. Considerando o volume de operações de câmbio que conseguimos identificar para agentes portugueses e que, a título de exemplo, nos permitem acompanhar a movimentação de embaixadores portugueses em Itália, como João Fernandes da Silveira, bem como de um vasto grupo de clérigos quer nas deslocações para Roma, quer para as Universidades que frequentaram, decidimos alargar a análise a outras praças e cidades que incluíssem figuras portuguesas. Sem esquecer a importância e o significado dos valores monetários envolvidos, o principal foco na análise destas operações foi na potencialidade que este instrumento financeiro tem para o conhecimento das redes de confiança e de articulação entre os diversos agentes económicos envolvidos nas várias fases necessárias para a movimentação de uma letra de câmbio.

O ponto sobre as múltiplas e heterógenas personagens presentes neste tipo de fontes levou-nos a concentrar o nosso estudo nos indivíduos, por forma a identificar quem eram, quais os circuitos que frequentavam, quais os propósitos para o trânsito internacional de valores monetários, quais as relações existentes entre as quatro figuras necessárias numa letra de câmbio e quais as funções que desempenhavam para a circulação destes instrumentos financeiros. O objetivo é colaborar no recente

⁷ BEL, Adrian R.; BROOKS, Chris; MOORE, Tony K. – “Cambium non est mutuum: exchange and interest rates in medieval Europe”. *The Economic History Review*. 00: 0 (2016).

relançamento historiográfico do tema das relações luso-italianas, no âmbito do debate sobre as comunidades e práticas mercantis. Para além disso, e tendo em conta a presença de mercadores e outros agentes económicos portugueses nestes registos, temos ainda como finalidade contribuir para um melhor conhecimento sobre a presença de mercadores e agentes portugueses no Mediterrâneo ocidental, bem como para a definição dos seus níveis participação nas relações com estas companhias comerciais toscanas. Neste ponto em concreto, procurámos ainda complementar os escassos estudos sobre os mercadores portugueses no século XV e a sua inserção nas redes de comércio internacional. Uma abordagem das operações de câmbio tendo em conta uma retoma por parte da historiografia das metodologias que privilegia estes instrumentos financeiros como fontes essenciais para o estudo das redes internacionais de contactos, além da sua tradicional análise técnica⁸.

Por fim, pretendemos responder às questões relativas ao papel da praça de Lisboa nas dinâmicas do comércio internacional e, sobretudo, enquanto plataforma redistribuidora dos produtos ibéricos, da costa atlântica e do mundo Mediterrânico. Simultaneamente, pretendemos trazer novos dados sobre o processo de ascensão de Valência sobre Barcelona como praça comercial e financeira aquando do período de guerra civil nesta última, um momento histórico do qual estas fontes são um observatório privilegiado.

⁸ Veja-se o mais recente trabalho: MACCIONI, Elena – "Mercato cambiario e uomini d'affari a Barcellona durante la guerra tra Alfonso il Magnanimo e la Repubblica Fiorentina". *Anales de la Universidad de Alicante. Historia Medieval*, 23 (2022) 61-86.

1. Panorama bibliográfico, Fontes e Metodologia

1.1. Panorama bibliográfico

A presente dissertação de doutoramento parte de um conjunto de fontes muito particulares – livros de contas de uma companhia comercial toscana da segunda metade do século XV – e procura uma perspetiva de análise que vá além da história da companhia em si. De uma forma sumária, com o desenvolvimento deste projeto procuramos perceber, entre outros aspetos, as potencialidades que esta tipologia documental tem para o estudo do espaço ibérico, sobretudo ao nível do comércio internacional. Este balanço historiográfico não pretende ser exaustivo. Antes, centra-se nos estudos e trabalhos que tenham partido deste tipo de fontes. Num primeiro momento, abordaremos as obras que se dedicaram ao estudo das companhias comerciais toscanas nos séculos XIV e XV, e que, de certa forma, servem como modelo metodológico para o nosso trabalho. De seguida, atentaremos nos trabalhos desenvolvidos para as praças ibéricas em estudo nesta dissertação de doutoramento e que, na generalidade, recorreram a documentação empresarial, produzida por companhias comerciais toscanas. Outras obras e estudos específicos para cada temática tratada serão convocados ao longo da tese.

Companhias comerciais toscanas

Apesar de no espaço ibérico esta tipologia de documentação, para a Idade Média, ser pouco comum⁹, o mesmo não se verifica para Itália e, sobretudo, para a

⁹ Ao contrário do que se verifica para Portugal, no restante espaço ibérico existem alguns exemplares de livros de contas semelhantes aos dos mercadores italianos do mesmo período. Para o século XV, entre outros, veja-se: COLESANTI, Gemma Teresa – *Una mujer de negocios catalana en la Sicilia del siglo XV. Caterina Llull i Sabastida: estudio y edición de su libro maestro, 1472-1479*. Barcelona: Institución Milá y Fontanals (CSIC), 2008. FÁBREGAS GARCIA, Adela – *Un mercader genovés en el reino de Granada. El libro de cuentas de Agostino Spinola (1441-1447)*. Granada: Universidad de Granada, 2002. FÁBREGAS GARCIA, Adela – *La familia Spinola en el reino nazarí de Granada. Contabilidad privada de Francesco Spinola (1451-1457)*. Granada: THARG, 2004. CRUSELLES GOMEZ, Enrique – *Los comerciantes valencianos del siglo XV y sus libros de cuentas*. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I, 2007. CÁCERES NEVOT, Juanjo - "Un análisis

região da Toscana. De facto, desde muito cedo diversos historiadores ligados à história económica e empresarial dedicaram-se a estudar e a analisar os fundos destas companhias comerciais que chegaram até aos nossos dias. Para a região da Toscana é incontornável o Arquivo Datini, em Prato, e os trabalhos que aí foram desenvolvidos por figuras como Fernand Braudel e Federigo Melis, e que conduziram à fundação do Instituto Internacional de História Económica “F. Datini” (*Istituto Internazionale di Storia Economica “F. Datini”*) em 1968. A fundação desta instituição representou um marco nos estudos de história económica e evidenciou as fontes produzidas por empresas, companhias comerciais e mercadores e, acima de tudo, o contributo que as mesmas podem trazer para as diferentes temáticas da história económica. Aqui, importa evidenciar os extensos trabalhos de investigação realizados por Federigo Melis e pelos seus alunos. A relevância do Instituto Datini é patente ainda nos dias de hoje através da continuidade da semana de estudos (*Settimane di Studi*), organizada anualmente desde 1969. Entre os investigadores é unânime a importância deste tipo de documentação e as múltiplas abordagens que a mesma nos permite, seja no estudo das companhias em si, seja na análise do comércio internacional em diversas perspetivas,¹⁰ seja no estudo de regiões em particular (sem este tipo de registos comerciais seria quase impossível

de contabilidad comercial del siglo XV: el libro de cuentas de Joan Gasull, mercader de Barcelona". *Studium: Revista de humanidades*, 17 (2011) 39-63. LÓPEZ PÉREZ, M. Dolors; BASSO, Enrico; MARÍ I BRULL, Gerard; TRAVÉ ALLEPUZ, Esther – *De Aragón a Venecia. El «Llibre major de comerç de llana blanca amb Itàlia» de la companyia Torralba (1433-1434)*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2020. DE LA FUENTE, Isabel – "La producció d'un argenter barceloní a través del seu llibre de comptabilitat: Miquel Bofill (1450-1460)". *D'art*, 23 (1997) 207-229. SASTRE MOLL, Jaume - "La actividad comercial del mercader mallorquín Johan Barthomeu a mediados del siglo XV". *Mayurqa: revista del Departament de Ciències Històriques i Teoria de les Arts*, 31 (2006) 251-274.

¹⁰ HOUSSAYE MICHENZI, Ingrid – "Reconstruire des réseaux d'affaires à partir de sources comptables : des exemples toscans (XIVe -XVIe siècles)". *Réseaux politiques et économiques*. Paris: Éditions du Comité des travaux historiques et scientifiques, 2016, 123-134.

determinar a sua participação nas redes de negócios),¹¹ seja ainda na análise de figuras em concreto e para as quais não teríamos outros dados¹².

Em relação aos estudos das companhias comerciais através da sua documentação, e pensando apenas naqueles que tratam companhias de Florença¹³, evidenciam-se os trabalhos precursores de Armando Saporì, nos inícios do século XX, sobre as companhias florentinas Bardi e Peruzzi.¹⁴ Raymond de Roover é outro historiador ligado a esta temática que merece referência. Para além dos estudos relacionados com as questões formais e técnicas da contabilidade, De Roover dedicou a sua investigação à companhia florentina Alberti e, posteriormente, ao banco Medici de Florença, desde a sua fundação em 1397 até ao seu término em 1494.¹⁵ O estudo individual destas companhias comerciais através dos seus livros de comércio nunca deixou de despertar interesse ao longo do tempo e resultou numa longa produção historiográfica.¹⁶ Contudo, estas abordagens incidiram num estudo vertical dessas

¹¹ Destacamos aqui, a título de exemplo, as publicações resultantes do congresso anual organizado pelo Instituto Datini, onde os trabalhos incidem em temas muito concretos como a produção e comércio de lã e lanifícios, num espaço geográfico e cronologias alargadas: SPALLANZANI, Marco (ed.) – *La Lana come Materia Prima. I fenomeni della sua produzione e circolazione nei secoli XIII-XVII*. Atti delle «settimane di studio». Prato: Istituto internazionale di storia economica «F. Datini». Pubblicazioni, 1974. SPALLANZANI, Marco (ed.) – *Produzione commercio e consumo dei panni di lana: nei secoli XII-XVIII*. Atti delle «settimane di studio». Prato: Istituto internazionale di storia economica «F. Datini». Pubblicazioni, 1976.

¹² Entre outros, veja-se: COSTA-GOMES, Rita – "Between Pisa and Porto: Afonso Eanes, merchant of the king of Portugal (1426-1440)". In *From Florence to the Mediterranean and beyond*, Florence: Olschki Editore, 2009, 235-248. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Bartolomeo Marchionni (...)*.

¹³ Recentemente, Sergio Tognetti dedicou um artigo no qual reúne os estudos e edições de livros de contas de mercadores florentinos da Baixa Idade Média publicados entre 1960 e 2012. TOGNETTI, Sergio – "Mercanti e Libri di Conto nella Toscana del Basso Medioevo: le edizioni di registri aziendali dagli anni '60 del Novecento a Oggi". *Anuario de Estudios Medievales*, 42 (2012) 867-880.

¹⁴ SAPORI, Armando – *La crisi delle compagnie mercantili dei Bardi e dei Peruzzi*. Firenze: Olschki, 1926. SAPORI, Armando – *Una compagnia di Calimala ai primi del Trecento*. Firenze: Olschki, 1932. SAPORI, Armando – *I libri di commercio dei Peruzzi*. Milano: Treves, 1934. Importa referir que este autor não se dedicou apenas a esta companhia florentina, veja-se: SAPORI, Armando (ed.) – *I libri della ragione bancaria dei Gianfigliuzzi*. Milano: Garzanti, 1946. SAPORI, Armando – *La compagnia dei Frescobaldi in Inghilterra*. Firenze: Olschki, 1947. SAPORI, Armando – "Una compagnia di prestatori fiorentini ad Avignone nella prima metà del Trecento". In SAPORI, Armando (ed.) – *Studi di storia economica*. Vol. III. Firenze: Sansoni, 1955-1967, 101-119.

¹⁵ DE ROOVER, Raymond – "The Story of the Alberti Company of Florence, 1302 - 1348, as Revealed in Its Account Books". *The Business History Review*, Vol. 32, No. 1 (1958) 14-59. DE ROOVER, Raymond – "The Medici Bank Organization and Management". *The Journal of Economic History*, Vol. 6, No. 1 (1946) 24-52. DE ROOVER, Raymond – *Il Banco Medici (...)*.

¹⁶ Para além dos já citados, veja-se: HOSHINO, Hidetoshi – "Nuovi documenti sulla compagnia degli Acciaiuoli nel Trecento". *Annuario istituto Giapponese di Cultura in Roma*, 18 (1982-83). SPALLANZANI,

instituições, sempre sustentadas pela documentação por elas mesmas produzidas e contribuindo, em certa medida, para a história familiar destas famílias florentinas.¹⁷ Mais recentes temos o estudo de fundo sobre a companhia Cambini de Florença, de Sergio Tognetti¹⁸, e o de Francesco Guidi-Bruscoli sobre um agente desta companhia comercial em Portugal nos finais da Idade Média e inícios da época Moderna, como vamos ver a seguir. Ambos os investigadores possuem trabalhos nos quais recorrem à documentação produzida por companhias comerciais para proceder a estudos mais especializados em determinadas matérias. No caso de Tognetti, salientamos os trabalhos sobre o comércio dos couros através dos registos da companhia Cambini, mas também sobre o comércio de seguros e a presença destas instituições comerciais e banqueiras nas diversas praças europeias.¹⁹ Por sua vez, Guidi-Bruscoli centrou os seus estudos nas técnicas bancárias e nos produtos financeiros, como por exemplo as letras de câmbio.²⁰

Marco – “Una grande azienda fiorentina del Trecento: Carlo Strozzi e compagni”. *Ricerche storiche*, 8 (1978) 417-36. SPALLANZANI, Marco – “Le aziende Pazzi al tempo della congiura del 1478”. In *Studi di storia economica toscana nel Medioevo e nel Rinascimento in memoria di Federigo Melis*. Pisa: Pacini Editore, 1987, 305-20. GOLDTHWAITE, Richard A.; SETTESOLDI, Enzo; SPALLANZANI, Marco – *Due libri mastri degli Alberti. Una grande compagnia di Calimala 1348-1358*. Firenze: Cassa di Risparmio di Firenze, 1995.

¹⁷ No ponto sobre a companhia Neroni-Salviati voltaremos a abordar outros trabalhos realizados tendo por base este tipo de documentação.

¹⁸ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*.

¹⁹ TOGNETTI, Sergio – “Aspetti del commercio internazionale del cuoio nel XV secolo: il mercato pisano nella documentazione del banco Cambini di Firenze”. In *Il cuoio e le pelli in Toscana: produzione e mercato nel tardo Medioevo e nell'età moderna*. Fondazione Centro di studi sulla civiltà del tardo Medioevo. San Miniato: Pacini, 2000, 17-50. TOGNETTI, Sergio – “Le Compagnie mercantili-bancarie toscane e i mercati finanziari europei tra metà XIII e metà XVI secolo”. *Archivio Storico Italiano*. IV: 646 (2015) 687-717. TOGNETTI, Sergio – “L'attività assicurativa di un fiorentino del Quattrocento: dal libro di conti personale di Gherardo di Bartolomeo Gherardi”. *Storia Economica*, XX-1 (2017) 5-48. TOGNETTI, Sergio – “I mercanti-banchieri fiorentini e il ruolo di Venezia come piazza finanziaria europea nel tardo Medioevo. In margine al lavoro di R. C. Mueller”. *Archivio Storico Italiano*, 157 (1999) 351-356.

²⁰ GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – “Le tecniche bancarie”. In MÜLLER, A. R. C.; FRANCESCHI, F.; GOLDTHWAITE R., (ed.) – *Il Rinascimento italiano e l'Europa: Commercio e cultura mercantile*. Vol. IV. Treviso: Fondazione Cassamarca, 2007, 543-566. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – “Creating Networks through Languages: Italian Merchants in Late Medieval and Early Modern Europe”. In CARACAUSSI, Andrea; JEGGLE, Christof (eds.) – *Commercial networks and European cities, 1400-1800*. London: Brookfield, Vermont: Pickering & Chatto, 2014, 65-80. BOLTON, Jim; GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – “«Your flexible friend»: the bill of exchange in theory and practice in the fifteenth century”. *Economic History Review*, 0, 0 (2021) 1-19.

Quando pensamos nos estudos sobre história económica de Florença, Richard A. Goldthwaite é um nome incontornável. Desde o seu trabalho de análise da história de quatro famílias florentinas, do século XIV até ao XVI, tendo por base os seus livros de contabilidade, até à obra em que traça um quadro geral e completo sobre a economia florentina do Renascimento e onde evidencia o papel dos diferentes homens de negócio no desenvolvimento das organizações e das redes mercantis.²¹

Lisboa

Em Portugal, o estudo das comunidades de mercadores italianos estantes conhece uma longa tradição. Virgínia Rau foi pioneira nos estudos sobre os mercadores italianos nos finais da Idade Média, em primeiro lugar, ao dedicar-se a dois mercadores em concreto – Lucas Giralaldi (1965), Marco Lomellini (1968), Bartolomeo di Iacopo di ser Vanni (1971), Francesco Corbinelli (1974) – e, em segundo lugar, por ter sido dos primeiros historiadores portugueses a utilizar documentação comercial toscana nos seus trabalhos.²² Rau, em colaboração com Federigo Melis (ambos pertencentes ao comité de fundação do Instituto de História Económica “F. Datini”), colocou em evidência os contributos que arquivos como o Arquivo Datini, em Prato, podem ter para

²¹ GOLDTHWAITE, Richard A. – *Private Wealth in Renaissance Florence: a study of four families*. Princeton: Princeton University Press, 1968. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2009. FRANCESCHI, Franco; Goldthwaite, Richard A.; Mueller, Reinhold C. (eds.) – *Il Rinascimento italiano e l'Europa: Commercio e cultura mercantile*. Vol. IV, Treviso: Fondazione Cassamarca, 2007.

²² RAU, Virgínia – “Um grande mercador banqueiro italiano em Portugal: Lucas Giralaldi”. *Estudos italianos em Portugal* 24 (1965) 3-35. RAU, Virgínia – “Privilégios e Legislação Portuguesa referentes a mercadores estrangeiros (sécs. XV e XVI)”. In *Estudos de História: Mercadores, Mercadorias, Pensamento Económico*. Lisboa: Editorial Verbo, 1968, 15-30. RAU, Virgínia – “Aspectos do «trato» da «adiça» e da «pescaria» do «coral» nos finais do século XV.” *Do Tempo e da História*, 5 (1972) 143-157. RAU, Virgínia – “Bartolomeo di Iacopo di ser Vanni mercador-banqueiro florentino «estante» em Lisboa nos meados do século XV”. *Revista Do Tempo e da História*, IV (1971) 97-177. RAU, Virgínia – “Cartas de Lisboa no Arquivo Datini de Prato”. In *Estudos de História: mercadores, mercadorias e pensamento económico*. Porto: Editorial Verbo, 1968, 21-22. RAU, Virgínia – “Uma família de mercadores italianos em Portugal no século XV: os Lomellini”. In *Estudos de História: Mercadores, Mercadorias e Pensamento económico*. Porto: Editorial Verbo, 1968, 13-58. RAU, Virgínia – *Portugal e o mediterrâneo no século XV. Alguns aspectos diplomáticos das relações com a Itália*. Lisboa: Centro de Estudos da Marinha, 1973. RAU, Virgínia – “Um florentino ao serviço da expansão portuguesa. Francisco Corbinelli”. In *Memorias*. Lisboa: Centro de Estudos da Marinha, 1974, 107-141.

a historiografia nacional, quer na análise das comunidades de mercadores estrangeiros, quer no estudo da participação portuguesa no comércio internacional. Fruto desta colaboração, Melis publicou também um trabalho sobre os homens de negócios florentinos em Lisboa nos finais de Quatrocentos.²³

Ainda dentro dos estudos sobre as comunidades de italianos em Portugal e sobre as relações entre Portugal e Itália na Idade Média, destacamos Judite Damas²⁴, com a primeira dissertação de fundo sobre esta temática e abarcando um espaço cronológico do século XIII ao XV, e os trabalhos desenvolvidos por Nunziatella Alessandrini²⁵, sobretudo na coordenação e realização de atividades que procuram avançar dentro desta temática. São de realçar as conferências sobre as Relações luso-italianas do CHAM e ainda o projeto de abordagem prosopográfica da presença italiana em Portugal, que é o *Dicionário de Italianos Estantes em Portugal*.²⁶ Luisa D'Arienzo tem vindo a dedicar parte da sua investigação às relações entre o espaço ibérico e Itália, e trouxe uma perspetiva de conjunto das relações dos grupos de italianos presentes tanto em Portugal e em Espanha. Esta historiadora estabeleceu uma análise cruzada de informações de fundos de vários arquivos e tem como cronologia de análise preferencial o período dos chamados “Descobrimentos”.²⁷ Importa referir ainda os trabalhos que se dedicaram a analisar qual o papel que membros da comunidade italiana, sobretudo oriundos de Génova, tiveram na constituição de uma armada portuguesa.²⁸ De uma forma geral, os

²³ MELIS, Federigo – “Di alcune figure di operatori economici fiorentini attivi nel Portogallo nel XV secolo”. In *I mercanti italiani nell'Europa medievale e rinascimentale*. Firenze: Le Monnier, 1990, 1-18.

²⁴ DAMAS, Judite Maria Calado – *Italianos em Portugal nos séculos XIII a XV (1278-1460). Elementos para o seu estudo*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1971. Dissertação de Licenciatura.

²⁵ ALESSANDRINI, Nunziatella – “A comunidade florentina em Lisboa (1481-1557)”. *Clio - Nova Série*, 9 (2003) 63-87.

²⁶ *Dicionário de Italianos Estantes em Portugal* [on-line]. Lisboa, CHUL, Universidade de Lisboa, 2004. Disponível em: <http://www.catedra-alberto-benveniste.org/dic-italianos.asp>.

²⁷ D'ARIENZO, Luisa – “La lettera Toscanelli-Martins e i Mercanti Fiorentini: la cultura toscana nel Portogallo delle Scoperte”. In *Toscana e Portogallo. Miscellanea storica nel 650º anniversario dello Studio Generale di Pisa*. Pisa: Edizione ETS, 11-55. D'ARIENZO, Luisa – *La presenza degli italiani in Portogallo al tempo di Colombo*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 2003. D'ARIENZO, Luisa – “La società Marchioni-Berardi tra Portogallo e Spagna nell'età di Cristoforo Colombo”. In *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol. IV. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990, 1465-1481.

²⁸ ALESSANDRINI, Nunziatella; DUARTE, Luís Miguel – “Porquê os Pessagno? Novos dados para o conhecimento desta família genovesa”. In *O mar como futuro de Portugal (c. 1223 - c. 1448): a propósito da contratação de Manuel Pessanha como Almirante por D. Dinis*. Actas do XV Simpósio de História

estudos sobre os agentes italianos em Portugal conheceram um grande destaque, quer pela antiguidade da presença destas figuras no país quer pela sua diversidade, e surgiram sempre associados com as correntes que visavam analisar as colónias de estrangeiros no reino português e as suas múltiplas influências.²⁹

Jacques Heers foi dos primeiros investigadores a questionar a presença portuguesa no Mediterrâneo, do ponto de vista da participação nas rotas do comércio internacional, durante o século XV e ainda o primeiro a demonstrar o contributo dos arquivos italianos na resposta a essa pergunta.³⁰ Neste seu trabalho, há dois pontos essenciais: a importância de Pisa e Florença nos itinerários dos portugueses no Mediterrâneo e o papel deles como concorrentes das embarcações genovesas nos serviços de transporte de mercadorias. Mais de duas décadas depois, Luís Adão da Fonseca (1978) retoma a temática da presença portuguesa no Mediterrâneo, utilizando outras fontes que não as de origem italiana, apesar de, mais tarde, se ter debruçado sobre as relações de Portugal e Itália (1989).³¹ Neste último trabalho, Fonseca chama a atenção para a importância de uma análise destas relações inseridas no conjunto da Península Ibérica e, ainda, destaca a relevância de uma abordagem simultânea entre a

Marítima. Lisboa: Academia de Marinha, 2017, 35-48. DUARTE, Luís Miguel – “Os Genoveses: a chegada de Manuel Pessanha”. In BARATA, Manuel Themudo; e TEIXEIRA, Nuno Severiano (ed.) – *Nova História Militar de Portugal*. Vol. I, Lisboa: Círculo de Leitores, 2003, 299-302. DUARTE, Luís Miguel – “Zaccaria, Pessagno, Bocanegra: os almirantes genoveses nos primórdios das marinhas de guerra de Castela, França e Portugal”. In GALLINARI, Luciano, (ed.) – *Genova. Una "porta" del Mediterraneo*. Génova: Istituto di Storia dell'Europa mediterranea, 2005, 259-294.

²⁹ Para um período de transição entre o século XV e XVI, importa ainda referir os estudos de Carmen M. Radulet e de Marco Spallanzani sobre a presença de agentes italianos nas primeiras viagens das ‘descobertas’ tendo por base fontes italianas. Entre outros, veja-se: RADULET, Carmen M.; THOMAZ, Luís Filipe F. R. (ed.) – *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513). Fontes italianas para a sua história: o codice Riccardiano 1910 de Florença*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2002. RADULET, Carmen M. – “Girolamo Sernigi e a importância económica do Oriente”. Separata da *Revista da Universidade de Coimbra* (1985) 67-77. SPALLANZANI, Marco – *Mercanti Fiorentini nell'Asia Portoghese (1500-1525)*. Firenze: Studioper Edizione Scelte, 1997. SPALLANZANI, Marco – *Giovanni da Empoli. Un mercante fiorentino nell'Asia portoghese*. Firenze: Studio per Edizione Scelte, 1999 (a primeira edição foi em 1984).

³⁰ HEERS, Jacques – “L'Expansion Maritime Portugaise à la fin du Moyen Age: la Méditerranée”. Separata da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, t. XXII, 2ª série, nº 2 (1956) 5-33.

³¹ FONSECA, Luís Adão da – *Navegación y Corso en el Mediterraneo Occidental. Los portugueses a mediados del siglo XV*. Pamplona: Universidad de Navarra - Facultad de Filosofía y Letras, 1978. FONSECA, Luís Adão da – “Algumas considerações acerca das relações comerciais e marítimas de Portugal com Génova na Baixa Idade Média”. In *Bartolomeu Dias e a sua época*. Actas Congresso, vol. 3. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989, 635-644.

expansão marítima portuguesa e esta presença portuguesa no Mediterrâneo no final da Idade Média. Em 1998, Filipe Themudo Barata faz o primeiro estudo de fundo sobre a presença portuguesa no Mediterrâneo, no qual procura fazer uma análise mais alargada quer do ponto de vista cronológico, quer do ponto de vista das fontes utilizadas e, seguindo a ideia de Fonseca, optando por uma metodologia que visa o conjunto da Península Ibérica e os primeiros anos da expansão portuguesa na costa ocidental africana.³²

Estes autores possuem alguns pontos em comum. São unânimes na afirmação de que após a conquista de Ceuta, em 1415, a presença de agentes portugueses no Mediterrâneo conheceu um incremento, tendo-se traduzido numa fase de apogeu na segunda metade do século XV.³³ Para além disso, a importância das relações estabelecidas entre os agentes portugueses e os mercadores italianos, sobretudo genoveses e florentinos, é sublinhada por estes autores. Mercadores especializados no comércio internacional, inseridos em companhias mercantis e redes de negócios que interligavam diferentes espaços, no Mediterrâneo como no Atlântico, tinham em Lisboa e nas demais praças ibéricas mercados simultaneamente fornecedores de matérias-primas para as suas indústrias e consumidores dos produtos acabados das mesmas.

No que diz respeito aos estudos sobre agentes económicos florentinos elaborados a partir de livros de comércio, para Portugal, só em 2013-14 é que temos a primeira abordagem. Francesco Guidi-Bruscoli, autor já referido, dedicou dois trabalhos, um de cariz mais introdutório e o segundo um estudo de fundo, a um mercador florentino sediado em Portugal nos finais do século XV e inícios do XVI. O conjunto documental na base destes dois estudos foram os livros da companhia comercial à qual este mercador pertencia, sobretudo para os primeiros anos de atividade de Bartolomeo Marchionni em Portugal, já que a partir da década de 80 do século XV esta tipologia

³² BARATA, Filipe Themudo – *Navegação, comércio e relações políticas (...)*.

³³ Num artigo nosso sobre os fretes marítimos da companhia Neroni de Pisa, foi possível corroborar os trabalhos destes historiadores. CARDOSO, Ana Clarinda – “Redes comerciais entre Itália e a Península Ibérica: Fretes marítimos da Companhia Nerone-Salviati, 1454-1461”. *Ler História* (2020) 9-23.

documental não chegou aos nossos dias o que implicou o recurso a outras fontes.³⁴ De salientar, ainda, o recente trabalho de Guidi-Bruscoli, no qual realiza um estudo de síntese sobre os protagonistas florentinos em Portugal entre 1338 e 1520, onde é possível inferir uma evolução das relações entre Florença e Lisboa que, inicialmente, era marginal nos interesses dos mercadores florentinos.³⁵ Joana Sequeira destaca-se na historiografia portuguesa por recorrer a esta tipologia de documentação – os livros de comércio – como fonte principal de análise das relações comerciais estabelecidas entre os mercados fornecedores e consumidores toscanos e portugueses.³⁶ Esta investigadora dedicou os seus trabalhos a um fundo em particular do Arquivo Salviati e que dizia respeito à agência de uma companhia comercial pisana sediada em Lisboa a partir da década de 60 do século XV. Esta agência pisana em Lisboa já tinha sido alvo de uma abordagem introdutória de Marcello Berti e, recentemente, os livros de contas que compõem o fundo do mercador estante em Lisboa foram a base da nossa dissertação de mestrado.³⁷

Valência, Barcelona e outras praças ibéricas

Tendo em conta que o presente projeto de doutoramento propõe uma visão ibérica das relações comerciais da companhia Nerone de Pisa, temos de atentar na produção historiográfica sobretudo relacionada com as praças comerciais com as quais o mercador em estudo se interliga. Assim, à semelhança do que verificamos para Portugal, o estudo das comunidades de mercadores italianos sempre foi de grande

³⁴ GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "Bartolomeo Marchionni: un mercador-banqueiro florentino em Lisboa (séculos XV-XVI)". In ALESSANDRINI, Nunziatella; FLOR, Pedro; RUSSO, Mariagrazia; SABATINI, Gaetano, (ed.) – *'Le nove son tanto e tante buone, che dir non se po'. Lisboa dos Italianos: História e Arte (sécs. XIV-XVIII)*. Lisboa: Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste» da Universidade de Lisboa, 2013, 39-60. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Bartolomeo Marchionni (...)*.

³⁵ GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "Da comprimari a protagonisti: i fiorentini in Portogallo nel Basso Medioevo (1338-1520)". *eHumanista: Journal of Iberian Studies*, 38 (2018) 65-82.

³⁶ SEQUEIRA, Joana – "A companhia Salviati-Da Colle e o comércio de panos de seda florentinos em Lisboa no século XV". *De Medio Aevo*, 7 (2015) 47-62. SEQUEIRA, Joana – "Michele da Colle (...)", 21-34.

³⁷ BERTI, Marcello – "La aziende da Colle: una finestra sulle relazioni commerciale tra la Toscana ed il Portogallo a metà del Quattrocento". In *Toscana e Portogallo: Miscellanea Storica nel 650º anniversario dello Studio Generale di Pisa*. Pisa: Edizione ETS, 1994, 57-106. CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (...)*.

interesse. Todavia, ao contrário da historiografia portuguesa, verifica-se uma maior consistência na utilização de fontes italianas e de livros de comércio nas abordagens realizadas. Em 1996, David Igual Luis destaca-se com o seu trabalho de fundo sobre as relações entre a cidade de Valência e Itália no século XV, no qual cruza fontes valencianas e fontes de diferentes arquivos italianos.³⁸ Uma metodologia que, de resto, marca os demais estudos realizados por este historiador.³⁹ No caso concreto da cidade de Barcelona, evidencia-se a tese de Maria Elisa Soldani, que analisa em pormenor a ascensão e queda desta praça financeira no século XV num contexto de guerra civil, a sua temporária substituição pela cidade de Valência, e o papel que as comunidades de homens de negócios toscanos tiveram nas relações comerciais entre esta praça aragonesa e Itália.⁴⁰ Angela Orlandi é outra investigadora que não podemos deixar de mencionar, tendo em conta que utiliza as fontes toscanas, sobretudo de cariz comercial, para estudar as relações destes mercadores com Aragão e a Andaluzia, principalmente com a praça de Sevilha e Cádiz.⁴¹ Ambas as historiadoras, apesar de concentradas em praças comerciais ibéricas distintas, e pertencentes a reinos diferentes, iniciam as suas abordagens com uma contextualização histórica do ponto de vista da fixação das

³⁸ IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia en el siglo XV: rutas, mercados y hombres de negocios en el espacio economico del Mediterráneo occidental*. Valência: Universitat de València, 1996.

³⁹ IGUAL LUIS, David – “Los Del Nero, Mercaderes Florentinos: Familia, Negocios y Poder en los Reinos Hispánicos (1470-1520)”. In SABATÉ I CURULL, Flocel (ed.) – *El poder entre la ciutat i la religió*, Lleida: Pagès editors, 2018, 219-250. IGUAL LUIS, David – “Las galeras mercantiles venecianas y el puerto de Valencia (1391-1534)”. *Anuario de estudios medievales*, 24 (1994) 179-200. IGUAL LUIS, David – “La ciudad de Valencia y los Toscanos en el Mediterráneo del siglo XV”. *Revista d'història medieval*, 6 (1995) 79-110. IGUAL LUIS, David – “Los agentes de la banca internacional: cambistas y mercaderes en Valencia”. *Revista d'Història Medieval*, Universidad de Valencia, 11 (2000) 105- 138. IGUAL LUIS, David – “Los banqueros del papa: Ambrogio Spannochì y sus herederos (1450-1504)”. In IRADIEL, Paulino; CRUSELLES, José Maria (eds.) – *De València a Roma a través dels Borja*. Valencia: Generalitat Valenciana, 2006, 147-181.

⁴⁰ SOLDANI, Maria Elisa – “Mercanti «facitori di facciende grosse» fiorentini, pisani e lucchesi a Barcellona nel tardo Medioevo”. In TANZINI, Lorenzo; TOGNETTI, Sergio (eds.) – “*Mercatura è arte*”. *Uomini d'affari toscani in Europa e nel Mediterraneo tardomedievale*. Roma: Viella, 2012, 115-147. SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*.

⁴¹ ORLANDI, Angela – “Aspetti del movimento finanziario in area aragonesa nella documentazione mercantile toscana (secoli XIV-XV). Un caso di studio: l'andamento dei cambi tra Barcellona, Valenza, Palma di Maiorca. In IRADIEL MURUGARREN, Francisco Paulino; NAVARRO ESPINACH, Germán; IGUAL LUIS, David; VILLANUEVA MORTE, Concepción (eds.) – *Identidades urbanas Corona de Aragón – Italia. Redes económicas, estructuras institucionales, funciones políticas (siglos XIV-XV)*. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2016, 309-326. ORLANDI, Angela – “Tuscan merchants in Andalusia: a historiographical debate”. *European Review of History: Revue européenne d'histoire*, vol. 23: 3 (2016) 347-366.

diferentes comunidades de italianos nessas praças, por forma a que se perceba a evolução do papel desses agentes durante os períodos em estudo. Para além disso, salientamos os trabalhos de Orlandi sobre a análise do estabelecimento de redes de contacto e de negócio, tendo por base a documentação de cariz empresarial, que marcam uma nova abordagem metodológica e destacam as possibilidades de estudo deste tipo de fontes.⁴² Quando pensamos em estudos de abordagem geral do espaço ibérico, tendo como base os fundos das companhias comerciais italianas para os fins da Idade Média, Sergio Tognetti é um dos nomes que se destaca tanto pelos trabalhos sobre os homens de negócios florentinos na Península Ibérica como pelo uso de documentação de companhias comerciais italianas.⁴³ O conjunto dos estudos destes autores sobre as diferentes comunidades de mercadores italianos na Península Ibérica permite-nos perceber as diferenças existentes no tipo de fixação em determinada praça, o que, em certa medida, nos possibilita uma interpretação mais completa das estratégias comerciais e financeiras adotadas. De referir ainda, a historiadora já citada, Luisa D'Arienzo tendo em conta o amplo estudo que realizou, à semelhança do que fez para Portugal, sobre a presença de italianos em 'Espanha' para a cronologia em estudo.⁴⁴ Por fim, mais voltado para a comunidade genovesa e com especial incidência no reino de Granada nos últimos anos do século XV e inícios do XVI, evidenciam-se os trabalhos de Raúl González Arévalo, nos quais se estabelece uma análise cruzada com

⁴² ORLANDI, Angela – "Networks and Commercial Penetration Models in the Late Medieval Mediterranean: Revisiting the Datini". In CARACAUSSI, Andrea; JEGGLE, Christof (eds.) – *Commercial networks and European cities, 1400-1800*. London: Brookfield, Vermont: Pickering & Chatto, 2014, 81-106. ORLANDI, Angela – "Le prestazioni di un holding tardo medievale rilette attraverso alcune teorie di management e la Social Network Analysis". In *Innovare nella Storia Economica: Temi, Metodi, Fonti*. Prato: Fondazione Istituto Internazionale di Storia Economica "F. Datini", 2016, 117-148.

⁴³ TOGNETTI, Sergio – "Gli uomini d'affari toscani nella Penisola Iberica (metà XIV secolo - inizio XVI secolo)". *eHumanista: Journal of Iberian Studies*, 38 (2018) 83-98. TOGNETTI, Sergio – "Le Compagnie mercantili-bancarie toscane e i mercati finanziari europei tra metà XIII e metà XVI secolo". *Archivio Storico Italiano*. IV: 646 (2015) 687-717. TOGNETTI, Sergio – "Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)", 17-50.

⁴⁴ D'ARIENZO, Luisa – *La presenza italiana in Spagna al tempo di Colombo*. Roma: Istituto poligrafico e Zecca dello Stato, 2010.

fontes italianas e locais para o estudo destes mercadores e das suas relações, sobretudo, comerciais.⁴⁵

Os trabalhos sobre as companhias comerciais e sobre a ação dessas companhias e dos seus mercadores em determinadas praças e a tipologia de documentação produzida por estas instituições também permitiram novas perspetivas para a investigação das rotas comerciais que colocavam estas praças ibéricas no comércio do Mediterrâneo Ocidental; como também estudos especializados no comércio de determinadas mercadorias e atividade financeira.⁴⁶ O panorama bibliográfico relativo a

⁴⁵ GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “«Sibilla he stimatta la più bella et più nobile città de tutta Spagna». Una visión italiana de la jerarquía urbana castellana a principios del siglo XVI”. In ASENJO GONZÁLEZ, María; ALONSO GARCÍA, David; PÉREZ GONZÁLEZ, Silvia María (eds.) – *Ciudades en Expansión. Dinámicas urbanas entre los siglos XIV-XVI*. Madrid: Dykinson, 2022, 119-138. GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “Cádiz, frontera atlántica de las repúblicas mercantiles italianas (siglos XIII-XV)”. In SÁNCHEZ SAUS, Rafael; RÍOS TOLEDANO, Daniel (eds.) – *Entre la Tierra y el Mar. Cádiz, frontera atlántica de Castilla en la Baja Edad Media*. Madrid: Sílex, 2022, 59-85. GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl; VIDAL, Tommaso – “Et scribatur viro nobili ser Angelo Venerio, consuli nostro Sibilie. Acción consular, comunicación diplomática y estrategia mercantil veneciana en Castilla a principios del siglo XV”. *Medievalismo*, 31 (2021) 201-234. GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “En el surco intrabético: genoveses en Guadix tras la conquista cristiana (c. 1490-1510)”. *eHumanista: Journal of Iberian Studies*, 38 (2018) 201-214. GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “Francesco Grimaldi, un mercader-banquero genovés entre Granada, la corte e Inglaterra (siglos xv-xvi). En la España medieval, 39 (2016) 97-126. GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “De las postrimerías nazaríes a los albores castellanos: Ambrogio Spinola y la continuidad de los genoveses del Reino de Granada (1478-1508)”. *Archivio storico italiano*, 173/2 (2015) 239-273.

⁴⁶ Veja-se, entre outros: HINOJOSA MONTALVO, José – “Valencia, centro mercantil mediterráneo. Siglos XIII-XV”. In CAVACIOCCHI, Simonetta (ed.) – *Fiere e Mercati nella integrazione delle economie europee, secc. XIII-XVIII*. Prato: Istituto Internazionale di Storia Economica “F. Datini”, 2000, 597-608. CRUSELLES Enrique – “La organización del transporte marítimo en la Valencia de la primera mitad del siglo XV”. *Anuario de Estudios Medievales*, 1 (1994) 155-177. GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “Acordes y desacuerdos. Navegación y comercio de las galeras mercantiles de Venecia y Florencia en el Mediterráneo ibérico desde una perspectiva comparada”. In GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl (ed.) – *Navegación Institucional Y Navegación Privada Mediterráneo*. La Nao. Alhulia, Salobreña, 2016, 145-191. ORLANDI, Angela – “Aspetti del movimento finanziario (...)”, 309-326. IGUAL LUIS, David – “La ciudad de Valencia (...)”, 79-110. IGUAL LUIS, David – “Los banqueros del papa: Ambrogio Spannochí y sus herederos (1450-1504)”. In IRADIEL, Paulino; CRUSELLES, José María (ed.) – *De València a Roma a través dels Borja*. València: Generalitat Valenciana, 2006, 147-181. NAVARRO ESPINACH, Germán – “La seda en Valencia en la Edad Media”. In Comisión Española de la Ruta de la Seda (ed.) – *España y Portugal en las rutas de la seda: diez siglos de producción y comercio entre Oriente y Occidente*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996, 183-200. GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “Rapporti commerciali (...)”, 179-203. DINI, Bruno – “Il commercio dei cuoi e delle pelli nel Mediterraneo nel XIV secolo”. In GENSINI, Sergio (ed.) – *Toscana: produzione e mercato nel tardo medioevo e nell'età moderna*. Pisa: Pacini Editore, 1999, 71-91. SALICRÚ I LLUCH, Roser – “Los cueros bovinos en el mediterráneo del siglo XV. Retroceso del mercado magrebí y auge de los mercados ibéricos”. In CÓRDOBA DE LA LLAVE, Ricardo (ed.) – *Mil años de trabajo del cuero: actas del II Simposium de Historia de las Técnicas, Córdoba, 6-8 de mayo de 1999*. Córdoba: Litopress, 2003, 169-200. MELIS, Federico – “La lana della Spagna Mediterranea e della Barberia Occidentale nei secoli XIV-XV”. In SPALLANZANI, Marco (ed.) – *La lana come materia prima, i fenomeni della sua produzione e circolazione nei secoli XIII-XVII*.

cada uma destas temáticas, como já foi referido, será elaborado de forma mais detalhada nos respetivos pontos de análise.

1.2. Fontes

As fontes do nosso projeto de doutoramento inserem-se numa tipologia que não conhece paralelo em Portugal para a Idade Média: os livros de contas ou livros de contabilidade comercial. O fundo denominado *Neroni e Salviati, Francesco di Neroni e Averardo di Alamanno Salviati di Banco in Pisa*, encontra-se no Arquivo Salviati⁴⁷ na Scuola Normale Superiore de Pisa, e é composto por 12 livros de comércio: 10 livros pertencentes à companhia comercial pisana de Francesco di Nerone; 1 livro da companhia com sede em Florença detida por este mercador e 1 livro denominado *Libro rosso com segno de' Salviati, che si crede segreto di Francesco di Nerone*⁴⁸. Para o presente estudo apenas foram analisados os relativos à companhia de Pisa.

Inicialmente, o fundo da companhia de Pisa de Francesco di Nerone estava inventariado como contendo apenas nove livros. Durante o período em que estivemos a trabalhar no Arquivo Salviati apurámos que um livro – *o ricordanze segnato D* (Tabela 1) – estava incorretamente classificado como pertencente ao fundo de uma outra companhia pisana (Da Colle) e assim passamos para um conjunto de 10 livros de contas. Através de um processo de comparação de múltiplos registos entre esse livro e o livro *mastro D* foi-nos possível contribuir para a redefinição do fundo da companhia Neroni de Pisa.

Firenze: Leo S. Olschki, 1974, 241-251. BORDES GARCÍA, José; SOLDANI, Maria Elisa – “Il commercio della lana di 'San Mateo' nella Toscana del Quattrocento: le dogane di Pisa”. *Archivio Storico Italiano*, vol. 165, nº 4 (2007) 635-664.

⁴⁷ Que trataremos no capítulo seguinte.

⁴⁸ Esta tipologia de livro de comércio surgiu nos primeiros anos do século XIV e tinha como função o registo, de forma sintética, da divisão dos lucros de acordo com as percentagens de participação de cada sócio numa companhia comercial. No entanto, no caso do *libro segreto* da companhia Neroni de Pisa estamos perante um conjunto de operações livro dedicado à gestão financeira das viagens das galés florentinas para a Flandres, ainda por estudar. Não está incluído no nosso *corpus* documental, pois não dispõe de dados relativos aos espaços e agentes aos quais nos dedicamos nesta dissertação. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, 186. GOLDTHWAITE, Richard – “The Practice and Culture of Accounting in Renaissance Florence”. *Enterprise & Society*, 16 (2015) 627.

Que tipo de livros são estes que compõem o nosso fundo? Os livros de contabilidade comercial inserem-se numa tipologia muito específica e que está claramente associada ao nascimento e ao processo de evolução das práticas contabilísticas, sobretudo a contabilidade em partidas dobradas. A produção deste tipo de documentação está ligada a ‘empresas’ tanto de cariz industrial, como comercial e/ou bancário. Tendo em conta a especificidade deste tipo de fontes, a sua leitura e interpretação requerem alguns conhecimentos técnicos.

A contabilidade por partidas dobradas caracteriza-se por um registo duplo de uma mesma operação, ou seja, a cada entrada (crédito) corresponde uma saída (débito). No entanto, a caracterização deste método, considerado uma etapa decisiva na história da contabilidade moderna⁴⁹, não reside apenas na ideia de um registo bilateral, de significados diferentes, de uma só operação. Para além das características formais e técnicas da contabilidade por partidas dobradas⁵⁰, uma das suas particularidades mais determinantes é a articulação dos diferentes livros de contas que os mercadores possuíam. Em 1494, Luca Pacioli, que ficou para a história como o ‘pai da contabilidade’, estabeleceu que para um registo em partidas dobradas deveria existir uma articulação entre dois livros essenciais: o livro *mastro* (livro razão, em português) e o livro *giornale* (diário). É no primeiro, considerado central no conjunto dos livros de comércio, que se faz uma contabilidade de síntese, estruturando-se as informações em contas pessoais, de clientes, de fornecedores e de mercadorias, e no qual cada operação é registada duplamente.⁵¹ O *giornale*, como o nome indica, era onde se elaborava um registo diário das operações que, posteriormente, eram copiadas para o livro *mastro*, tendo em conta

⁴⁹ DE ROOVER, Raymond – “Aux origines d’une technique intellectuelle: la formation et l’expansion de la comptabilité à partie double”. *Annales d’Histoire Économique et Sociale* (1937), 182.

⁵⁰ Em 2020, em conjunto com a Doutora Joana Sequeira elaborámos um artigo sobre as partidas dobradas em Portugal no século XV, no qual elencamos quais as características formais e técnicas deste método de escrituração contabilística. CARDOSO, Ana Clarinda; SEQUEIRA, Joana – “Michele da Colle’s account books (1462-63): the first example of double entry in Portugal?”. *De Computis - Revista Española de Historia de la Contabilidad*, 17 (2020), 158-190.

⁵¹ YAMEY, Basil – “Bookkeeping and Accounts, 1200-1800”. In *L’Impresa, industria, commercio, banca. Secc. XIII-XVIII. Atti della Ventiduesima Settimana di Studi, 30 aprile-4 maggio 1990*. Prato: Le Monnier, 1991, 165. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 91-92. DE ROOVER, Raymond – “Aux origines d’une technique intellectuelle (...)”, 271.

a regra, já explicitada, de que uma operação equivale a dois registos (débito e crédito), o que leva a que possamos definir o *giornale* como de escrituração preparatória. Analisando estes diferentes suportes para o registo dos negócios, verificamos que possuem diferentes níveis de informação sobre cada uma das operações e estão ligados através de um sistema de remissões.

Todavia, o momento em que Luca Pacioli estabelece as regras da contabilidade em partidas dobradas na sua *Summa* (1494)⁵² é também o momento de convergência de uma longa tradição de escrituração desenvolvida pelos mercadores italianos. Os vestígios mais antigos da utilização deste método remontam ao século XIII e no século XIV estava já plenamente difundido, sobretudo na sociedade florentina, tendo até ultrapassado os círculos dos mercadores e das companhias comerciais: nas palavras de Richard Goldthwaite, estamos perante uma sociedade marcada por uma “cultura de contabilidade” (*culture of accounting*).⁵³ O processo de desenvolvimento e evolução do método de partidas dobradas, até 1494, passou por diversos estádios. No caso dos livros de comércio, verificou-se a existência de uma grande variedade de livros, com diferentes tipos de registos e denominações, mas onde residia o princípio base de organização das operações através do método de partidas dobradas. Assim, o livro *mastro* era também designado de *debitori e creditori* ou *libro grande*. No caso do *giornale*, o que se verifica é que, antes de dar lugar a um só livro, a sua função estava fragmentada num conjunto de livros também eles de escrituração preparatória e que cumpriam o mesmo propósito. Do ponto de vista da sua organização, mais do que por anos de atividade, os livros de contas destas companhias comerciais eram ordenados alfabeticamente e daí a divisão que encontramos explicitada na Tabela 1. Em 1458, Benedetto Cotrugli, autor do manual para mercadores *Della mercatura et del mercante perfetto*⁵⁴, e próximo de Francesco di Nerone, defendia que um dos primeiros passos para qualquer mercador era “(...) *tenire*

⁵² PACIOLI, Luca – *Summa de Aritmetica, geometria, proporzioni e proporzionalità*. Venice: Paganino de' Paganini, 1494.

⁵³ GOLDTHWAITE, Richard A. – “The Practice and Culture (...)”, 639-640.

⁵⁴ COTRUGLI, Benedetto – *Della mercatura e del mercante perfetto* (1458). Veneza: Elefanta, publicado em 1573.

ordinatamente le scritture mercantili.” (manter os registos comerciais ordenados)⁵⁵. E um dos primeiros critérios de organização era o uso do sistema alfabético. Assim, o primeiro livro *debitori e creditori* deveria iniciar na letra A, sendo esta inscrita quer na capa, quer no primeiro fólio, e nos cadernos de escrita preparatória registava-se a mesma letra. O procedimento continuava para os livros seguintes, até se esgotar as letras do alfabeto. Caso se verificasse essa situação, passavam a usar conjuntos de letras: AA, AB, AC e sucessivamente.

Quando atentamos no fundo da companhia de Francesco di Nerone, essencialmente no que diz respeito à sua companhia pisana, podemos constatar a presença desse tipo de organização antecedente à estabelecida por Pacioli. Assim, dispomos de quatro livros *debitori e creditori* (débitos e créditos), que se fazem acompanhar dos respetivos livros preparatórios (Tabela 1): 1 caderno de *entrata e uscita* (entrada e saída), 1 *quaderno di chassa* (caderno de caixa), 2 cadernos de *ricordanze* (memorial) e 2 cadernos compostos⁵⁶.

⁵⁵ *Ibidem*, 37.

⁵⁶ Decidimos atribuir esta denominação pois, como se pode ver no anexo, no período de atividade entre 1456-57 temos um “*quaderno di cambi, comissioni e ricordi*” e um de “*entrata e uscita e quaderno di cassa*”.

Tabela 1 - Organização do Fundo Documental da companhia Neroni de Pisa

<i>Neroni e Salviati, Francesco di Neroni e Averardo di Alamanno Salviati di Banco in Pisa</i>					
Fundo da Companhia Neroni de Pisa				Fundo da Companhia Neroni-Salviati de Florença	<i>Libro rosso con segno de' Salviati, che si crede segreto, di Francesco di Nerone, 1459 - 1464, liv. 21</i>
<i>segnato A, 1454 - 1456</i>	<i>segnato B, 1456 - 1457</i>	<i>segnato C, 1458 - 1459</i>	<i>segnato D, 1460 - 1465</i>	<i>segnato H, 1460 - 1469</i>	
<i>Debitori e creditori, liv. 13</i>	<i>Debitori e creditori, liv. 18</i>	<i>Debitori e creditori, liv. 20</i>	<i>Debitori e creditori, liv. 22</i>	<i>Debitori e creditori, liv. 23</i>	
<i>Entrata e Uscita, liv. 15</i>	<i>Entrata e uscita e quaderno di cassa, liv. 16</i>	<i>Ricordanze, liv. 19</i>	<i>Ricordanze, liv. 6</i>		
<i>Quaderno di chassa, liv. 14</i>	<i>Quaderno di cambi, commissioni e ricordi, liv. 17</i>				

Fonte: AS, SNS, Serie I, *Libri di Commercio, Neroni e Salviati, Francesco di Neroni e Averardo di Alamanno Salviati di Banco in Pisa*.

Antes de avançarmos, há uma questão que nos surge. Estes livros representam a totalidade dos livros que a companhia Neroni de Pisa possuiu, ou apenas os que sobreviveram até aos nossos dias? De facto, durante o processo de levantamento das informações e preenchimento das bases de dados, e tendo em conta a questão das remissões presentes neste tipo de registos, foi possível detetar a existência de outros, que, entretanto, se perderam. Em relação aos livros de escrita preparatória, conseguimos perceber que nos períodos de atividade definidos como “A” e “B” existiu ainda um *ricordanze* em ambos os casos. Por sua vez, nos períodos definidos como “C” e “D” existiram, para ambos, um caderno de *entrata e uscita* e um *quaderno di cassa*. Para além disso, para o período “C” temos ainda a indicação da existência de um segundo livro de *ricordanze*, identificado como *ricordanze rosso*. Por fim, nos últimos

registos do livro *debitori e creditor segnato D* surge-nos a remissão para um outro livro desta tipologia, mas *segnato E* e, em algumas operações, com a indicação da data de 1466. Este ano, como vamos ver no capítulo seguinte, foi marcado por um término abrupto dos negócios de Francesco di Nerone.

Como já referimos, é nos livros *debitori e creditor* que se realiza uma contabilidade de síntese e que se copiam e organizam as operações relacionadas com a atividade de uma companhia comercial. Mas que tipo de informações podemos encontrar nos livros de escrita preparatória? Apesar de, como referimos, estes livros terem conhecido diferentes tipos de denominações que variavam até dentro de uma companhia, alguns autores procuraram avançar com definições. Tendo em conta esta dificuldade, vamos procurar apenas perceber que tipo de informações podemos encontrar nestes livros.

O livro de *Entrata e Uscita* era aquele em que se registavam as operações realizadas em dinheiro vivo sendo, mais tarde, copiadas para a respetiva “conta de caixa” no livro *debitori e creditor*.⁵⁷ Na opinião de Federigo Melis, este livro está na fronteira entre os registos de carácter analítico e preparatório e os de natureza sintética e definitiva, tendo caído em desuso no decorrer do século XV.⁵⁸ No caso da companhia Neroni de Pisa, dispomos de dois livros desta tipologia: um livro completo e um livro composto (Anexo 1).

O *Quaderno di cassa* tinha como finalidade conter as informações sobre os pagamentos e as cobranças de curto prazo e que, por esse motivo, não requeriam uma passagem imediata para o livro *debitori e creditor*.⁵⁹ Goldthwaite chama a atenção para este livro em particular e considera-o como independente do livro *debitori e creditor*; apesar de conter as remissões para este, seria ainda um tipo de livro voltado essencialmente para a atividade bancária e registando quem pretendeu pagar a

⁵⁷ EDLER, Florence – *Glossary of Mediaeval Terms of Business. Italian Series, 1200-1600*. Cambridge/Massachusetts: The Mediaeval Academy of America, 1934, 231. Definição apresentada também por Arquivo Datini: <http://datini.archiviodistato.prato.it/libri-contabili/>

⁵⁸ MELIS, Federigo – *Origini e sviluppi delle Assicurazioni in Italia (Secoli XIV-XVI). Le fonti*. Vol. I. Roma: Istituto nazionale delle assicurazioni, 1975, 97.

⁵⁹ Definição apresentada também por Arquivo Datini: <http://datini.archiviodistato.prato.it/libri-contabili/>

dinheiro. Organizado em duas secções contrapostas, tal não significava que o método de partidas dobradas fosse aplicado.⁶⁰ Quando atentamos no fundo da companhia em estudo verificamos que este livro apenas existe como parte integrante de um livro composto, ou seja, parte do livro é dedicado ao registo de *entrata e uscita* e a outra parte é que corresponde ao *quaderno di cassa*.

O *ricordanze* tinha como finalidade principal conter informações auxiliares aos demais livros de contas e assuntos que não podiam ser esquecidos pelos mercadores.⁶¹ No caso concreto do fundo da companhia Nerone de Pisa, o que verificamos é que os dois livros de *ricordanze* estão organizados em múltiplas secções de informações diversas: cópias de contas de mercadorias importadas e exportadas, comissões cobradas, letras de câmbio, pagamentos nas alfândegas marítimas e terrestres.

Do ponto de vista material, o suporte de escrita de todos os livros é o papel que, no caso da companhia pisana de Francesco di Nerone, lhe fora possivelmente fornecido por uma outra companhia com a qual tinha negócios, os Da Colle⁶². Os livros *debitori e creditori* são encadernados em couro, muitas vezes decorado e tingido, e redigidos de forma cuidada e no tipo de letra *merchantesca*. Os de escrita preparatória, por outro lado, são encadernados em pergaminho e a sua escrita é mais descuidada. A diferenciação entre estes dois tipos de livros é também visível na dimensão dos mesmos. Os livros *debitori e creditori* possuem um tamanho maior (nunca menos de 40cm x 29cm x 10cm) e os de escrita preparatória, por oposição, são de dimensões mais reduzidas (nunca superiores a 35cm x 24 x 7,5cm). No que respeita à língua, todos estes livros estão redigidos em toscano medieval.

⁶⁰ GOLDTHWAITE, Richard A. – “Local banking in Renaissance Florence”. *Journal of European Economic History*. Roma: Banco di Roma. 14 (1985) 14.

⁶¹ EDLER, Florence – *Glossary of Mediaeval Terms (...)*, 242. SANGSTER, Alan; STONER, Greg; LANGE, Paul de; O'CONNELL, Brendan; BELGHITAR, Giovanna Scataglini – “Pacioli's forgotten book: the merchant's *ricordanze*”. *Accounting Historians Journal*. 39: 2 (2012), 29-30.

⁶² Como iremos ver, a companhia Da Colle em Pisa, que se especializou no comércio de papel, tinha como sócio e fundador Iacopo da Colle, também parceiro de negócios de Francesco di Nerone em Pisa. Numa das muitas operações entre estes dois mercadores, encontramos um fornecimento de papel Da Colle, como iremos analisar no ponto dedicado ao papel. BERTI, Marcello – “Le aziende Da Colle (...)”, 57-106.

1.3. Metodologia

O nosso trabalho de investigação iniciou-se por uma pesquisa aturada de bibliografia que nos permitisse, por um lado, elaborar os pontos relativos à história familiar das personagens envolvidas nesta companhia comercial toscana, mas também uma recolha bibliográfica de suporte sobre os diferentes contextos relativos ao período em análise. Este levantamento bibliográfico revestiu-se de grande importância, considerando que trabalhámos em exclusivo com um fundo documental para uma visão de conjunto de um espaço alargado como a Península Ibérica. Atentos a esta particularidade, procurámos ter o maior cuidado na pesquisa bibliográfica de obras especializadas nas diferentes temáticas que tocámos para o espaço ibérico (mercadorias, praças comerciais, serviços de transporte, atividades financeiras), com a finalidade de a nossa análise não ficar apenas circunscrita aos dados que as fontes trabalhadas nos permitiam apurar. A pesquisa bibliográfica também nos permite estabelecer comparações, por exemplo com as estratégias de outras companhias florentinas, como também foi a metodologia que nos auxiliou a perceber, com maior detalhe, as redes de negócios e de parceiros nas quais a companhia pisana de Francesco di Nerone estava inserida. Neste ponto, de facto, a bibliografia tem um papel essencial, tendo funcionado como fonte para o conhecimento da rede de negócios da companhia Neroni de Pisa. Através de outros estudos que versam, sobretudo, agentes económicos e companhias comerciais congéneres na mesma cronologia e no mesmo espaço geográfico, foi-nos possível identificar e complementar as informações de que dispúnhamos sobre quem eram as figuras presentes nos registos da companhia e quais as suas funções, para lá destes registos, no seu tempo.

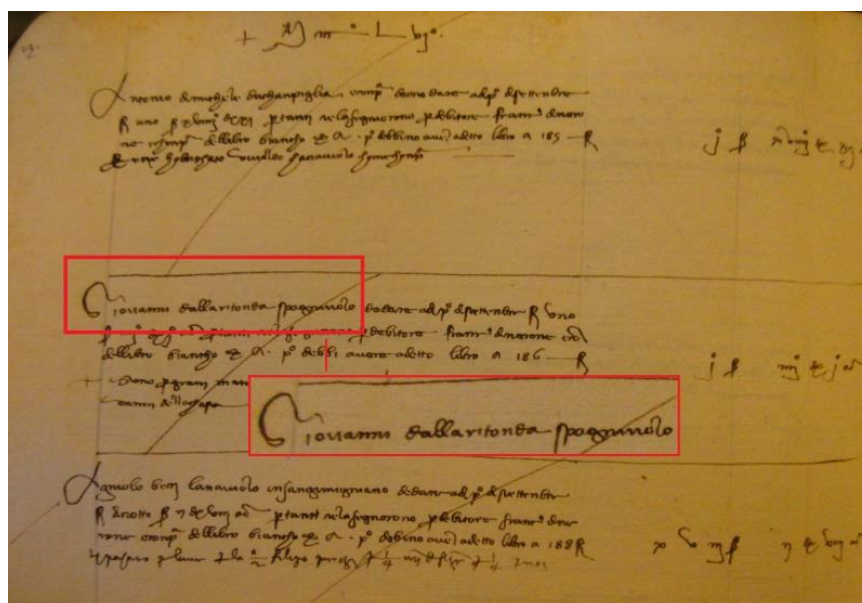
Após esse levantamento bibliográfico, iniciámos a construção das bases de dados que sustentam os dois capítulos centrais desta dissertação de doutoramento: a atividade comercial e a atividade financeira da companhia Nerone de Pisa. Como referimos no ponto relativo às fontes, estamos perante um conjunto de 10 livros de contas que cobrem todos os anos de atividade da companhia comercial em estudo. Assim sendo, e tendo em conta que a nossa investigação apenas se centra nas suas relações comerciais e financeiras com a Península Ibérica, o primeiro passo passou por

identificar nesses livros as contas e as operações que estivessem relacionadas com o espaço ibérico.

Para a identificação das contas que interessavam à nossa análise, começámos pelos quatro livros *debitori e creditori*, os mais importantes dentro da tipologia dos livros de comércio. Os dois primeiros e o último destes livros possuem índice, o que facilita a identificação das contas com interesse para a nossa investigação, mas tal não se verifica no livro *debitori e creditori C*. No entanto, o processo aplicado para a identificação e seleção das contas, de certa forma, é semelhante. Em cada fólio (no caso concreto, denominam-se de *carta*) podemos ter uma ou mais contas e, percorrendo os livros *debitori e creditori*, fomos levantando e elencando aquelas que diziam respeito ao espaço geográfico no qual incide a nossa análise. Depois de identificadas as contas e organizadas em “agentes económicos” e “mercadorias”, passamos para a construção das bases de dados.

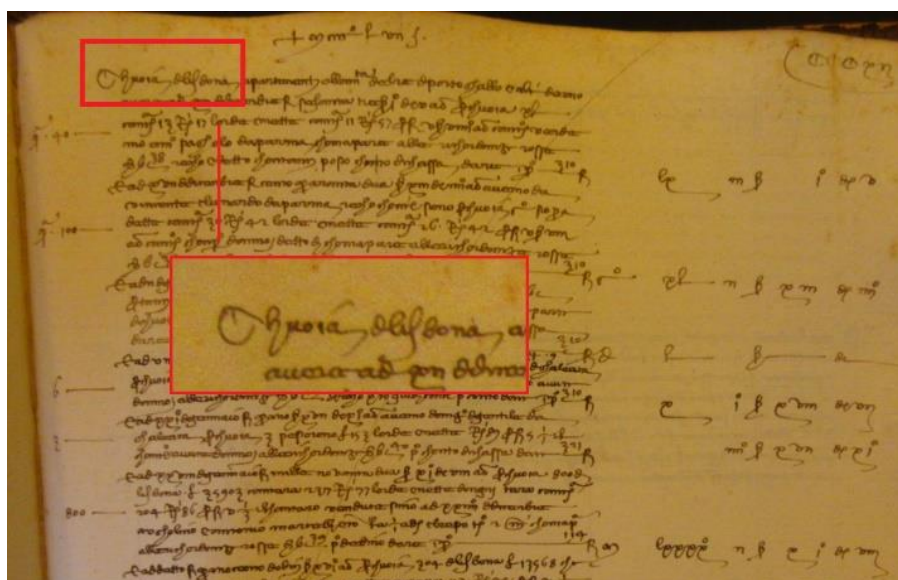
Como sabemos que estamos perante uma conta de mercadorias ou de um agente económico do nosso interesse? A identificação destes está associada com a forma como surgem descritos nas contas que lhes dizem respeito e que, regra geral, se divide em duas tipologias (Figura 1 e 2): ou com indicação da “nacionalidade” da mercadoria e/ou do agente económico (*spagnuolo, catellano*); ou com referência à cidade ou reino de proveniência (*di Portogallo, di Lisbona, di Tortosa, di Aragona*). Se no caso das mercadorias a nossa atenção está sobretudo nos produtos de origem ibérica, quando falamos dos agentes económicos o nosso interesse é mais amplo. Procuramos identificar os agentes “naturais” do espaço ibérico – portugueses, catalães – mas também agentes de “outras nacionalidades” que estão sediados na Península Ibérica – por exemplo, mercadores florentinos e genoveses estantes numa determinada praça – e que compõem a rede de contactos, comerciais e financeiros, da companhia pisana de Francesco di Nerone.

Figura 1 - Exemplo de identificação de uma conta de um agente económico (Giovanni della Ritonda spagnuolo)



Fonte: AS, SNS, Serie I, Libri di Commercio, Neroni e Salviati, liv. 18, c. 23 esq.

Figura 2 - Exemplo de identificação de uma conta de mercadorias (Couros de Lisboa)



Fonte: AS, SNS, Serie I, Libri di Commercio, Neroni e Salviati, liv. 18, c. 312 drt.

A base de dados da atividade comercial não é uma só. Do ponto de vista das mercadorias, optámos pela organização, em diferentes bases, separadas de acordo com o tipo de mercadoria. Em relação aos campos da base de dados das mercadorias, para além da referência à sua localização nas fontes, este levantamento procura responder às seguintes perguntas: quem vende, quem compra, qual o papel da companhia Nerone de Pisa na operação, quem transporta, de que porto partiu, que quantidade, qual a unidade de medida, e que valores envolvidos. Quando falamos nos valores envolvidos, estamos a referir-nos quer ao preço de custo da mercadoria, unitário e total, quer ao valor do seu transporte desde o porto da Península Ibérica até Pisa.

Durante o processo de construção das bases de dados das mercadorias, deparámos com o facto de estes livros de contas incluírem dados importantes relativos ao fretamento de embarcações para o transporte dessas mesmas mercadorias quer das praças ibéricas para Pisa, quer no sentido inverso. Como esta informação iria ficar dispersa pelas bases de cada mercadoria, decidimos construir uma outra para coligir todos os elementos relativos aos transportes. Assim, a base de dados sobre os serviços de transporte tem como campos: o percurso da viagem, a tipologia da embarcação, o patrão da embarcação, o contratador do frete, que mercadorias transportou e os valores envolvidos. Novamente, em relação aos valores, no caso dos transportes, podemos estar a falar do custo do frete em si, como pagamentos nas alfândegas e outras despesas associadas.

Por sua vez, a base de dados dedicada à atividade financeira tem como principal foco as letras de câmbio movimentadas no espaço ibérico e nas quais a companhia de Pisa de Francesco di Nerone assumiu uma de três funções: emissora, pagadora e intermediária na emissão e pagamento das letras de câmbio. Nesta base de dados, as perguntas a que procurámos responder dizem respeito às figuras que estão ligadas a este comércio financeiro: quem compra e quem recebe a letra, e quem são as figuras intermediárias neste câmbio que coloca em contacto, no mínimo, duas praças distintas. Para além disso, tentámos identificar as várias moedas utilizadas e as taxas de câmbio nas diferentes diversas praças.

O conjunto destas bases de dados, da atividade comercial e financeira, conduziu-nos à elaboração de uma outra dedicada em exclusivo aos diversos agentes económicos presentes nestas relações de negócios internacionais entre a companhia Nerone de Pisa e a Península Ibérica. Através da elaboração de fichas para cada um destes agentes económicos, onde procurámos cruzar as informações contidas nos livros de contas da companhia com o que conseguimos recolher da bibliografia especializada, pretendemos conhecer com maior detalhe como era constituída a rede de relações da companhia deste mercador florentino e em que redes (*networks*) estava também inserido; e de que forma essas redes foram evoluindo ao longo dos anos de atividade da companhia.

2. Francesco di Nerone & Companhia Salviati

O presente capítulo tem como objetivo principal dar a conhecer, de forma breve, o contexto da história e das relações familiares do mercador fundador da companhia comercial em estudo. O capítulo está dividido em três partes, sendo a primeira dedicada à história da família Nerone, as suas origens, a inserção na sociedade florentina, as atividades a que dedicavam, passando depois para uma exploração mais detalhada sobre a figura de Francesco di Nerone. A segunda parte incide sobre a família Salviati e o seu arquivo familiar, tendo em consideração o especial vínculo entre estas duas famílias e o facto de o fundo da companhia comercial Neroni estar inserido neste arquivo. Dedicamos ainda um ponto à análise da união entre estas duas famílias – o casamento de Maddalena Nerone com Averardo Salviati – e aos acontecimentos resultantes deste matrimónio.

À data da inauguração da sua companhia pisana, Francesco di Nerone tinha 49 anos e uma longa experiência no trato comercial e financeiro do ponto de vista internacional. Podemos afirmar que teria uma rede de contactos sólida e móvel entre as suas diferentes ‘empresas’? Estaremos perante uma continuidade os contactos, ou estamos perante uma mudança radical do ponto de vista das relações comerciais e financeiras? Desta forma, o terceiro e último ponto incide naquela que era a rede de negócios e parcerias de Francesco di Nerone antes da fundação da companhia de Pisa.

2.1. Os Nerone

Ao contrário de outras famílias florentinas do Renascimento, não dispomos de um estudo que se dedique, em exclusivo, à história da família Nerone. O que temos é um conjunto de referências nas obras sobre outras famílias e companhias comerciais florentinas, bem como nos estudos sobre a história da República de Florença.

A primeira, e única, obra na qual se esboça um estudo da família Nerone data de 1996⁶³ e foi fruto do processo de reconstrução do *Palazzo Nerone*⁶⁴ em curso após a sua declaração como imóvel de interesse histórico-artístico (1914 e 1934), e publicada aquando da inauguração da *Soprintendenza Archivistica e Bibliografica della Toscana*, com sede nesse edifício.⁶⁵ Todavia, apesar de traçar uma primeira história de conjunto sobre a família Nerone, esta obra foca-se essencialmente no estudo e análise do ponto de vista da conservação e restauro do palácio, e os seus capítulos mais extensos são dedicados à história da instituição que agora tem sede no *Palazzo Nerone*.

No que diz respeito a Francesco di Nerone, membro desta família e protagonista da companhia comercial em estudo, sem contar com as referências dispersas por outras obras, dispomos apenas de um artigo que analisa as suas relações comerciais com a cidade de Ragusa, com base num conjunto de documentos conservados no *Archivio di Stato di Firenze*⁶⁶; e ainda um ponto em particular dentro do capítulo sobre os protagonistas florentinos na indústria da seda no século XV fora da cidade de Florença.⁶⁷

2.1.1. A Família

As primeiras notícias sobre a família Nerone, oriunda de Mugello, em Florença, datam dos finais do século XIII e inícios do XIV e mostram-nos como rapidamente os seus membros ocuparam posições de destaque na administração da cidade florentina.⁶⁸ Contudo, foi no século XV que a família Nerone conheceu um maior destaque e ascensão, muito devido à relação de grande proximidade com a família Medici.

⁶³ *Palazzo Neroni a Firenze: storia, architettura, restauro*. Firenze: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, Soprintendenza Archivistica per la Toscana, 1996.

⁶⁴ Localizado na via de' Ginori 7, em Florença.

⁶⁵ Site da Soprintendenza Archivistica per la Toscana: <http://sa-toscana.beniculturali.it/index.php?id=57> [Consult. 15 de fevereiro de 2021].

⁶⁶ PINELLI, Paola - "The Florentine Company of Francesco Neroni and Trade with Dubrovnik (Ragusa) in the first half of the 15th century". In S. Rudić (ed.) – *Spomenica akademika Sime Ćirkovića/Homage to Academician Sima Ćirković*. Belgrado, 2011.

⁶⁷ MOLÀ, Luca – "Oltre i confini della città. Artigiani e imprenditori della seta fiorentini all'estero". In *Arti fiorentine. La grande storia dell'Artigianato*, volume II. Firenze: Giunti Editore, 1999, 85-107.

⁶⁸ BORGIA, Luigi – "Notizie storiche, genealogie, insegne araldiche delle famiglie proprietarie del palazzo Neroni". In *Palazzo Neroni a Firenze: storia, architettura, restauro*. Firenze: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, Soprintendenza Archivistica per la Toscana, 1996, 75-79

Esta relação de proximidade verificava-se sobretudo entre o patriarca da família Nerone, Nerone di Nigi (1371/77-1444), e o patriarca da família Medici, Cosimo de' Medici (1389-1464). Nerone di Nigi fora um dos apoiantes do regresso do exílio de Cosimo a Florença em 1434, mas o ponto mais demonstrativo desta proximidade e amizade foi o facto de Nerone di Nigi ter sido sepultado na capela da família Medici, na Basílica de São Lourenço, em Florença.⁶⁹ De facto, foi esta ligação que originou o sucesso e ascensão dos Nerone, tendo proporcionado a alguns dos seus membros importantes cargos políticos e administrativos⁷⁰, e ainda benefícios para as suas atividades mercantis⁷¹; acabaria depois por ser a responsável pela ruína que conheceram a partir de meados da década de 60 do século XV.

A família Nerone, além de ter ocupado funções administrativas na cidade florentina, desde o início esteve dedicada aos negócios de produção e comercialização de tecidos de lã e seda, ao trabalho de metais preciosos⁷², e ainda à atividade bancária. Um dos expoentes máximos desta família, e de longe o mais conhecido pela historiografia, foi o filho mais velho de Nigi de Nerone, Dietisalvi, tido também como o responsável pela ruína da sua família. Político e diplomata, fora recomendado por Cosimo de' Medici ao seu filho, Piero, para ser o seu mais fiel conselheiro.⁷³

Para além da família Medici, os membros da família Nerone estabeleceram inúmeras alianças matrimoniais com as principais famílias da oligarquia florentina: os Ginori, os Salviati, os Bonamici, os Alberti, os Borromei.⁷⁴ Uma estratégia de ascensão

⁶⁹ BENIGNI, Paola – "Appunti per la storia di un palazzo fiorentino". In *Palazzo Neroni a Firenze: storia, architettura, restauro*. Firenze: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, Sovrintendenza Archivistica per la Toscana, 1996, 3 e 11.

⁷⁰ Sobre os cargos que os membros da família Nerone ocuparam veja-se: as obras citadas nas notas 6 e 7, RUBINSTEIN, Nicolai – *The Government of Florence under the Medici (1434 to 1494)*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

⁷¹ Cosimo de' Medici, em 1457, investe 5.500 florins na companhia de Francesco de Nerone em Pisa, mas a ligação vem já desde 1455 quando esta companhia era um dos correspondentes do banco Medici na cidade pisana. DE ROOVER, Raymond – *Il Banco Medici: dalle origini al declinio (1397-1494)*. Florença: La Nuova Italia Editrice, 1970, 106 e 186.

⁷² Dois irmãos Nerone dedicavam-se à transformação de metais preciosos, sobretudo ouro, que depois era aplicado na indústria têxtil. DINI, Bruno – "I battilori fiorentini nel Quattrocento". In *Manifattura, commercio e banca nella Firenze medievale*. Florença: Nardini Editore, 2001, 48-49.

⁷³ BORGIA, Luigi – "Notizie storiche (...)", 79.

⁷⁴ *Ibidem*.

social, mas também ao serviço dos interesses económicos e políticos, que se verificou no seio destas famílias florentinas. Importa destacar que a família Nerone não figurava entre as famílias nobres segundo a tradição florentina, sendo antes uma das muitas famílias que através do exercício de um ofício e *dalla mercatura* conseguiu alcançar poder e prestígio.⁷⁵ Sublinhe-se a ligação com a família Salviati para o presente estudo de que falaremos a seguir.

Com a morte de Cosimo de' Medici (1464) iniciou-se um movimento de conspiração para a deposição desta família da governação de Florença, no qual Dietisalvi de Nerone, irmão mais velho do mercador em estudo, desempenhou um papel ativo.

Dietisalvi sempre foi uma figura bastante próxima da família Medici, a quem Cosimo de' Medici recorria como conselheiro mesmo fora das questões políticas e de governo da cidade de Florença. Contudo, alguns estudos apontam para um afastamento de Dietisalvi, a partir de 1454, por divergências em relação ao sistema governativo *mediceo*. Do ponto de vista político, a década de 60 do século XV foi das mais agitadas em Florença, agravando-se após a morte de Cosimo de' Medici (1464). O número de dissidentes aumentou e a elite florentina dividiu-se entre aqueles que apoiavam Piero de' Medici, como sucessor de Cosimo, e aqueles que defendiam um governo mais livre e democrático. Estes últimos, anti-Medici, organizaram-se sob a liderança de Luca Pitti, sendo o seu *palazzo* o local das reuniões regulares, nas quais participavam, entre outros, Dietisalvi que se tornou um dos membros mais influentes desta causa.⁷⁶

Em agosto 1466 consumou-se o falhanço da conjura em marcha, após a traição de Luca Pitti à causa *antimedicea*, da qual fizera parte até então, com a eleição de um governo favorável a Piero de' Medici. No mês seguinte, e por iniciativa de Luca Pitti, foi constituída uma 'comissão' com poderes especiais para julgar aqueles que se haviam reunido até então com o objetivo de afastar a família Medici do poder⁷⁷. Assim, em

⁷⁵ *Idem*, 77.

⁷⁶ BENIGNI, Paola – “Appunti per la storia (...)”, 2. RUBINSTEIN, Nicolai – *The Government of Florence (...)*, 134-137, 143-165. Dicionário Biográfico Treccani [online]: [https://www.treccani.it/enciclopedia/diotisalvi-diotisalvi_\(Dizionario-Biografico\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/diotisalvi-diotisalvi_(Dizionario-Biografico)/) [consultado 04/01/2023].

⁷⁷ *Ibidem*.

1466, todos os membros da família Nerone foram presos, julgados, exilados por 20 anos, e os seus bens apreendidos e vendidos publicamente. Entre 11 e 12 de setembro de 1466, os irmãos Dietisalvi, Francesco, Agnolo, Nigi, Filippo e Antonio, foram privados de todos os ofícios que ocupavam, dentro e fora da cidade. A 4 de dezembro de 1466 são declarados rebeldes e exilados, com distâncias que variavam consoante o seu grau de participação na conjura.⁷⁸ Todavia, foram enviados para locais onde a família já tinha relações comerciais estabelecidas: Dietisalvi foi enviado para a Sicília, Francesco para Nápoles (que vamos perceber melhor no ponto seguinte).⁷⁹ Em 1472, foram declarados rebeldes, os seus bens vendidos em hasta pública e os seus livros de contabilidade confiscados.⁸⁰ Durante o exílio, Dietisalvi procurou reentrar no círculo dos Medici, mas sem sucesso, tendo falecido em Roma em 1482 e sido sepultado na Igreja de Santa Maria *sopra* Minerva.⁸¹

Após este episódio, o declínio marcou a família Nerone nos séculos seguintes, levando a que muitos dos seus membros deixassem de usar o nome da família. Para Luigi Borgia, esta família florentina extingue-se na primeira metade do século XVII.⁸²

2.1.2. Francesco di Nerone

Fundador da companhia mercantil em estudo, Francesco di Nerone era membro de uma das mais destacadas famílias florentinas do *Quattrocento*. Nascido em Florença a 12 de agosto de 1405, fora casado com Smeralda di Antonio Nelli, com quem teve três filhas⁸³, para além do filho mais velho que era adotado.⁸⁴ Como vimos no ponto anterior sobre a família Nerone, também para a figura deste mercador são escassas as informações de que dispomos e as que chegaram até nós são sobre a sua atividade no mundo dos negócios.

⁷⁸ BENIGNI, Paola – “Appunti per la storia (...)”, 12. BORGIA, Luigi – “Notizie storiche (...)”, 81.

⁷⁹ GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence* (...), 515.

⁸⁰ BENIGNI, Paola – “Appunti per la storia (...)”, 12.

⁸¹ BORGIA, Luigi – “Notizie storiche (...)”, 81.

⁸² *Idem*, 84.

⁸³ A sua filha mais velha, Maddalena, casou com um membro da família Salviati, como vamos ver a seguir.

⁸⁴ BORGIA – “Notizie storiche (...)”, 76.

As primeiras notícias sobre essa atividade datam dos finais da década de 30 do século XV e mostram-nos uma aposta de Francesco di Nerone no comércio internacional, sobretudo nas viagens das galés para o Mediterrâneo ocidental e para a Europa do Norte.⁸⁵ A atividade desenvolvida por Francesco di Nerone na primeira metade do século XV demonstrou uma estratégia de aposta no comércio internacional, sobretudo na Península Ibérica, beneficiando das potencialidades que a conquista de Pisa por Florença (1406) e a compra de Livorno por esta (1421) oferecia aos mercadores florentinos em ascensão.⁸⁶ Em certa medida, podemos concluir que este seu investimento foi muito positivo, e com um sucesso precoce, já que em 1446 era considerado pelo *fattore* do banco Medici de Florença como um contacto essencial para os negócios com as praças de Barcelona e de Valência.⁸⁷ Em Florença e em Pisa, a sua atividade comercial e financeira estava assente em duas companhias, uma em cada cidade, e num conjunto de centros de produção: na praça florentina detinha unidades de produção de panos de seda e, na praça pisana, um centro de transformação dos couros que importava.⁸⁸

O ano de 1457 marca um outro acontecimento importante na vida deste mercador florentino: a união da sua família ao ramo principal da família Salviati, através do matrimónio da sua filha mais velha com Averardo Salviati, como analisaremos a seguir. No ano seguinte foi nomeado como um dos cinco governadores de Pisa.⁸⁹

Em 1466, como vimos, Francesco di Nerone foi um dos participantes na conjura para a deposição dos Medici do governo da cidade de Florença. Como consequência da

⁸⁵ SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 412. MALLETT, Michael M. – *The Florentine Galleys in the Fifteenth Century*. Oxford: Clarendon Press, 1967, 158. MOLÀ, Luca – "Oltre i confini della città (...)", 97.

⁸⁶ GUARNIERI, Giuseppe Gino – *Da Porto Pisano a Livorno Città attraverso le tappe della storia e della evoluzione geografica: Studio storico-critico*. Pisa: Giardini, 1967, 137-139. TOGNETTI, Sergio – "Galeras Estatales y Veleros Privados en la República Florentina del Cuatrocientos: la praxis mercantil". In *Navegación Institucional Y Navegación Privada Mediterraneo*. Granada: La Nao, 2016, 107.

⁸⁷ MOLÀ, Luca – "Oltre i confini della città (...)", 97.

⁸⁸ Nos livros mastro A e B, no conjunto das contas dedicadas aos couros temos as contas dedicadas à *nostra concia/concia di Nerone*, onde dispomos, por exemplo, do registo de todas as despesas com funcionários e materiais dedicados ao trabalho de curtir os couros. AS, Serie I, *Libri di Commercio, Neroni e Salviati*, liv. 13 e liv. 18. Recentemente, temos vindo a trabalhar com mais detalhe sobre esta unidade de produção.

⁸⁹ MALLETT, Michael M. – "The Sea Consuls of Florence in the Fifteenth Century". *Papers of the British School at Rome* (1959) 159. MOLÀ, Luca – "Oltre i confini della città (...)", 97.

sua participação, foi capturado, preso, julgado e exilado em Nápoles. Durante o tempo em que esteve preso, Francesco di Nerone escreveu três confissões: duas confissões autógrafas e uma da qual só se conhece a cópia nos registos de chancelaria da cidade. Esta última e uma das confissões autógrafas foram escritas aquando do julgamento e seguem, do ponto de vista diplomático, um registo mais formal. A segunda confissão autógrafa foi escrita, aparentemente, estando só, durante o cárcere, e num registo pessoal, na qual dá conta dos acontecimentos desse último ano e que precipitaram a conjura *antimedicea* de 1466.⁹⁰

Esta fase da vida de Francesco di Nerone em Nápoles também se mostrou frutífera. Em 1475, o rei de Aragão, D. Juan II (1458-1479), concede um conjunto de privilégios a Francesco relacionados com a fundação da *Arte della Seta* de Nápoles, que teve lugar em 1477, ano em que os seus privilégios voltam a ser confirmados.⁹¹ De facto, segundo Bruno Dini, Francesco di Nerone teve um papel determinante na introdução da produção de seda na cidade napolitana, identificado como *capomastro* nesta indústria⁹², o que revela uma grande experiência no campo sericícola, sendo até referido num tratado de seda florentino.⁹³ Em Nápoles, a sua presença foi além desta sua experiência nos negócios e produção de panos de seda. Francesco di Nerone pertencia ao círculo da oligarquia florentina e napolitana, tendo sido escolhido para receber pessoalmente o embaixador do monarca de Nápoles na sua visita a Florença.⁹⁴

A 7 de julho de 1481, Francesco di Nerone faleceu em Nápoles e foi sepultado na igreja de *Santi Severino e Sossio*.⁹⁵

Nada sabemos sobre a formação de Francesco di Nerone. De facto, para os anos entre o seu nascimento e a primeira notícia da sua atividade comercial (1439) não

⁹⁰ Esta confissão mais pessoal de Francesco di Nerone foi publicada e analisada por Nicolai Rubinstein: RUBINSTEIN, Nicolai – "La confessione di Francesco Neroni e la congiura antimedicea del 1466". *Archivio Storico Italiano*. Florença. Vol. 126 (1968) 373-387.

⁹¹ MOLÀ, Luca – "Oltre i confini della città (...)", 95 e 97.

⁹² DINI, Bruno – "L'industria serica in Italia. Secc. XIII-XV". In Simonetta Cavaciocchi (ed.) – *La seta in Europa: Sec. 13.-20. Atti della ventiquattresima settimana di studi 4-9 maggio 1992*. Prato: Istituto Internazionale di storia economica "F. Datini", 1993, 121.

⁹³ MOLÀ, Luca – "Oltre i confini della città (...)", 97.

⁹⁴ *Ibidem*.

⁹⁵ BORGIA Luigi – "Notizie storiche (...)", 81. Anexo 2 – fotografia da pedra tumular, com baixo-relevo, de Francesco di Nerone. Agradecemos, uma vez mais, a Claudio Neroni o envio da fotografia.

dispomos de qualquer informação.⁹⁶ No entanto, deparamos com um aspeto que consideramos curioso: o cuidado e a importância que parecia demonstrar em relação à forma de registo dos negócios em livros de contas. Na década de 40 do século XV, era detentor de uma companhia comercial em Barcelona, em sociedade com um mercador florentino aí estante. Uma das obrigações do seu sócio era o registo das operações em livros de contas, que, quando se encerrou a companhia, levou para Florença para que pudessem ser verificados.⁹⁷ Contudo, a sua ligação mais destacada do ponto de vista da contabilidade e da organização dos livros de contas foi com Benedetto Cotrugli. Luca Boschetto afirma até que a ligação entre ambos teve impacto na formação de Cotrugli enquanto mercador, tendo culminado na sua obra *Libro de l'arte della mercatura*.⁹⁸

Por fim, são de destacar duas referências culturais relativas a Francesco e à sua família. O seu irmão mais velho, Dietisalvi, possuía uma biblioteca com um livro no qual registava os empréstimos de livros que realizava. Em 1433 temos notícia de que Francesco di Nerone tinha solicitado o empréstimo do livro *Metamorfoses* de Ovídeo. Mais tarde, em 1463 foi dedicado ao mercador em estudo a tradução do latim para a língua vulgar (toscano) de um dos mais célebres tratados do *Corpus hermeticum*.⁹⁹ Podemos assim concluir que Francesco di Nerone, para além de um mercador destacado no comércio internacional, estava inserido na corrente humanística do Renascimento.

⁹⁶ Importa notar que também não empreendemos qualquer levantamento de fontes que pudessem trazer mais dados sobre este período. A nossa pesquisa esteve circunscrita à bibliografia disponível.

⁹⁷ SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 413

⁹⁸ BOSCHETTO, Luca – “Tra Firenze e Napoli. Nuove testimonianze sul mercante-umanista Benedetto Cotrugli e sul «Libro dell'arte di mercatura»”. *Archivio Storico Italiano*. Florença. Vol. 163 (2005) 703-704.

⁹⁹ *Idem*, 705. REFINI, Eugenio – *The Vernacular Aristotle: Translation as Reception in Medieval and Renaissance Italy*. New York: Cambridge University Press, 80.

2.2. Os Nerone e os Salviati

2.2.1. Os Salviati e o seu arquivo

a) A família Salviati

Tal como uma grande maioria das famílias florentinas da Idade Média, as origens dos Salviati são difíceis de definir. As escassas notícias permitem-nos saber que em meados do século XIV estavam estabelecidos em Florença, na zona de Santa Croce, possuíam bens perto do Mercato Vecchio e ocupavam cargos na administração da cidade e na sua vida política, para além de alguns membros já estarem inscritos na *Arte della Lana* e na *Arte di Calimala*.¹⁰⁰ É ainda no século XIV que esta família, oriunda do Fiesole, mudou o seu patronímico de origem (Caponisacchi) e adotou aquele pelo qual doravante seriam conhecidos. Hurtubise afirma que esta mudança se deve a dois fatores: por um lado, com esta alteração de nome procuravam assegurar a sua integração numa nova aristocracia que se estava a formar em Florença; por outro, foi uma forma de escaparem às perseguições contra as famílias gibelinas da época.¹⁰¹

A família Salviati começou por se dedicar à indústria dos panos de lã em Florença, tendo consolidado esta produção industrial nos inícios do século XV. Em relação à sua atividade bancária, durante o século XIV não conseguiram atingir o nível de outras casas florentinas que se dedicavam a esta atividade, o que só se verificou no século seguinte.¹⁰² De facto, foi na primeira metade de Quatrocentos que os Salviati começaram a afirmar a sua posição na atividade bancária e de âmbito internacional, impulsionada pela fixação de um dos seus membros na praça de Barcelona (1423).¹⁰³

Tal como outras famílias florentinas, como foi acima indicado, a família Salviati empreendeu nos séculos XIV e XV uma estratégia familiar para a criação de uma rede de parentelas com outras famílias florentinas de destaque: Frescobaldi, Capponi,

¹⁰⁰ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 41 e 43. RUBINSTEIN, Nicolai – *The Government of Florence (...)*, 238, 275 e 281. HURTUBISE, Pierre – *Une famille-Témoin: les Salviati*. Vaticano: Biblioteca Apostólica Vaticana, 1985, 27 e 32.

¹⁰¹ HURTUBISE, Pierre – *Une famille-Témoin (...)*, 23-24.

¹⁰² *Idem*, 28-29. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 21.

¹⁰³ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 44.

Medici, Pazzi, Gondi, Bardi, Borromei, Vespucci, Strozzi, Albizzi, Uzzano, Castellani e Nerone (de que falaremos a seguir).¹⁰⁴

Do conjunto dos seus membros, Jacopo Salviati (1360-1412) foi uma das figuras mais importantes e fundador do ramo principal desta família florentina. Membro da *Arte della Lana* nos finais do século XIV, deixou-a para se dedicar quase em exclusivo a uma carreira política, destacando-se como diplomata, mas também como militar, tendo participado no cerco à cidade de Pisa que conduziu à sua conquista por Florença.¹⁰⁵ Os seus filhos Alamanno, Bernardo e Calvano foram os seus herdeiros diretos.

Alamanno Salviati (1389-1456), para além de ter ocupado o lugar do seu pai nas empresas e nos cargos que detinha na administração da cidade, foi também herdeiro do prestígio de Jacopo Salviati.¹⁰⁶ Em meados da década de 50 do século XV tinha já fundadas quatro *compagnias* comerciais em diferentes praças: Pisa (1438¹⁰⁷), Florença (1439), Londres (1445) e Bruges (1456).¹⁰⁸ Em 1409 casou com Catarina, filha de Cosimo de' Medici, e iniciou a ligação familiar entre estas duas famílias. Um casamento que, como já referimos, fazia parte de uma estratégia de ascensão social e serviu os interesses políticos e económicos dos Salviati.¹⁰⁹ Desta união nasceu Averardo Salviati que casou com a filha de Francesco di Nerone, como temos referido.

Alamanno e os seus descendentes constituíram importantes firmas em Florença, em Pisa, em Lyon e em Roma. Estas duas últimas foram importantes na movimentação de receitas eclesiásticas, e a de Roma no desempenho da função de banqueiros principais dos papas oriundos da família Medici.¹¹⁰

Tal como vimos para a família Nerone, na família Salviati o século XV termina com uma crise nas relações com a família Medici, iniciadas com a morte de Cosimo de' Medici, e que culminaram com o episódio que ficou conhecido como “a conspiração dos

¹⁰⁴ *Idem*, 46.

¹⁰⁵ HURTUBISE, Pierre – *Une famille-Témoin (...)*, 37-42.

¹⁰⁶ *Idem*, 43.

¹⁰⁷ O banco Salviati de Pisa abriu no dia 13 de maio de 1438. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 20.

¹⁰⁸ HURTUBISE, Pierre – *Une famille-Témoin (...)*, 44.

¹⁰⁹ *Idem*, 45-48.

¹¹⁰ GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 74.

Pazzi”. A 26 de abril de 1478 o grupo de conspiradores, chefiado por Jacopo Pazzi, tentou depor a família Medici através do assassinato de Giuliano e Lorenzo de Medici. O fracasso deste complô, apesar do assassinato consumado de Giuliano, provocou o efeito contrário e a família Medici viu o seu poder na cidade reforçado, o que levou ao afastamento dos Pazzi. A participação da família Salviati na conspiração deu-se através de Francesco Salviati, arcebispo de Pisa, tendo culminado com a sua condenação à morte.¹¹¹ De uma forma geral, apesar de ambas as famílias – Nerone e Salviati – terem participado, em momentos distintos, em duas conjuras contra o governo dos Medici podemos identificar algumas similitudes. A grande diferença reside no facto de a conspiração na qual a família Nerone participou ter sido interrompida durante o seu curso, ao contrário da “dos Pazzi” que se consumou com o assassinato de um membro da família Medici. No entanto, quando atentamos nas similitudes verificamos que ambas as conjuras resultaram em pesadas punições para os conspiradores e, sobretudo, por um reforço do poder da família Medici em Florença.

b) O Archivio Salviati

A 30 de setembro de 1963 o Arquivo da família Salviati foi declarado de interesse histórico e, em setembro de 1984, por concessão dos proprietários, deixou o Palazzo Salviati em Pisa para ser depositado na Scuola Normale Superiore na mesma cidade, onde se encontra atualmente.¹¹² Nas palavras de Richard Goldthwaite, o Arquivo Salviati é provavelmente uma das mais extensas coleções sobre os negócios de uma família florentina, documentando um longo período de história familiar que se cruza com a história económica e política florentina, mas também de Itália e até europeia.¹¹³ O grosso da documentação conservada por este arquivo é composto por livros de contabilidade e de administração patrimonial – cerca de 5000 livros – desde o século

¹¹¹ HURTUBISE, Pierre – *Une famille-Témoin (...)*, 52-54. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 74.

¹¹² *Archivio Salviati. Documento sui beni immobiliari dei Salviati: palazzi, ville, feudi, piante del territorio*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 1987, 11.

¹¹³ GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 88.

XIV ao século XX, aos quais se somam outras tipologias documentais dentro da mesma cronologia.

Quando falamos de livros de comércio, como vimos no ponto relativo às fontes, a sua tipologia é muito diversificada, apesar de marcada pelos livros de contabilidade. No entanto, estes livros de comércio podem ser ainda organizados em três grupos: 1) as firmas essencialmente dominadas pela família Salviati; 2) as firmas nas quais os Salviati participam em conjunto com outros operadores destacados (e aqui inclui-se a *compagnia* Nerone-Salviati); 3) as firmas externas aos Salviati, mas com associação a esta família (por exemplo, os livros dos funcionários responsáveis pela *Magona* Salviati em Pisa).¹¹⁴ De certa forma, esta organização permite-nos perceber um pouco da tradição documental, e também nos revela de que forma esta família de comerciantes e banqueiros florentinos tinha os seus negócios organizados.

Entre 2013 e 2016 o arquivo Salviati foi alvo de estudo através de um projeto internacional que se focava nos negócios e nas práticas mercantis das companhias do grupo nos séculos XV e XVI nas várias praças europeias (Bruges, Florença, Lisboa, Lyon, Londres e Pisa).¹¹⁵ Todavia, já antes alguns fundos deste arquivo tinham sido alvo de estudos; sobretudo teses de licenciatura sob a orientação de Federigo Melis, quando fora professor na Universidade de Pisa (1949-1970) e na Universidade de Florença (1963-73), e de Bruno Dini, também professor na Universidade de Florença (1983-2003).¹¹⁶ A somar a estes, ao longo dos anos foram realizados mais estudos parcelares

¹¹⁴ PETRI, Alberti – *La Piazza di Bruges come rivive nel periodo 1461-1462 attraverso il Libro Grande Rosso seg. G della Compagnia di Giovanni Salviati e Piero da Rabatta*. Pisa: Universidade de Pisa, 21. Tese de licenciatura.

¹¹⁵ Projecto ENPrESA (Entreprise, Négoce et Production en Europe (XV^e-XVI^e siècles). Les compagnies Salviati), financiado pela Agence Nationale de la Recherche (2013-2016) e dirigido por Mathieu Arnoux (<https://salviati.hypotheses.org/>)

¹¹⁶ Teses orientadas por Federigo Melis, quando o arquivo Salviati ainda se encontrava depositado no Palazzo Salviati em Pisa e não na sua localização atual: Ellena, L. – *L'attività della compagnia mercantile-industriale di Averardo di Alamanno Salviati e co. in Firenze nel periodo 1517-1528*, (con trascrizione del Libro grande paonazzo segnato F). Pisa: Universidade de Pisa, 1963-64. Tese de licenciatura. Parrini, G. – *La compagnia di Alamanno Salviati di Londra negli anni 1445-1448*. Pisa: Universidade de Pisa, 1963-64. Tese de licenciatura. Petri, A. – *La piazza di Bruges come rivive nel periodo 1461-1462 attraverso il "Libro grande rosso" seg. G della compagnia di Giovanni Salviati e Piero Rabatta*, (con trascrizione). Pisa: Universidade de Pisa, 1963-64. Tese de licenciatura. Piccardo, A. G. – *L'attività dell'azienda di Alessandro di Piero d'Alamanno Salviati e comp. "Ianaoli in gharbo" di Firenze nel periodo 1538-1549*, (con trascrizione del "Libro bianco seg. A" e del "Libro rosso seg. B"). Pisa: Universidade de Pisa, 1964. Tese de

que tinham como base os fundos do Arquivo Salviati.¹¹⁷ No entanto, dispomos apenas de um único estudo do ponto de vista da história familiar dedicado à família Salviati: trata-se de uma obra da década de 80 do século XX.¹¹⁸

Como no ponto acima referimos, Alamanno Salviati pertencia ao ramo principal da família Salviati, e é sobre ele que o arquivo conserva um maior número de documentação.¹¹⁹

2.2.2. A relação entre as famílias Nerone e Salviati: a aliança matrimonial entre Maddalena Nerone e Averardo Salviati (1457)

Neste ponto não é nossa pretensão fazer uma análise exaustiva da aliança matrimonial que se estabelece entre a família de Francesco di Nerone e a de Averardo Salviati, através da figura da filha mais velha do primeiro em 1457. A análise de uma aliança matrimonial é um tema em si bastante complexo e, para além de não ser a finalidade do nosso trabalho, carecemos de fontes e outros elementos – como o dote, os atos

licenciatura. Ambrosi, C. – *L'attività dell'azienda "Piero d'Alamanno Salviati e comp." in Firenze (1525-1532)*, (com trascrizione del Libro bianco seg. A). Pisa: Universidade de Pisa, 1965. Tese de licenciatura. Ricci, R. – *Contributo alla conoscenza del mercato di Constantinopoli alla fine del '400, mediante lo studio della Comp. di Giovanni di Marco Salviati, ivi stabilita nel 1491-1494*, (con trascrizione del "Libro debitori e creditori"). Pisa: Universidade de Pisa. Tese de licenciatura. Ulivi, M. – *La compagnia mercantile-industriale della seta di Jacopo di Giovanni Salviati in Firenze nel periodo 1490-1494*, (con trascrizione integrale del Libro bianco seg. A). Pisa: Universidade de Pisa, 1965-66. Tese de licenciatura. Spagnoli, M. – *L'intensa attività assicurativa in Firenze nel 1524-1526 attraverso le polizze perfezionate dal sensale Raggiodi Nofri Raggi*, (con trascrizione del suo registro). Florença: Universidade de Florença, 1972. Tese de Doutoramento. Tese orientada por Bruno Dini: Gambacciani, C. – *L'industria serica Fiorentina della fine del Quattrocento vista attraverso i documenti Salviati*, (con trascrizione del Libroazzurro seg. B, 1493-1500). Florença: Universidade de Florença, 1992-93.

¹¹⁷ PINCHERA, Valeria – *Mercanti toscani ad Anversa nel cinquecento. Il Banco Salviati dal 1540 al 1544*. Pisa: Universidade de Pisa, 1988. Tese de licenciatura. BERTI, Marcello – "Le aziende da Colle (...)", 57-106. PAOLINI, Roberta – *Le lettere di Francesco Davanzati mercante fiorentino a Napoli ai primi del cinquecento: le merci e gli scambi (con la trascrizione delle lettere dal 10 luglio 1507 al 9 ottobre 1507)*. Pisa: Universidade de Pisa, 1994. Tese de licenciatura. PARDOSSI, Elena – *Le lettere di Francesco Davanzati mercante fiorentino a Napoli ai primi del '500: i personaggi e gli avvenimenti*. Pisa: Universidade de Pisa, 1994. Tese de licenciatura. CARLOMAGNO, Antonio – *Il viaggio in Levante della galea "Ferrandina" nel 1476-1477*. Pisa: Universidade de Pisa, 2003. Tese de licenciatura. CARLOMAGNO – *Il banco Salviati di Pisa (...)*. SEQUEIRA, Joana – "A companhia Salviati-Da Colle (...)", 47-62. SEQUEIRA, Joana – "Michele da Colle (...)", 21-34. CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (...)*, passim.

¹¹⁸ HURTUBISE, Pierre – *Une famille-Témoin (...)*, passim.

¹¹⁹ *Archivio Salviati. Documento sui beni immobiliari (...)*, 12.

oficiais¹²⁰ – que nos permitam uma abordagem completa. Assim, este ponto pretende ser apenas uma reflexão sobre os motivos e as estratégias que podem ter motivado esta união.

Nos pontos anteriores explorámos, de forma muito breve e tendo em conta os pontos principais, a história destas duas famílias que cooperaram na *compagnia* Nerone-Salviati de Pisa. Em ambas verificámos a existência de vários aspetos em comum: oriundas do exterior da cidade de Florença, fixaram-se na cidade em meados do século XIV, procuram ocupar cargos políticos e na administração da cidade; ambas as famílias estavam dedicadas ao comércio e à banca, tendo a sua atividade começado pela indústria dos panos de lã, a utilização de uma estratégia matrimonial que favorecesse quer a ascensão social e política, quer os seus negócios; e um claro interesse comercial e financeiro na cidade de Pisa.

Em 1406 Florença deu por terminada a conquista desta cidade, até então uma república independente. Segundo vários autores este momento representou um ponto de viragem a vários níveis: Fernand Braudel considerou este acontecimento como “o prefácio da modernidade” e Marco Tangheroni afirmou que foi aqui que se inaugurou o “sistema económico Toscano”.¹²¹ A somar a isto, em 1421 Florença concretizou a compra de Livorno, obtendo, assim, a plataforma marítima que lhe permitia assumir uma posição estratégica em relação ao comércio internacional.¹²² O período da conquista de Pisa conduziu ainda à fuga de habitantes da cidade e a um empobrecimento da mesma, que os mercadores florentinos aproveitaram em proveito das suas atividades comerciais e financeiras. Tendo em conta estas circunstâncias, conseguimos entender o interesse das famílias florentinas em estabelecerem em Pisa

¹²⁰ Neste artigo temos uma definição do que significavam estes três atos oficiais nos casamentos florentinos do Renascimento. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – “Politica matrimoniale e matrimoni politici nella Firenze di Lorenzo de’ Medici. Uno studio del Ms. Notarile Antecosimiano 14099”. *Archivio Storico Italiano* (1997), 349-350.

¹²¹BRAUDEL, Fernand – *Civilização material, Economia e Capitalismo. Séculos XV-XVIII. Os Jogos das Trocas*, Vol. II. Lisboa: Teorema, 1979, 386. TANGHERONI, Marco – “Firenze centro culturale ed economico nel tardo Medioevo”. In *Arti fiorentine. La grande storia dell’Artigianato*. Vol. I. Firenze: Giunti Editore, 1999, 47.

¹²² TOGNETTI, Sergio – “Galeras Estatales (...)”, 107.

sedes das suas atividades comerciais.¹²³ E é neste contexto que temos, em primeiro lugar, a abertura do banco Salviati de Pisa, em 1438, e a constituição da *compagnia* Nerone-Salviati, em 1454.

As relações comerciais entre Francesco di Nerone (1405-1481) e Averardo di Alamanno Salviati (1424-1496) iniciaram-se em 1454 na denominada *compagnia* Nerone-Salviati de Pisa. Francesco di Nerone, com 49 anos, detinha uma vasta experiência comercial, com uma companhia em Florença, centros de produção em Florença e Pisa, estava bem inserido no comércio internacional e detinha negócios com os maiores mercadores-banqueiros florentinos.¹²⁴ Averardo Salviati, mais jovem, e um dos filhos mais novos de Alamanno, inicia a sua participação na *compagnia* Nerone-Salviati como funcionário e, mais tarde, vem a concretizar a sua participação como sócio, mas na companhia de Nerone em Florença.¹²⁵ Carlomagno afirma que a fixação de uma sede comercial e financeira dos Salviati em Pisa estava relacionada com uma estratégia de abertura aos mercados internacionais, que a plataforma pisana permitia, e ainda com uma aposta na indústria dos curtumes, dominante em Pisa.¹²⁶ De certa forma, podemos pensar que a figura de Francesco di Nerone se assumia como de grande interesse para os Salviati, tendo em conta o destaque que à data já lhe era reconhecido no comércio internacional e ainda como importador de couros e detentor de um centro de transformação dos mesmos na cidade pisana.

A ligação familiar entre estes dois mercadores florentinos apenas se consumou no ano de 1457, ou seja, três anos após as relações comerciais se terem iniciado, através do casamento de Averardo di Alamanno Salviati com a filha de Francesco di Nerone, Maddalena¹²⁷. Olhando para esta união, surgem-nos algumas questões. Qual o significado desta aliança matrimonial no conjunto das relações destas duas famílias? Na

¹²³ CARLOMAGNO, Antonio – *Il banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 38.

¹²⁴ SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 415.

¹²⁵ Carlomagno já tinha chamado à atenção para este aspeto. A indicação de que Averardo é sócio de Francesco di Nerone apenas se verifica no *libro mastro* relativo à companhia sediada em Florença (1460-1465). Nos quatro *libri mastri* da companhia de Pisa, Averardo não surge referido como sócio. CARLOMAGNO, Antonio – *Il banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 38 e 77.

¹²⁶ *Idem*, 38.

¹²⁷ AS, Priorista, tomo I, filza n. 123, fasc. 18, c. 169. Anexo 3: árvore genealógica.

Florença do Renascimento, a família era uma importante instituição através da qual se estabeleciam relações de interesse e se reforçavam vínculos capazes de produzir efeitos profundos do ponto de vista económico, político e social na vida dos indivíduos.¹²⁸ Porquê esta união matrimonial após três anos da união nos negócios? Sabemos que os casamentos florentinos deste período passavam por três momentos distintos: o inicial – *sponsalitium* – era o primeiro ato oficial em que o noivo e o pai da noiva acordavam formalmente o matrimónio, bem como o valor do dote; o segundo momento – *matrimonium* – correspondia ao casamento em si, entre os noivos; e o terceiro – *confessio dotis* – no qual o marido confirmava ter recebido os valores acordados.¹²⁹ No caso do casamento entre a filha de Francesco di Nerone e Averardo Salviati, a qual destes momentos corresponde a data de 1457? Para além disso, Maddalena Nerone, na data de 1457, teria já ultrapassado a idade normal para o casamento (16 anos) e seria até considerada *trasandata*.¹³⁰ Contudo, este ano de 1457 pode ser interpretado segundo outro ponto de vista. Tendo em conta que Averardo iniciou as relações comerciais com Francesco di Nerone como seu funcionário na *azienda* de Pisa, a consolidação destas relações através do matrimónio com a filha de Nerone pode ser demonstrativa de uma evolução positiva e de um aumento da importância deste mercador no seio dos negócios de Nerone, culminando com a sociedade entre ambos na *compagnia* de Florença em 1460.

E do ponto de vista da estratégia desta união para Francesco di Nerone? A nível familiar, após este casamento a família Nerone passava a estar ligada com o ramo principal da família Salviati considerada, a par dos Medici, dos Strozzi, dos Albizzi, dos Alberti, dos Accaiuoli, a nova aristocracia surgida na cidade de Florença durante o século XIII.¹³¹ Assim podemos considerar que, do ponto de vista de Francesco di Nerone, a sua estratégia com esta união matrimonial estava especialmente associada à ascensão

¹²⁸ FABBRI, Lorenzo – *Alleanza matrimoniale e Patriziato nella Firenze del '400. Studio sulla famiglia Strozzi*. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1991, 34 e 99.

¹²⁹ GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "Politica matrimoniale (...)", 350.

¹³⁰ FABBRI, Lorenzo – *Alleanza matrimoniale (...)*, 118.

¹³¹ HURTUBISE, Pierre – *Une famille-Témoin (...)*, 31.

social e política. No ano seguinte ao casamento da sua filha foi nomeado um dos cinco governadores de Pisa.¹³²

Um aspeto curioso pode ser verificado em ambos: Averardo Salviati partilhava relações familiares¹³³ com Giovanni da Uzzano, autor de um manual para mercadores; e Francesco di Nerone estivera ligado a Benedetto Cotrugli, um dos primeiros a escrever sobre contabilidade mercantil.

2.3. Rede de Francesco di Nerone e da companhia Nerone-Salviati na Península Ibérica antes da Companhia em Pisa

Neste ponto dedicado à análise da rede de contactos de Francesco di Nerone, decidimos dividir a análise em duas partes: como era a rede de contactos ibérica de Nerone antes e depois da companhia Nerone de Pisa? Desta forma podemos realizar uma análise comparativa e perceber se existiu uma evolução ou modificação na sua *network*, o que nos permitirá também proceder à caracterização desta sua companhia sediada na cidade pisana. No entanto, em ambas as partes procuraremos perceber quem eram as figuras que constituíam a *network* de Francesco di Nerone, se estamos perante agentes diretos ou correspondentes, quais as principais praças e a que negócios se dedicavam.

As primeiras notícias de Francesco enquanto homem de negócios estão relacionadas com o financiamento de navios comerciais catalães e os seus seguros marítimos, atividades que desenvolveu entre 1439 e 1442 em conjunto com um dos seus irmãos, Lottieri (tabela 2).¹³⁴ Em 1442, Francesco fora ainda à cabeça de um comboio de galés florentinas enviado de Florença para o Norte da Europa, com destino à Flandres e a Inglaterra.¹³⁵

¹³² MALLETT, Michael M. – “The Sea Consuls of Florence (...)”, 159. MOLÀ, Luca – “Oltre i confini della città (...)”, 97. Apesar de este autor considerar que a sua nomeação se deveu ao seu extraordinário conhecimento do mercado pisano.

¹³³ O seu pai, Alamanno, era sogro de Uzzano e este colaborou nas suas firmas. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – “Uzzano, Giovanni da”, *Dizionario Biografico degli Italiani - Volume 97* (2020) (https://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-da-uzzano_%28Dizionario-Biografico%29/) [Consult. 15 de fevereiro de 2021].

¹³⁴ SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 412.

¹³⁵ MALLETT, Michael M. – *The Florentine Galleys (...)*, 158. MOLÀ, Luca – “Oltre i confini della città (...)”, 97.

No ano de 1444 detinha de uma companhia comercial em nome pessoal em Florença e uma outra em Barcelona (tabela 2), esta última em conjunto com um mercador florentino estante na Catalunha – Iacopo di Giovanni Masi – e que se manteve ativa até 1447, ano em que o rei de Aragão, D. Alfonso V (1416-1458), proibiu a presença de florentinos nos territórios aragoneses.¹³⁶ Em 1445 detinha ainda uma companhia comercial em Ragusa (atual Dubrovnik) em sociedade com Benedetto Cotrugli, um dos primeiros autores sobre as práticas contabilísticas.¹³⁷

Segundo Maria Elisa Soldani, a companhia barcelonesa tinha Francesco como sócio maioritário, usava o seu símbolo, isto é, o seu *segno mercantile* (Imagem 1), e era demonstrativa do interesse de Francesco pelo comércio internacional.¹³⁸ De facto, nesta primeira metade do século XV Francesco di Nerone possuía uma completa rede de correspondentes com as principais praças europeias: Ancona, Bolonha, Génova, Lisboa, Montpellier, Nápoles, Palermo, Ragusa, Savona, Valência e Veneza.¹³⁹ Os *segni mercantili* ou *marche* podem ser traduzidos como os símbolos ou as marcas utilizados pelos mercadores e companhias comerciais como forma de se identificarem e, sobretudo, de identificarem as mercadorias que lhes pertenciam, já que os invólucros, ou os próprios produtos – como os tecidos – eram gravados com estes *segni*¹⁴⁰. Paralelamente, estes símbolos estavam ainda inscritos nos livros de contabilidade das companhias comerciais logo no fólio de abertura de cada livro, no qual se regista a quem pertence o livro, qual o período de atividade a que diz respeito, antecedido de uma oração – geralmente à Virgem Maria e, no caso dos florentinos, uma invocação de São João Batista, padroeiro de Florença. Após 1400, com a expansão da presença das companhias mercantis italianas em várias praças, a utilização destes símbolos passou a ser usada como forma de identificação das filiais a um determinado grupo comercial¹⁴¹.

¹³⁶ PINELLI, Paola – "The Florentine Company (...)", 161-62. SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 322.

¹³⁷ MOLÀ, Luca – "Oltre i confini della città (...)", 97.

¹³⁸ SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 412 e 414.

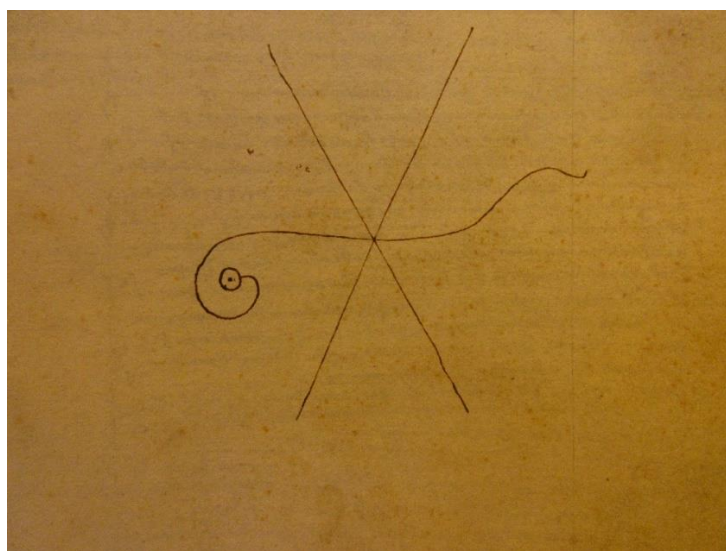
¹³⁹ PINELLI, Paola – "The Florentine Company (...)", 161-62.

¹⁴⁰ Sobre este assunto, veja-se: ASTE, Elena Cecchi – *Di mio nome e segno. 'Marche' di mercanti nel carteggio Datini (secc. XIV-XV)*. Prato: Istituto di studi storici postali, 2010.

¹⁴¹ HAYEZ, Jérôme – "Un segno fra altri segni. Forme, significati e usi della marca mercantile verso il 1400", in ASTE, Elena Cecchi (ed.) – *Di mio nome e segno. 'Marche' di mercanti nel carteggio Datini (secc. XIV-XV)*. Prato: Istituto di studi storici postali, 2010, xxxiii.

Um dos exemplos mais expressivos, e mais conhecidos, é o caso do mercador Francesco di Marco Datini, de Prato¹⁴². Refira-se ainda que os livros de contas permitem-nos conhecer os símbolos de outros mercadores e companhias pois nos cadernos de escrita preparatória, nas margens dos registos, são inscritos os *signi* daqueles com quem se estava a realizar o negócio, e o fundo da companhia Nerone de Pisa não é exceção. Os *signi mercantili* coexistiam com outros, como as marcas de produção, de controlo de mercadorias e os símbolos notariais, apesar de ainda não terem merecido estudos aprofundados como estes últimos. Na generalidade, como no caso da companhia Datini, estes símbolos mercantis resultavam de uma derivação das armas da família de mercadores.¹⁴³

Imagem 1 – *Segno Mercantil* de Francesco di Nerone



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 20, c.1.

Em 1454, Francesco di Nerone inicia uma parceria comercial com a família Salviati, tendo dado origem à companhia comercial em estudo nesta dissertação, sediada em Pisa e que, no ano de 1455, era correspondente do banco Medici de

¹⁴² ASTE, Elena Cecchi – *Di mio nome e segno. 'Marche' di mercanti nel carteggio Datini (secc. XIV-XV)*. Prato: Istituto di studi storici postali, 2010.

¹⁴³ HAYEZ, Jérôme – “Un segno fra altri segni (...)”, xiv.

Florença.¹⁴⁴ A união com os Salviati consolidou-se, mais tarde, com o casamento da filha de Francesco, Maddalena, com Averardo di Alamanno Salviati (1457).¹⁴⁵ No ano de 1458 o banco Medici efetuou um investimento na companhia pisana de Francesco e, no mesmo ano, o mercador foi eleito como um dos cinco governadores de Pisa, o que lhe conferiu uma posição privilegiada na vida económica da cidade.¹⁴⁶

Tabela 2 - Companhias Comerciais, Sociedades e Unidades de Produção de Francesco di Nerone, 1439-1466

Florença				Barcelona		Pisa	
c. 1442-1466	1446-?	1457-?	1457-?	1439-1442	1444-1447	1454-1466	1454-1457
companhia comercial (1454 integra Averardo Salviati)	<i>fattore</i> do Banco Medici	unidade de produção de seda na zona de <i>Porta Santa Maria</i>	sociedade c/ Giovanni di Medici e Nerozzo di Piero del Nero em <i>Merchato Nuovo</i>	sociedade c/ irmão Lottieri (seguros das Galés da Catalunha)	companhia comercial c/ Iacopo Giovanni Nasi	Companhia comercial	tanaria na zona <i>della Spina</i>

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6, 13-22. SOLDANI, Maria Elisa – “Uomini d'affari (...)”, 412. MALLETT, Michael M. – *The Florentine Galleys (...)*, 158. MOLÀ – “Oltre i confini della città (...)”, 97. PINELLI, Paola – “The Florentine Company (...)”, *passim*.

No desenvolvimento da atividade comercial e no processo de estabelecimento de contactos e parcerias por parte de Francesco di Nerone, para a segunda metade do século XV, destaque para a companhia florentina Cambini, também detentora de correspondentes em Barcelona, Valência e Lisboa. No caso de Portugal, os Cambini tinham conseguido contratos de monopólio e estavam ligados à pesca de coral numa exploração que assentava em dois grupos: o primeiro era constituído por Giovanni Guidetti e Bartolomeo di Iacopo di ser Vanni, mercadores italianos estantes em Portugal;

¹⁴⁴ DE ROOVER, Raymond – *Il Banco Medici (...)*, 106 e 186.

¹⁴⁵ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 46-47.

¹⁴⁶ DE ROOVER, Raymond – *Il Banco Medici (...)*, 106 e 186. MOLÀ, Luca – “Oltre i confini della città (...)”, 97.

e o segundo era composto por Filippo Pierozzi, mercador-banqueiro detentor de uma companhia em Barcelona, e Francesco de Nerone.¹⁴⁷ Data de 1460 o primeiro contrato de *accomandita*, registado em Florença, para exploração do coral português entre a companhia Pierozzi de Barcelona e a companhia Cambini de Roma por um lado, e Bernardo Vai do outro. Este último, por se encontrar em Valência, fez-se representar por um agente seu na cidade florentina, e Filippo Pierozzi, que estava em Barcelona, fez-se representar por Francesco di Nerone, identificado como seu procurador, mas que, segundo Tognetti, seria ainda seu sócio.¹⁴⁸ De facto, como mais à frente iremos verificar, Filippo Pierozzi foi um parceiro importante nas relações de Francesco di Nerone na Península Ibérica, sobretudo com a praça de Barcelona, sendo ainda um intermediário nas relações com o grupo comercial Cambini. Nos livros da companhia Neroni de Pisa não dispomos de informações sobre estes negócios de exploração do coral português. Todavia, tendo em conta a multiplicidade de companhias comerciais que eram propriedade de Francesco di Nerone coevas (tinha ainda uma em Florença e outra em Barcelona), existiriam mais registos comerciais. Contudo, destas duas últimas companhias apenas chegou até nós um livro *debitore e creditore* (1460-1469) pertencente à companhia sediada na praça florentina, mas onde não encontramos qualquer referência a este negócio da exploração do coral português.

O interesse demonstrado por Francesco de Nerone no desenvolvimento da atividade mercantil na Península Ibérica ficou patente através de uma outra companhia pisana, os Da Colle. Desde 1445 que os Da Colle, através do comércio de papel que produziam, estavam presentes em várias praças do Mediterrâneo, entre as quais Barcelona e Sevilha. Iacopo da Colle, um dos fundadores da companhia, colaborou com Francesco de Nerone, tendo chegado a ser sócios na década de 60 do século XV.¹⁴⁹ No ano de 1453 temos uma das primeiras operações em colaboração entre estes dois mercadores: a importação de couros a partir da praça de Lisboa, matéria-prima importante para a indústria florentina de então. Esta operação foi determinante para a

¹⁴⁷ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 223-224. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – “Da comprimari a protagonisti (...)”, 68.

¹⁴⁸ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 238.

¹⁴⁹ BERTI, Marcello – “Le aziende da Colle (...)”, 61-62.

atividade dos dois mercadores. A partir desta data ficou estabelecido, através de um acordo, que Iacopo da Colle estava responsável pelos negócios de couros da companhia Neroni.¹⁵⁰ A relevância deste negócio dos couros com Portugal está também patente na inauguração da atividade da companhia em Pisa, tendo em conta que os primeiros registos do livro mastro do ano de abertura dizem respeito à compra e venda de couros vindos de Lisboa.¹⁵¹ Estas aquisições continuaram dependentes de Iacopo da Colle e, sobretudo, dos seus agentes, até à abertura de uma filial Da Colle em Portugal (1462), dirigida pelo seu filho Michele da Colle, e na qual passamos para uma atuação direta no mercado português.¹⁵²

A par das companhias comerciais que detinha, Francesco di Nerone estava também inserido nas atividades de produção de panos de seda, com unidades de produção em Florença, e ainda uma unidade de transformação dos couros que importava, na cidade de Pisa (tabela 2).¹⁵³ Em relação à indústria sericícola, na segunda metade de Quatrocentos, Francesco fora fornecedor de grandes quantidades de seda espanhola e da Pérsia.¹⁵⁴ Uma matéria-prima essencial para a indústria têxtil florentina de então, mas também essencial para unidades de produção de seda que tinha em Florença. Nos anos de 1461-62 estava entre os maiores produtores de panos de seda da cidade.¹⁵⁵ Para além destas duas mercadorias, sedas e couros, durante este primeiro período Francesco di Nerone também estava relacionado com a importação de lã

¹⁵⁰ *Idem*, 72-73.

¹⁵¹ AS, Serie I, Libri di Commercio, *Neroni e Salviati*. *Francesco Neroni e Averardo di Alamanno Salviati di Banco in Pisa*, liv. 11, c. 1.

¹⁵² CARDOSO, Ana Clarinda Cardoso – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (...)*. SEQUEIRA, Joana – “A companhia Salviati-Da Colle (...)”, 47-62. SEQUEIRA, Joana – “Michele da Colle (...)”, 21-34.

¹⁵³ Em 1457 tinha uma parceria com Bartolo di Biagio Tovaglia numa produção de seda em Porta Santa Maria (PINELLI, Paola – “The Florentine Company (...)”, 162). Como referido, nos livros mastro A e B, no conjunto das contas dedicadas aos couros temos as contas dedicadas à *nostra concia/concia di Nerone*, onde dispomos, por exemplo, do registo de todas as despesas com funcionários e materiais dedicados ao trabalho de curtir os couros. AS, Serie I, *Libri di Commercio, Neroni e Salviati*, liv. 13 e liv. 18.

¹⁵⁴ DE ROOVER, Florence Edler; CORTI, Gino – “Andrea Banchi, setaiolo Fiorentino del Quattrocento”. *Archivio Storico Italiano*, Vol. 150 (1992) 900.

¹⁵⁵ Na recolha levada a cabo por Bruno Dini sobre os produtores de seda ativos em Florença em 1451-53 e 1461-62, Francesco di Nerone está presente e ocupa o sétimo lugar de capacidade produtiva na década de 60 (DINI, Bruno – *Manifattura, commercio (...)*, 15-18).

ibérica, um sector de atividade tradicional na sua família, como verificámos, e ainda matérias-primas tintórias essenciais para a indústria têxtil florentina.¹⁵⁶

¹⁵⁶ SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 414. BOSCHETTO, Luca – “Tra Firenze e Napoli (...)”, 699.

3. Atividade Comercial da Companhia Neroni com a Península Ibérica

Este capítulo tem como foco a análise da atividade comercial estabelecida pela companhia Neroni de Pisa com a Península Ibérica, na segunda metade do século XV. Uma das primeiras questões que se coloca é o porquê de o nosso estudo incidir na totalidade das relações comerciais com o espaço ibérico e não apenas com Portugal. Durante o desenvolvimento do nosso projeto, e ainda numa abordagem inicial do conjunto das fontes em estudo, foi-nos possível perceber uma gradual especialização dos negócios desta companhia com o espaço ibérico. Para além disso, a nossa opção por uma abordagem alargada, e não apenas centrada em Portugal, está relacionada com o facto de se considerar que uma visão de conjunto, que contemple a articulação das redes mercantis e dos múltiplos interesses comerciais, permitirá elucidar melhor sobre a real importância de Portugal e dos agentes económicos portugueses no contexto do comércio internacional do Mediterrâneo Ocidental.

A companhia pisana de Francesco di Nerone estabeleceu relações comerciais com outras praças fora da Península Ibérica. De uma forma sumária, quando atentamos nas contas de mercadorias registadas nos livros da companhia, identificamos dois grandes espaços de atuação, se bem que de dimensões diferentes. O espaço geográfico do Mediterrâneo foi aquele no qual encontrámos uma maior aposta por parte desta companhia. Aqui, destacaram-se as relações comerciais estabelecidas com a Sicília e a Sardenha, o Levante e a Península Ibérica, que serviu ainda de plataforma de acesso às mercadorias oriundas do Norte de África e da Irlanda, como vamos poder verificar. O segundo espaço, de dimensão mais reduzida, era o Norte da Europa, com importações sobretudo de Inglaterra, de lã e de panos de lã. Quanto às mercadorias, a primeira imagem que temos, e que vai ao encontro do perfil desta companhia de Francesco di Nerone, é a de que estamos perante matérias-primas essenciais às principais indústrias toscanas: as produções têxteis, de lã e de seda; e os curtumes. Os demais produtos, apesar da sua importância, constituem referências mais pontuais. As exportações, por

sua vez, verificaram-se sobretudo para outras cidades e praças pertencentes à Península Itálica, apesar de também encontrarmos, de forma mais residual, envios de mercadorias para o exterior.

Tendo em conta estas breves notas, o presente capítulo incidirá no comércio de importação com a Península Ibérica. Inicia-se com a análise das mercadorias mais expressivas no conjunto destas relações, procurando-se determinar o volume de cada negócio, os mercadores envolvidos e os preços praticados nas diferentes cidades, bem como perceber se existiu uma especialização e uma evolução no comércio de cada um destes produtos. Findo este ponto da atividade importadora da companhia, debruçar-nos-emos sobre os registos de que dispomos sobre a exportação de mercadorias para a Península Ibérica. Ambos os pontos, em conjunto com os respetivos balanços, permitir-nos-ão caracterizar e definir o perfil comercial da companhia Neroni de Pisa no contexto das relações com o espaço geográfico por nós definido. De referir que, dentro deste capítulo sobre a atividade comercial, dedicaremos ainda um ponto ao transporte das mercadorias, no qual procuramos identificar quem realizou o transporte, quais as embarcações utilizadas e quais os custos associados.

Antes de avançarmos, há um aspeto que desejamos esclarecer. Apesar de se tratar das atividades de importação e exportação realizadas por uma companhia comercial em particular, os negócios podiam ser estabelecidos sob três formas distintas:

- a) negócios próprios;
- b) negócios em sociedade;
- c) negócios à comissão.

Quando falamos de negócios à comissão, a companhia Neroni de Pisa era encarregue por outro agente económico de tratar de todos os processos relacionados com a importação e venda das mercadorias. Neste caso, o agente económico podia ser italiano ou estrangeiro, estante em Itália ou numa outra praça comercial, e, em troca, deveria pagar uma comissão à companhia Neroni pelo seu trabalho. É importante assinalar que, nos negócios nos quais a companhia Neroni é comissionada para a receção e posterior venda das mercadorias, não podemos aplicar propriamente o conceito de “importação”

já que a titularidade do processo é do operador contratante e não da companhia. A título de exemplo, em 1460, um agente português, Lopo Afonso, enviou, a partir de Lisboa, grã de Sintra à comissão para a companhia Neroni, tendo de se encarregar das despesas de envio e do pagamento do serviço à companhia comissionada.¹⁵⁷ Por sua vez, os negócios em sociedade, como o nome indica, desenrolavam-se através de sociedades que a companhia em estudo estabelecia com outros mercadores ou com outras companhias mercantis, que também podiam estar em praças distintas. Por exemplo, em 1461, a companhia Neroni de Pisa estabeleceu uma sociedade, em partes iguais, com um mercador florentino estante em Lisboa, Francesco Giuntini, para a importação de couros e grã de Portugal.¹⁵⁸ Por fim, os negócios próprios são aqueles que se desenrolaram apenas e só através da companhia Neroni, ou seja, compras e vendas diretas por parte da companhia. Por exemplo, entre 1455 e 1456, a companhia Neroni comprou diretamente a um mercador florentino em Pisa, Ridolfo di Ser Gabriello, couros oriundos de diferentes locais.¹⁵⁹ Esta divisão dos negócios em três tipologias distintas será tida em conta na análise de todas as mercadorias¹⁶⁰ e os exemplos apresentados serão observados com maior detalhe nos respetivos pontos.

¹⁵⁷ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 119.

¹⁵⁸ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 210.

¹⁵⁹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 1 e c. 223.

¹⁶⁰ A utilização desta metodologia de análise tem por base monografias sobre outras companhias comerciais, como o estudo do Banco Salviati de Pisa de Antonio Carlomagno (*Il Banco Salviati di Pisa: commercio e finanza di una compagnia fiorentina tra il 1438 e il 1489*. Pisa: Universidade de Pisa, 2009).

3.1. Comércio de importação de mercadorias com a Península Ibérica

3.1.1. Tipos de Mercadorias

3.1.1.1. Couros e Peles

a) A indústria dos curtumes em Pisa

Desde o século XIII que a indústria dos curtumes se evidenciava na vida económica da cidade de Pisa, mas foi durante o século XV que conheceu o seu ponto mais alto.¹⁶¹ A cidade reunia um conjunto de condições que favoreciam o desenvolvimento desta indústria: disponibilidade de água, proximidade de zonas florestais para a obtenção de substâncias taninas, e a ligação ao mar que sempre caracterizou Pisa como o porto de entrada de mercadorias na Toscana.¹⁶² Mesmo após a conquista de Pisa por parte da República de Florença (1406), as atividades relacionadas com os couros não conheceram o declínio que se verificou noutras atividades e assim se manteve com grande importância até meados de Oitocentos.¹⁶³ Na realidade, esta indústria também funcionou como um dos atrativos para os mercadores-banqueiros florentinos que, após a conquista da cidade, fixaram em Pisa sedes das suas companhias comerciais, tendo em conta os frutos económicos que esta atividade possibilitava, mesmo tratando-se de um produto com um valor unitário mais modesto, se compararmos com outras matérias-primas como a seda.¹⁶⁴ Para além disso, como sublinhou Mallett, no século XV verificou-se até um apoio dos mercadores florentinos estantes em Pisa aos grupos profissionais que se dedicavam ao trabalho dos couros.¹⁶⁵ De facto, se recordarmos o percurso de Francesco di Nerone, com o estabelecimento da sua companhia em Pisa,

¹⁶¹ BERTI, Marcello – "L'Industria Pisana agli inizi del Trecento". In *Lana, Panni e Strumenti Contabili nella Toscana Bassomedievale e della prima Età Moderna*, Lucca: Istituto Storico Lucchese, 2000, 16. TOGNETTI, Sergio – "Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)", 18. TANGHERONI, Marco – "Note sull'industria conciaria a Pisa nel medioevo". in GENSINI, S. (ed.) – *Il cuoio e le pelli in Toscana: produzione e mercato nel tardo medioevo e nell'età moderna*, San Miniato: Pacini Editore, 2000, 60.

¹⁶² ANTONI, Tito – "I costi industriali di un'azienda conciaria della fine del Trecento (1384-1388)". *Bollettino storico pisano*, 42 (1973) 9-10.

¹⁶³ *Idem*, 10.

¹⁶⁴ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, 323.

¹⁶⁵ MALLETT, Michael – "Florence and Pisa in the Fifteenth Century: aspects of the period of the first Florentine domination". In RUBINSTEIN, N. (ed.) – *Florentine Studies. Politics and Society in Renaissance Florence*, Londres: Faber, 1968, 423.

podemos considerar que a sua atuação foi, de certa forma, neste sentido já que, como vamos verificar, se dedicou de uma forma ativa ao negócio dos couros na cidade.

Os mesteres ligados ao trabalho do couro eram os mais numerosos na cidade desde o século XIII e, no *catasto* de 1428-29¹⁶⁶, o segundo contribuinte mais abastado de Pisa era um *cuoiaio* (curtidor)¹⁶⁷. Nos inícios do século XIV, este grupo profissional tinha publicado um regulamento que visava proteger e regular a sua atividade: *il breve dell'università dei coiai*.¹⁶⁸ Os registos alfandegários da praça pisana mostram-nos que chegavam a esta praça couros das mais variadas origens – num documento de 1315, Bruno Dini identificou 104 portos e centros fornecedores que se estendiam do Mediterrâneo à Noruega, passando pelo Atlântico.¹⁶⁹ Mas, chegados ao século XV, os couros ibéricos evidenciaram-se, com uma especial incidência dos couros portugueses e irlandeses, em simultâneo com um aumento da presença das embarcações portuguesas.¹⁷⁰ Este protagonismo dos couros ibéricos não se verificou exclusivamente na cidade de Pisa, mas observou-se um pouco por todo o Mediterrâneo. Nesta centúria, registou-se uma diminuição do fluxo dos couros do Norte de África, ao mesmo tempo que aumentavam os fornecimentos dos mercados ibéricos.¹⁷¹ Nas palavras de Roser Salicrú i Lluçh, no Mediterrâneo Ocidental de Quatrocentos, os couros bovinos ibéricos eclipsam por completo os couros magrebins e uma das grandes novidades foi a importação de couros andaluzes, galegos e portugueses.¹⁷² Na opinião de Jacques Heers, um dos fatores para esta mudança estava relacionado com a qualidade dos couros. Os de qualidade mais elevada eram aqueles que se obtinham em *Spagna*, em Sevilha e em

¹⁶⁶ *Catasto* é o inventário realizado pela República de Florença dos bens, móveis e imóveis, de cada pessoa com vista à cobrança de impostos. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence* (...), 504.

¹⁶⁷ MALLETT, Michael – “Florence and Pisa in the Fifteenth Century (...)”, 423. TOGNETTI, Sergio - “Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)”, 19-20.

¹⁶⁸ BERTI, Marcello – “L'Industria Pisana (...)”, 16-17.

¹⁶⁹ DINI, Bruno – “Il commercio dei cuoi (...)”, 72.

¹⁷⁰ TOGNETTI, Sergio – “Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)”, 20. Empreendemos uma breve análise, com base nos registos desta companhia, sobre a presença dos portugueses no Mediterrâneo: CARDOSO, Ana Clarinda – “Redes comerciais (...)”, 9-33.

¹⁷¹ SALICRÚ I LLUCH, Roser – “Los cueros bovinos (...)”, 173-174.

¹⁷² *Idem*, 200.

Portugal; já os couros do Norte de África eram de qualidade inferior.¹⁷³ Por *Spagna*, designação utilizada pelos próprios mercadores nos livros de contabilidade da companhia, mas também noutros registos de outros mercadores italianos, entenda-se a extensa costa mediterrânica da atual Espanha.

Lisboa “vero e proprio emporio del cuoio” – é assim que Carlomagno caracteriza a cidade portuguesa na atividade de exportação de couros para o Mediterrâneo.¹⁷⁴ No entanto, já anteriormente, Federigo Melis chamava a atenção para o papel de Lisboa no conjunto das relações comerciais desta mercadoria com destino ao porto de Livorno.¹⁷⁵ A partir de Lisboa, eram enviados para Pisa couros portugueses e couros irlandeses, que tinham na praça portuguesa a sua principal redistribuidora para o Mediterrâneo ocidental. São vários os trabalhos que têm vindo a contribuir para o conhecimento do papel de Lisboa no comércio internacional de couros através da análise dos livros de contas de companhias comerciais toscanas, ou de agentes florentinos em concreto. Marcello Berti realizou uma primeira abordagem aos fundos das companhias Da Colle e Neroni, presentes no Arquivo Salviati de Pisa¹⁷⁶; Sergio Tognetti dedicou a sua investigação, sobretudo, ao fundo da companhia comercial Cambini¹⁷⁷; Antonio Carlomagno elaborou uma análise de fundo dessas operações relativas ao Banco Salviati de Pisa¹⁷⁸; Francesco Guidi-Bruscoli incidiu num agente da companhia Cambini em particular estante em Lisboa, Bartolomeo Marcchioni¹⁷⁹; e Joana Sequeira tem dedicado a sua investigação a aprofundar os dados disponíveis no fundo da companhia Da Colle¹⁸⁰. O presente trabalho, por sua vez, pretende explorar com maior detalhe os fundos da companhia Neroni de Pisa.

¹⁷³ HEERS, Jacques – “Il commercio nel Mediterraneo alla fine del sec. XIV e nei primi anni del XV”. *Archivio Storico Italiano*, Vol. 113/2 (1955) 199.

¹⁷⁴ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 326.

¹⁷⁵ MELIS, Federigo – “Di alcune figure (...)”, 10.

¹⁷⁶ BERTI, Marcello – “Le aziende da Colle (...)”, 57-106.

¹⁷⁷ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*.

¹⁷⁸ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, passim.

¹⁷⁹ GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Bartolomeo Marchionni (...)*.

¹⁸⁰ SEQUEIRA, Joana – “Comprar, organizar e expedir: mercadores pisanos no negócio internacional dos couros portugueses e galegos no século XV”. *eHumanista* 38 (2018), 131-145.

b) Tipo de couros transacionados, quantidades e preços

Antes de avançarmos para uma análise pormenorizada das operações de importação de couros, tendo em conta o tipo de negócio, vamos esboçar um quadro geral do conjunto destas operações, procurando responder às seguintes questões: quantos couros foram transacionados, de que origem e a que preços?

Entre 1454 e 1461, a companhia pisana de Francesco di Nerone transacionou 39 650,5 peças de couros (Tabela 3)¹⁸¹. Por “couros” entenda-se a pele proveniente do gado bovino¹⁸², diferenciado nos livros desta companhia entre “couro” (de um animal adulto) e “vitelo” (de um animal mais jovem). Em algumas operações, dispomos de indicações que nos permitem considerar que se tratou de importação de couros sem qualquer tipo de tratamento preparatório: couros ainda com pêlos (*cuoia pilose*) e outras que nos dão conta de que os mesmos chegaram a Pisa ainda “verdes”¹⁸³.

Tabela 3 - Quantidades de couros transacionados pela companhia Neroni de Pisa, 1454-1461

Tipo de Couro	Quantidade	
	(em peças)	(em %)
Couro bovino adulto	35 870,5	90%
Couro de vitelo	2273	6%
Couros de bovino adulto e de vitelo*	1507	4%
TOTAL	39 650,5	100%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6, 13-22.

*Tivemos de considerar em conjunto, pois na fonte não temos a diferenciação das quantidades.

¹⁸¹ Não deixa de ser um valor impressionante tendo em conta os anos para os quais dispomos de dados (1454-61), ao contrário do Banco Salviati de Pisa que, em 46 anos de atividade, transacionou 27 866 peças de couros na totalidade e não apenas oriundas do mercado ibérico. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa* (...), t. I, 326.

¹⁸² Sempre que nos referirmos a “couros” estamos a falar de gado bovino. Caso contrário, faremos diferenciação.

¹⁸³ Não podemos esquecer que os couros são uma substância orgânica e, com o tempo de uma viagem de uma praça ibérica para Pisa, somado à inexistência de um tratamento prévio, podiam iniciar o processo de decomposição.

Como podemos verificar na Tabela 3, a esmagadora maioria dos couros importados por esta companhia para Pisa foram couros de animais adultos. A linha “couros de bovino adulto e de vitelo” teve de ser considerada em conjunto pois no registo da operação não foi efetuada uma separação das quantidades, impossibilitando-nos de perceber qual a quantidade de cada um dos produtos. Esta separação, aparentemente por idade, estava relacionada com a dimensão e espessura dos couros. Isto é, uma peça de couro de um animal adulto seria de um tamanho superior ao de um vitelo, o que teria reflexos, por exemplo, nos preços praticados, como veremos mais adiante.

Para além desta diferenciação, a grande distinção dos couros importados por esta companhia pisana, tal como noutras companhias congéneres, realizava-se através da identificação do local de origem da matéria-prima. Na Tabela 4, sumariamos as origens dos couros importados através da Península Ibérica tendo em conta o seu local de proveniência.

Tabela 4 - Origem dos couros transacionados pela companhia Neroni de Pisa, 1454-1461

Origem dos Couros	Quantidade	
	(em peças)	(em %)
Lisboa	24 527,5	62%
Irlanda	8515	22%
<i>Portogallo e Spagna*</i>	3259	8%
Sevilha	2065	5%
Norte de África (via Barcelona e Valência)	897	2%
Galiza	387	1%
TOTAL	39 650,5	100%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6, 13-22.

*A conta que identifica os couros como de *Portogallo e Spagna* é uma conta única, do primeiro livro mastro, e não nos permite distinguir as duas áreas geográficas.

Atentando na tabela, há um destaque evidente: quase dois terços dos couros transacionados pela companhia Neroni eram portugueses (62%), os denominados

couros de Lisboa. Para além disto, com base no Gráfico 1, percebemos que se tratou de um fluxo de importação constante ao longo dos vários anos de atividade, apesar das evidentes oscilações no que respeita às quantidades e com a exceção do ano de 1459. Apesar de não sabermos o que terá motivado a ausência de dados para este ano em concreto, podemos tentar perceber tendo em conta um fator externo e um interno. Ao longo do período de atividade da companhia em estudo, as embarcações portuguesas, como vamos poder verificar com mais detalhe no ponto dos transportes, tiveram um papel de grande relevo enquanto transportadores das mercadorias transacionadas.¹⁸⁴

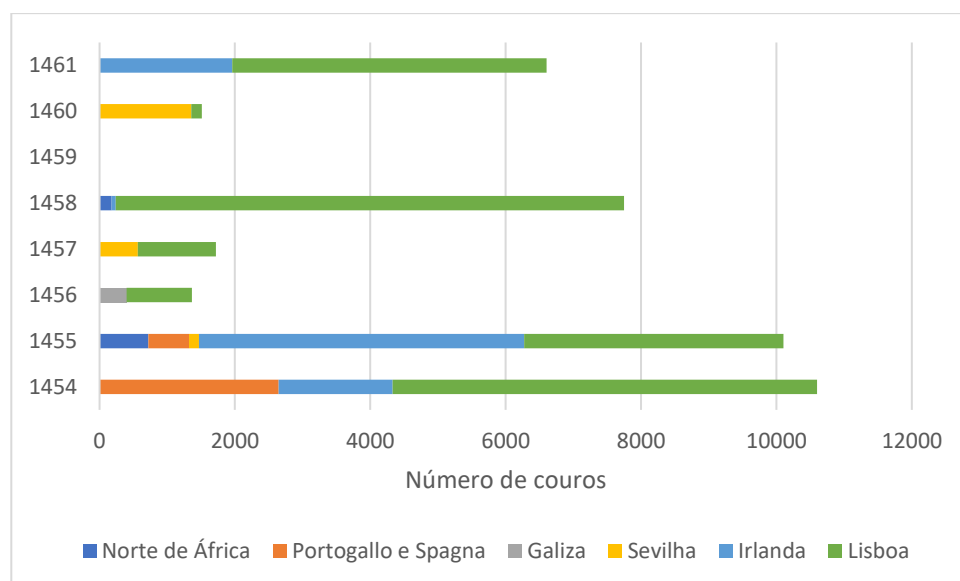
Em segundo lugar, do ponto de vista da quantidade importada, encontramos os couros provenientes da Irlanda que, como foi referido, eram enviados para Pisa através de Lisboa. Verificamos que Lisboa assumia um duplo papel nas trocas comerciais desta mercadoria: fornecedora de couros portugueses e redistribuidora de couros irlandeses; ou seja, aos armazéns da praça portuguesa chegavam couros adquiridos pelos agentes portugueses na Irlanda, que eram posteriormente vendidos aos mercadores italianos¹⁸⁵. Os couros irlandeses, tal como os couros portugueses, estiveram presentes em quase todos os anos de atividade (Gráfico 1). Podemos concluir que a constante dos couros irlandeses estava relacionada com a constante dos couros portugueses, ou seja, a sua importação para Pisa beneficiou da sua associação direta a Lisboa. Contudo, se atentarmos noutros mercados, que não exclusivamente Pisa, verificamos que, na segunda metade do século XV, os couros da Irlanda representaram uma novidade nas importações de couros em Génova que chegavam através de Lisboa¹⁸⁶.

¹⁸⁴ CARDOSO, Ana Clarinda – “Redes comerciais (...)”, 9-33.

¹⁸⁵ SEQUEIRA, Joana – “Michele da Colle (...)”, 24. TOGNETTI, Sergio – “Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)”, 28.

¹⁸⁶ SALICRÚ I LLUCH, Roser – “Los cueros bovinos (...)”, 184. HEERS, Jacques – “L'Expansion Maritime Portugaise (...)”, 5-33.

Gráfico 1 - Couros transacionados pela companhia Neroni de Pisa, por ano de atividade e origem dos couros, 1454-1461



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6, 13-22.

Os couros identificados como de *Portogallo e Spagna* surgem em terceiro lugar do ponto de vista das quantidades (Tabela 3). No registo das operações destes couros não foi efetuada uma separação por origem geográfica. Um aspeto curioso em relação à denominação, *Portogallo e Spagna*, é o facto de a mesma começar a deixar de ser utilizada a partir de 1455 (Gráfico 1), um pequeno pormenor que pode ser indicativo de uma progressiva especialização no trato desta mercadoria e a um aumento do conhecimento sobre os mercados, que se traduz numa maior clareza na designação e diferenciação das origens dos couros.

Provenientes do reino de Castela, temos os couros de Sevilha (5%) e da Galiza (1%). Os couros sevilhanos surgem em apenas três anos (1455, 1457 e 1460); por sua vez os couros da Galiza surgem apenas no ano de 1456, mas em três operações (Tabela 4 e Gráfico 1). Das praças de Barcelona e Valência, por outro lado, encontramos o envio de couros oriundos do Norte de África, salientando-se o papel destas praças ibéricas como redistribuidoras das mercadorias que chegavam do Magreb. No ano de 1455, temos a operação de importação destes couros através de Barcelona e, no ano de 1458,

estes couros norte-africanos foram adquiridos através de agentes presentes na praça valenciana (Gráfico 1).

Atentando ainda no Gráfico 1 e nas diferenças de números de couros transacionados ao longo dos anos, não deixa de ser curioso considerar a quantidade de registos de que dispomos para estas operações em cada um dos quatro livros *mastri*. Assim, para o primeiro livro, que compreende os anos de 1454 a 1456, contamos com 403 registos de negócios de couros. No segundo livro, de 1456 a 1457, o número reduz para mais de metade: 166 registos. Uma queda que também se verifica nos dois *mastri* seguintes: 100 registos para o livro com as operações entre 1458 e 1459; e 64 registos para o livro que abarca os anos de atividade da década de 60. Ou seja, à redução nos registos corresponde uma diminuição nas quantidades de couros transacionados.

Apesar de o nosso trabalho incidir apenas sobre os couros que estavam diretamente relacionados com a Península Ibérica, fosse como local de origem da matéria-prima, fosse como ponto de comercialização, a verdade é que estes couros não foram os únicos que a companhia Neroni de Pisa importou durante a sua atividade. No ano de 1455, aos couros que aqui referimos, a companhia somou mais 238 peças de couro da Sicília; e, em 1458, 772 couros provenientes da Sardenha. Todavia, se ponderarmos os valores de todos estes couros em conjunto, salienta-se ainda mais o protagonismo dos couros portugueses no conjunto das operações de importação desta matéria-prima para Pisa por parte da companhia Neroni. Se vírmos outras companhias, como o Banco Salviati de Pisa, verificamos que os couros ibéricos representaram apenas 36%, seguidos dos couros norte-africanos (28%) e dos irlandeses (18%). Todavia, voltando ainda aos valores sistematizados por Carlomagno, é possível perceber que nos 46 anos de atividade do Banco Salviati os couros oriundos da Sicília e da Sardenha tiveram uma maior representatividade do que no caso da companhia pisana de Francesco di Nerone¹⁸⁷. Ainda assim, o protagonismo dos couros portugueses no conjunto das operações da companhia Neroni de Pisa não foi um exclusivo. Observando os valores de couros comercializados pela companhia florentina Cambini para a segunda

¹⁸⁷ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 326.

metade do século XV, é notório o grande número de peças de couros fornecidas através de Portugal, tanto portugueses como irlandeses¹⁸⁸. No entanto, se compararmos os valores da companhia Cambini e da Neroni para os mesmos anos (1459, 1460 e 1461), esta última é largamente ultrapassada pela primeira nos dois primeiros anos (Tabela 5). Apenas no ano de 1461 é que a companhia Neroni ultrapassa ligeiramente chega perto os valores transacionados pela companhia Cambini.

Tabela 5 - Couros portugueses e irlandeses transacionados pelas companhias Cambini de Florença e Neroni de Pisa, 1459-1461

	Companhia Cambini de Florença (peças)			Companhia Neroni de Pisa (peças)			
Couros (origem)	1459	1460	1461	Couros (origem)	1459	1460	1461
Lisboa	2980	2372	5417	Lisboa	0	156	1961
Irlanda	2183	1863	1120	Irlanda	0	0	4644
TOTAL	5163	4235	6537	TOTAL	0	156	6605

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 13-22. TOGNETTI, Sergio - "Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)", 40.

De certo modo, podemos interpretar estas diferenças tendo em conta que a companhia Cambini usufruiu de uma presença antiga e constante de agentes de atuação direta em Lisboa: desde a década de 20 do século XV, Bartolomeo Iacopo di Ser Vanni¹⁸⁹; seguido de Giovanni Guidetti a partir de 1453, identificado como um dos maiores correspondentes dos Cambini em Lisboa¹⁹⁰; e, posteriormente, Bartolomeo Marchionni em Portugal desde 1470¹⁹¹. Ao contrário da companhia Neroni, que apenas conhece a mesma situação a partir da década de 60 do século XV através de Michele da Colle¹⁹².

¹⁸⁸ TOGNETTI, Sergio – "Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)", 40.

¹⁸⁹ RAU, Virginia – "Bartolomeo di Iacopo di Ser Vanni (...)", 97-98.

¹⁹⁰ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini* (...), 75. Na nossa dissertação de mestrado elaborámos uma breve nota biográfica sobre este mercador florentino em Lisboa: CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle* (...), 214-216.

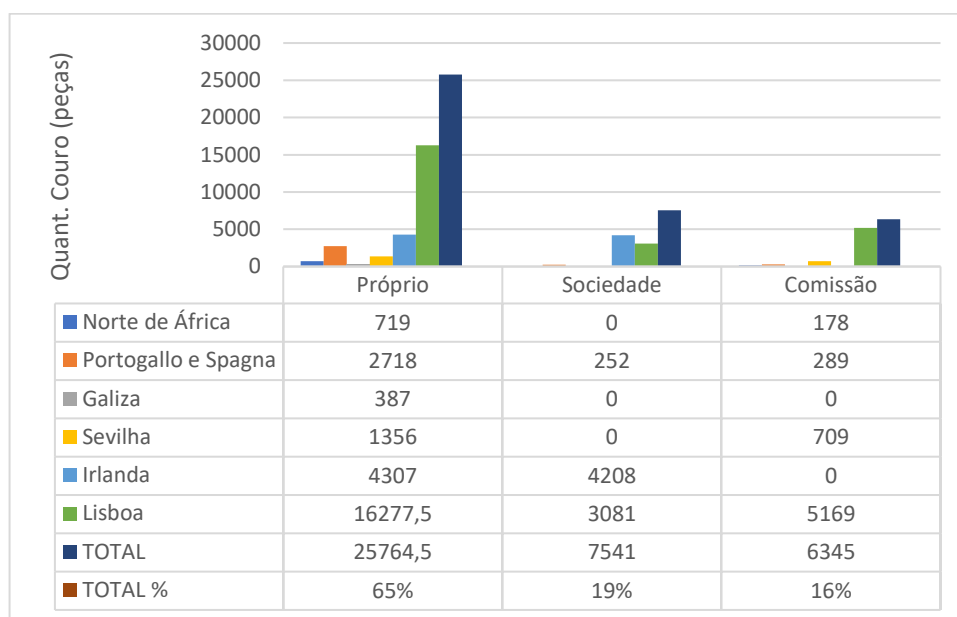
¹⁹¹ GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Bartolomeo Marchionni* (...), 8.

¹⁹² CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle* (...), 44.

Recordemos apenas que Michele era filho de Iacopo da Colle, mercador com quem Francesco di Nerone estabeleceu um acordo para o comércio dos couros em Pisa¹⁹³.

Como dissemos no ponto introdutório deste capítulo, o estudo da importação das mercadorias, e no caso concreto dos couros, tem de ter em conta o tipo de negócio, que se divide, como referimos, em três tipologias: as aquisições próprias, as aquisições em sociedade e os negócios à comissão. Assim, examinando o Gráfico 2, do ponto de vista das quantidades de couros movimentadas, as aquisições próprias da companhia Neroni foram as que conheceram um maior movimento neste comércio: 65% do conjunto total.

Gráfico 2 - Quantidades de couros importadas pela companhia Neroni de Pisa, por tipo de negócio, 1454-1461



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6, 13-22.

Em segundo lugar, temos as aquisições em sociedade (19%), seguidas das operações à comissão (16%). Por sua vez, quando analisamos as origens dos couros, as aquisições próprias sobressaem, novamente, pela maior variedade de origens desta

¹⁹³ *Idem*, 44-45, 148 e 204. SEQUEIRA, Joana – “Michele da Colle (...)”, 23.

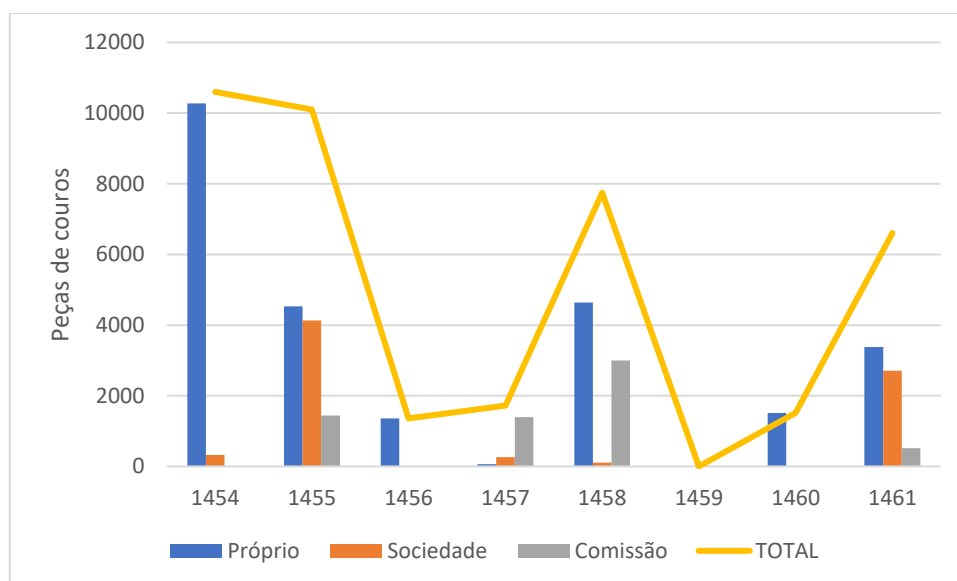
mercadoria, apesar do claro domínio dos couros provenientes de Lisboa. Nas operações em sociedade temos uma ausência de couros de Sevilha, da Galiza e oriundos do Norte de África, mas verifica-se um maior interesse pelos couros irlandeses. Por sua vez, nas operações comissionadas temos uma ausência dos couros da Irlanda e, tal como na anterior, dos couros galegos; e, novamente, a maior quantidade de couros enviados à comissão foram os couros de Lisboa.

Observando o Gráfico 3, no qual procuramos analisar as transações de couros para a companhia Neroni por tipo de negócio e ao longo dos anos de atividade, além de ser notória a expressividade das aquisições próprias por parte da companhia, verificamos que as mesmas parecem ser o motor destas transações. Quando os negócios próprios conhecem uma diminuição, o mesmo parece verificar-se nas outras duas tipologias de negócios (com exceção do ano de 1457). Não podemos deixar de salientar a quebra que se verificou do ano de 1454 para 1455, não tendo voltado aos valores do primeiro ano, bem como a ausência de importações no ano de 1459. Como vamos poder analisar com mais detalhe ao longo deste trabalho, esta quebra coincide com a ausência de relações comerciais e financeiras entre a companhia Neroni de Pisa e dois agentes portugueses: Lopo Afonso e Lourenço Caldeira. Nos finais da década de 50 do século XV, ambos estavam em Pisa, tendo viajado de regresso a Lisboa por volta de 1459, e ressurgindo nos negócios com a companhia em estudo já na década de 60¹⁹⁴, como vamos poder observar ao longo deste trabalho. Todavia, seria interessante considerar uma análise mais alargada sobre estes períodos de quebras por forma a perceber se seriam questões particulares de cada companhia comercial, ou relacionadas com aspetos externos. De facto, quando vemos os valores de couros importados pelo Banco Salviati de Pisa é possível percebermos uma mesma diminuição nos valores desta matéria-prima no mesmo período¹⁹⁵.

¹⁹⁴ RAU, Virgínia – *Portugal e o Mediterrâneo no século XV (...)*, 14-15.

¹⁹⁵ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 325-26.

Gráfico 3 - Importação de couros pela companhia Neroni de Pisa, por ano e por tipo de negócio



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6, 13-22.

No caso dos negócios em sociedade com outros mercadores e outras companhias comerciais, apesar de esta tipologia de negócio estar em segundo lugar na quantidade de couros movimentados, verificamos que estes negócios se concentraram, sobretudo, em 1456 e em 1461. Por fim, no que diz respeito aos negócios à comissão, a sua presença esteve mais diluída ao longo do período de atividade, com ausência a verificar-se nos anos de 1454 e 1460.

Depois desta abordagem centrada nos tipos de couros e na origem dos mesmos, para complementar este panorama geral da atividade relacionada com a importação de couros, falta-nos analisar os preços. Como indicámos no ponto dedicado à metodologia, tendo em conta que estamos a observar os registos contabilísticos de uma companhia comercial e financeira sediada em Pisa, cidade pertencente à República de Florença, a unidade monetária utilizada era o florim (*fiorino di sugello*).

Como se comportaram os preços dos couros importados ao longo dos anos de atividade da companhia no mercado ibérico para a aquisição desta mercadoria? Uma análise tendo por base os preços unitários de cada peça de couro transacionada pela

companhia Neroni de Pisa afigura-se essencial. Todavia, esta abordagem comporta algumas dificuldades e limitações. Em determinadas operações é-nos impossível apurar os valores por unidade, já que algumas não permitem a separação de outros valores envolvidos e inerentes à atividade, como por exemplo o pagamento de impostos e despesas com o transporte das mercadorias. Além disso, como já tivemos oportunidade de verificar, apesar de dispormos de operações de couros oriundos de diferentes regiões, apenas na importação dos couros de Lisboa se verifica uma regularidade e continuidade temporal. Desta forma, uma interpretação da flutuação dos valores ao longo dos anos em análise só se afigura exequível para os couros de Lisboa.

Assim, na Tabela 6 reunimos os dados de que dispomos para os preços, por unidade de peça de couro, entre os anos de 1454 e 1461, organizando-os em três colunas: o menor e o maior valor cobrado por peça de couro, tendo em conta a sua origem; e uma coluna final com o valor médio verificado para cada.

Tabela 6 - Amplitude e média dos preços (em florins *di sugello*) nas transações de couros pela companhia Neroni de Pisa, 1454-1461

Origem dos Couros	Preço mínimo por unidade	Preço máximo por unidade	Preço médio por unidade
Norte de África	0.8.0	0.14.4	0.11.2
<i>Portogallo e Spagna</i>	1.5.6	1.19.4	1.12.5
<i>Portogallo e Spagna</i> (vitelos)	0.8.7	0.11.9	0.9.9
Galiza	0.14.10	1.6.4	1.1.1
Irlanda	0.7.7	0.18.7	0.10.1
Irlanda (couros e vitelos)	0.8.6	0.8.6	0.8.6
Lisboa	0.9.7	2.16.4	1.11.8
Sevilha	1.6.9	1.15.4	1.12.6

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6, 13-22.

* O florim divide-se em: florim, soldos e dinheiros (1=20=12).

De uma forma geral, parece-nos existir alguma uniformidade nos valores dos couros que chegaram à companhia pisana de Francesco di Nerone, apesar de se verificarem algumas oscilações¹⁹⁶. Ainda dentro desta análise dos preços da mercadoria, seria interessante uma observação comparativa com outras companhias congéneres. No caso do Banco Salviati de Pisa e da companhia Cambini torna-se impossível a comparação dos valores, pois o registo das operações de importação de couros oriundos da Península Ibérica era realizado na unidade de medida *cantaro*¹⁹⁷. No caso da companhia Neroni, os couros eram registados por peça, como já referimos. Carlomagno, na sua análise das operações relativas a esta matéria-prima, chama a atenção para o facto de, até meados dos anos 50 do século XV, o couro de *Spagna* ter uma qualidade ligeiramente superior aos restantes; situação que se altera na segunda metade do século, com os couros portugueses a conhecerem valores superiores¹⁹⁸. Por outro lado, e voltando aos dados disponíveis para a companhia Cambini, é-nos possível perceber que os preços dos couros irlandeses são semelhantes àqueles que encontramos nos registos da companhia Neroni de Pisa¹⁹⁹.

c) Fornecedores de couros

Depois de termos visto as quantidades de couros que chegam, da Península Ibérica, à companhia pisana de Francesco di Nerone, cumpre responder à questão: quem eram os fornecedores desta mercadoria?

Começamos pelas operações de aquisição própria. Observando o Gráfico 4, verificamos uma forte presença dos mercadores italianos (genoveses e, sobretudo, florentinos), no fornecimento direto de couros à companhia Neroni de Pisa (76,25%). Para além de fornecerem a grande maioria de couros em aquisição própria e de se evidenciarem pela variedade de origens de couros fornecidos, quando atentamos na

¹⁹⁶ Ver tabela detalhada dos preços por ano em anexo (tabela Anexo 5).

¹⁹⁷ Um *cantaro* equivalia a 49kg. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 326-27. TOGNETTI, Sergio – "Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)", 49.

¹⁹⁸ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 327.

¹⁹⁹ TOGNETTI, Sergio - "Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)", 49.

localização destes mercadores florentinos, verificamos que estavam sediados em Barcelona, Lisboa, Pisa e Florença. No caso de Barcelona tratou-se do fornecimento de couro oriundo do Norte de África através de um dos principais membros da rede comercial e financeira de Francesco di Nerone: Filippo Pierozzi, mercador florentino agente da companhia Cambini de Florença²⁰⁰. Em relação a Lisboa, apesar de os mercadores florentinos se terem destacado no fornecimento de couros oriundos desta praça, a sua presença enquanto fornecedores efetivamente sediados em Lisboa fez-se sentir através de duas figuras: Cosimo Boni e Francesco Giuntini, ambos estantes em Portugal desde meados do século XV. Giuntini mantinha ainda relações comerciais e financeiras com mercadores da companhia Cambini e da companhia Da Colle, nomeadamente Michele da Colle, que, na década de 60 do século XV, abriu uma filial da companhia em Lisboa e que, por sua vez, era também associado e correspondente da companhia Neroni de Pisa.²⁰¹ A ligação entre Giuntini e os Da Colle fez-se sentir, ainda, numa operação conjunta de compra e exportação de couros portugueses para Pisa na década de 60 do século XV²⁰². Todavia, a maior expressividade dos mercadores florentinos pertence àqueles que se encontravam sediados em Pisa e em Florença, representando 91,7% dos couros fornecidos por este grupo de mercadores. Na verdade, este conjunto de operações estava concentrado num grupo muito particular. Este grupo era composto pelo próprio Francesco di Nerone, através da sua companhia em Florença²⁰³; Iacopo da Colle, fundador da companhia Da Colle e ligado a Nerone no comércio dos couros; dois membros da família Berardi, e Ridolfo di Ser Gabriello. Morador em Pisa desde 1438 e beneficiando de uma série de isenções fiscais, Ridolfo di Ser Gabriello fora um mercador florentino com um grande conhecimento da praça

²⁰⁰ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini* (...), 224.

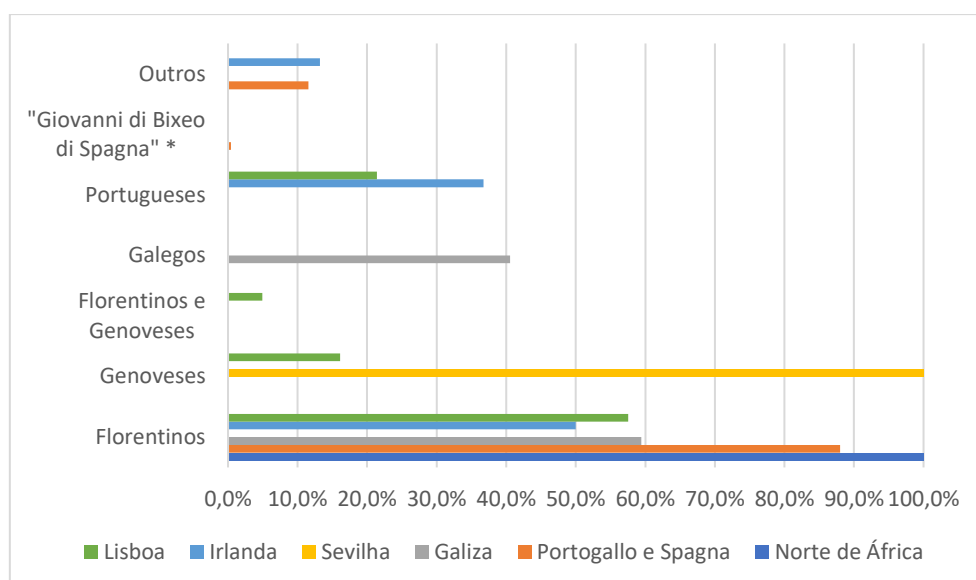
²⁰¹ DAMAS, Judite – *Italianos em Portugal nos séculos XIII a XV (1278-1460). Elementos para o seu estudo*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1971. Dissertação de Licenciatura, 80-81. ALESSANDRINI, Nunziatella – “A comunidade florentina em Lisboa (1481-1557)”. *Clio*, nova série, 9 (2003) 67. CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle* (...), 77, 84, 85, 90, 108, 109, 110, 132, 221. TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini* (...), 143-144. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – “Da comprimari a protagonisti (...)”, 70.

²⁰² SEQUEIRA, Joana – “Comprar, organizar e expedir (...)”, 134.

²⁰³ Desta companhia sediada em Florença de Francesco di Nerone apenas chegou até nós um livro mastro, como já referido no ponto relativo às fontes, impossibilitando-nos de perceber quem terá sido o fornecedor inicial desta mercadoria.

pisana, nas palavras de Carlomagno, facto que o levava a ser escolhido como um dos sócios do Banco Salviati de Pisa entre 1446 e 1449²⁰⁴. Contemporâneas das operações de fornecimento de couros para a companhia Neroni, foram as operações deste mercador enquanto fornecedor de couros e lãs para a companhia Cambini, sendo até um dos principais correspondentes desta companhia em Pisa.²⁰⁵ A exceção a este domínio dos mercadores florentinos encontra-se na importação de couros de Sevilha, fornecidos por um mercador genovês estante em Pisa, Azolino Spinola²⁰⁶.

Gráfico 4 - Fornecedores de couros em aquisição própria pela companhia Neroni de Pisa, por tipo de couro, 1454-1461



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6, 13-22.

* Não dispomos de mais dados que nos permitam identificar a origem ao certo deste fornecedor.

Como já referimos, a praça de Lisboa exportava couros portugueses e funcionava como redistribuidora de couros irlandeses. Analisando apenas os dados relativos às aquisições próprias de couros exportados através de Lisboa, ou seja, as vendas diretas

²⁰⁴ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa* (...), t. I, 62-65. HOSHINO, Hidetoshi – *L'arte della lana in Firenze nel basso Medioevo*. Firenze: L. S. Olschki, 1980, 249. TOGNETTI, Sergio - "Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)", 26 e 31.

²⁰⁵ HOSHINO, Hidetoshi - *L'arte della lana* (...), 249. TOGNETTI, Sergio - "Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)", 26, 31 e 41.

²⁰⁶ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 55.

de couros portugueses e irlandeses, os mercadores italianos forneceram mais de metade destes couros, com o destaque dos florentinos neste conjunto de operações. Por sua vez, os agentes portugueses foram os responsáveis por apenas 21,4% dessas exportações. Optamos pela designação de “agentes”, pois para além de mercadores, como Lourenço Caldeira e Lopo Afonso, temos um conjunto de operações que nos falam da venda de couros por parte de patrões de embarcação portugueses e respetivos marinheiros, que se encarregaram ainda dos transportes desta mercadoria para Pisa. De sublinhar esta situação, os couros eram vistos um tipo de produto no qual pessoas de condição mais humilde apostavam para realizar um pequeno comércio.

Lourenço Caldeira, cavaleiro da Casa Real portuguesa²⁰⁷, e Lopo Afonso, escudeiro da Casa Real e recebedor da sisa da carne de Lisboa²⁰⁸, foram duas figuras portuguesas presentes nos negócios de algumas companhias comerciais florentinas com Portugal, como o caso dos Da Colle e dos Cambini, sendo que Lopo Afonso fora um dos fornecedores de couros desta última companhia entre 1459-62²⁰⁹. Ainda em relação a Lopo Afonso, importa referir que alguns dos seus fornecimentos de couros à companhia Neroni de Pisa foram realizadas através de Gil Rodrigues, identificado, em 1458, como *fattore* de Lopo Afonso, ou seja, representante assalariado, e, em 1462, como procurador do mercador português²¹⁰.

Em 1458, a companhia Neroni de Pisa compra 171 couros de Lisboa a um agente português identificado como Pedro Álvares do Porto de Portugal, mas não sabemos se este estaria na praça pisana ou na cidade do Porto, em Portugal²¹¹. Por fim, no ano de 1460 temos uma conta que nos fala do transporte de couros de Sevilha para Pisa, pertencentes a um mercador genovês nesta praça, e que foram comprados pela

²⁰⁷ SEQUEIRA, Joana – “Michele da Colle (...)”, 31-32. CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (...)*, 222.

²⁰⁸ SEQUEIRA, Joana – “Michele da Colle (...)”, 31.

²⁰⁹ TOGNETTI, Sergio – “Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)”, 41. CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (...)*, *passim*. SEQUEIRA, Joana – “Comprar, organizar e expedir (...)”, 133-134.

²¹⁰ EDLER, Florence – *Glossary of Mediaeval Terms of Business. Italian Series 1200-1600*. Cambridge, Massachusetts: The Mediaeval Academy of America, 1934, 117. AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 19, c. 29, liv. 20, c. 278.

²¹¹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 103.

companhia em estudo²¹². O transporte destes couros foi realizado por um patrão de embarcação português, Lopo Eanes, que, para além do transporte dos couros sevilhanos, levava couros de Lisboa seus que vendeu em Pisa, tal como dois dos marinheiros que o acompanhavam. Assim, numa operação que totalizou de 156 couros de Lisboa, 97 foram adquiridos a Lopo Eanes²¹³, 34 a Álvaro Fernandes e 25 a Bartolomeu Afonso, estes últimos identificados como oriundos “de Lisboa”²¹⁴. De destacar que Lopo Eanes, no mesmo ano, realizou também o transporte de couros para Pisa pertencentes à companhia florentina Cambini, colocando em evidência o papel desta personagem²¹⁵.

As parcerias estabelecidas pela companhia Neroni para a compra de couros estavam divididas em duas praças: três em Pisa e duas em Lisboa (Tabela 7). As sociedades da companhia Neroni na cidade pisana foram estabelecidas com outros mercadores aí presentes, sendo que duas destas sociedades foram constituídas com mercadores também envolvidos nas aquisições de couros próprias. Assim, formou-se uma sociedade com Ridolfo di Ser Gabriello, numa importação de couros de *Spagna e Portogallo* em 1454; e outra com Iacopo di Lippo da Colle na compra de couros de Lisboa em 1457. A terceira sociedade foi estabelecida com uma companhia identificada como *Rinieri di Pisa*²¹⁶, para uma importação de couros da Irlanda. As sociedades estabelecidas em Lisboa para a importação de couros, tal como no caso de Pisa, foram-no com mercadores com os quais Nerone estava também relacionado nos negócios em aquisição própria: o florentino Francesco Giuntini e o português Lourenço Caldeira. De uma forma geral, tal como nas operações de aquisição direta, constatamos uma forte

²¹² AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 55.

²¹³ Tendo em conta a quantidade de couros, podemos equacionar que Lopo Eanes seria um mestre-mercador?

²¹⁴ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 55.

²¹⁵ TOGNETTI, Sergio – “Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)”, 36. No ponto relativo aos transportes iremos atentar mais detalhadamente sobre a figura de Lopo Eanes. Num recente artigo, tratamos já alguns dados sobre este patrão de embarcação: CARDOSO, Ana Clarinda – “Redes comerciais (...)”, 18.

²¹⁶ Apesar de as fontes não terem mais informações sobre que companhia seria, acreditamos que se trataria da companhia de Bernardo Rinieri e Piero Neretti, uma das mais destacadas companhias comerciais de Pisa na segunda metade do século XV. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa* (...), t. I, 275.

presença dos mercadores florentinos nesse conjunto de operações, seja a partir da cidade de Pisa seja em Lisboa. Um outro aspeto comum a estas sociedades foi que as mesmas se dividiam apenas entre dois sócios, fosse um indivíduo ou uma outra companhia comercial, e a participação de cada sócio era de 50%.

No caso concreto da sociedade estabelecida com Francesco Giuntini, estamos perante uma parceria que se estabeleceu para a compra de couros e grã de Portugal, como vamos depois verificar no ponto correspondente a esta última matéria-prima. Os registos desta operação em sociedade permitem-nos também saber que o transporte destas mercadorias foi realizado por três embarcações portuguesas, identificadas como: a nave do Infante de Portugal²¹⁷, a nave de Rui Gomes e uma caravela do Porto²¹⁸.

Tabela 7 - Negócios em sociedade da companhia Neroni de Pisa para a importação de couros, por origem, 1454-1461

Praça	Sócio	Couro (em peças)		Fornecedor(es)
Pisa	& Companhia Rinieri di Pisa	Irlanda	4132	Lopo Martins, patrão de embarcação Piero Berardi de Pisa Rinieri de Pisa Cosimo Boni de Lisboa
	& Ridolfo di Ser Gabriello	Portugal e Espanha Irlanda	328	<i>più persone</i>
	& Iacopo da Colle	Lisboa	266	Lopo Martins Lourenço Caldeira
Lisboa	& Francesco Giuntini	Lisboa	2709	-
	& Lourenço Caldeira	Lisboa	106	Gil Rodrigues (Lopo Afonso)

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6, 13-22.

Ainda dentro destes negócios em sociedade, levanta-se a questão de quem foram os fornecedores de couros. No caso da sociedade com Ridolfo di Ser Gabriello, a

²¹⁷ Os registos não indicam, mas o cruzamento de dados permitiu-nos saber que era do Infante D. Fernando. CARDOSO, Ana Clarinda – “Redes comerciais (...)”, 20.

²¹⁸ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 210.

documentação apenas nos indica que a mercadoria foi comprada a várias pessoas (*a più persone*), sem particularizar²¹⁹. No caso da sociedade com a outra companhia em Pisa, os fornecedores foram: um mercador florentino estante na cidade pisana, Piero Berardi, que forneceu 2222 couros; a própria companhia Rinieri de Pisa em associação com Cosimo Boni em Lisboa (1575 couros); e, por fim, o patrão de embarcação Lopo Martins de Portugal e um marinho seu que forneceram 335 couros²²⁰. Por sua vez, os fornecedores da sociedade com Iacopo da Colle foram dois agentes portugueses: Lopo Martins e o mercador Lourenço Caldeira, o mesmo com quem Francesco di Nerone estabelece uma parceria²²¹. Em relação aos fornecedores das sociedades estabelecidas em Lisboa, apenas sabemos quem fora o fornecedor da sociedade estabelecida com o mercador português: o já referido cavaleiro-mercador Lopo Afonso, através do seu representante Gil Rodrigues, fornece a sociedade entre a companhia Neroni de Pisa e Lourenço Caldeira, tratando-se até de uma das operações que conheceu um preço mais elevado por peça de couro (2.8.3 florins *di sugello*)²²².

Em relação aos couros presentes nestes negócios em sociedade, como podemos verificar no Gráfico 2, dispomos apenas de couros oriundos de *Portogallo* e *Spagna*, de Lisboa e da Irlanda, sendo estes dois últimos os que se destacaram nas quantidades rececionadas em Pisa.

Por fim, vamos analisar as operações à comissão. Dentro desta tipologia de negócio para a importação de couros, identificámos oito fornecedores requerentes deste serviço à companhia Neroni de Pisa. Como podemos verificar na Tabela 8, o envio de couros provenientes do Norte de África foi realizado por dois mercadores florentinos em Valência, Domenico e Lorenzo di Gianni. A partir da praça sevilhana, o mercador genovês estante na cidade, Franco Cattaneo, envia couros de Sevilha. Ainda em relação

²¹⁹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 53.

²²⁰ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 264.

²²¹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 245.

²²² AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 104.

a estes couros, temos a indicação de uma entrega à comissão por Pandolfo dei Benvenuti, mas não conseguimos identificar em que praça estava sedado²²³.

Tabela 8 - Couros comissionados à companhia Neroni de Pisa de couros, por fornecedor, 1454-1461

Proprietário da Mercadoria		Tipo de Couro	Quantidade (em peças)
Nome	Praça		
Franco Cattaneo	Sevilha	Sevilha	145
Giovanni Guidetti	Lisboa	Lisboa	146
Domenico e Lorenzo di Gianni	Valência	Norte de África	178
Piero Berardi e c ^a Neroni de Florença	Pisa/Florença	Portugal e Espanha (vitelos)	289
Lourenço Caldeira	Lisboa	Lisboa	367
Pandolfo dei Benvenuti	-	Sevilha	564
Piero Berardi, c ^a Neroni de Florença e Iacopo di Lippo	Pisa/Florença	Lisboa	1004
Marco Lomellini	Lisboa	Lisboa	3652

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6, 13-22.

De Lisboa seguiram as maiores quantidades de couros enviados à comissão: do mercador genovês, em Portugal desde a década de 40 do século XV, Marco Lomellini²²⁴, seguiram 3652 couros; do mercador Lourenço Caldeira foram enviados 386 couros; e do mercador florentino Giovanni Guidetti seguiram 146 couros. Referido por Tognetti como um dos maiores correspondentes do Banco Cambini na praça de Lisboa no século XV, Giovanni Guidetti estava, desde 1455, ligado a operações de envio de couros para a Toscana, entre outras mercadorias, sendo o principal fornecedor de couros da companhia Cambini na segunda metade do século XV²²⁵. A operação de couros com

²²³ No trabalho de Matthieu Scherman conseguimos perceber que, entre as décadas de 40 e 60 do século XV, Pandolfo dei Benvenuti esteve presente em diversas praças comerciais, desde Southampton, Londres, Florença, Almería, como “fattore” da companhia Salviati. SCHERMAN, Matthieu – “Apprenticeship of Florentine merchants-bankers: the example of the 15th century London Salviati bank”. Comunicação apresentada no encontro *European Social Science History Conference 2014* (ESSHC 2014, Viena). [https://salviati.hypotheses.org/315].

²²⁴ Sobre a presença da família Lomellini em Portugal no século XV, veja-se: RAU, Virgínia – “Uma família de mercadores (...)”, 13-57.

²²⁵ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini* (...), 75. TOGNETTI, Sergio – “Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)”, 41-42.

Francesco di Nerone data de 1461, mas as relações entre estes dois mercadores, com ligação a Portugal, eram anteriores: no ano de 1459, quando o monarca português entrega o monopólio da exploração do coral a um grupo de mercadores florentinos, dois deles eram Giovanni Guidetti e Francesco di Nerone²²⁶. Em relação aos couros pertencentes a Marco Lomellini, há um aspeto que importa destacar. A totalidade dos couros que este mercador genovês comissionou à companhia Neroni resultava da execução de um contrato que o mesmo tinha estabelecido com o rei de Portugal, D. Afonso V (1432-1481), para exploração desta mercadoria. A referência à existência deste contrato surge nos registos nos livros de contas da companhia pisana de Francesco di Nerone²²⁷, mas em nenhum dos livros encontramos mais informações sobre as condições do mesmo. Para além destas entregas de couros à comissão, dispomos de mais duas realizadas por sociedades das quais Francesco di Nerone fazia parte, mas através da sua companhia em Florença (Tabela 8). Contudo, a relevante participação de Lomellini neste comércio dos couros portugueses com Pisa é notória. Para além destas operações com a companhia Neroni de Pisa, este mercador genovês em Lisboa foi responsável, em conjunto com o seu irmão Daniele, de um envio de 1955 couros portugueses para o banco Salviati de Pisa em 1469²²⁸.

À semelhança do que verificamos nas duas tipologias de negócio anteriores, podemos observar uma forte presença dos mercadores florentinos e genoveses enquanto fornecedores de lotes de couros à comissão para serem, posteriormente, vendidos pela companhia Neroni de Pisa. De facto, quando reparamos no Gráfico 5 é evidente o protagonismo dos mercadores florentinos, estantes sobretudo na Toscana ou em Lisboa, no conjunto destas operações de importação de couros. A exceção foi o período entre 1457 e 1460, no qual a presença notória dos mercadores florentinos foi ultrapassada pelas operações de mercadores genoveses, em que se evidencia Marco

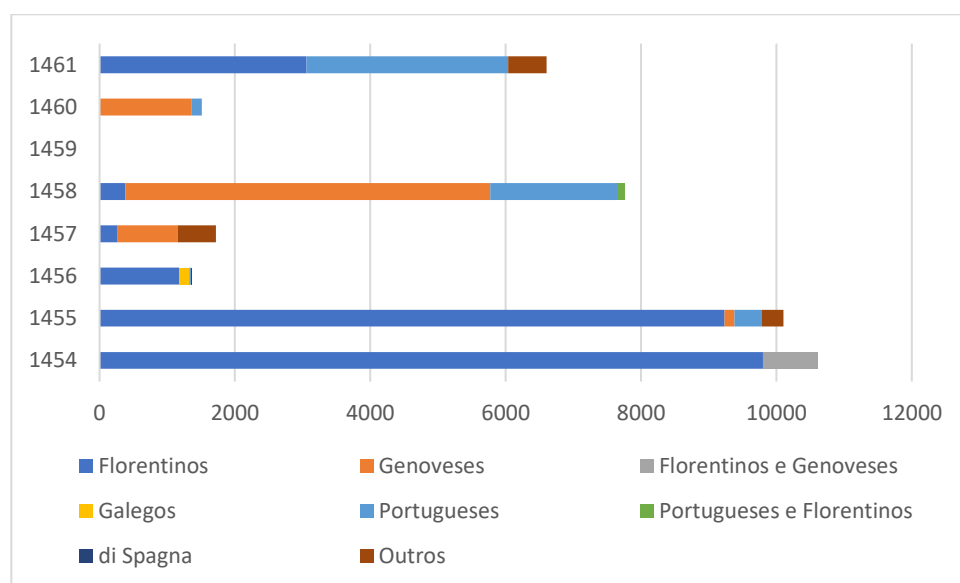
²²⁶ GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "Da comprimari a protagonisti (...)", 69. Importa referir que, apesar de o período deste negócio do coral coincidir com a atividade da companhia Neroni de Pisa, nos seus livros de contas não dispomos de mais informações. Tendo em conta que Francesco di Nerone detinha também uma companhia comercial em Florença, da qual apenas nos chegou o livro mastro com a atividade para o período 1460-1465, não conseguimos saber mais sobre a sua participação no negócio da pesca do coral.

²²⁷ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 293; 20, c. 142, 155 e 156.

²²⁸ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 338.

Lomellini a partir da praça lisboeta, e dos mercadores portugueses. No caso destes últimos, no ano de 1461 ambos os grupos, portugueses e florentinos, estão separados apenas por um ponto percentual (46% de importação dos florentinos e 45% dos portugueses).

Gráfico 5 - Agentes fornecedores de couros, à comissão, da companhia Neroni, 1454-1461



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6, 13-22.

d) Clientes dos couros transacionados e preços de venda

Considerando os clientes dos couros vendidos pela companhia Neroni de Pisa, verifica-se que estamos perante redes de consumo interno na zona da Toscana, sobretudo na cidade de Pisa, mas também noutras como Lucca e Arezzo. Assim, os clientes que encontramos são sobretudo curtidores ou outros mesteirais ligados ao trabalho com esta matéria-prima, como os sapateiros. Uma situação que outros autores

que se debruçaram sobre o tema, mas com fontes de outras companhias comerciais, já tinham verificado²²⁹.

Para além destes clientes, dispomos de um conjunto de registos no primeiro livro *mastro*, que nos permitem saber que Francesco di Nerone fora detentor, até meados de 1458, de uma *concia* (estrutura de curtição) na cidade de Pisa, tal como já foi referido. Tendo em conta a sua localização, na zona *della Spina*, um dos núcleos mais importantes dos curtidores na cidade²³⁰, a sul do rio Arno e próxima da Porta do Mar (*Porta a Mare*), a *concia* de Francesco di Nerone fazia parte do grupo que procedia à curtição dos couros com água quente²³¹.

Em relação aos compradores dos couros transacionados pela companhia Neroni, identificados na Tabela 9, reunimos algumas operações, com a indicação dos valores totais e por unidade. Tendo em conta que os couros enviados para Pisa eram matéria em bruto, levantam-se algumas questões em relação ao momento da venda face ao momento da compra e a consequentes comparações de preços. De uma forma breve, podemos considerar dois momentos: a venda de couros em bruto diretamente a curtidores e a companhias curtidoras; e vendas de couros que passaram por um primeiro tratamento na *concia* de Francesco di Nerone. O primeiro momento estaria, temporalmente, mais próximo da venda e não implicaria custos extra. Por outro lado, o segundo momento, tendo em conta que os couros passavam por um tratamento antes de serem vendidos, fala-nos de vendas mais distantes do momento da compra e, sobretudo, com custos extra acrescidos ao seu valor e que devem ser contabilizados ao observarmos o preço de venda. Esta situação é especialmente visível no primeiro livro *mastro*, no qual temos as contas da *concia* e, acima de tudo, um conjunto de contas

²²⁹ TOGNETTI, Sergio – "Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)", 30. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa* (...), t. I, 331.

²³⁰ MALLETT, Michael – "Florence and Pisa in the Fifteenth Century (...)", 424. QUERTIER, Cédric – "The Pisan Economy from the Tenth to Fifteenth Century: A Parabolic Trajectory". In *A Companion to Medieval Pisa*. Leiden: Brill, 2022, 245–276. Como referido, temos vindo a trabalhar sobre esta tanaria, tendo já apresentado duas comunicações onde procuramos explorar estes registos e até comparar com estruturas congêneres.

²³¹ TANGHERONI, Marco – "Note sull'industria conciaria a Pisa (...)", 54. A referência a esta curtição de Francesco di Nerone tinha já sido destacada por Marcello Berti. BERTI, Marcello – "Le aziende da Colle (...)", 73.

denominadas “despesas com a curtição dos couros” (*spese per fare conciare*). Todavia, apesar de conhecermos os valores relativos aos custos com este primeiro tratamento dos couros, não nos é possível apurar as diferenças dos valores. Pois, quando estes couros foram vendidos, ‘perderam’ a denominação de origem inicial.

Como indicámos, a grande maioria dos compradores dos couros da companhia eram curtidores, sobretudo de Pisa. Aqui, importa destacar a figura de Antonio di Lionardo da Rasignano. Nas operações identificadas na tabela 9, numa entrega à comissão de couros do Norte de África em 1458 e numa venda de couros irlandeses em 1461, ficamos a saber que fora detentor de uma companhia dedicada ao trabalho de curtição de couros. Contudo, nos registos relativos à *concia* (1454-1457) de Francesco di Nerone em Pisa dispomos da informação de que esta personagem teria sido o seu trabalhador principal, ao auferir o salário pelo *chonduttagio della nostra choncia* (pela condução da nossa curtição)²³².

**Tabela 9 - Compradores dos couros, em bruto, transacionados pela companhia
Neroni de Pisa, 1454-1461**

Comprador	Ano	Origem Couro	Qt. (em peças)	Preço Total	Preço Uni.
Giovanni Ghiduzoni di Lucca	1454	Irlanda	288	165.10.0	0.11.6
	1454	Portogallo e Spagna	142	72.0.0	0.10.0
Antonio di Donato cuoiaio in Pisa	1455	Lisboa	502	796.4.0	1.11.9
Mariano Paponi cuoiaio in Pisa	1455	Lisboa	911	1390.3.0	1.10.6

²³² AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 11, c. 307.

Piero Chano <i>cuoiaio in Pisa</i>	1455	Lisboa	400	724.19.7	1.16.3
Michelangelo di Sisto <i>chalzolaio alborgho a Sansipolcro</i>	1455	Sevilha	21	37.17.6	1.16.2
Gherardo di Baldassara	1456	Irlanda	150	94.13.9	0.12.8
Piero e Michele del Maestro Matteo da Fiuzano	1456	Irlanda	200	112.0.0	0.11.2
Antonio di Lionardo da Rasignano e Francesco di Bone <i>compagnia cuoiari*</i>	1458	Norte de África (Valência)	-	-	-
Antonio di Lionardo da Rasignano <i>compagnia cuoiari</i>	1461	Irlanda	1891	1343.8.6	0.14.3
TOTAL	-	-	4505	4749.3.4	-

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6, 13-22.

*Entrega de couros à comissão por parte da companhia Neroni de Pisa.

Antonio di Donato e Mariano Paponi, ambos detentores de empresas dedicadas à curtição e transformação dos couros que chegavam à cidade, foram dos maiores compradores de couros importados pelo Banco Salviati²³³. Antonio di Donato, por sua vez, também neste mesmo período fora cliente dos couros comercializados pela companhia Cambini e, com base nestes registos, estamos a falar de operações de compra de couros portugueses²³⁴. De uma forma geral, regressando à Tabela 9, parece existir um contraste entre a grande quantidade de couros rececionados por esta

²³³ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 331.

²³⁴ TOGNETTI, Sergio – "Aspetti del commercio internazionale del cuoio (...)", 44.

companhia em Pisa e o reduzido número de clientes finais para esta matéria-prima. Uma das explicações reside no facto de, como verificámos nos Gráficos 1 e 3, os anos com maiores transações terem coincidido com os anos nos quais Francesco di Nerone fora detentor de uma *concia* em Pisa e, como já foi indicado, após o tratamento dos couros estes perdem a referência à sua origem nos registos de vendas aos clientes finais.

No que diz respeito às margens de lucro, na tabela 10 elaboramos uma síntese comparativa com os valores que temos disponíveis e que nos permitem tal abordagem. Se compararmos com os valores que temos na tabela de preços de compra (Tabela 6), podemos verificar que se registou um aumento do valor entre o preço de compra ao fornecedor e o valor pelo qual depois é vendido ao cliente final.

Tabela 10 - Margens de lucro dos couros transacionados pela companhia Neroni de Pisa em 1455

Origem dos Couros	Compra		Venda		Margem	
	Preço mín. uni.	Preço máx. uni.	Preço mín. uni.	Preço máx. uni.	% mín. uni.	% máx. uni.
Irlanda	0.7.7	0.7.10	0.11.2*	0.12.8*	32,1%	38,2%
Lisboa	0.19.9	1.16.0	1.10.6	1.16.3	22,2%	35,3%
Sevilha	1.15.4		1.16.2		2,3%	

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6, 13-22.

*Valores de 1456, por não termos dados para o ano de 1455.

Assim, podemos verificar que se tratou de uma margem de lucro altíssima, sobretudo se tivermos em consideração que os couros eram uma matéria-prima barata e, por isso, fora do grupo das mercadorias de luxo. Como vamos poder verificar mais à frente, as margens de lucro que se verificaram no comércio desta mercadoria foram, por exemplo, superiores às verificadas no negócio da lã ibérica e no mesmo patamar da seda, essa sim, uma matéria-prima de luxo. No caso dos couros da Irlanda, o valor do preço de custo mais elevado verifica-se uma única vez e em 1455. Se excluirmos este valor e atentarmos apenas nos demais valores, conseguimos perceber que existiu uma margem de lucro na sua venda entre os 32% e os 38%. Em relação aos couros de Sevilha, a margem foi bastante mais reduzida, pouco ultrapassando os dois valores percentuais.

Este contraste pode ter por base vários fatores diferenciadores, como a qualidade do produto em si, mas, como vimos, os couros oriundos de Lisboa foram os que conheceram um maior volume de importação e um preço médio inferior aos couros de Sevilha. Para além disso, quando atentamos nos fornecedores os mercadores da comunidade genovesa são os que dominam no comércio desta matéria-prima, ao contrário do que se verifica em Portugal, tendo sido adquiridos a portugueses, florentinos e genoveses. Para os couros de Lisboa, vendidos em 1455, dispomos de uma maior amostra de valores de compra. Assim, e refletindo também na tabela em anexo, a amplitude dos valores de compra para 1455 tem como valor mínimo 0.19.9 e 1.16.0 de valor máximo. Olhando para a tabela 9, e tendo em conta apenas os valores de aquisição em 1455 para Lisboa, podemos perceber que as margens de lucro oscilaram entre os 22,2% e os 35,3%. Desta forma, podemos concluir que os couros comercializados sobretudo por agentes portugueses e/ou oriundos da Lisboa foram os mais vantajosos para a companhia Neroni de Pisa no conjunto dos negócios desta matéria-prima.

e) Operações comerciais de peles

Como o nome deste subcapítulo indica, para além dos couros, dentro da atividade dos curtumes, a companhia pisana de Francesco di Nerone também importou peles ibéricas de outros animais que não gado bovino. Todavia, falamos de um conjunto de operações muito menos expressivas do que as operações dos couros e todas concentradas na praça de Barcelona. Por isso, decidimos tratá-las num ponto em separado.

Nos anos de 1458 e 1459 temos duas operações de importação de peles de cordeiro (*agnine*) através de Filippo Pierozzi²³⁵, de quem falaremos mais à frente. Uma das operações fora um envio à comissão por parte de Pierozzi, e a segunda uma

²³⁵ De referir que este mercador florentino, Filippo Pierozzi, estava ligado aos grandes mercadores e produtores de couro em bruto localizados em Tortosa e em Valência. CARRÈRE, Claude – *Barcelone (...)*, 396-397.

operação em sociedade entre as duas companhias de Francesco di Nerone (a companhia de Pisa e a de Florença). Todavia, este envio de peles de cordeiro para Pisa, apesar das contas separadas, foi realizado em conjunto e não nos permite saber as quantidades pertencentes a cada tipologia de negócio. Apenas somos informados de que se tratou de um envio total de 2029 peças de cordeiro e 12 *chostali*²³⁶ de cordeiro. Estas peles de cordeiro foram vendidas a boticários (*speziali*) em Pisa, ao contrário dos couros que foram vendidos a curtidores e a sapateiros.

Ainda em 1458, também da praça de Barcelona e num negócio em comissão por parte de Filippo Pierozzi, temos um conjunto de operações que nos falam da importação de *alude*. Esta denominação surgia associada a peles de cabra, ovelha e cordeiro. No entanto, tendo em conta de que nos registos da companhia Neroni as peles de cordeiro são identificadas como *agnine*, neste caso deveremos estar perante negócios de peles de cabras ou ovelhas. Trata-se apenas de uma única conta que nos fala da importação de 18 *balle*²³⁷ destas peles pela companhia em estudo e que foram diretamente enviadas para os clientes finais da mercadoria em La Spezia.

Esta matéria-prima surge novamente em 1461, novamente com origem em Barcelona, mas agora o seu proprietário era um agente catalão identificado como Bernardo *Spitale*. Tal como a anterior operação, tratou-se de um envio à comissão, mas em que a companhia pisana de Francesco di Nerone expediu diretamente as 10 *balle* de peles para o cliente final da mercadoria, também em La Spezia.

3.1.1.2. Fibras têxteis (lã e seda)

a) A indústria têxtil na Toscana e a importação de matérias-primas I. Lã e Seda

O presente ponto incide nos negócios da companhia Neroni de Pisa relativos às duas matérias-primas que estiveram na base da indústria têxtil florentina: a lã e a seda. Antes

²³⁶ Unidade de medida que não conseguimos identificar. Contudo, podemos pensar que seria relativo a “pele do dorso”, equivalente a quatro arrobas (<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/costal>)

²³⁷ Unidade de medida, também utilizada na lã. Não conseguimos identificar.

de analisarmos as operações de cada uma destas mercadorias, vamos, tal como no ponto anterior, atentar de forma breve naquilo que foi esta indústria. Importa destacar um aspeto: neste ponto em concreto do nosso trabalho, estamos a incidir sobre o comércio das fibras têxteis enquanto matérias-primas que visam fornecer os centros produtores de panos, lã ou de seda. Quando analisamos os trabalhos sobre esta temática, verificamos que a abordagem clássica dos negócios das companhias comerciais foi: importação da matéria-prima, transformação da mesma e exportação dos produtos têxteis acabados.²³⁸ No entanto, este tipo de análise não contemplou um enfoque mais detalhado nos processos de produção e nas redes de fornecimento, mantendo uma leitura apenas na esfera das companhias comerciais e não cruzando com os dados relativos aos agentes e companhias produtores. Mais recentemente dispomos de um estudo de fundo, no qual se propõe uma nova aproximação focada na fibra têxtil: a lã.²³⁹ Com base nos registos de duas companhias do século XVI, mas procurando uma leitura abrangente da indústria dos lanifícios de Florença desde meados do século XV, o autor incide naquele que era o comércio dos diferentes tipos de lã, desde a importação até à posterior revenda e fornecimento daqueles que iram transformar a matéria-prima em produtos têxteis.

A indústria têxtil, tanto de lã como de seda, assentava num tipo de produção complexo, regulamentado pelos respetivos estatutos das *Arte della Lana* e *Arte della Seta*, e tinha na exportação o seu mercado preferencial.²⁴⁰ Contudo, era também no estrangeiro que estas unidades de produção encontravam as matérias-primas essenciais

²³⁸ Entre outros, veja-se: MELIS, Federigo – "La lana della Spagna (...)", 241-251. KOTELNIKOVA, Liubov A. – "La produzione dei panni di lana della Campagna Toscana nei secoli XIII-XIV e la politica delle città e delle Arti della Lana". In SPALLANZANI, Marco (ed.) – *Produzione, Commercio e Consumo dei Panni di Lana (nei secoli XII-XVIII)*. Firenze: Leo S. Olschki, 1976, 221-229. HOSHINO, Hidetoshi – *L'arte della lana (...)*. TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*. FRANCESCHI, Franco – "L'impresa mercantile-industriale nella Toscana dei secoli XIV-XVI". *Annali di Storia dell'impresa*, XIV (2003), 229-249. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I e II, *passim*. NIGRO, Giampiero (ed.) – *Francesco di Marco Datini. The Man the Merchant*. Firenze: Firenze University Press, 2010.

²³⁹ AMMANNATI, Francesco – *Per filo e per segno. L'Arte della Lana a Firenze nel Cinquecento*. Firenze: Firenze University Press, 2020. Importa referir que o mesmo autor tinha feito uma abordagem preliminar dentro da temática: AMMANNATI, Francesco - "Intermediari del lavoro nell'Arte della lana in Toscana tra basso medioevo e prima età moderna". *Storia Economica* (2019) 69-92.

²⁴⁰ FRANCESCHI, Franco – "Un «grande artigianato»: l'industria laniera". In *Arti fiorentine. La grande storia dell'Artigianato*, vol. I. Firenze: Giunti Editore, 1999, 136.

para o seu trabalho. Na realidade, a historiografia é unânime quanto à dependência da indústria têxtil florentina na importação das matérias-primas.²⁴¹

A produção de panos de lã florentinos pode ser datada dos inícios do século XIV, estando o mercado dominado pelos panos de lã de qualidade elevada que chegavam do Norte da Europa.²⁴² Numa tentativa de imitar estes têxteis de melhor qualidade, durante este período verifica-se uma alteração na produção dos panos de lã florentinos através da introdução de melhores matérias-primas.²⁴³ Desta forma, não é de estranhar as importações de lã da Inglaterra, tida como de melhor qualidade, dominassem as transações das companhias comerciais florentinas. Para a produção de panos de qualidade média e inferior, mas a “*buon mercato*”, como salienta Hoshino, as importações concentravam-se na zona do Mediterrâneo Ocidental: costa norte-africana, Península Ibérica e França meridional.²⁴⁴ Importa notar que este desenvolvimento da indústria dos panos de lã florentinos, e a sua consequente conquista de espaço nos diferentes mercados, coincidiram com a quebra de produção de alguns centros de indústria têxtil da Europa do Norte.²⁴⁵

Hoshino salienta que, nos finais do século XIV e inícios do século XV, podemos verificar um aumento da preferência dos mercadores florentinos pela lã catalano-aragonesa, face à do Norte da Europa.²⁴⁶ A título de exemplo, entre 1397 e 1398, a companhia Datini de Prato, através das suas filiais ibéricas e dos seus agentes que se deslocavam aos pontos principais da circulação desta matéria-prima, transacionou cerca de 20 mil florins em lã desta região.²⁴⁷ Esta preferência teve um claro impacto nas mudanças estruturais que se verificaram na indústria dos lanifícios na segunda metade do século XV, também motivadas por um período de crise das matérias-primas,

²⁴¹ *Idem*, 134.

²⁴² HOSHINO, Hidetoshi – *L'arte della lana (...)*, 44-47. Veja-se esta obra como síntese do tema, apesar de não abordar a fundo o século XV.

²⁴³ *Idem*, 74.

²⁴⁴ *Idem*, 121.

²⁴⁵ *Idem*, 139, 144, 186.

²⁴⁶ *Idem*, 209.

²⁴⁷ MELIS, Federigo – “*La lana della Spagna (...)*”, 245.

sobretudo de lã inglesa.²⁴⁸ Assim, a lã ibérica começou a tomar o seu espaço nos negócios destas companhias comerciais toscanas e a sua especialização pode ser observada na concentração das várias denominações que conheceu, ao longo do tempo, na denominação “lã de São Mateus”.²⁴⁹ Esta lã, da raça merino, era originária do *hinterland* do reino de Aragão²⁵⁰ e teve em Tortosa o seu porto primordial de exportação, beneficiando das ligações fluviais do rio Ebro; como também Valência, tendo em conta a comunidade de mercadores florentinos estantes na cidade.²⁵¹

As primeiras notícias que nos falam da lã de São Mateus em Pisa datam de 1362, mas só em 1413 é que se verificou um verdadeiro crescimento da sua importação. Durante a primeira metade do século XV, a sua exportação manteve-se estável, vindo a conhecer uma quebra na segunda metade da centúria, motivada pelo aparecimento da lã de Abruzzo e ainda da de Castela. Segundo Bordes Garcia e Soldani, esta flutuação ficou, em parte, a dever-se ao papel dos mercadores catalães mais ou menos estantes na cidade pisana ao longo de Quatrocentos, mas foi sobretudo motivada pelas difíceis relações diplomáticas entre Florença e a Coroa de Aragão neste período e, ainda, pela guerra civil na cidade de Barcelona que marcou a segunda metade do século XV.²⁵² De facto, como salienta Ammannati, a lã de Castela, conhecida como de Merino, foi uma das grandes beneficiárias deste período de crise que afetou a lã de São Mateus.²⁵³

²⁴⁸ HOSHINO, Hidetoshi – *L'arte della lana in Firenze (...)*, 231-233.

²⁴⁹ MELIS, Federigo – “La lana della Spagna Mediterranea (...)”, 243. A denominação “São Mateus” está relacionada com a pequena vila, com o mesmo nome, no norte do reino de Valência, ligada à produção e comércio desta lã e na qual, por exemplo, existiu uma agência da companhia Datini de Prato dedica aos negócios desta mercadoria nos finais do século XIV. HOUSSEY MICHIEZI, Ingrid - *Datini, Majorque et le Maghreb (14^e-15^e siècles). Réseaux, espaces méditerranéens et stratégies marchande*. Leiden/Boston: Brill, 2013, 111.

²⁵⁰ Segundo alguns autores, estes territórios correspondem às zonas do norte de Castellón e do sul de Teruel. BORDES GARCIA, José; SOLDANI, Maria Elisa – “Il commercio della lana di 'San Mateo' nella Toscana del Quattrocento: le dogane di Pisa”. *Archivio Storico Italiano*, vol. 165/4, No. 4 (2007) 637.

²⁵¹ BORDES GARCIA, José; SOLDANI, Maria Elisa – “Il commercio della lana di 'San Mateo' (...)”, 637. CARRÈRE, Claude – “Aspects de la production et du commerce de la laine en Aragon au Milieu du XVe siècle”. In SPALLANZANI, Marco (ed.) – *La lana come materia prima, i fenomeni della sua produzione e circolazione nei secoli XIII-XVII*. Firenze: Leo S. Olschki, 1974, 205-206.

²⁵² TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 148-149. BORDES GARCIA, José; SOLDANI, Maria Elisa – “Il commercio della lana di 'San Mateo' (...)”, 649-652, 661.

²⁵³ AMMANNATI, Francesco – *Per filo e per segno (...)*, 71-72.

No que diz respeito à seda, até meados do século XIV, a indústria sericícola de Florença era reduzida e a que existia fora fruto do investimento de mercadores de Lucca, cidade na qual desde o século XIII a produção de panos de seda estava bem desenvolvida. A afirmação desta indústria em Florença verificou-se sobretudo a partir de Quatrocentos.²⁵⁴ Esta situação esteve relacionada com um aumento da procura, por parte das classes sociais mais abastadas em Itália e por toda a Europa, de tecidos de seda; mas também com a quebra que a produção em Lucca conheceu no mesmo período.²⁵⁵ Para além destes fatores que concorreram para o desenvolvimento da indústria da seda em Florença, não podemos esquecer o papel que os mercadores-banqueiros tiveram, tendo em conta o capital com que contribuíram para o investimento na indústria sericícola e ainda as redes internacionais de negócios nas quais estavam inseridos e que lhes permitiam ter acesso aos mercados de matérias-primas, como também aos mercados de venda dos panos de seda.²⁵⁶

Como referimos, falamos de uma indústria que vivia da importação de matérias-primas. No caso dos fios de seda, chegavam do Mar Cáspio e da Península Ibérica, o segundo local mais importante de fornecimento desta mercadoria, depois do Oriente. A seda de melhor qualidade era a proveniente de Almeria, mas, no geral, toda a seda oriunda do reino nazarí de Granada era de boa qualidade, o que se traduzia também nos altos preços que atingia.²⁵⁷ Como salienta Dini, os elevados custos das matérias-primas necessárias à produção de panos de seda impuseram aos mercadores florentinos uma sintonia com o comércio internacional de lã, ou seja, esta complementaridade procurava um equilíbrio dos valores investidos e é, sobretudo, visível na utilização dos mesmos canais de importação para ambas as fibras têxteis.²⁵⁸ A seda de Granada podia

²⁵⁴ DE ROOVER, Florence Edler – *L'Arte della Seta a Firenze nei secoli XIV e XV*. Florença: Leo S. Olschki Editore, 1999, 3-9. DINI, Bruno – “L’industria serica in Italia. Secc. XIII-XV”. In CAVACIOCCHI, Simonetta (ed.) – *La seta in Europa: sec. XIII-XX*. Prato: Istituto Internazionale di storia economica “F.Datini”, 1993, 92-93.

²⁵⁵ DINI, Bruno – “L’industria serica in Italia (...)”, 99-100.

²⁵⁶ TOGNETTI, Sergio – *Un’Industria di Lusso al servizio del grand commercio. Il mercato dei drappi serici e della seta nella Firenze del Quattrocento*. Florença: Leo S. Olschki Editore, 2002, 33. Veja-se ainda esta obra como síntese deste tema.

²⁵⁷ DE ROOVER, Florence Edler – *L'Arte della Seta a Firenze (...)*, 25-26.

²⁵⁸ DINI, Bruno – “L’industria serica in Italia (...)”, 115.

ser transportada a partir dos portos desse mesmo reino ou ainda a partir de Valência, já que desde os finais do século XIV se fixou uma rota comercial entre a praça valenciana e as cidades de Florença e Génova para a exportação desta fibra têxtil.²⁵⁹

Pensando na cidade de Pisa, onde estava sediada a companhia em estudo, até aos inícios do século XV era possível encontrar nesta cidade mestres ligados à produção de panos de lã e de seda.²⁶⁰ Contudo, com a conquista de Pisa por Florença, em 1406, a maioria destes produtores vão desaparecer, mantendo-se apenas aqueles relacionados com os couros, como já verificámos. Durante o século XV, como temos vindo a referir, a cidade de Pisa era o grande armazém da Toscana e centro redistribuidor das mercadorias que chegavam por via marítima.²⁶¹

b) Lã: Tipos, quantidade transacionada e preços

No ponto anterior, sobre os couros, iniciámos com uma primeira abordagem mais geral relativa à quantidade de mercadoria que circulara entre os anos de atividade da companhia pisana de Francesco di Nerone. No caso da lã, a mesma afigura-se-nos difícil tendo em conta que os redatores dos livros de contas desta companhia, em casos pontuais, seguiram diferentes unidades de medida, não nos permitindo fazer somatórios. Assim, na maioria dos casos, a unidade de medida utilizada neste comércio de lã foi “fardo” (“*farde*”). Em casos pontuais temos a referência a “saca” (“*saccha*”) e ainda “*balle*”. Desta forma, entre 1455 e 1460 dispomos de um conjunto de operações que nos dão conta da entrada na companhia Neroni de Pisa de um total de 52,5 *balle*, 239 sacas e 1650 fardos de lã (Tabela 11).

²⁵⁹ IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia (...)*, 38.

²⁶⁰ TOGNETTI, Sergio – “Attività industriali e commercio di manufatti nelle città toscane del tardo Medioevo (1250 ca. - 1530 ca.)”. *Archivio Storico Italiano*, vol. 159/2 (2001), 443. Veja-se o artigo de Pietro Silva, no qual se aborda o declínio da produção de panos de lã em Pisa: SILVA, Pietro – “Intorno all'industria e al commercio della lana in Pisa”. *Studi storici*, vol. 19 (1910), 329-377.

²⁶¹ BERTI, Marcello – “Commercio all'ingrosso e al minuto dei panni di lana a Pisa nei primi decenni della dominazione fiorentina”. In *Lana, Panni e Strumenti Contabili nella Toscana Bassomedievale e della prima Età Moderna*. Lucca: Istituto Storico Lucchese, 2000, 75. MELIS, Federigo – “La lana della Spagna Mediterranea (...)”, 246-247.

No que à lã diz respeito, verifica-se um claro protagonismo da lã de São Mateus (*San Matteo*), oriunda da zona de Valência que, desde finais do século XIV, se tinha convertido num dos principais pontos de fornecimento desta matéria-prima para a indústria têxtil italiana.²⁶² Todavia, esta não foi a única lã que a companhia Neroni de Pisa comercializou. Nos seus registos, temos a referência, apesar de se tratar de casos mais residuais, a lã oriunda de Inglaterra, da Sardenha e das regiões italianas de Puglia e Abruzzo, sendo que esta última começou a surgir na documentação alfandegária de Pisa sobretudo na segunda metade do século XV.²⁶³ Na nossa análise iremos apenas focar-nos na lã de São Mateus, já que é a única de origem ibérica.

Tabela 11 - Quantidade de lã de São Mateus transacionada pela companhia Neroni de Pisa, 1455-1460

Anos	Unidade de Medida		
	Fardos	Sacas	<i>Balle</i>
1455	169	117	-
1456	184	122	42
1457	63	-	-
1458	1059	-	10,5
1459	4	-	-
1460	171	-	-
TOTAL	1650	239	52,5

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Atentando na tabela 11, podemos verificar uma constante importação de lã de São Mateus ao longo de todos os anos de atividade. Todavia, foi no ano de 1458 que se concentrou o maior volume: 1059 fardos e 10,5 *balle* de lã. Nos demais anos de atividade parece existir um equilíbrio na quantidade de lã de São Mateus transacionada pela companhia, com exceção do ano de 1459. Anteriormente, no ponto relativo aos couros, o ano de 1459 também se evidenciou pela ausência de atividade importadora e/ou

²⁶² BORDES GARCIA, José; SOLDANI, Maria Elisa – "Il commercio della lana di 'San Mateo' (...)", 637. MELIS, Federigo – "La lana della Spagna Mediterranea (...)", 242. BERTI, Marcello – "Commercio all'ingrosso e al minuto dei panni di lana (...)", 68.

²⁶³ BORDES GARCIA, José; SOLDANI, Maria Elisa – "Il commercio della lana di 'San Mateo' (...)", 649.

envios de couros à comissão, parecendo existir um padrão em relação a este ano de atividade da companhia Neroni de Pisa

Ao contrário dos couros que possuem uma diferenciação pelos seus locais de origem, no caso da lã estamos perante um conjunto de operações relativas a mercadoria oriunda apenas do reino de Aragão, como já foi referido acima. Todavia, apesar desta especificidade, foi possível identificar duas diferenciações na lã transacionada. A primeira estava relacionada com a cor da lã, que podia ser branca ou bege. Nem todos os registos possuem uma clara diferenciação de qual das cores da lã estava a ser comercializada, muitas vezes a referência aparece em conjunto “*lana de San Matteo bianca e bigia*” (lã de São Mateus branca e bege).²⁶⁴ A somar a isto, a larga maioria da separação por cores está presente nos registos que nos falam das posteriores vendas desta matéria-prima já chegada a Pisa e com alterações na unidade de medida. Por exemplo, temos operações de compra de lã registadas em fardos e o registo da posterior venda de uma parte foi realizado em sacas. Uma dificuldade que nos impossibilita o apuramento quantidade de lã de cada cor que foi transacionado da Península Ibérica para Pisa, através da companhia Neroni.

A segunda forma de distinção aplicada à lã estava relacionada com a lavagem: se era comprada lavada ou por lavar. No caso da companhia em estudo, a lã transacionada até à sua chegada a Pisa era lã por lavar, ou seja, lã suarda. Denomina-se suarda, ou lanolina, a substância oleosa que esta matéria-prima produz e que é libertada no processo de lavagem. Esta questão da preferência pela aquisição de lã por lavar é bastante interessante. No processo de lavagem, o rendimento da lã é reduzido em cerca de 45% a 55%, tendo em conta a diminuição do seu tamanho e a perda da substância oleosa.²⁶⁵ Contudo, ao ser comprada por lavar está a ser contabilizado, no valor de

²⁶⁴ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 143 e 216; liv. 18, c. 330; liv. 20, c. 118, 141, 142, 149, 174 e 175.

²⁶⁵ SEQUEIRA, Joana – *O Pano da Terra: produção têxtil em Portugal nos finais da Idade Média*. Porto: Universidade do Porto, 2014, 82. CÓRDOBA DE LA LLAVE, Ricardo – *La industria medieval de Córdoba*. Córdoba: Caja Provincial de Ahorros de Cordoba, 1990, 42.

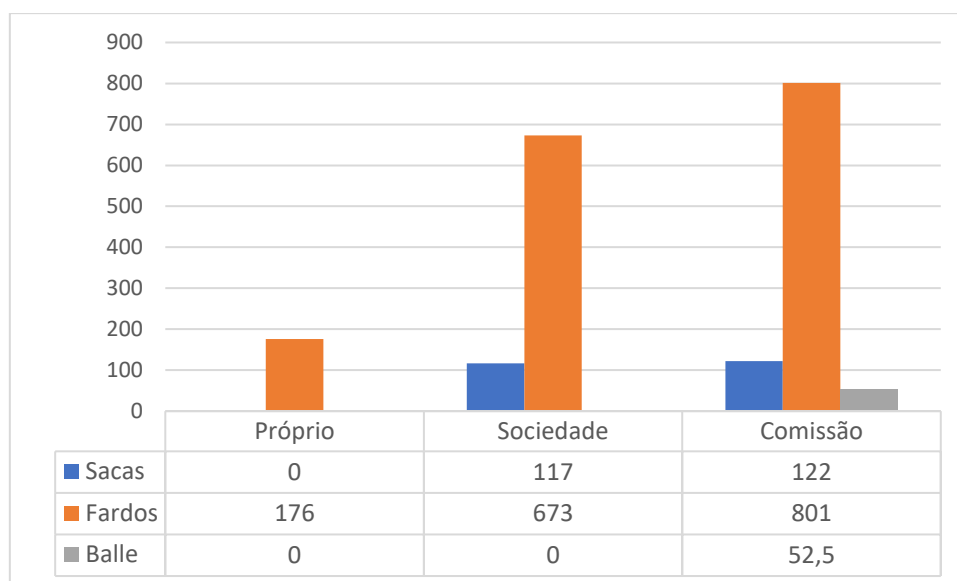
aquisição, uma percentagem que, posteriormente, vai ser perdida.²⁶⁶ A compra de lã por lavar estava relacionada com o facto de ser mais seguro e possibilitar uma melhor seleção das diferentes partes da lã, permitindo a elaboração de lotes tendo em conta a posterior utilização desta matéria-prima (a lã da zona dos ombros era a de melhor qualidade, ao contrário da lã das laterais que era de qualidade inferior). Para além disso, a própria substância oleosa permite uma melhor conservação da lã, enquanto não inicia todo o processo de tratamento para a obtenção de fio, o que devemos ter também em conta já que a lã de São Mateus tivera ainda de viajar dos portos ibéricos para Pisa.²⁶⁷ Nos livros da companhia pisana de Nerone temos a indicação de que fora comprada lã por lavar, na maioria dos casos, apesar de surgirem, residualmente, operações de aquisição de lã já lavada. Para além disso, dispomos ainda dos registos com as despesas relacionadas com as operações de envio desta lã para ser lavada por trabalhadores na cidade pisana.

Tal como as demais mercadorias, e como já vimos no ponto dos couros, as transações da lã de São Mateus dividem-se em três tipos de negócio: próprio, em sociedade e à comissão. Atentando no Gráfico 6, apesar de não podermos somar as diferentes quantidades tendo em conta que são unidades de medida distintas, as operações realizadas à comissão foram as que se evidenciaram no conjunto, imediatamente seguidas pelos negócios em sociedade. Em último lugar, e com um valor bastante reduzido, encontramos as operações de aquisição próprias por parte da companhia Neroni de Pisa.

²⁶⁶ No caso do Banco Salviati de Pisa, depois da lavagem era realizado uma retificação nos livros de contas, subtraindo-se entre 8 a 9% do peso da lã adquirida. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 203. A realização de uma comparação entre os preços de compra de lã lavada e por lavar tinham todo o interesse neste ponto, no entanto os dados que dispomos não nos permitem essa concretização. Mesmo recorrendo a exemplos de outras companhias, deparamo-nos com o problema das diferentes unidades de medida que nos impossibilitam neste tipo de abordagem.

²⁶⁷ O nosso agradecimento à Alice Bernardo, com o projeto e loja *Saber Fazer* (<https://www.saberfazer.org/>), com quem realizamos um Workshop sobre a lã e que nos ajudou a perceber melhor estas nuances da matéria-prima.

Gráfico 6 - Quantidades de lã de São Mateus importadas pela companhia Neroni de Pisa, por tipo de negócio, 1455-1460



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

Apesar de na Tabela 11 termos verificado uma constante ao longo dos anos da chegada à companhia pisana de Francesco di Nerone de lã de São Mateus, quando fazemos a mesma análise, mas considerando as tipologias de negócio temos indicadores diferentes (Tabela 12). No caso dos negócios em aquisição própria, temos uma primeira compra em 1455 e duas outras nos dois últimos anos da década de 50 do século XV, mas com quantidade reduzidas. Em certa medida é a mesma situação que podemos verificar nos negócios em sociedade: uma operação em 1455 e depois mais duas, uma em 1458 e uma outra em 1460, de quantidade mais considerável, sendo até a segunda transação de maior quantidade de lã. As operações de lã de São Mateus à comissão, por sua vez, são nas quais podemos perceber uma maior constância na sua comercialização, sendo em 1458 que se verificou a operação de maior quantidade.

Tabela 12 - Importação de lã de São Mateus pela companhia Neroni de Pisa, por ano e por tipo de negócio

	Próprio	Sociedade		Comissão		
	Fardos	Sacas	Fardos	Sacas	Fardos	Balle
1455	169	117	0	0	0	0
1456	0	0	0	122	184	42
1457	0	0	0	0	63	0
1458	4	0	502	0	553	10,5
1459	3	0	0	0	1	0
1460	0	0	171	0	0	0
TOTAL	176	117	673	122	801	52,5

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Recordando o capítulo sobre a vida de Francesco di Nerone, em 1457 a sua filha casa com Averardo Salviati, consolidando, pela via do matrimónio, as relações existentes entre estes dois mercadores. O grupo comercial Salviati detinha importantes centros de produção e comercialização de panos de lã, tendo sido até dos primeiros negócios aos quais esta família florentina se dedicou e cujo sucesso lhe permitiu investir noutras relações comerciais e financeiras ainda na primeira metade do século XV.²⁶⁸ De certa forma, podemos considerar que o destaque do ano de 1458 na receção em Pisa de lã de São Mateus pela companhia Neroni esteve ligado ao reforço desta associação com os Salviati. Em relação ao Banco Salviati de Pisa, Carlomagno identifica dois períodos distintos no comércio da lã de São Mateus: até meados do século XV, temos negócios exclusivos com mercadores florentinos e, posteriormente, a compra a um leque mais alargado de operadores, com destaque para os catalães.²⁶⁹ Na Toscana, o principal fornecedor de lã de São Mateus do Banco Salviati fora a companhia Cambini de Florença e, no exterior, Bernardo Ciampelli em Barcelona e Antonio Bottiglieri em Tortosa.²⁷⁰ Ainda em relação ao Banco Salviati, torna-se difícil fazer uma comparação das

²⁶⁸ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 10, 22, 35.

²⁶⁹ *Idem*, 203.

²⁷⁰ *Idem*, 211.

quantidades transacionadas e consequentes preços pois as unidades de medida utilizadas foram diferentes.²⁷¹

Importa ainda sublinhar o ano de 1459, em que se verificou o menor número de lã transacionada, por oposição ao ano anterior que, como referido, foi de longe o período que conheceu maior importação de lã. Tal como vimos para os couros, no ponto anterior, este ano foi também a exceção, ao não ter qualquer registo de chegada dessa mercadoria à companhia. Contudo, no caso dos couros, as funções de transporte tiveram na frota comercial portuguesa um dos seus principais veículos, sobretudo porque se tratava de uma mercadoria que teve, na sua maioria, Lisboa como porto de partida. No caso da lã de São Mateus, a presença dos serviços de transporte por parte dos portugueses foi bastante reduzida, como veremos no ponto relativo aos transportes, mas não podemos esquecer que estamos perante uma mercadoria que teve como portos de expedição Tortosa e Valência.

No que aos preços diz respeito, na tabela 13 encontramos os valores máximos e mínimos praticados tanto para os fardos como para as sacas de lã²⁷². No caso da terceira unidade de medida identificada no trato desta mercadoria, apenas dispomos de um só registo, daí que o seu valor mínimo e máximo na tabela seja o mesmo.

Tabela 13 - Amplitude dos preços (em florins di sugello) nas transações de lã de São Mateus pela companhia Neroni de Pisa, 1455-1460

Lã de São Mateus (unid. medida)	Preço mínimo	Preço máximo
Fardo	3.10.11	17.13.0
Saca	2.15.10	9.12.0
Balle	14.14.2	14.14.2

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

²⁷¹ As unidades de medida para a lã de São Mateus podiam ser em fardo, saca e *balle*. No caso da companhia Neroni de Pisa temos uma preferência pelo registo em fardos, e no Banco Salviati de Pisa temos o registo em sacas.

²⁷² Ver tabela Anexo 5.

Analisando a tabela 13, verificamos que existe uma amplitude significativa entre o valor mínimo e o máximo para os fardos de lã de São Mateus. O valor mais alto praticado verificou-se de numa operação comissionada pela companhia Salviati de Pisa e apenas para a comercialização de um único fardo desta matéria-prima em 1459.²⁷³ O valor mais baixo por fardo verifica-se também numa operação à comissão, na qual os donos da mercadoria eram uma sociedade estabelecida entre a companhia de Francesco di Nerone em Florença e o mercador florentino em Barcelona Filippo Pierozzi. Esta operação, datada de 1456, foi relativa à comercialização de 166 fardos de lã, 56 de lã bege e 110 de lã branca.²⁷⁴ De uma forma geral, o valor médio de um fardo de lã no conjunto das operações situou-se nos 12 florins. Contudo, este valor médio sobe para os 15 florins se atentarmos apenas nos negócios próprios, mas desce para os 13 florins por fardo nos negócios em sociedade e para os 11 florins nas operações à comissão desta mercadoria. Na realidade, foi nas operações à comissão que as maiores diferenças de preços por fardo de lã de São Mateus se verificaram.²⁷⁵ Para além de tentarmos perceber esta diferença de valores para os fardos de lã por tipo de negócio, poderíamos considerar estes preços tendo em conta a qualidade da matéria-prima. No entanto, não dispomos de dados que nos permitam aferir se eventuais diferenças desse ponto de vista.

Por sua vez, a amplitude de preços para as sacas de lã foi mais reduzida. No entanto, importa salientar que para esta unidade de medida dispomos apenas de dois exemplos concretos. Assim, o valor mais baixo diz respeito a uma operação em sociedade, constituída pelas duas companhias de Francesco di Nerone (a de Pisa e a de Florença) e Filippo Pierozzi, em Barcelona.²⁷⁶ O valor mais alto, por sua vez, data de 1456 e resultou de uma operação na qual Bernardo d'Antonio *dell'alla* de Barcelona entregou à comissão 46 sacas de lã de São Mateus branca à companhia Neroni de Pisa.²⁷⁷

²⁷³ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 117.

²⁷⁴ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 305; liv. 18, c. 64 e 114.

²⁷⁵ Ver tabela Anexo 5.

²⁷⁶ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 143, 147, 183, 190 e 227.

²⁷⁷ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 124.

c) Lã: Fornecedores

Em relação às aquisições próprias por parte da companhia Neroni, recordando que se trata do tipo de negócio com menos operações e menos quantidade de lã transacionada, apenas contamos quatro fornecedores distintos (tabela 14).

Tabela 14 - Fornecedores de Lã de São Mateus em aquisição própria pela companhia Neroni de Pisa, 1455-1459

Quant. (em fardos)	Fornecedor	Data
100	<i>Alfonso della Cavalleria</i>	1455
69	C. ^a Neroni de Pisa & Filippo Pierozzi	1455
4	João Gonçalves do Porto de Portugal	1458
3	<i>Amicho del Banco</i>	1459

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

O maior fornecedor direto da companhia pisana de Francesco di Nerone foi *Alfonso della Cavalleria* a partir da praça de Barcelona, sendo estes 100 fardos de lã de São Mateus foram expedidos do porto da cidade de Tortosa.²⁷⁸ Os livros de contas da companhia em estudo pouco nos permitem saber acerca deste fornecedor. Contudo, o apelido “de La Caballería” remete-nos para uma das famílias de origem judaica e convertida ao cristianismo mais numerosa e influente da Coroa de Aragão na Baixa Idade Média, que desde meados do século XIII ocupou funções nos domínios financeiros da Coroa e cujos membros serviram como banqueiros de vários monarcas aragoneses.²⁷⁹ Ao contrário de outras famílias judaicas, estiveram sempre sediados em Saragoça, com exceção dos seus membros que faziam parte da Corte. No caso concreto da figura de “Alfonso de la Caballería”, para o século XV temos notícia de duas figuras homónimas: a primeira com referências para o período entre 1429-1471 e a segunda com dados entre 1456-1500. No entanto, é sobre o primeiro que temos informação de que fora detentor de uma companhia para o comércio da lã, com exportação em Tortosa, o que nos leva a

²⁷⁸ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 216.

²⁷⁹ Sobre as origens desta família e as suas primeiras ligações com o poder régio na Coroa de Aragão, veja-se: VENDRELL GALLOSTRA, Francisca – “Aportaciones Documentales para el estudio de la Familia Caballería”. *Sefarad, Revista de la Escuela de Estudios Hebraicos*, vol. 3 (1943) 115-154.

considerar que podemos estar perante a mesma personagem que surge como fornecedora de Francesco di Nerone.²⁸⁰

O segundo fornecedor (tabela 14) foi uma sociedade que Nerone tinha com o mercador florentino estante em Barcelona Filippo Pierozzi, e com quem a companhia em estudo tinha relações comerciais para a importação de outras mercadorias, como os couros. Por fim, os dois últimos fornecimentos foram relativos a quantidades de lã bastante reduzidas. Em relação ao último, não temos mais informações, apenas a indicação de que se tratava de um *amico del banco* (amigo do banco). No caso de João Gonçalves do Porto de Portugal, as fontes indicam-nos que era um marinheiro que fizera parte da tripulação da embarcação capitaneada por Lopo Eanes.²⁸¹ No ano de 1458, este marinheiro vende quatro fardos de lã à companhia Neroni; sabemos que a embarcação de Lopo Eanes chegara a Pisa transportando couros de Lisboa, sal de Ibiza e, também, lã de São Mateus.²⁸²

Em relação às parcerias estabelecidas para a importação desta matéria-prima, identificamos quatro sociedades distintas, apesar das constantes presenças de determinadas personalidades (tabela 15). Um aspeto a tentar explicar é o facto de a lã de São Mateus ter sido expedida através dos portos de Valência e Tortosa, mas a praça na qual o agente parceiro de Francesco di Nerone na Península Ibérica se encontrava ser Barcelona.

²⁸⁰ CARRÈRE, Claude – "Aspects de la production (...)", 212. BOITEUX, Louis-Augustin – *La fortune de mer: le besoin de sécurité et les débuts de l'assurance maritime*. Paris: S.E.V.P.E.N., 1968, 90. SERRANO Y SANZ, Manuel – "El linaje hebraico de la Caballería según el Libro Verde de Aragón". *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 73 (1918) 160-185. LOZANO GRACIA, Susana – *Las elites de la ciudad de Zaragoza a mediados del siglo XV: la aplicación del método prosopográfico en el estudio de la sociedad*. Saragoça: Universidade de Saragoça, 2007. Dissertação de Doutoramento, 994, 1488-90. NAVARRO ESPINACH, German – "Las elites financieras de la monarquía aragonesa entre Juan I y Alfonso V (1387-1458)". *e-Spania* [Em linha] (2015). [Consultado a 17 de junho de 2021]. Disponível em: <http://journals.openedition.org/e-spania/24259>.

²⁸¹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 119.

²⁸² AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 155, 221, 224 e 231.

Tabela 15 - Negócios em sociedade da companhia Neroni de Pisa para a importação de lã de São Mateus, 1455-1460

Praça(s)	Sócio(s)	Quant.	Fornecedor(es)
Pisa Barcelona	Cª Neroni de Pisa Neroni Barcelona	355 fardos	Pierozzi de Barcelona Neroni Barcelona
Pisa	Cª Neroni de Pisa Antonio Scarlattini Simone de Negrone	192 fardos	Pierozzi (116) Lopo Sanches (63)
Pisa Barcelona	Cª Neroni de Pisa Antonio Scarlattini Pierozzi de Barcelona	126 fardos	Pierozzi de Barcelona Neroni Barcelona
Pisa Florença Barcelona	Cª Neroni de Pisa Neroni de Florença Pierozzi de Barcelona	117 sacas	Pierozzi de Barcelona

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Examinando a Tabela 15, verificamos que Filippo Pierozzi, já referido agente da companhia Cambini em Barcelona, neste conjunto de operações, foi o grande protagonista neste conjunto de operações. A presença deste mercador florentino conheceu dois estatutos simultâneos: sócio de duas parcerias da companhia Neroni de Pisa e, sobretudo, fornecedor das quatro sociedades identificadas.

A sociedade através da qual foi transacionado um número mais elevado de fardos de lã foi aquela entre a companhia pisana de Francesco de Nerone e uma conta deste mesmo mercador que nos remete para a sua presença ainda na praça de Barcelona. Recordando o que vimos no capítulo relativo à vida e à atividade deste mercador, os seus primeiros negócios e a sua primeira companhia comercial tiveram lugar nesta praça ibérica. O que conseguimos depreender, com estas operações que nos remetem para uma conta bancária, ainda em funcionamento na segunda metade do século XV²⁸³, de Francesco di Nerone em Barcelona, é que a presença direta deste mercador florentino e dos seus negócios, ainda se fazia sentir, apesar de estar agora

²⁸³ Recordando que a presença de Francesco di Nerone em Barcelona foi anterior à decisão de expulsão da comunidade florentina por parte do rei de Aragão (1447), poderíamos pensar que a presença deste mercador na praça barcelonesa não fosse tão direta.

alicerçada através de redes de agentes externos. Importa referir que esta parceria para a importação de lã de São Mateus para Pisa teve lugar em dois momentos: um em 1458 e o segundo em 1460.

A segunda sociedade com maior número de fardos transacionados envolveu a companhia em estudo e duas personalidades genovesas, numa participação de 1/3 cada um: Simone di Negrone e Antonio Scarlattini.²⁸⁴ Em relação aos fornecedores desta parceria, 60% da quantidade foi fornecida pelo já referido Filippo Pierozzi e a restante por Lopo Sanches, também identificado como sendo de Barcelona.²⁸⁵ As duas últimas sociedades que nos surgem na tabela 6 envolvem personagens que já estavam presentes nestas operações em parceria para a importação e comercialização de lã de São Mateus em Pisa com a companhia em estudo, o que mostra que existia uma tendência e uma preferência por parte de Francesco di Nerone por certos agentes para o estabelecimento destes negócios.

Por fim, em relação aos negócios à comissão, ou seja, envios de lã de São Mateus que foram realizados para a companhia Neroni de Pisa que, a troco de uma comissão, revendeu a mercadoria, individualizamos nove agentes que recorreram a esta modalidade de negócio (tabela 16).

²⁸⁴ Não nos foi possível a recolha de mais dados que nos permitissem saber mais sobre estas duas figuras. No entanto, em relação à família de Negrone, sabemos que no século XVI se destacaram enquanto mercadores-banqueiros em Roma. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 255. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Papal Banking in Renaissance Rome: Benvenuto Olivieri and Paul III, 1534-1549*. Aldershot: Ashgate Publishing Company, 2007, 19.

²⁸⁵ Sobre esta personagem, Lopo Sanches, também não nos foi possível apurar mais. No entanto, através dos registos da companhia Neroni de Pisa conseguimos perceber que detinha relações comerciais com Giovanni Borromei e Giovanni Cavalcanti de Florença. AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 334.

Tabela 16 - Lã de São Mateus comissionada à companhia Neroni de Pisa, por fornecedor, 1455-1460

Proprietário da Mercadoria		Quantidade
Nome	Praça	(em fardos)
C ^a Salviati de Pisa	Pisa	1
Andalo Lomellini de Génova	-	6
Rafaello <i>Holieri</i> de Barcelona	Barcelona	17
Lopo Sanches de Barcelona	Barcelona	63
Antonio Del Maestro da Colle	Pisa/Florença	102
Filippo Pierozzi & C ^a Neroni de Florença	Barcelona Florença	166
Filippo Pierozzi	Barcelona	446
Bernardo d'Antonio <i>dell'Alla</i> di Barcelona	Barcelona	46*
Filippo Pierozzi	Barcelona	76*

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

*Operação em sacas e não em fardos de lã.

Com base na tabela 16 é possível constatar, mais uma vez, o protagonismo do mercador florentino em Barcelona, Filippo Pierozzi. Na verdade, tratou-se de um destaque do ponto de vista da quantidade de lã transacionada, mas também no maior número de operações, que se estenderam entre 1456 e 1458. A somar a isto, o segundo maior fornecimento de lã de São Mateus à comissão foi realizado por uma sociedade que este mesmo agente florentino possuía com a companhia de Florença de Francesco di Nerone (1456). Também a partir da praça de Barcelona, encontramos os envios de mercadoria por parte de um mercador catalão que surge igualmente como fornecedor de uma sociedade da companhia Neroni de Pisa, Lopo Sanches, e ainda mais duas figuras estantes nessa praça: Bernardo d'Antonio *dell'Alla* (1456) e Rafaello *Holieri* (1458).²⁸⁶ Em Pisa, por outro lado, temos duas entregas à comissão: a mais pequena foi feita pela companhia Salviati de Pisa, e a segunda, e a maior, por Antonio del Maestro da Colle, que estaria em Florença²⁸⁷. Por fim, com uma entrega de seis fardos de lã de São Mateus

²⁸⁶ Não conseguimos apurar mais sobre estas duas figuras.

²⁸⁷ Não conseguimos saber mais sobre esta figura. No entanto, contemporâneo do período em estudo, temos notícias de uma “Antonio da Colle” carpinteiro/marceneiro ativo em San Gimignano (comuna da Toscana), célebre por ter realizado a moldura da obra “L' Annunciazione” de Filippino Lippi. Veja-se a nota

à comissão temos a operação de Andalo Lomellini de Génova. Os registos não nos permitem saber mais sobre este mercador, nem em que praça estaria localizado. Todavia, apesar de escassas, dispomos de notícias que nos permitem saber que, na primeira metade do século XV, uma personalidade com o mesmo nome pertencia à comunidade de genoveses estantes em Sevilha.²⁸⁸

d) Lã: operações de permuta

Tal como para outras mercadorias, também nos registos relativos à lã de São Mateus foi possível identificar um conjunto de quatro operações de permuta. A primeira, datada de 1455, tratou-se de uma permuta de cinco sacas de lã branca e bege, pertencentes à sociedade composta por ambas as companhias de Francesco di Nerone e ainda Filippo Pierozzi, por 52 *balle* de papel da região de Colle da companhia comercial de Giovanni di Bartolo, morador em Prato, como valor de 112.8.11 florins *di sugello*²⁸⁹. No ano seguinte (1456), Niccolao San Federighi, produtor de panos de lã em Lucca, realizou uma operação de permuta de uma escrava por cinco fardos de lã branca de São Mateus (66.19.0 florins *di sugello*), pertencentes à sociedade que existia entre a companhia Neroni de Florença e Filippo Pierozzi²⁹⁰. De referir que nos livros de contas da companhia pisana em estudo esta escrava possuía uma conta própria, que nos permite saber que se chamava Catarina e tinha, à data, 30 anos.

Em 1458 temos novo registo de permuta. Uma parte dos fardos de lã (12) da sociedade constituída pela companhia Neroni de Pisa, Simone de Negrone e Antonio Scarlattini foram comercializados *a baratto* por panos franceses - 40 panos da Gasconha e 6 panos brancos de Perpignan – pertencentes a Giovanni di Ser *Abrobo* pelo valor de 203.8.11 florins *di sugello*²⁹¹. Por fim, a última operação de permuta data de 1459 na

relativa à exposição: <https://www.beniculturali.it/evento/filippino-lippi-l-annunciazione> [consul. 5 agosto 2021]

²⁸⁸ RAITERI, Silvana Fossati – “Presenze Genovesi a Siviglia nella seconda metà del Quattrocento”. *Anuario de Estudios Medievales*, vol. 24 (1994), 301.

²⁸⁹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 13, c. 147, 177 e 200.

²⁹⁰ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 13, c. 305 e 321.

²⁹¹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 20, c. 45, 150, 163 e 170.

qual quatro fardos de lã de São Mateus, propriedade da companhia em estudo, foram trocados por uma *balestra d'acciaio* (besta de aço), num valor total de 62.19.6 florins *di sugello*.

e) Lã: Clientes e preços

Recordando, de uma forma muito breve, o que verificámos nas operações de couros – a chegada de couros à companhia Neroni de Pisa através de um grupo amplo e diversificado de agentes, e a posterior venda desta matéria-prima a um número mais limitado de clientes – no caso concreto da lã de São Mateus verificamos o oposto. O número de clientes para esta mercadoria foi superior e foram compras de quantidade mais reduzida.²⁹²

Do conjunto dos anos em que se desenvolveram os negócios de venda da lã de São Mateus, o ano de 1458 evidenciou-se ao concentrar em si 63% dos fardos de lã vendidos (tabela 17).

Tabela 17 - Venda de Lã de São Mateus, por ano, pela companhia Neroni de Pisa, 1455-1460

Anos de atividade	Uni. Medida		
	Fardos	Balle	Sacas
1455	52	-	42
1456	62	-	11
1457	47	12	47
1458	548	-	24,5
1459	87	-	2
1460	74	-	-
TOTAL	870	12	126,5

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Novamente, em contraste com o que verificamos para o comércio dos couros com as suas vendas essencialmente na Toscana, as vendas da lã de São Mateus

²⁹² Ver tabela Anexo 6.

conheceram uma maior amplitude geográfica na Península Itálica. Com base na Tabela 9, é possível perceber um destaque para as vendas realizadas a agentes da região da Toscana, Ligúria, Emilia-Romagna e Lombardia.²⁹³

Quando falamos da região da Toscana, temos referência a cerca de 10 cidades/vilas diferentes²⁹⁴. A cidade de Pisa foi aquela que teve um maior número de compradores da lã comercializada pela companhia pisana de Francesco di Nerone. Para além disso, as referências a estes agentes, nos livros de contas da companhia em estudo, foram aquelas que registaram um maior detalhe relativamente às ocupações profissionais dos compradores desta mercadoria²⁹⁵.

Em segundo lugar, surge a designação genérica de Toscana, com um conjunto de agentes identificados apenas com a região, mas sem que nos sejam fornecidos detalhes sobre a cidade concreta na qual se localizavam. Em terceiro lugar, encontramos os compradores estantes na cidade de Florença. Aqui, importa destacar algo que, por exemplo, foi o inverso do que se verificou em Pisa: estamos perante apenas quatro compradores, sendo um deles a companhia de Florença de Francesco di Nerone.²⁹⁶ Por fim, temos as compras de agentes da cidade de Pistoia, seguidos daqueles que se localizavam em Lucca. Em relação a esta última cidade, os registos nos livros de contas da companhia em estudo permitem-nos saber que estas vendas aconteceram aquando de uma viagem de Francesco di Nerone a Lucca²⁹⁷.

²⁹³ Importa referir que as diferentes unidades de medida nos impedem na realização de somatórios totais.

²⁹⁴ Ver tabela Anexo 6 em anexo.

²⁹⁵ Mesteres relacionados com a indústria dos panos de lã e não só, como: *ritagliatore*, *lanaiuolo*, *piannelli*, *pannilli*, *tintore* (tintureiro), *fachini* e *spedaliere*, para os quais não temos uma tradução concreta

²⁹⁶ Francesco di Michele di Beccho, Bonaviro di San Iacopo e Giovanni di Bartolomeo da Montelupo, são os outros três compradores em Florença.

²⁹⁷ No ponto seguinte, sobre as sedas, voltaremos a falar desta viagem.

Tabela 18 - Clientes da Lã de São Mateus comercializada pela companhia Neroni de Pisa, por região, 1455-1460

Regiões italianas	Un. Medida		
	Fardos %	Balle %	Sacas %
Calabria	2,1%	-	-
Campânia	0,3%	-	-
Emilia-Romagna	14,4%	66,7%	26,1%
Ligúria	27,8%	-	8,3%
Lombardia	12,8%		45,1%
Toscana	31,3%	33,3%	15,0%
Umbria	4,1%	-	4,0%
N/S	7,2%	-	1,6%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Em segundo lugar, como referimos, encontramos as compras de lã de São Mateus realizadas por agentes da região da Ligúria (Tabela 18), com especial destaque para a cidade de Génova e de companhias aí situadas. Para além disto, se observarmos os compradores individualmente, os três maiores compradores em quantidade de lã de São Mateus foram agentes localizados na região da Ligúria.²⁹⁸ Por fim, temos os compradores das regiões da Lombardia e da Emilia-Romagna. Da primeira, destacaram-se os agentes das cidades de Cremona, Bergamo e Milão; e da segunda, Modena, Parma e Bolonha. Não deixa de ser curioso verificar que o tipo de atuação no negócio da lã de São Mateus entre a companhia Neroni de Pisa e o Banco Salviati de Pisa possuiu várias semelhanças, sobretudo no que aos clientes diz respeito. Para além de absterem a indústria têxtil florentina, foram também fornecedores da região denominada *pianura padana*, também conhecida como o vale do Rio Pó, como destacou Carlomagno para o Banco Salviati e que aqui podemos verificar para o caso da companhia Neroni.²⁹⁹

No que aos preços de venda diz respeito, podemos verificar que, entre 1455 e 1460, a amplitude praticada para os fardos de lã de São Mateus foi bastante significativa

²⁹⁸ Ver tabela detalhada em anexo.

²⁹⁹ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 215.

(tabela 19). Esta situação deve-se ao facto de termos duas operações, uma de 1455 e outra de 1458, que conheceram um valor de venda mais reduzido e mais elevado, respetivamente³⁰⁰. Todavia, se atentarmos na tabela mais detalhada, em anexo, constatamos que o preço médio de venda de um fardo de lã se situava entre os 14 e os 17 florins. Relativamente às margens de lucro, se tivermos em conta os valores mínimos e máximos (tabela 13 e tabela 19), o que se verifica é que, apesar de não se tratar de uma lã de qualidade elevada, permitia a obtenção de margens de lucro entre os 47,2% e os 52,3% para os fardos de lã, e entre os 38,7% e os 47% no caso das sacas de lã.³⁰¹ No entanto, esta tentativa de aproximação às margens de lucro tendo apenas em consideração as amplitudes de preços verificadas nos negócios relacionados com a lã de São Mateus não será a mais indicada, pois escapam-nos, por exemplo, outros custos relacionados com a transação desta matéria-prima.

Tabela 19 - Amplitude dos preços de venda da lã de São Mateus pela companhia Neroni de Pisa, por unidade de medida, 1455-1460

Lã de São Mateus (unid. medida)	Preço mínimo	Preço máximo
Fardo	7.8.7	33.8.8
Saca	5.5.7	15.13.3
Balle	6.18.5	8.10.0

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

Assim, por forma a conhecermos com mais detalhe quais as percentagens de lucro associadas a esta mercadoria vamos atentar em casos concretos. No ano de 1455 dispomos de uma aquisição de 117 sacas de lã de São Mateus por 326.13.4 florins *di sugello* que foram, nesse mesmo ano, vendidas por 446.13.1 florins *di sugello*, ou seja, com uma margem de lucro de 26,86%.³⁰² Por outro lado, no ano de 1458, aquele que conheceu um maior número de transações quer na aquisição quer na posterior venda (tabela 11 e tabela 17) verificou-se um decréscimo na margem de lucro para os 20,71%.

³⁰⁰ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, liv. 20, c. 128.

³⁰¹ Para a unidade de medida *balle* não temos dados sobre os seus preços de compra.

³⁰² AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 13, c. 143.

Numa operação de importação de 202 fardos de lã de São Mateus pelo preço unitário de 12.4.0 florins *di sugello*, a posterior venda teve como preço unitário 15.7.9 florins *di sugello*.³⁰³

Por outro lado, tendo em conta que estes registos nos permitem conhecer as localizações geográficas dos agentes compradores desta matéria-prima, seria interessante perceber se existiu alguma relação entre a quantidade de lã adquirida e os valores pagos. Assim, observando a tabela 20, e recordando o que acima dissemos, podemos verificar que as regiões da Península Itálica que mais compraram lã de São Mateus, foram as que obtiveram preços de venda mais baixos. Por exemplo, o preço de venda mais alto dos fardos de lã para a Ligúria, que conheceu 27,8% das aquisições, foi inferior ao preço de venda mais baixo das vendas para a região da Umbria que, por sua vez, deteve apenas 4,1% das compras. De certa forma, podemos afirmar que a maior ou menor quantidade de lã adquirida influenciaria o seu preço a pagar pelos clientes finais, mas sem esquecer que a qualidade desta matéria-prima em muito influenciava o seu preço de venda. Esta situação também é evidente quando olhamos para as *balle* de lã: os compradores da região de Emilia-Romagna, responsável por 66,7% da compra nesta unidade de medida, pagaram menos 18,6% do que os da região da Toscana, que adquiriram 33,3%.

Tabela 20 - Amplitude dos preços de venda da lã de São Mateus pela companhia Neroni de Pisa, por região e por unidade de medida, 1455-1460

Regiões italianas	Uni. Medida					
	Fardos		Sacas		Balle	
	P. Min.	P. Máx.	P. Min.	P. Máx.	P. Min.	P. Máx.
Calábria	17.16.1	17.16.1	-	-	-	-
Campânia	13.13.9	13.13.9	-	-	-	-
Emilia-Romagna	7.8.7	16.4.9	5.5.7	15.13.3	6.18.5	6.18.5
Ligúria	8.14.4	13.14.5	-	-	-	-
Lombardia	13.16.2	33.8.8	10.4.9	13.1.8	-	-
Toscana	10.10.0	22.0.5	7.19.6	10.9.7	8.10.0	8.10.0
Umbria	14.8.5	19.2.8	-	-	-	-
N/S	14.15.1	16.15.4	-	-	-	-

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

³⁰³ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 20, c. 149.

Todavia, os valores que dispomos relativamente às sacas de lã de São Mateus vão em sentido contrário ao exposto. De facto, em certa medida, as duas regiões que adquiriram as maiores percentagens desta matéria-prima foram também as que conheceram valores de venda ao cliente final mais elevados.

f) Seda: Tipos, quantidade transacionada e preços

Antes de avançarmos na análise do comércio da seda por parte da companhia Neroni de Pisa, importa recordar o que afirmámos no ponto sobre o mercador fundador desta companhia. Francesco di Nerone esteve ligado à indústria têxtil sericícola e nas diferentes fases: importador das matérias-primas essenciais para a produção de panos de seda e revendedor dessas mesmas mercadorias através da sua companhia pisana; produtor direto de panos de seda através da sua companhia *setaioli* de Florença³⁰⁴; e vendedor e exportador de panos de seda, também através da sua companhia de Pisa. Mais tarde, na década de 70 do século, quando se encontrava em Nápoles, Francesco di Nerone foi identificado como *capomastro* (especialista) da indústria sericícola florentina, sintoma da sua grande experiência e da posição que detinha no seio dessa mesma indústria.³⁰⁵

Assim, nos livros de contas da companhia deste mercador florentino em Pisa encontramos um conjunto de registos que nos falam da chegada desta matéria-prima oriunda da Península Ibérica, denominada genericamente como *seta spagnola*³⁰⁶ (tabela 21). Todavia, não foi apenas a partir desta zona que a companhia pisana Neroni transacionou esta mercadoria. A somar aos registos da seda ibérica, contamos com um

³⁰⁴ Em 1457 tinha uma parceria com Bartolo di Biagio Tovaglia numa produção de seda em Porta Santa Maria (PINELLI, Paola – "The Florentine Company (...)", 162).

³⁰⁵ DINI, Bruno – "L'industria serica in Italia (...)", 121.

³⁰⁶ Relembramos que estes mercadores utilizavam a designação *Spagna* de uma forma abrangente, mas, em certa medida, referindo-se à costa ibérica do Mediterrâneo.

conjunto de operações, em menor número, da chegada de seda vinda do Oriente (tabela 21), particularmente da região do Mar Cáspio.³⁰⁷

Apesar de a designação genérica de *seta spagnola* ter sido aquela que representou uma maior quantidade desta mercadoria rececionada em Pisa, em algumas operações foi-nos possível identificar que parte dessa seda era oriunda de Málaga ou de Almería, ou seja, duas cidades pertencentes ao então reino nazarí de Granada. Atentando nas quantidades de fardos de seda destas duas cidades e naqueles relativos à denominação genérica de *seta spagnola*, podemos afirmar que existia uma preferência pela matéria-prima oriunda do espaço ibérico.

Tabela 21 - Quantidades de seda transacionada pela companhia Neroni de Pisa, 1454-1461

Tipo de seda	Quantidade	
	(em <i>fardelli</i>)	(em %)
<i>Spagnola</i>	25 + 5 madeixas ³⁰⁸	43,1%
de Almería	11	19%
de Málaga	9	15,5%
do Oriente	11	19%
S/I	2	3,4%
TOTAL	58 + 5 madeixas	100%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Málaga e Almería surgem-nos ainda referidas por terem sido as cidades a partir das quais se enviou seda para Pisa (9 e 4 fardos, respetivamente). A par destas cidades, temos ainda referência a envios realizados de Barcelona (7 fardos) e de Valência (8 fardos). Nos envios de Valência, não podemos deixar de referir a rota comercial que se havia estabelecido entre esta praça e Florença, desde finais do século XIV.³⁰⁹ Todavia, não conseguimos esclarecer a grande maioria dos envios (25 fardos e 5 madeixas), ou

³⁰⁷ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 37, c. 252, c. 294; liv. 20, c. 99. Trata-se de uma conta de seda *talani*, da região de Talich; duas contas de seda *stravai*, da região de Asterabad; e uma conta de seda *leggi*, da zona de Lahidjan. DE ROOVER, Florence Edler – *L'Arte della Seta a Firenze* (...), 25.

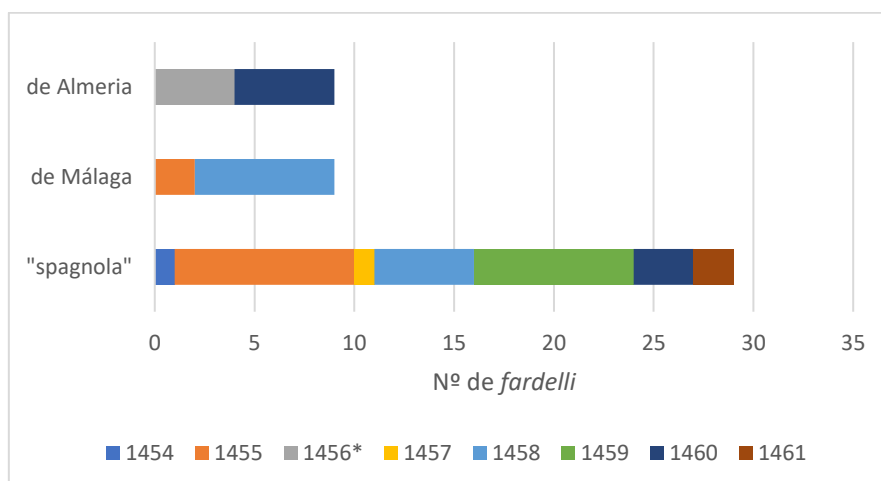
³⁰⁸ A designação original, na fonte, é *matasse di seta*.

³⁰⁹ IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia* (...), 38.

seja, qual a origem concreta da seda em si já que se tratou de aquisições a outras companhias comerciais e agentes económicos localizados em Pisa, Siena, Florença e Génova perdendo-se, assim, o detalhe quanto à proveniência da seda.

As transações de seda realizaram-se, como já foi referido, entre 1454 e 1461 com registos para todos os anos, mas nem sempre no mesmo fluxo (gráfico 7). A seda que conheceu a denominação generalizada, *spagnola*, contou com registos de importação para quase todos os anos de atividade, com exceção do ano de 1456 no qual apenas se registaram 5 madeixas de seda *spagnola*.

Gráfico 7 - Seda ibérica transacionada pela companhia Neroni de Pisa, por ano de atividade, 1454-1461, em fardelli



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

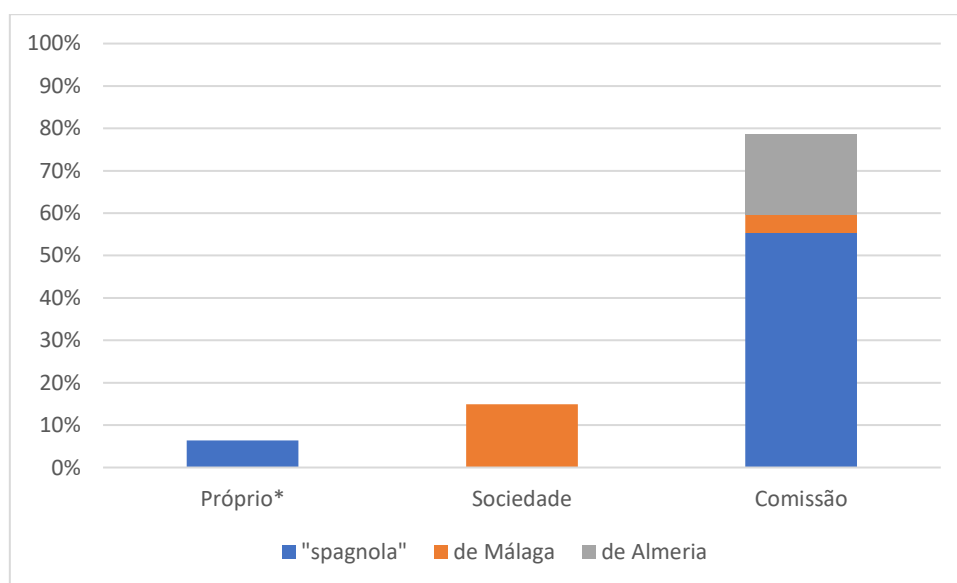
*Em 1456 somam-se ainda 5 madeixas de seda *spagnola*.

Por sua vez, as transações de seda de Almería verificaram-se em 1456 e 1460, e existindo até um equilíbrio para a quantidade de matéria-prima importada. A seda oriunda de Málaga conheceu o seu primeiro registo em 1455, numa aquisição mais reduzida, e em 1458 temos a segunda transação, na qual se verificou uma subida na quantidade de mercadoria rececionada em Pisa. Do conjunto dos anos de atividade, o ano de 1458 evidenciou-se, tendo registado a importação de 12 *fardelli* de seda (cinco *spagnoli* e sete de Málaga). Ainda em relação a esta análise por anos de atividade há uma observação que gostávamos de salientar: a existência de envios desta matéria-

prima no ano de 1459, tal como no caso da lã. Esta observação tem como finalidade contribuir para perceber o porquê de neste mesmo ano, no caso dos couros, não se ter verificado qualquer registo da sua chegada a Pisa. Como referimos, a ausência de operações de importação de couros parece estar relacionada com a viagem dos agentes portugueses, Lopo Afonso e Lourenço Caldeira, de Pisa para Lisboa, levando a uma supressão nas relações de negócios. Para além disso, ambos não figuraram enquanto fornecedores de lã de São Mateus, nem seda, à companhia Neroni de Pisa.

Tal como nas mercadorias anteriormente analisadas, também as transações relacionadas com a seda oriunda do espaço ibérico se dividiram pelos três tipos de negócios: próprio, em sociedade e à comissão. Atentando no gráfico 8, é por demais evidente a expressividade dos negócios à comissão, representando 79% da quantidade da seda importada da Península Ibérica.

Gráfico 8 - Seda importada pela companhia Neroni de Pisa, por tipo de negócio, 1454-1461



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

*Somam-se ainda 5 madeixas de seda *spagnola*.

Para além de os negócios à comissão se destacarem do ponto de vista da quantidade, foram ainda a única tipologia de negócio nas quais se incluíram as três

qualidades de seda. O negócio em sociedade, uma única operação, foi uma importação de seda de Málaga; por fim, as aquisições próprias da companhia pisana de Francesco di Nerone apenas transacionaram seda *spagnola* e em quantidades reduzidas.

No que aos preços diz respeito, como já referimos, estamos perante uma mercadoria de valor elevado, que conheceu algumas flutuações³¹⁰ no seu valor de aquisição, tendo-se traduzido numa grande amplitude de preços para o período de sete anos em estudo (tabela 22). Tanto o valor mais baixo como o mais alto foram relativos ao envio de seda *spagnola* à comissão por parte de agentes da companhia Cambini no espaço ibérico. O primeiro, em 1458, foi um envio de um *fardello* por Filippo Pierozzi em Barcelona; e o segundo, 1460, um envio de dois *fardelli* por parte de Bernardo Vai.

Tabela 22 - Amplitude dos preços e valor médio por tipo de negócio (em florins di sugello) nas transações de seda ibérica pela companhia Neroni de Pisa, 1454-1461

Seda ibérica (unid. medida)	Preço mínimo	Preço máximo	Valor médio
<i>Fardello</i>	57.5.2	500.17.3	240.2.2

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Face à amplitude que se verificou entre os diferentes preços para os *fardelli* de seda transacionados com origem na Península Ibérica, talvez seja mais significativo atentarmos no valor médio que se verificou. Assim, considerando todos os valores de que dispomos é possível apurar que o valor médio por cada unidade de medida em estudo, o *fardello*, se situou nos 240 florins *di sugello*. Contudo, se considerarmos os valores médios por tipo de negócios podemos constatar diferenças: nas aquisições próprias, o valor médio desce para os 179.15.7 florins *di sugello*; nos negócios à comissão, o valor médio sobe ligeiramente face ao valor médio global, para os 249.15.6 florins *di sugello*. No caso dos negócios em sociedade, dispomos de uma só operação no valor de 268.8.0 florins *di sugello*.

³¹⁰ Ver tabela Anexo 7 detalhada de preços, por ano e tipo de negócio, em anexo.

Do ponto de vista da qualidade e origem destes *fardelli* de seda, não conseguimos aferir uma correlação entre os mesmos e os valores praticados. A variação parece estar associada ao tipo de negócio para a transação desta matéria-prima, sendo as operações à comissão que se evidenciaram. Para além disso, note-se ainda que, de uma forma geral, os negócios que envolveram agentes genoveses foram os que conheceram valores unitários mais elevados.

Comparando, por exemplo, com o Banco Salviati de Pisa temos operações de seda do Oriente e uma conta na qual o mercador genovês Cristofano Cattaneo entrega à comissão 25 *fardelli* de seda, sem qualquer indicação de proveniência, e 2 *fardelli* de seda *spagnola*, pelo valor de 213.0.6 florins *di sugello*.³¹¹ Por outro lado, no caso da companhia Cambini de Florença, os registos entre 1451 e 1458 falam-nos essencialmente de seda oriunda do Mediterrâneo Oriental; e a seda *spagnola* surge nos registos de 1459.³¹² Tognetti sublinha que, a partir da década de 60 do século XV, o comércio da seda e dos panos de seda por parte dos Cambini ultrapassou o da lã e dos panos de lã.³¹³ Contudo, para realizarmos comparações com as operações dos livros de contas da companhia Neroni de Pisa precisávamos de mais dados.

g) Seda: Fornecedores

Tal como para as mercadorias anteriores, vamos agora analisar os agentes fornecedores dos diferentes tipos de negócios nos quais decorreram as operações comerciais de seda com destino à companhia pisana de Francesco di Nerone.

Em relação aos negócios de aquisição própria, estamos a falar de três operações distintas. A primeira, datada de 1456, foi o fornecimento de cinco madeixas de seda que a companhia Neroni de Pisa comprou a Antonello di Piero Trombetto.³¹⁴ No ano seguinte, 1457, temos uma compra de um *fardello* de seda *spagnola* à companhia que

³¹¹ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa* (...), t. I, 310.

³¹² TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini* (...), 168-169, 190-191. 208-209.

³¹³ *Idem*, 210.

³¹⁴ Nos registos dos livros de contas da companhia não dispomos de mais dados que nos permitam identificar esta figura. AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 352; liv. 18, c. 83.

Francesco di Nerone detinha na cidade de Florença; e sabemos que esta seda chegara a bordo de uma galé florentina.³¹⁵ Por fim, a terceira operação, datada dos finais do ano de 1461, não se tratou de uma compra direta, mas de uma permuta entre a companhia em estudo e o mercador Girolamo da Colti. A companhia Neroni trocou 12 panos de Londres – ou seja, de lã – por dois *fardelli* de seda de Almería, numa operação com o valor de 558.13.10 florins *di sugello*.³¹⁶ Estas operações de permuta (“*a baratto*”) permitem-nos conhecer dois aspetos distintos: que outras mercadorias a companhia pisana de Francesco di Nerone possuía para vender e, ainda, estabelecer comparações entre os diferentes produtos comercializados. Neste caso em concreto, podemos verificar o elevado valor comercial que a matéria-prima seda tinha em relação a 12 unidades de panos de lã, um produto já acabado.

Quanto aos negócios em sociedade, ao contrário do que temos vindo a verificar para outras mercadorias, apenas dispomos de um único negócio. A companhia Neroni de Pisa, o mercador Iacopo da Colle e Giovanni Del Maestro Domenicho, foram as figuras que compunham esta sociedade que adquiriu sete *fardelli* de seda de Málaga. No entanto, o registo da operação apenas nos indica o valor de compra de um *fardello*. A compra desta seda de Málaga foi realizada na própria cidade do reino nazarí de Granada por um funcionário da companhia Neroni de Pisa, Iacopo Pantaleoni, que aí se encontrava na data da operação.³¹⁷

Por último, vejamos os negócios à comissão, ou seja, quando um agente económico externo à companhia Neroni de Pisa entrega a esta uma determinada quantidade de mercadoria para que seja vendida, pagando uma comissão pelo serviço. Analisando a tabela 23, há uma conclusão imediata: a grande presença de mercadores genoveses no conjunto destas operações à comissão. O protagonismo destes

³¹⁵ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 262.

³¹⁶ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 170.

³¹⁷ No registo da operação, e em outras ao longo dos livros de contas da companhia, foi-nos possível perceber que Iacopo Pantaleoni fora funcionário da companhia pisana de Francesco di Nerone.

mercadores pode ser entendido pelo facto de o século XV ter sido também um momento de crescimento e expansão da indústria sericícola em Génova, tal como em Florença.³¹⁸

Tabela 23 - Seda comissionada à companhia Neroni de Pisa, por fornecedor, 1454-1461

Proprietário da Mercadoria		Tipo de seda	Quantidade (em <i>fardelli</i>)
Nome	Praça		
Francesco Spinola di Génova	Granada	<i>spagnola</i>	1
Domenico e Ambruogio Spinola di Génova e Azzolino Spinola	Pisa/?	<i>spagnola</i>	1
Bartolomeo di Piero Pucci	[Florença]	<i>spagnola</i>	1
Filippo Pierozzi	Barcelona	<i>spagnola</i>	1
Bandinello Sauli di Génova	[Valência]	<i>spagnola</i>	1
Bartolomeo Gentile di Génova	[Génova]	<i>spagnola</i>	2
C ^a Neroni de Florença	Florença	<i>spagnola</i>	2
Donato de' Marini di Génova	Málaga	de Málaga	2
Polo e Luca Centurioni di Génova	[Valência]	<i>spagnola</i>	3
Simone di Negrone di Génova	Pisa	<i>spagnola</i>	4
Corradino Battaglia e Giorgio Cattano di Génova	Almeria	de Almeria	4
Nofri Borghesi c ^a de Siena	Siena	<i>spagnola</i>	7
Bernardo Vai	Valência	<i>spagnola</i> de Almeria	8

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Identificamos cinco agentes económicos distintos que enviaram, cada um, um *fardello* de seda à comissão para ser depois vendido pela companhia Neroni de Pisa. Francesco Spinola, mercador genovês identificado como estante em Granada entre 1451 e 1457, foi o primeiro do qual temos notícia (1454).³¹⁹ O comércio desta matéria-prima com destino a Pisa era um dos principais negócios a que este mercador genovês

³¹⁸ DINI, Bruno – “L’industria serica in Italia (...)”, 99-100.

³¹⁹ Sobre Francesco Spinola veja-se: FÁBREGAS GARCÍA, Adela – “La integración del reino nazarí de Granada en el espacio comercial europeo (siglos XIII-XV)”. *Investigaciones de Historia Económica*. Asociación Española de Historia Económica, vol. 2 (2006) 11-40. FÁBREGAS GARCÍA, Adela – *La familia Spinola (...), passim*. FÁBREGAS GARCÍA, Adela – “Colaboradores necesarios. Comerciantes nazaríes y mercaderes extranjeros en el reino nazarí de Granada”. *eHumanista*, 38 (2018) 116-130.

se dedicava em Granada, tendo até fornecido outras companhias florentinas.³²⁰ Ainda a enviar a mesma quantidade de seda encontramos uma sociedade composta por três outros membros da família genovesa Spinola. Todavia, as fontes apenas nos indicam a cidade de residência de Azzolino Spinola: Pisa. Quanto à família Spinola, a historiografia tem-nos mostrado que foram uma importante colônia de mercadores genoveses estantes, sobretudo, em Valência.³²¹ Bartolomeo di Piero Pucci e Bandinello Sauli de Génova foram outros dois mercadores, florentino e genovês respetivamente, que entregaram um *fardello* cada, à companhia em estudo. Em relação ao primeiro, não dispomos de mais informações a não ser que a família Pucci fora uma das mais antigas famílias de Florença dedicada à atividade comercial.³²² Por outro lado, Bandinello Sauli, pertencente a uma destacada família de mercadores-banqueiros genoveses, estaria localizado na cidade de Génova, tendo em conta que nos finais do século XV, em Valência, existem notícias de envios de mercadorias para os seus herdeiros.³²³ Por fim, Filippo Pierozzi, mercador florentino estante em Barcelona e agente do Banco Cambini, foi também uma das figuras que entregou um *fardello* de seda à companhia pisana de Francesco di Nerone. Este mercador estante na praça aragonesa, como temos vindo a verificar, foi uma figura marcadamente presente em quase todos os negócios da companhia Neroni de Pisa com o espaço ibérico.

A entregar dois *fardelli* à companhia Neroni de Pisa temos três agentes económicos: a companhia que Francesco di Nerone possuía em Florença (1455) e, mais uma vez, dois mercadores genoveses. Datam de 1455 as operações de Bartolomeo Gentile de Génova, e de Donato de' Marini de Génova; segundo a fonte, este mercador genovês parece ter procedido ao envio da mercadoria a partir de Málaga. Em relação a

³²⁰ GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – "Rapporti commerciali (...)", 197.

³²¹ Para além das obras referidas, veja-se: CARIÑENA BALAGUER, Rafael; DÍAZ BORRÁS, Andrés – "La Colonia Genovesa en Valencia durante la Guerra Civil Catalana: el secuestro de sus bienes en 1472". *Anuario de estudios medievales*, 24 (1994) 131-154. IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia* (...), passim. FÁBREGAS GARCÍA, Adela – "Colaboradores necessários (...)", 116-130.

³²² GOLDTHWAITE, Richard A. – *The economy of Renaissance Florence* (...), 204 e 553. A título de curiosidade, no século XVI um membro desta família florentina, Antonio Pucci, fora núncio apostólico em Portugal. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Bartolomeo Marchionni* (...), 20.

³²³ IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia* (...), 206. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The economy of Renaissance Florence* (...), 255.

Bartolomeo Gentile, encontramos notícias de um mercador genovês homónimo a partir da década de 70 do século XV em Valência, assim como outros membros da mesma família.³²⁴ Polo e Luca Centurione, outros mercadores genoveses, foram os únicos que enviaram três *fardelli* de seda para a companhia em estudo. A família Centurione, juntamente com outras famílias genovesas como os já referidos Spinola, fazia parte da importante colónia de mercadores de Génova estante em Valência durante o século XV.³²⁵ Todavia, os dados por nós coligidos não nos permitem afirmar se estas duas personagens em particular estariam, ou não, na praça valenciana. A entregar quatro *fardelli* de seda à comissão à companhia pisana de Francesco di Nerone temos, mais uma vez, mercadores genoveses: em 1455, Simone de Negrone, estante em Pisa, e já envolvido nos negócios com a companhia em estudo no comércio da lã de São Mateus; e, em 1456, uma sociedade de mercadores estantes na cidade de Almeria, Corradino Battaglia e Giorgio Cattaneo di Génova.³²⁶

Por fim, os dois agentes que maiores quantidades de seda enviaram à comissão para a companhia em estudo foram a companhia comercial de Siena Nofri de Borghesi e o mercador florentino estante em Valência Bernardo Vai. Em 1459, Nofri de Borghesi fazia chegar à companhia Neroni de Pisa sete *fardelli* de seda, que teriam sido enviados a partir de Barcelona e com intermediação do mercador Filippo Pierozzi. No entanto, nos registos da companhia temos a indicação de que o lote seria de nove e não de sete *fardelli*, tendo chegado a Pisa, assim, a quantidade errada. Por último, em 1460 Bernardo Vai enviou oito *fardelli* de seda *spagnola* e de Almeria a partir da praça de Valência, tendo sido transportados dois *fardelli* por uma nave de um biscainho, e a restante quantidade, por uma galé florentina.³²⁷ Importa referir que Bernardo Vai era o agente da companhia Cambini em Valência desde os inícios da década de 60 do século

³²⁴ IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia* (...), 166.

³²⁵ CARIÑENA BALAGUER, Rafael; DÍAZ BORRÁS, Andrés – "La Colonia Genovesa en Valencia (...)", 144. IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia* (...), 206.

³²⁶ Não dispomos de mais dados sobre estas personagens, mas a família genovesa "Cattaneo" tinha várias relações comerciais e financeiras com o Banco Salviati e, um dos seus membros – Franco Cattaneo – estabeleceu sociedade com Francesco di Nerone para o comércio de couros de Sevilha (ponto sobre os couros). CARLOMAGNO, Antonio – *Banco Salviati de Pisa* (...), t. I, passim.

³²⁷ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 81, 111 e 133.

XV, tendo-se revelado um agente de grande destaque para as relações comerciais e financeiras do grupo ao qual pertencia, como também para outros mercadores florentinos.³²⁸

h) Seda: Clientes e preços

Tal como nos pontos anteriores, vamos agora analisar os clientes que adquiriram à companhia Neroni de Pisa os *fardelli* de seda ibérica que esta tinha para vender. Contabilizamos 23 operações de venda, entre os anos de 1454 e 1462, mas apenas 12 clientes diferentes³²⁹ para uma venda total de 31 *fardelli* de seda.³³⁰ Quando observamos na tabela em anexo³³¹ relativa aos clientes desta mercadoria, há uma conclusão evidente: a seda comercializada pela companhia Neroni de Pisa foi vendida exclusivamente na Toscana, mais propriamente em Lucca (77,4% da totalidade) e em Florença (22,6%).

Do ponto de vista da evolução ao longo dos anos (gráfico 9), verificamos que a maior concentração das vendas foi em 1455, seguida de uma quebra: zero vendas em 1456 e o início de uma subida das mesmas em 1457, até voltar novamente a cair em 1461.

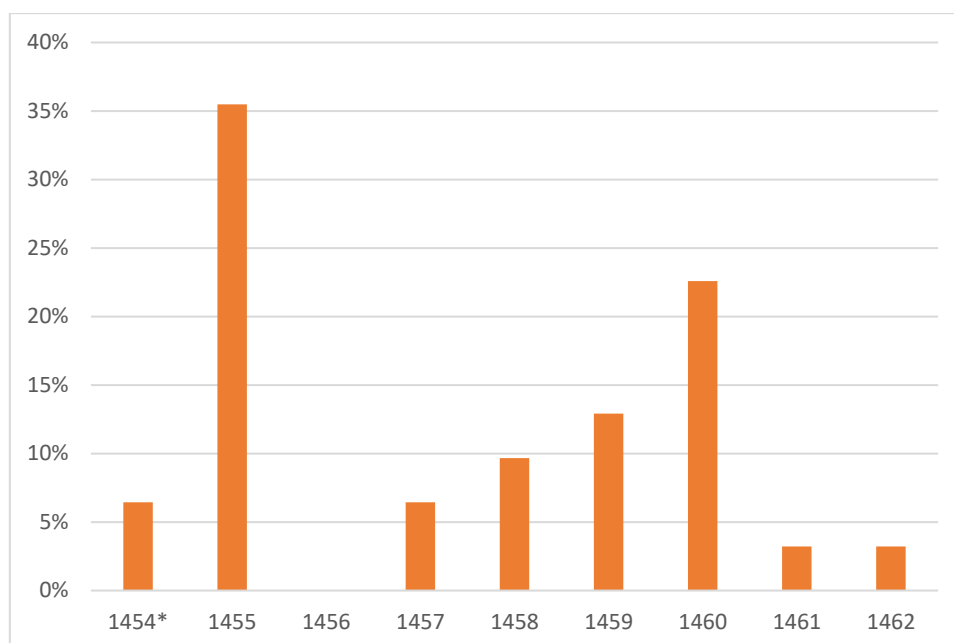
³²⁸ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini* (...), 198 e 240.

³²⁹ Ver tabela em anexo.

³³⁰ Recordamos o que vimos no início do ponto relativo à seda ibérica, tratava-se de 47 *fardelli* de seda.

³³¹ Ver tabela Anexo 8.

Gráfico 9 - Vendas de seda ibérica, por ano, em fardelli, pela companhia Neroni de Pisa, 1454-1462



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

*Neste ano existe ainda um registo realizado em 75 libras de seda.

De uma forma geral, as compras dos clientes desta matéria-prima foram, em média, de um *fardello*. A primeira venda registada, em 1454, foi à companhia em Florença detida por Francesco di Nerone. Contudo, não foi apenas para esta sua companhia que este mercador realizou compras de seda. Como referimos na sua breve biografia, Francesco possuía na cidade florentina uma unidade dedicada à indústria sericícola – *Francesco di Nerone compagni setaioli di Firenze* – para a qual comprou dois *fardelli* de seda, um em 1455 e outro em 1458. A sua companhia florentina, no total, adquiriu quatro *fardelli* entre 1454 e 1462. Se tivermos em conta estas duas unidades florentinas de Francesco di Nerone podemos considerar que ele foi o principal cliente desta matéria-prima da sua companhia em Pisa.

Em segundo lugar na quantidade adquirida temos duas companhias mercantis de Lucca. A companhia de Iacopo di Niccolò Turrentini comprou cinco *fardelli* de seda em 1455; e a de Niccolò Burlamacchi a mesma quantidade, mas entre 1455 e 1459. Em terceiro lugar na quantidade de seda ibérica vendida temos uma conta que nos fala de

uma viagem de Francesco di Nerone a Lucca, durante a qual terá encetado negócios e vendido alguma das mercadorias que a sua companhia pisana tinha para vender.³³² Esta viagem foi realizada entre 1454 e 1455, e apenas nos permite conhecer que um dos compradores dos 4 *fardelli* e 75 libras de seda ibérica que tinha para vender fora uma companhia mercantil de Lucca.³³³

Do ponto de vista dos preços praticados, não esquecendo que se trata de uma mercadoria de elevado valor comercial, a existência de margens de lucro consideráveis é rapidamente verificável. Tendo por base as duas tabelas de amplitudes de preços (tabela 22 e tabela 24) podemos verificar que a margem entre os dois valores mínimos é de 3% e entre os dois valores máximos é de 17%.³³⁴

Tabela 24 - Amplitude dos preços (em florins di sugello) de venda de seda ibérica pela companhia Neroni de Pisa, 1454-1461

Seda ibérica (unid. medida)	Preço mínimo	Preço máximo	Preço Médio
<i>Fardello</i>	59.0.0	603.16.9	372.3.5

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Tal como referimos já para a mercadoria anterior, uma tentativa de análise das margens de lucro torna-se deficitária, pois existem um conjunto de despesas associadas que nos escapam e que são essenciais para o apuro dos ganhos efetivos com a venda desta matéria-prima. Para além disso, não podemos esquecer que a atividade da companhia Neroni de Pisa, de compra e venda de mercadorias, estava subdividida por tipos de negócios - em próprio, à comissão e em sociedade – o que coloca ainda mais complexidade nesta leitura de margens de lucro. No entanto, podemos tentar uma aproximação pegando em dois exemplos concretos. O primeiro, num negócio à comissão de Bernardo Vai em 1459, temos indicação de que este mercador florentino

³³² No ponto anterior, da lã, já tínhamos identificado uma outra venda relacionada com esta conta da viagem de Nerone a Lucca.

³³³ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 138 e 139.

³³⁴ De notar que os valores aqui tratados correspondem aos mesmos anos, ou seja, ambos os valores mínimos possuem o mesmo ano de compra e venda, tal como os dois valores máximos.

em Valência recebera 1382.1.6 florins *di sugello* pela venda de 5 *fardelli* de seda que, por sua vez, foram vendidos pela companhia Neroni de Pisa por 1469.5.6 florins *di sugello*, permitindo perceber um acréscimo de 5,9%. Contudo, estamos a falar de uma operação à comissão, ou seja, os custos associados com a compra da mercadoria não estão refletidos no preço de venda, mas sim no valor que Bernardo Vai auferir. Sem os registos relativos a este mercador florentino, esta aproximação à possível margem de lucro é insuficiente. Em relação a um negócio em próprio de compra de seda espanhola, sabemos que a companhia Neroni de Pisa comprou um *fardello* por 80.4.3 florins *di sugello* tendo obtido 3,6% de margem na sua venda. No entanto, mesmo aqui, como já referido, fica a faltar um apuro consistente das despesas relacionadas com a importação dessa mercadoria, bem como outros custos associados.

Por fim, de uma forma genérica, tal como verificámos nas vendas de lã de São Mateus, não parecem existir diferenças nos valores praticados tendo em conta a quantidade adquirida, nem tendo em conta para qual das duas cidades toscanas, Lucca e Florença, esta matéria-prima fora vendida.

3.1.1.3. Substância tintureira: grã

Antes de avançarmos neste ponto dedicado à importação de uma substância tintureira oriunda do espaço ibérico, a grã, importa referir que esta não foi a única origem deste produto transacionado pela companhia Neroni de Pisa. Do ponto de vista das importações, excluindo a Península Ibérica como local de origem, chegou à companhia em estudo grã de outras zonas como o Oriente – através da sua companhia em Florença – e da Península Itálica, particularmente da zona de Maremma.³³⁵ Para além da grã, temos a importação de outras substâncias colorantes como a cochinhilha (de origem animal) da Turquia³³⁶ e a *robbia* (*rubia tinctorum*, de origem vegetal), da

³³⁵ Nota para a companhia de Florença com grã do Levante (AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 23, c. 193) e da companhia de Pisa com grã de Maremma (AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 210).

³³⁶ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 375; liv. 22, c. 118.

cidade italiana de Cortona³³⁷. Por outro lado, quando abordarmos as exportações, vamos poder verificar que a companhia pisana de Francesco di Nerone foi fornecedora, para algumas praças ibéricas, de uma matéria-prima colorante de origem vegetal que permitia obter a cor azul (*guado*, ou pastel).

Tal como para as mercadorias anteriores, começaremos com uma breve contextualização da utilização da grã, para depois avançarmos para a análise por tipologia de negócios.

a) A indústria têxtil na Toscana e a importação de matérias-primas II. A grã

Quando falamos de grã ("*grana*", como registado nos livros de contas da companhia), falamos de um colorante têxtil de origem animal, obtido através dos ovos secos do parasita *kermes vermilio*, presente num tipo de carvalho (*quercus coccifera*) bastante comum em várias regiões do Mediterrâneo, e que permitia obter a cor escarlate.³³⁸ Todavia, esta não era a única matéria-prima utilizada com a finalidade de obter uma cor dentro da paleta dos vermelhos.³³⁹

Os negócios da grã estavam estreitamente relacionados com os das fibras têxteis de lã e seda. De facto, alguns autores que se debruçaram sobre estas temáticas e sobre o estudo destas companhias comerciais salientam a interdependência de importações destas matérias-primas que forneciam os centros produtores dos panos de seda e dos panos de lã florentinos.³⁴⁰ O próprio desenvolvimento da indústria da seda florentina foi

³³⁷ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 98; liv. 22, c. 53.

³³⁸ CARDON, Dominique – *Le monde des teintures naturelles*. Paris: Belin, 2003, 472 e 476-483. CARDON, Dominique – "Du «verme cremexe» au «veluto chremesino» une filière vénitienne du Cramoisi au XV^e siècle". In MOLÀ, Luca; MUELLER, Reinhold C.; ZANIER, Claudio (eds.) – *La seta in Italia dal Medioevo al Seicento. Dal Baco al drappo*. Veneza: Marsilio, 2000, 63-64. HOUSSAYE MICHIEZI, Ingrid – *Datini (...)*, 202.

³³⁹ Dentro das substâncias tintureiras que permitiam o vermelho, temos ainda a cochinilha e a laca, de origem animal e vegetal respetivamente. SERRANO, Ana Filipa Albano – *The Red Road of the Iberian Expansion: Cochineal and the Global Dye Trade*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2016. Dissertação de Doutoramento, 9. CARDON, Dominique – "Du «verme cremexe» au (...)", 64.

³⁴⁰ SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, passim. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 115. IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia (...)*, 40. TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 169.

um motor na compra e venda da grã, sobretudo a partir da segunda metade do século XIV, período no qual se difunde a tinturaria de tecidos utilizando esta substância.³⁴¹ A legislação dos séculos XIV e XV, que reflete o desenvolvimento da indústria têxtil florentina, trouxe também mudanças do ponto de vista das práticas tintureiras, como a proibição de se tingirem tecidos de seda com outras substâncias que não a grã.³⁴²

No século XV, a utilização da grã tornou-se um marco distintivo da indústria têxtil florentina, permitindo, por exemplo, que os seus panos de lã competissem com os panos de lã ingleses, tidos como de maior qualidade e atingindo preços superiores.³⁴³ Os altos preços que os tecidos tingidos com grã conheceram estavam sobretudo ligados com o custo da substância colorante, e não tanto com a despesa associada ao trabalho de a tingir.³⁴⁴ Nesta centúria, registou-se ainda um acontecimento que consolidou o apogeu da grã: o Papa Paulo II (pontificado 1464-71) tomou a decisão de substituir a cor das vestes dos cardeais de púrpura por escarlata.³⁴⁵

A grã estava inserida num conjunto amplo de outras matérias-primas colorantes, como o *verzino* (pau-brasil), o índigo e o *guado* (pastel), sendo que a especialização no trabalho com cada uma destas substâncias funcionou como determinante para a categorização de cada oficina de tinturaria.³⁴⁶ No entanto, dentro dos colorantes que permitem a obtenção da cor vermelha verificamos uma preferência pela grã em detrimento de outras. Como referimos, esta situação podia estar relacionada com as imposições legais exigidas, mas também com o próprio rendimento que a mesma

³⁴¹ FRANCESCHI, Franco – “Il ruolo dell’allume nella manifattura tessile toscana dei secoli XIV-XV”. *Mélanges de l’École française de Rome – Moyen Âge*, 126-1 [Em linha] (2014). [Consult. 25 Maio 2021]. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mefrm/1582?lang=it>.

³⁴² MONNAS, Lisa – “Some Medieval Colour Terms for Textiles”. In NETHERTON, Robin; OWEN-CROCKER, Gale (eds.) – *Medieval Clothing and Textiles*. Vol. 10. Suffolk: The Boydell Press, 2014, 46.

³⁴³ FRANCESCHI, Franco – “Il ruolo dell’allume (...)”, parágrafo 28.

³⁴⁴ HOSHINO, Hidetoshi – “La tinturaria di grana nel basso Medioevo”. In FRANCESCHI, Franco; TOGNETTI, Sergio (eds.) – *Industria tessile e commercio internazionale nella Firenze del tardo Medioevo*. Firenze: Leo S. Olschki, 2001, 23-24.

³⁴⁵ SEQUEIRA, Joana – *O Pano da Terra (...)*, 112-113. Ainda sobre o uso da substância tintureira que permitia obter a cor púrpura veja-se, entre outros: SERRANO, Ana Filipa Albano – *The Red Road (...)*, 7-9. CARDON, Dominique – “Du «verme cremexe» au (...)”, 63-64.

³⁴⁶ DE ROOVER, Florence Edler – *L’Arte della Seta (...)*, 31 e 44. FRANCESCHI, Franco – “Il ruolo dell’allume (...)”, *passim*.

permitia obter. Por exemplo, para tingir meio quilo de seda era necessário usar cerca de dois quilos de cochinilha, enquanto cerca de 700 gramas a 1,130 quilos de grã eram suficientes para obter uma tonalidade mais forte de vermelho (escarlate).³⁴⁷

Apesar de a grã ser uma substância que se podia encontrar um pouco por toda a zona do Mediterrâneo, um dos locais de produção mais famosos no final da Idade Média era Portugal. Nos manuais para mercadores de então a grã portuguesa era evidenciada tanto pela abundância como pela grande qualidade face a outras, tendo chegado a atingir valores de venda mais elevados em comparação com as congéneres oriundas de outros mercados.³⁴⁸ Assim, estamos perante um conjunto de características que nos permite perceber a procura, por parte de mercadores estrangeiros, da obtenção de monopólios para a exploração da grã portuguesa.³⁴⁹

No que à figura de Francesco di Nerone diz respeito e, sobretudo, em relação aos seus negócios, como já referido, a sua atividade desde cedo passou pelo comércio internacional no qual, a par de outras mercadorias, se encontrava presente a substância colorante aqui em estudo.³⁵⁰

b) Grã: Tipos, quantidades transacionadas e preços

Iniciamos com uma primeira observação geral sobre a quantidade de grã, com origem no espaço ibérico, que foi transacionada pela companhia Neroni de Pisa. Uma das dificuldades no tratamento dos dados relativos a esta matéria-prima é a falta de uniformidade na escolha de uma unidade de medida comum a todas as operações:

³⁴⁷ SERRANO, Ana Filipa Albano – *The Red Road (...)*, 20.

³⁴⁸ No mercado de Londres a grã de Sintra conheceu uma cotação muito superior face às suas concorrentes (de Valência, Andaluzia e do Norte de África). E nos finais do século XV continuava a ser das grãs mais caras do mercado. MELIS, Federigo – “Di alcune figure (...)”, 14. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – Bartolomeo Marchionni (...), 88. *Della Decima e delle altre gravezze. Contenente la Pratica della mercatura scritta da Giovanni di Antonio da Uzzano nel 1442*. Vol. IV. Lisboa e Lucca: Giuseppe Bouchard librajo francese in Firenze, 1766, 176.

³⁴⁹ Não sabemos qual a data na qual se fixou este monopólio para a exploração e comercialização da grã de Portugal. A sua notícia chega-nos através das queixas realizadas nas Cortes de Évora-Viana de 1481-82. SEQUEIRA, Joana – *O Pano da Terra (...)*, 114.

³⁵⁰ BOSCHETTO, Luca – “Tra Firenze e Napoli (...)”, 698-699.

temos operações registadas em libras, “*balle*”, “*ballette*”, saca (“*saccha*”) e “*pippe*”. Por vezes, no registo das operações encontramos a utilização de mais do que uma unidade de medida em simultâneo, o que nos permitiu concentrar a análise em apenas três unidades de medida. Assim, entre 1455 e 1462 a companhia recebeu em Pisa 1541 libras³⁵¹, 38 *balle* e 3 *ballette* de grã oriunda da Península Ibérica (Tabela 25). Apenas de referir que esta última unidade foi utilizada sempre que a mercadoria foi transacionada em pó (“*polvere di grana*”).

Tal como nas operações de comércio dos couros, a diferenciação desta matéria-prima colorante estava relacionada com o seu local de origem. Nos registos da companhia pisana de Francesco di Nerone podemos identificar quatro proveniências da grã: da Catalunha, de Valência, de Sintra e do Norte de África.

Tabela 25 - Origem e quantidades da grã transacionada pela companhia Neroni de Pisa, 1455-1462

Origem da grã	Libras	<i>Balle</i>	<i>Ballette</i>
Sintra	931	-	1
Valência	608	35	2
Norte de África	2	2	-
Catalunha	-	1	-
TOTAL	1541	38	3

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

A maior quantidade de grã transacionada pela companhia Neroni de Pisa foi a grã de Sintra, mas a primeira notícia surge apenas em 1457 (tabela 26). Esta qualidade de grã era já conhecida dos mercadores florentinos nos finais da primeira metade do século XV, tendo sido descrita, em 1442, como “de grande qualidade e perfeita” por

³⁵¹ 523,17 quilos, tendo em conta que 1 libra equivale a 339,5 gramas. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 12.

Giovanni di Antonio da Uzzano, na sua *Pratica della mercatura*.³⁵² Em segundo lugar, temos as operações relacionadas com a grã de Valência³⁵³, também em quantidade considerável, sendo aquela que esteve presente num maior número anos de atividade (tabela 26). A grã norte-africana, considerada de qualidade inferior à valenciana³⁵⁴, foi adquirida em duas operações, mas através de agentes nas praças de Barcelona e Valência. Por fim, a grã identificada como “da Catalunha” foi comprada pela companhia na Toscana e não numa praça ibérica.

Tabela 26 - Origem e quantidade de grã transacionada pela companhia Neroni de Pisa, por ano de atividade, 1455-1462

Anos	Sintra	Valência	Norte de África	Catalunha
1455	-	-	2 <i>balle</i>	-
1456	-	-	-	-
1457	259 libras	-	-	-
1458	-	2 <i>balle</i>	-	-
1459	-	608 libras	2 libras	-
1460	599,5 libras	14 <i>balle</i>	-	1 <i>balle</i>
1461	72,5 libras + 1 <i>ballette</i>	-	-	-
1462	-	19 <i>balle</i> + 2 <i>ballette</i>	-	-
TOTAL	931 libras + 1 <i>ballette</i>	608 libras + 35 <i>balle</i> + 2 <i>ballette</i>	2 <i>balle</i> + 2 libras	1 <i>balle</i>

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Numa análise alargada dos anos de atividade, com exceção de 1456, verificamos uma constante na transação de grã por parte da companhia Neroni de Pisa. Por

³⁵² *Della Decima e delle altre gravezze. Contenente la Pratica della mercatura scritta da Giovanni di Antonio da Uzzano nel 1442*. Vol. IV. Lisbona e Lucca: Giuseppe Bouchard librajo francese in Firenze, 1766, 176.

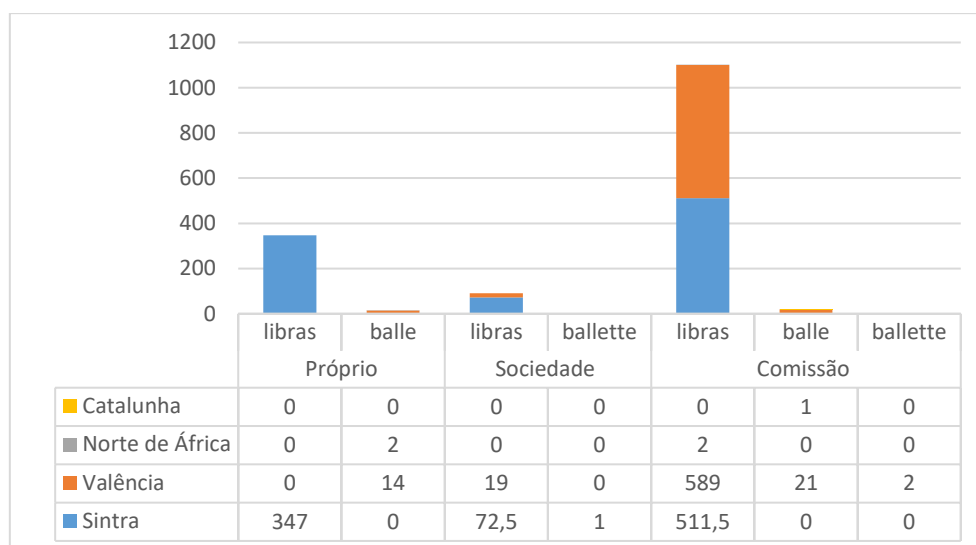
³⁵³ Desde meados do século XIV que temos notícias da presença de mercadores florentinos e genoveses em Valência com interesse no comércio de matérias-primas, das quais se destacava a grã. IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia (...)*, 35 e 40, nota 32.

³⁵⁴ HOUSSAYE MICHIEZI, Ingrid – *Datini (...)*, 203.

oposição, foi nos anos de 1459 e 1460 que se concentrou a receção da maior quantidade desta matéria-prima (78,5%), seguidos de 1457 (16,8%). Ainda em relação a 1459, há dois aspetos que importa sublinhar. Em primeiro lugar, como temos vindo a salientar ao longo deste trabalho, a quebra verificada neste ano parece estar relacionada com a viagem de Pisa para Lisboa dos agentes portugueses Lopo Afonso e Lourenço Caldeira, o que levou a uma interrupção nas relações comerciais e financeiras com a companhia Neroni de Pisa. Em segundo lugar, no caso da grã, tal como no da lã de São Mateus e da seda ibérica, temos registos de comercialização destes produtos para esse período que coincide com a ausência dos agentes portugueses. De facto, em 1459 foi quando se registaram as maiores quantidades de grã comercializadas, mas oriunda apenas dos portos de Valência e de Barcelona (tabela 26). Assim, tal como vimos para as fibras têxteis, esta presença de grã em 1459 concorre para o reforço da ideia de que a quebra nesse mesmo ano das operações de couros provenientes da praça de Lisboa estaria relacionada com a viagem de regresso de Lopo Afonso e Lourenço Caldeira. No entanto, seria de grande interesse colocar esta situação em comparação com outras companhias comerciais contemporâneas.

À semelhança das mercadorias anteriormente analisadas, também o comércio da grã se dividiu pelos três tipos de negócios: próprio, em sociedade e à comissão. Tal como verificamos para a lã de São Mateus e para a seda ibérica, os negócios à comissão foram os que movimentaram a maior quantidade de grã para Pisa, com destino à companhia de Francesco di Nerone (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Quantidades de grã importadas pela companhia Neroni de Pisa, por tipo de negócio, 1455-1462



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

Para além de se destacarem quanto à quantidade de grã transacionada, nos negócios à comissão encontramos também a presença das quatro qualidades desta matéria-prima, se bem que em quantidades distintas, destacando-se a de Sintra e a de Valência. A somar a isto, os envios desta mercadoria à comissão registaram ainda uma maior continuidade temporal, com operações em cinco dos sete anos de atividade. Em segundo lugar (gráfico 10), temos as aquisições próprias por parte da companhia em estudo, com a primeira notícia (1455) relativa a esta mercadoria: a compra de grã norte-africana, a partir de Valência³⁵⁵: saliente-se o papel da praça valenciana enquanto redistribuidora das mercadorias que chegavam do Norte de África.³⁵⁶ Ainda em relação às operações em próprio, destaque para o claro domínio das compras de grã de Sintra, em relação às duas outras adquiridas. Por fim, temos os negócios em sociedade que contaram com operações em apenas dois anos de atividade: 1459 e 1461.

³⁵⁵ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, liv. 13, c. 143.

³⁵⁶ GUIRAL, Jacqueline – "Les relations commerciales du royaume de Valence avec la Berbérie au XVe siècle". *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 10 (1974) 112-113.

Em relação aos preços, na tabela 27 reunimos os valores mínimos e máximos, bem como o cálculo do valor médio, por unidade de medida, que se verificaram nas transações de grã.³⁵⁷ Para algumas operações não foi possível perceber qual o valor da mercadoria, por estarmos perante registos que, por exemplo, apenas se referem ao pagamento do frete ou das despesas alfandegárias relativas à chegada a Pisa desta matéria-prima.

Tabela 27 - Amplitude e valor médio dos preços (em florins di sugello) nas transações de grã pela companhia Neroni de Pisa, 1455-1462

Origem da grã	Unid. Med.	Valor Min.	Valor Máx.	Valor Méd.
Sintra	libras	0.11.3	1.4.11	0.15.3
Valência	libras	0.12.1	12.11.2	6.11.8
	<i>balle</i>	60.18.2	100.0.0	83.11.4
Norte de África	<i>balle</i>	23.17.11	23.17.11	23.17.11
Catalunha	<i>balle</i>	146.9.2	146.9.2	146.9.2

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

Assim, pela tabela de cima verificamos que, apesar de referenciada como de melhor qualidade, a grã de Sintra em comparação com a de Valência, transacionada em libras, conheceu um preço médio bastante inferior. No conjunto dos dados de que dispomos, o valor médio da grã valenciana foi o mais elevado, com exceção da grã identificada como originária da Catalunha. Todavia, esta última foi uma só operação: um envio à comissão por parte da companhia de Florença de Francesco di Nerone, que, por sua vez, tinha adquirido esta grã ao agente da companhia Cambini em Barcelona, Filippo Pierozzi.³⁵⁸ Ainda em relação à comparação entre a grã de Sintra, tida como melhor e mais cara³⁵⁹, e a de Valência, há um aspeto a salientar. Para o caso português, a

³⁵⁷ Ver tabela Anexo 7, com os preços por ano.

³⁵⁸ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, liv. 22, c. 107.

³⁵⁹ Recorde-se que no mercado de Londres a grã de Sintra conheceu uma cotação muito superior face às suas concorrentes (de Valência, Andaluzia e do Norte de África). E nos finais do século XV continuava a ser das grãs mais caras do mercado. MELIS, Federigo – “Di alcune figure (...)”, 14. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Bartolomeo Marchionni (...)*, 88.

companhia florentina Cambini, durante o século XV, teve vários agentes diretos em Portugal, que procuraram eliminar os intermediários na aquisição das mercadorias para exportação, como era o caso da grã.³⁶⁰ De certa forma, este modelo de atuação pode conter a explicação para os valores mais baixos registados para a grã portuguesa nos livros da companhia Neroni de Pisa. No entanto, o baixo valor da grã portuguesa pode ainda encontrar explicação no processo de colheita realizado em Portugal. Nas Cortes de Viana de 1481-1482, o monarca declarava que havia quem cortasse as carrasqueiras – o arbusto nos quais a grã nascia – e vendesse dessa mesma forma, o que permitia reduzir os valores de venda, já que custos com a colheita unitária, e morosa, desta matéria-prima eram eliminados.³⁶¹

Há ainda um aspeto curioso que gostaríamos de salientar. Pela tabela em anexo³⁶², podemos constatar que as diferentes qualidades desta matéria-prima colorante não coincidiram nos anos em que foram transacionadas. Por outro lado, os valores mais altos, em libras e em *balle*, para a grã exportada de Valência, e que em muito influenciam este tipo de comparações, datam de 1458 e 1459. Recordando a questão da quebra verificada neste período, por ausência dos agentes portugueses, podemos considerar que, nestes dois anos, a grã valenciana não teria concorrência no mercado de aquisição. Ambas as operações, uma em sociedade com a companhia Neroni de Pisa e outra à comissão, são realizadas com o mesmo agente toscano sediado, à data, em Valência e que era filho de Iacopo da Colle, com quem Francesco di Nerone tinha relações comerciais, como vimos.³⁶³ Por sua vez, o envio de grã de Sintra que conheceu o valor mais elevado resultou de uma sociedade entre a companhia em estudo

³⁶⁰ SEQUEIRA, Joana – *O Pano da Terra (...)*, 157-158. Como agentes diretos da companhia Cambini, sublinhe-se os exemplos dos mercadores Bartolomeo Iacopo di Ser Vanni (envios para a Toscana desta e de outras matérias-primas na década de 50 do século XV) e Giovanni Guidetti (operação de 1463 no envio desta matéria-prima, entre outras). RAU, Virgínia – "Bartolomeu di Iacopo (...)", 110. D'ARIENZO, Luisa – *La presenza degli Italiani in Portogallo (...)*, 562.

³⁶¹ SEQUEIRA, Joana – *O Pano da Terra (...)*, 114-115.

³⁶² Anexo 11.

³⁶³ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 234 e 259; liv. 22, c. 38.

e o mercador florentino estante em Lisboa, Francesco Giuntini, num envio conjunto: grã de Sintra e couros de Lisboa.³⁶⁴

Tal como para as mercadorias vistas anteriormente, uma análise comparativa com outras companhias comerciais florentinas, como os Salviati e os Cambini, seria de todo o interesse. Todavia, não dispomos de dados que nos permitam tal comparação. No caso dos Salviati, as operações de compra e venda de grã, de Sintra e de Valência, apenas se iniciam em 1463, ou seja, no ano imediatamente seguinte às últimas operações da companhia Neroni de Pisa.³⁶⁵ Já no caso dos Cambini, não dispomos de uma análise tão detalhada como, por exemplo, para o comércio dos couros.³⁶⁶

c) Grã: Fornecedores

No que às operações de aquisição própria diz respeito, temos a presença de três qualidades de grã e quatro fornecedores distintos (Tabela 28). Para além disso, estas aquisições foram realizadas em duas unidades de medida: libras e *balle*. Curiosamente, como podemos verificar na tabela 5, a primeira unidade de medida – libras – verificou-se apenas na grã oriunda de Portugal e a segunda unidade de medida – *balle* – na grã que chegou a Pisa a partir do porto de Valência.

Tabela 28 - Fornecedores de grã em aquisição própria pela companhia Neroni de Pisa, 1455-1462

Origem da Grã	Quant.	Fornecedor	Data
Norte de África	2 <i>balle</i>	Filippo Pierozzi	1455
Valência	14 <i>balle</i>	Marco Zorzi	1462
Sintra	155 libras	Pedro Eanes	1457
Sintra	192 libras	Lourenço Caldeira	1460

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

³⁶⁴ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 210.

³⁶⁵ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 380 e 387.

³⁶⁶ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 160, 169, 190, 212 e 250.

Apesar de Filippo Pierozzi, agente da companhia Cambini em Barcelona, vender em 1455 à companhia pisana de Francesco di Nerone grã do Norte de África, a mesma foi fornecida através da praça valenciana³⁶⁷. Uma situação em tudo semelhante ao que já tínhamos verificado no negócio dos couros: por um lado, a figura de Filippo Pierozzi enquanto agente fornecedor de mercadorias norte africanas e, por outro lado, a praça de Valência enquanto plataforma dedicada à sua redistribuição. Ainda nesta cidade aragonesa, temos a compra de 14 *balle* de grã de Valência a um mercador veneziano, Marco Zorzi³⁶⁸. Em relação a esta operação, importa destacar o seu pagamento em duas formas distintas: parte em dinheiro e parte através de uma permuta por uma outra substância tintória, o pastel (*isatis tinctoria*)³⁶⁹. Todavia, no registo nos livros da companhia em estudo não se efetuou a separação dos respetivos valores, por forma a percebermos quanto valeria o pastel face à grã de Valência.

Em relação à grã de Sintra, falamos de duas operações em aquisição própria e ambas feitas a dois agentes portugueses. Em 1457 temos o fornecimento de 155 libras por parte de Pedro Eanes. Nos registos da operação não dispomos de mais dados que nos permitam saber quem seria esta personagem. Para além disso, não estamos perante nomes invulgares para Portugal nos finais da Idade Média. Todavia, quando examinamos os registos relativos aos envios de couros a partir de Lisboa, sobretudo por parte de Lourenço Caldeira, surge-nos um mestre de caravela português homónimo deste fornecedor de grã. Não podemos garantir que seriam as mesmas figuras, mas a hipótese de o serem é considerável, tendo em conta que os fornecimentos de couros e grã portugueses surgiam muitas vezes relacionados. Por fim, a maior compra de grã de Sintra foi feita em 1460 a Lourenço Caldeira, numa operação conjunta de aquisição:

³⁶⁷ Os mercadores em Barcelona conheciam e importavam grã do Norte de África, usando o porto de Valência. CARRÈRE, Claude – *Barcelone (...)*, 462.

³⁶⁸ O nome de família Zorzi indica-nos que esta figura seria veneziana, mas pouco mais conseguimos apurar sobre a mesma. Veja-se: *Treccani, Enciclopedia Online* <https://www.treccani.it/enciclopedia/zorzi> (Consult. 22 Janeiro 2020).

³⁶⁹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 84. Como veremos no ponto dos produtos exportados pela companhia Neroni de Pisa, o pastel fazia parte das mercadorias exportadas para a Península Ibérica.

couros de Lisboa e grã de Sintra. O transporte de ambas as mercadorias foi realizado pelo já referido patrão de embarcação português, Lopo Eanes.³⁷⁰

No que diz respeito às parcerias para a aquisição desta matéria-prima colorante, a companhia Neroni de Pisa apenas estabeleceu duas e com dois agentes florentinos estantes em praças no exterior (tabela 29).

Tabela 29 - Negócios em sociedade da companhia Neroni de Pisa para a importação de grã, 1455-1462

Praça(s)	Sócio(s)	Quantidade (em libras)	Fornecedor(es)
Valência	c ^a Neroni de Pisa Michele da Colle	19	Marco Zorzi
Lisboa	c ^a Neroni de Pisa Francesco Giuntini	72,5*	-

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

*A este valor acresce uma 1 *ballette* de grã em pó.

A primeira sociedade foi realizada com um mercador recém estabelecido na praça de Valência, filho de uma das figuras mais destacadas no conjunto dos negócios da companhia Neroni de Pisa, Iacopo da Colle. Michele teria deixado Pisa por volta de 1457 e fixou-se, primeiramente, em Valência antes de se mudar para Lisboa, no início da década de 60 do século XV.³⁷¹ No ano de 1459 estabeleceu uma parceria com a companhia pisana de Francesco di Nerone para a exportação de grã de Valência, que lhes fora fornecida por Marco Zorzi, também ele fornecedor de Neroni nas aquisições diretas desta mercadoria. Quando Michele da Colle se mudou para Lisboa, uma das matérias-primas que esteve presente nos seus negócios de exportação para Pisa foi a grã portuguesa, comprada a Lourenço Caldeira, mas oriunda da zona de Sesimbra e não de Sintra.³⁷² No entanto, as aquisições por parte da companhia Da Colle desta matéria-

³⁷⁰ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 36.

³⁷¹ Michele regressou a Pisa em 1475 e o próprio indica que esteve 18 anos fora de Itália. Desta forma, sabendo que viveu 13 anos em Lisboa, podemos depreender a sua data de saída de Pisa. BERTI, Marcello – “Le aziende da Colle (...)”, 98-104. CARDOSO, Ana Clarinda; SEQUEIRA, Joana – “Michele Da Colle’s Account Books (...)”, 164-166.

³⁷² CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (...)*, 69-71.

prima colorante em Portugal tiveram as suas primeiras operações em 1455, anteriores à fixação do seu agente em Lisboa.³⁷³

Quanto à parceria estabelecida com o mercador florentino em Lisboa, Francesco Giuntini, agente da companhia Cambini, estamos perante a mesma sociedade que analisámos no ponto relativo aos negócios desta tipologia de exportação de couros. Novamente, temos um envio a partir de Lisboa do mesmo conjunto de mercadorias – couros e grã – o que não deixa de ser curioso, já que são matérias-primas muito diferentes: a primeira, mais barata e para produtos mais simples, do quotidiano; a segunda, mais cara e que se destinava à produção de bens de luxo. Como referimos no ponto sobre os couros, o envio destas mercadorias foi realizado em três embarcações portuguesas: a nave do Infante de Portugal – D. Fernando –, a nave de Rui Gomes e uma caravela do Porto.³⁷⁴ Para esta sociedade, em partes iguais, entre os dois mercadores florentinos não dispomos de mais informações sobre quem poderá ter sido o fornecedor das mercadorias.

Nestes dois negócios em sociedade podemos retomar a questão dos preços de aquisição. A grã valenciana atingiu um preço por libra mais elevado do que a portuguesa (12.11.2 florins *di sugello* para a de Valência e 1.4.11 florins *di sugello* para a de Sintra). E aqui voltamos à questão dos intermediários. No caso da grã de Valência, a sociedade de Nerone e Michele teve um mercador veneziano como fornecedor, ou seja, ocupando função de intermediário desta sociedade para a aquisição desta matéria-prima na praça valenciana. No caso da grã de Sintra, estamos perante uma sociedade com um agente Cambini e, recordando que entre 1444 e 1481, procuravam eliminar a intermediação para as compras desta mercadoria, conseguindo assim obter melhores preços, podemos estar perante um exemplo desse modelo de atuação.³⁷⁵

Ainda em relação a esta questão de um modelo de atuação direta, permitindo contornar valores mais elevados devido à presença de intermediários, podíamos

³⁷³ BERTI, Marcello – “Le aziende da Colle (...)”, 72-73.

³⁷⁴ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 210.

³⁷⁵ SEQUEIRA, Joana – *O Pano da Terra (...)*, 157-158.

considerar os valores de aquisição da grã portuguesa por parte de Michele da Colle quando se fixou em Lisboa, tendo em conta que nessa altura ele funcionou, como foi referido, como correspondente direto de Francesco di Nerone. Apesar de os livros de contas de Michele estarem registados na moeda portuguesa de então, o real, e de possuímos valores que nos permitam fazer o câmbio para a moeda usada nos livros da companhia em estudo – *fiorini di sugello* – não dispomos das taxas de câmbio para o mesmo mês de compra da grã por parte de Michele. A somar a isto, este mercador utiliza como unidade de medida a “arroba” de Portugal, ao passo que os livros da companhia Neroni de Pisa registaram em libras.

Por fim, vejamos os negócios nos quais a grã foi comissionada por agentes externos à companhia em estudo. Se olharmos para a tabela 30, podemos constatar uma forte presença dos mercadores toscanos no conjunto das operações e apenas dois agentes económicos portugueses. Em contraste com a seda ibérica, e em concordância com os couros ibéricos e a lã de São Mateus, contamos com a presença de agentes/mercadores da mesma origem que a mercadoria (no caso em estudo, portugueses).

Tabela 30 - Grã comissionada à companhia Neroni de Pisa, por fornecedor, 1455-1462

Proprietário da Mercadoria		Origem da grã	Quantidade
Nome	Praça		
Filippo Pierozzi	Barcelona	Norte de África	2 libras
Matteo di Giovanni degli Strozzi	Florença	Sintra	35 libras
Lourenço Caldeira	Lisboa	Sintra	69 libras
Lopo Afonso	Lisboa	Sintra	407,5 libras
c ^a Nofri Borghesi de Siena	Siena	Valência	589 libras
c ^a Neroni de Florença	Florença	Catalunha	1 <i>balle</i>
Michele da Colle	Valência	Valência	2 <i>balle</i>
Francesco e Carlo Cambini	Florença	Valência	19 <i>balle</i>

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

A maior entrega de grã à comissão coube à companhia de Siena de Nofri Borghesi: em 1459 fornece 589 libras de grã valenciana. Curiosamente, a solicitação

deste serviço à companhia Neroni de Pisa coincidiu com o envio à comissão por esta companhia de Siena de seda *spagnola*, como vimos no ponto anterior. Em segundo lugar, do ponto de vista da quantidade em libras, temos o agente português Lopo Afonso, também ele presente no comércio dos couros com a companhia em estudo: o envio desta grã de Sintra (1460) foi realizado em conjunto com outras mercadorias que este português exportou para a companhia Neroni de Pisa (couros e sal de Portugal) e foi realizado pelo patrão de embarcação português Lopo Eanes.³⁷⁶ Em terceiro lugar, em muito menor quantidade, temos o envio de grã de Sintra, em 1457, por Lourenço Caldeira, fornecedor em aquisição direta da companhia. Ainda em relação aos envios à comissão de grã de Sintra, temos a entrega de 35 libras por parte de um mercador florentino pertencente à família Strozzi.³⁷⁷ Por fim, a menor quantidade de grã, em libras, foi enviada por Filippo Pierozzi e era grã norte-africana. Importa recordar que foi também a este agente florentino em Barcelona que a companhia Neroni de Pisa comprou, em aquisição própria, esta grã oriunda do Norte de África.

Em relação aos envios à comissão registados na unidade de medida *balle*, temos três operações nas quais a grã valenciana se destaca. O envio de maior quantidade pertenceu à companhia Cambini, estante em Florença, seguido do envio de Michele da Colle, já referido como estando em Valência nesse mesmo período. Comissionando apenas 1 *balle* de grã, da Catalunha – a única operação com esta mercadoria com esta identificação – temos a companhia de Francesco di Nerone sediada na cidade de Florença.

d) Grã: Clientes e preços

À semelhança das demais mercadorias, vejamos os clientes desta matéria-prima que a companhia pisana de Francesco di Nerone tinha para vender. Identificámos 12

³⁷⁶ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 100.

³⁷⁷ Sobre os Strozzi veja-se, entre outros: GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, passim. FABBRI, Lorenzo – *Alleanza matrimoniale (...)*, passim. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, passim.

operações distintas, entre 1455 e 1462, que refletem as aquisições de sete clientes diferentes.³⁷⁸ Tal como verificámos acima, as principais unidades de medida utilizadas no comércio da grã foram as libras e *balle*. Nestas operações de venda há uma maior utilização da “libra”, o que, em certa medida, nos condiciona nas comparações globais de “quantidade comprada” e “quantidade vendida”. Atentando na tabela em anexo, podemos observar que nem toda a grã importada conheceu operações de venda. Da grã norte africana apenas se venderam 2 *balle*³⁷⁹, e, mesmo entre as mercadorias que tiveram Portugal (Sintra) e Valência como local de origem, uma quantidade significativa não foi vendida: no caso da grã de Sintra, das 931 libras importadas apenas 184,5 libras foram adquiridas por terceiros (19,8%); no caso da grã de Valência, das 35 *balle*, apenas 16 *balle* foram compradas (45,7%).³⁸⁰

Estas percentagens parecem indicar-nos que poderia existir alguma preferência pela grã valenciana em detrimento da portuguesa. A presença de ambas, quanto à sua chegada a Pisa, não difere muito, apesar daquele período de quebra nas viagens das embarcações portuguesas, como temos vindo a salientar. Por outro lado, talvez a preferência pela grã de Valência estivesse associada ao seu preço de venda. Pela tabela Anexo 10 em apêndice e pela tabela 31, podemos verificar, se compararmos os valores por libra, que a grã de Sintra atingiu valores ligeiramente superiores na sua venda final. Em média, a grã portuguesa foi vendida por 0.17.7 florins *di sugello*, enquanto a grã de Valência conheceu como valor médio de venda 0.9.9 florins *di sugello* (uma diferença de 80%). Um conjunto de dados que vai ao encontro do que Federigo Melis tinha já referido quanto ao preço da grã portuguesa em comparação com a de outras proveniências.³⁸¹

³⁷⁸ Ver tabela em anexo (Anexo 10).

³⁷⁹ Recordamos que de grã do Norte de África tivemos a importação de 2 libras e 2 *balle*, sendo apenas vendidas estas duas últimas.

³⁸⁰ Importa relembrar, como vimos no ponto sobre a história de Francesco di Nerone, que em meados da década de 60 do século XV as suas companhias comerciais findam de forma repentina, devido à sua prisão pela participação na preparação de uma conjura contra a família Medici.

³⁸¹ MELIS, Federigo – “Di alcune figure (...)”, 14.

Tabela 31 - Amplitude dos preços (em florins di sugello) de venda da grã ibérica pela companhia Neroni de Pisa, 1455-1462

Origem da Grã (quant.)	Preço mínimo	Preço máximo	Preço Médio
Norte de África (balle)	33.6.7	33.6.7	33.6.7
Valência (balle)	74.18.7	198.10.9	130.16.8
Catalunha (balle)	149.13.0	149.13.0	149.13.0
Valência (libras)	0.5.11	0.12.9	0.9.9
Sintra (libras)	0.13.10	1.4.11	0.17.7

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

No entanto, estas comparações em relação aos preços de aquisição da matéria-prima *versus* a venda da mesma ao cliente final devem analisadas de forma individual, em cada uma das suas operações de origem e término, por forma a evitarmos deturpações nos dados. Por exemplo, quando comparamos a tabela 27, dos preços de aquisição, com a tabela 31, dos preços de venda, verificamos que os valores mínimos e máximos da grã de Sintra (em libras) coincidem. No entanto, ao procedermos a uma análise mais detalhada destes valores apuramos que os mesmos dizem respeito a uma operação em concreto: a companhia pisana de Francesco di Nerone, em sociedade com outros mercadores florentinos, vende uma determinada quantidade de grã à companhia de Florença do mesmo mercador, sem que exista um acréscimo no preço de venda. Uma outra dificuldade neste tipo de análise prende-se com o facto de termos aquisições registadas numa unidade de medida e, posteriormente, as vendas terem sido registadas numa outra unidade de medida.

Assim, conseguimos identificar oito clientes distintos desta substância colorante³⁸², dos quais quatro possuem um elemento em comum: além de compradores de grã foram ainda compradores das fibras têxteis, lã de São Mateus e seda ibérica, que

³⁸² Ver tabela Anexo 9.

a companhia Neroni de Pisa comercializou; mercadorias nas quais esta substância tintureira era depois aplicada.

A companhia de Pisa detida por Bernardo e Stefano Ambruogi foi a que realizou a maior compra única e pagou o valor mais elevado por esta matéria-prima. No ano de 1461 adquiriu 6 *balle* de grã de Valência pelo valor total de 767.0.0 florins *di sugello*. No mesmo ano, e comprando também grã valenciana, temos a aquisição de 5 *balle* por parte da companhia de Siena de Riccardo Saracini, o segundo maior comprador desta mercadoria. No ano anterior, 1460, esta prestigiada companhia comercial sienesa adquiriu ainda a grã identificada como “da Catalunha”³⁸³. No entanto, apesar de estas duas companhias se destacarem do ponto de vista de aquisição única, a companhia sediada em Florença pertencente a Francesco di Nerone foi aquela que se evidenciou nas compras de grã, ibérica ou oriunda do espaço ibérico, à sua congénere em Pisa, sobretudo na variedade de origens da grã. Com operações de compra para os anos de 1455, 1458, 1461 e 1462, a companhia florentina de Francesco comprou grã norte-africana, valenciana e de Sintra. O grande interesse por esta matéria-prima tintureira poderia estar relacionado com o facto de, como já vimos, o mercador em estudo ter negócios relacionados com a produção de panos de seda. De facto, se recordarmos o analisado no ponto sobre os clientes da seda enquanto matéria-prima, verificamos que as companhias de Francesco di Nerone, a de Florença e a dedicada à produção de panos de seda, foram as principais compradoras desta mercadoria.

Ainda na Toscana, aparece-nos um comprador florentino, Nofri Degliagli, que em 1458 adquiriu 1 *balle* de grã de Valência; e um comprador de Siena, a companhia de Nofri Borghese, com quem a companhia em estudo tinha negócios relacionados com a compra e venda de seda *spagnola* como já observámos. Por fim, no conjunto dos clientes desta substância colorante, dois localizavam-se na região da Emília-Romagna. Em 1457 temos duas compras de grã de Sintra por parte de Bartolomeo del Maestro Giarmino identificado como de Bergamo, mas que se encontrava na cidade de Modena.

³⁸³ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 172 e 200. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 313.

Na década de 60 sabemos de duas aquisições de grã de Valência por parte da companhia de Bolonha de António Bonafé. Importa ainda recordar que ambas as figuras foram também clientes da companhia Neroni de Pisa para a lã de São Mateus que esta comercializou.

3.1.1.4. Produtos Alimentares

Como pudemos verificar até agora, as mercadorias transacionadas para Pisa pela companhia de Francesco di Nerone sediada na cidade não tiveram todas o mesmo grau de importância para os negócios deste mercador florentino, situação que se refletiu na quantidade e dimensão de operações, como seria de esperar, bem como na organização das mesmas. Se nas mercadorias diretamente associadas com os principais interesses comerciais de Nerone podemos identificar múltiplas tipologias de negócios (aquisições e vendas em próprio, sociedades e parcerias estabelecidas com outros mercadores e envios à comissão), no caso dos bens alimentares o mesmo não se verifica. Como tal, a própria organização deste ponto contempla diferenças na grelha de análise que temos vindo a aplicar. Em relação às operações de chegada de sal a Pisa, oriundo da Península Ibérica, temos as três tipologias de negócios. Todavia, no caso do comércio de pescado apenas dispomos de operações de envio de mercadoria à comissão. Por fim, a compra de biscoito reveste-se de particularidades distintas.

3.1.1.4.1. Sal

Desde a centúria de Trezentos que a importação de sal por parte das companhias comerciais detidas por mercadores florentinos fazia parte dos seus negócios, alguns dos quais através de contratos de monopólio.³⁸⁴ Estamos perante uma mercadoria de grande importância, sendo considerada por alguns autores como o “verdadeiro ouro branco” da Idade Média, tendo em conta o papel que representava na alimentação e em algumas indústrias.³⁸⁵ A companhia em estudo na segunda metade do século XV,

³⁸⁴ GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, passim.

³⁸⁵ IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia (...)*, 323. HOUSAYE MICHIEZI, Ingrid – *Datini (...)*, 112.

transacionou sal oriundo de três locais distintos da Península Ibérica: Ibiza, Tortosa e Portugal.

A produção de sal de Ibiza e a sua participação no comércio internacional ao longo da Baixa Idade Média, com enfoque nos portos do mar Tirreno, é das mais bem estudadas a nível ibérico.³⁸⁶ Desde o século XIV que esta ilha do arquipélago das Baleares era umas das principais áreas de extração de sal, contando com uma forte participação de agentes económicos de Barcelona nos negócios de exportação que tinham em Pisa um dos principais mercados.³⁸⁷ No caso de Tortosa, a produção de sal das salinas do delta do rio Ebro eram as únicas de que o litoral da Catalunha dispunha; a estas, somava-se a produção de sal do sul do reino de Valência.³⁸⁸ A presença de mercadores genoveses teve um papel determinante na sua colocação no comércio internacional, culminando, na década de 60 do século XV, num privilégio entregue a dois mercadores genoveses. Este privilégio concedia-lhes a autorização para extraírem e carregarem o sal diretamente para Génova e Savona, beneficiando ainda de uma redução no imposto a pagar na cidade de Tortosa.³⁸⁹ Em relação a Portugal, a produção de sal verifica-se desde cedo, tendo-se transformado numa das principais mercadorias produzidas e exportadas nos séculos XIV e XV com destino à Flandres, Inglaterra e Itália.³⁹⁰ No caso de Itália, datam do século XIV duas notícias que nos dão conta da presença e do interesse do sal português no conjunto dos negócios destes mercadores. A primeira notícia diz respeito à carta de privilégios de 1338 concedida à companhia florentina Bardi, juntamente com outros mercadores italianos, para o comércio de sal

³⁸⁶ HOUSSAYE MICHIEZI, Ingrid – *Datini* (...), 112. MARTÍN GUTIÉRREZ, Emilio – “Entre la costa y la sierra gaditana. De los paisajes rurales a la interacción sociedad-medio ambiente en el siglo XV.” *Arqueología y Territorio Medieval*, 25 [Em linha] (2018). [Consultado a 25 de junho de 2021]. Disponível em: <https://books.openedition.org/pur/7624>.

³⁸⁷ ANATRA, Bruno – “Il sale nel Mediterraneo bassomedievale”. *Studi Storici*, 22, No. 3 (1981) 572 e 575.

³⁸⁸ MARTÍN GUTIÉRREZ, Emilio – “Entre la costa (...)”. HINOJOSA MONTALVO, Jose – “Las Salinas del Mediodía Alicantino a fines de la Edad Media”. *Investigaciones geográficas*, 11 (1993) 285. IGUAL LUIS, David – “La difusión de productos en el Mediterráneo y en Europa occidental en el tránsito de la Edad Media a la Moderna”. In CAVACIOCCHI, Simonetta (ed.) – *Fiere e Mercati nella integrazione delle economie europee, secc. XIII-XVIII*. Prato: Istituto Internazionale di Storia Economica “F. Datini”, 2000, 480.

³⁸⁹ HINOJOSA MONTALVO, Jose – “Las Salinas (...)”, 285.

³⁹⁰ MARQUES, A. H. de Oliveira – *Portugal na crise* (...), 112-113, 152 e 165-166.

de Portugal.³⁹¹ A segunda, já nos finais do século XIV (1399), está relacionada com a correspondência do mercador agente da companhia Datini em Lisboa, Bartolomeo Manni, com as filiais da companhia em Pisa e em Barcelona, nas quais informa que o sal de Portugal era de grande qualidade.³⁹² Por último, nos finais do século XV o sal proveniente da zona de Setúbal foi o protagonista das exportações realizadas pelo agente da companhia florentina Cambini em Lisboa, Bartolomeo Marchionni, para a cidade de Pisa.³⁹³ Contudo, nos registos da companhia pisana de Francesco di Nerone não dispomos de qualquer indicação que nos permita saber de onde, em Portugal, era oriundo o sal transacionado. Lembremos que desde o século XIII, o sal português estava sob monopólio régio, uma situação semelhante à que se verificava em Valência.³⁹⁴

Do ponto de vista das quantidades transacionadas (tabela 32), há um aspeto que nos impossibilita apurar a totalidade de sal ibérico que a companhia Neroni de Pisa rececionou durante a sua atividade: a utilização de diferentes unidades de medida, para as quais não dispomos de equivalências seguras³⁹⁵.

Tabela 32 - Quantidade de sal ibérico transacionado pela companhia Neroni de Pisa, 1456-1463

<i>staia</i>	<i>mine</i>	<i>chafissi</i>
28107	3997	2175

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

De uma forma geral, a unidade de medida mais utilizada foi a *staia*³⁹⁶. A utilização de outras verificou-se, como iremos observar, nos negócios de importação deste

³⁹¹ RAU, Virgínia – *A Exploração e o Comércio do Sal de Setúbal. Estudos de História Económica*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, 1951, 81-82.

³⁹² RAU, Virgínia – “Cartas de Lisboa no Arquivo Datini de Prato”. In *Estudos de História. Mercadores, Mercadorias e Pensamento Económico*. Porto: Editorial Verbo, 1968, 64.

³⁹³ GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Bartolomeo Marchionni (...)*, 70 e 89.

³⁹⁴ FERREIRA, Sérgio Carlos – *Preços e Salários em Portugal na Baixa Idade Média*. Porto: Universidade do Porto, 2007. Dissertação de Mestrado, 97. IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia (...)*, 323-324.

³⁹⁵ Temos indicação de que em Alicante se utilizava a unidade de medida *cafficis* e em Ibiza a mais comum era *modins*. CARRÈRE, Claude – *Barcelone (...)*, 325.

³⁹⁶ Os registos da companhia Neroni de Pisa permitem-nos apurar que as quantidades de sal ibérico transacionadas foram 20607 *staia*, 3997 *mine*, 150 *modini* e 2175 *chafissi*. Tendo em conta que

produto realizados em sociedade. Apesar de a baliza temporal destas operações ter decorrido entre 1456 e 1463, as operações de receção em Pisa destas quantidades de sal ibérico concentraram-se essencialmente em 1458.

Do ponto de vista da origem ibérica do sal comercializado (tabela 33), podemos constatar um claro destaque para o sal oriundo de Tortosa, seguido do sal de Portugal e, por último, o sal de Ibiza. O que é interessante tendo em conta, como referimos, que Ibiza tivesse uma quantidade mais reduzida e fosse dos locais mais apreciados para a compra de sal; ao inverso de Tortosa, um dos únicos locais de produção de sal da Catalunha.

Tabela 33 - Quantidades de sal transacionado pela companhia Neroni de Pisa, por origem, 1456-1463

Origem do sal	Unidades de medida			
	<i>staia</i>	<i>mine</i>	<i>modini</i>	<i>chafissi</i>
Ibiza	-	-	150	-
Portugal	7063	-	-	-
Tortosa	13544	3997	-	2175

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Tendo em conta os negócios de outras mercadorias já analisados, podemos considerar que a preferência da companhia Neroni de Pisa pelo sal de Tortosa, e até de Portugal, face ao de Ibiza, estaria sobretudo relacionada com a sua já estabelecida rede de contactos comercial e financeira, como vamos observar no ponto seguinte.

conseguimos reduzir *modini* a *staia* (1 *modini* = 50 *staia*), vamos optar, nesta tabela, por essa junção para facilitar a leitura.

a) Operações de Importação de Sal Ibérico

Em relação às operações de importação de sal em negócio próprio dispomos apenas de uma conta, e de sal de Portugal.³⁹⁷ Em 1460, através da nave de Lopo Eanes, a companhia de Francesco di Nerone adquiriu um total de 7063 *staia*³⁹⁸ de sal português. Os fornecedores desta mercadoria foram dois (Tabela 34): Lionardo Belichanti de Génova; e Lopo Afonso, agente económico português presente, como já foi analisado, no comércio internacional de couros, foi aquele que maior quantidade de sal forneceu. A proximidade de Lopo Afonso ao comércio deste produto não seria estranha, tendo em conta que o negócio dos couros, no qual se evidenciou, implicava o uso de sal para a conservação da mercadoria. De uma forma geral, no que aos preços diz respeito, não verificamos uma grande diferença entre as aquisições aos dois fornecedores identificados.

Tabela 34 - Fornecedores de sal de Portugal em aquisição própria pela companhia Neroni de Pisa, 1460

Fornecedor	Quantidade (em <i>staia</i>)	Valor (em florins <i>di sugello</i>)	Valor uni. (em florins <i>di sugello</i>)
Lopo Afonso de Portugal	4062	231.13.7	0.1.2
Lionardo Belichanti de Génova	3001	197.12.6	0.1.4

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Lopo Afonso foi, então, nestas duas operações de aquisição em próprio por parte da companhia Neroni de Pisa, o maior fornecedor em quantidade, mas também aquele que cobrou o menor preço por unidade de medida (0.1.2 florins *di sugello*). A figura deste agente económico português surgiu-nos também nas aquisições da companhia em estudo de couros portugueses e, ainda, no comissionamento de grã de Sintra a esta companhia. De uma forma sumária, Lopo Afonso esteve presente na exportação dos

³⁹⁷ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 70.

³⁹⁸ 1 *staia* em Florença correspondia a 24,36 litros. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 252.

principais produtos que o mercado português oferecia aos interesses dos negócios da companhia pisana de Francesco di Nerone. Importa ainda referir que, uns anos mais tarde após esta operação, Lopo Afonso recebeu do rei de Portugal, D. Afonso V (1432-1481), um contrato para a exploração e venda do sal português (1475).³⁹⁹

Do mercador genovês presente nestas operações nada mais sabemos, e sobretudo em que praça comercial se encontrava. No caso de Lopo Afonso, sabemos que estava em Lisboa, mas em relação a Lionardo Belichanti apenas podemos colocar essa hipótese, tendo em consideração que se tratou de sal de português e que o transporte dos lotes destes dois mercadores fora realizado pelo patrão de embarcação Lopo Eanes.

No que aos negócios em sociedade diz respeito, identificamos o estabelecimento de duas parcerias para a importação de sal de Tortosa e de Ibiza nos anos de 1458 e 1461 (Tabela 35).

Tabela 35 - Negócios em sociedade da companhia Neroni de Pisa para a importação de sal ibérico, 1458-1461

Praça(s)	Sócio(s)	Tipo de Sal	Quantidade	Fornecedor(es)
Pisa-Barcelona	c ^a Neroni de Pisa Neroni Barcelona Pierozzi de Barcelona	Sal branco de Tortosa	3997 <i>mine</i> 4677 <i>staia</i> 2175 <i>chafissi</i>	-
	c ^a Neroni de Pisa Neroni Barcelona "e altri"	Sal de Ibiza	150 <i>modini</i> ⁴⁰⁰ (7500 <i>staia</i>)	-

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Na tabela acima um aspeto é evidente: o protagonismo da praça de Barcelona nestas parcerias e das relações que Francesco di Nerone tinha nessa mesma cidade. Aqui estamos a referir-nos em concreto ao agente da companhia Cambini, Filippo Pierozzi, presente na sociedade que se encarregou da importação de sal de Tortosa, e no

³⁹⁹ AML-AH, *Chancelaria Régia, Livro 1º de contratos*, doc. 6 e 6 A. Sobre o sal português veja-se ainda: MARQUES, A. H. de Oliveira – *Hansa e Portugal na Idade Média*. 2ª ed., Lisboa: Editorial Presença, 1993, 79-82.

⁴⁰⁰ Um *modino* correspondia a 50 *staia*. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 194.

comércio de outras mercadorias, como já tivemos oportunidade de analisar; e ainda de sublinhar os registos que nos falam de uma conta que Nerone detinha em Barcelona, e que já verificámos estar presente nas relações comerciais de outros produtos transacionados a partir desta praça.

Assim, em relação à primeira sociedade, que diz respeito à maior quantidade de sal transacionado, totalizando 601.0.4 florins *di sugello*, importa referir que essas mesmas quantidades nos são apresentadas recorrendo a três unidades de medida distintas, o que impossibilita a realização de somatórios. Estamos perante um conjunto de lotes de sal de Tortosa que, no século XV, conheceu o seu apogeu no comércio internacional, fornecendo cidades como Génova e Nápoles.⁴⁰¹ Os envios de sal por parte desta parceria desenrolaram-se entre 1458 e 1461, e o transporte foi realizado por cinco embarcações diferentes, duas pertença de agentes portugueses.⁴⁰² Importa referir que o transporte por parte das embarcações portuguesas teve lugar apenas no ano de 1461.

No que diz respeito à segunda sociedade estabelecida para a importação de sal, neste caso de Ibiza, as informações quanto aos elementos que compunham a parceria são escassas. Dispomos de indicação de que se tratou de uma sociedade dividida em seis partes, sendo que uma dessas partes fora Nerone de Barcelona.⁴⁰³ Tal como a anterior, estamos perante uma operação que tem Barcelona como praça de expedição, mas o sal que estava a ser comercializado era da ilha de Ibiza. Tal como vimos para o caso dos couros do Norte de África, aqui a praça catalã assume, uma vez mais, um papel recetor e redistribuidor de mercadorias de outras origens.⁴⁰⁴ Para além disso, este aspeto pode também ajudar a perceber o porquê de uma quantidade mais reduzida, em

⁴⁰¹ IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia (...)*, 323.

⁴⁰² Além das embarcações identificadas como *nave impaglia*, *nave Dartu*, *nave Docava*, temos a *nave* de João Martins de Portugal e uma outra *nave* identificada como “do Porto de Portugal”. AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 329; liv. 20, c. 140; liv. 22, c. 22 e c. 161.

⁴⁰³ No registo no livro mastro a indicação é “*noi e altri 1/6*”. AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 231.

⁴⁰⁴ Maria Elisa Soldani já tinha destacado o papel de Barcelona e dos homens de negócios catalães no comércio do sal de Ibiza, entre outras mercadorias, bem como o interesse dos mercadores toscanos nestes produtos. Todavia, este mesmo comércio de redistribuição, no caso do sal de Ibiza e ainda do de Tortosa, também se verificava em Valência. SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 55. IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia (...)*, 128 e 141.

comparação com os outros; isto é, estava a ser fornecido por uma outra praça e não adquirido diretamente no seu local de produção. Apesar de esta importação de sal de Ibiza por parte da companhia Neroni de Pisa, em sociedade, ter sido numa quantidade modesta, importa salientar a relevância que este produto tinha no conjunto das importações para a cidade de Génova no mesmo período. David Igual demonstra que, entre 1450 e 1451, Génova importou 204.046 *minas* de sal de Ibiza.⁴⁰⁵

Por fim, em relação às entregas de sal comissionadas à companhia pisana de Francesco di Nerone dispomos de duas operações, ambas relativas a sal de Tortosa e pertencentes a agentes presentes em praças ibéricas (tabela 36).

Tabela 36 - Sal de Tortosa comissionado à companhia Neroni de Pisa, por fornecedor, 1456- 1458

Proprietário da Mercadoria		Quantidade
Nome	Praça	(em <i>staia</i>)
Domenico e Lorenzo di Gianni	Valência	7741
Filippo Pierozzi	Barcelona	1126

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

A maior quantidade de sal de Tortosa enviado à comissão, em 1458, para a companhia pisana de Francesco di Nerone pertencera aos mercadores Domenico e Lorenzo di Gianni, estantes em Valência. Esta quantidade de sal foi transportada por um patrão de embarcação português, João de Medina de Portugal. Como verificámos no ponto dos couros, estes dois mercadores estiveram também presentes no envio à comissão para a companhia em estudo de couros do Norte de África. Todavia, no caso da operação de sal de Tortosa estamos perante um envio à comissão revestido de outras especificidades. Os serviços de comissão de uma mercadoria significavam que a companhia Neroni de Pisa recebia essa mercadoria e a revendia na Península Itálica, cobrando uma taxa (comissão) pelo serviço. No caso concreto desta operação, tratou-se de uma comissão no sentido inverso: a companhia Cambini de Florença comissiona à

⁴⁰⁵ *Idem*, 325.

companhia pisana de Francesco di Nerone a aquisição de sal de Tortosa através dos contactos deste no espaço ibérico para a importação da mercadoria em questão.

Por fim, o segundo negócio à comissão foi com Filippo Pierozzi, entre 1456 e 1458, figura bem presente no conjunto dos negócios da companhia em estudo. Este agente da companhia Cambini em Barcelona comissionou à companhia Neroni de Pisa 1126 *staia* de sal de Tortosa. Não deixa de ser curioso que a companhia florentina Cambini que dispunha de um agente em Barcelona, e que se dedicava ao comércio de sal de Tortosa, tenha solicitado à companhia Neroni de Pisa uma aquisição deste sal através da sua rede de contactos.

Tal como temos vindo a realizar ao longo das mercadorias analisadas, uma comparação com a companhia Salviati de Pisa seria de todo o interesse, tendo em conta a grande proximidade entre ambas. No entanto, no que ao sal ibérico diz respeito esta companhia apenas comercializou o de Ibiza, sendo-lhe na década de 40 do século XV fornecido através da companhia Rabatta, sua correspondente.⁴⁰⁶

b) Operações de Venda de Sal Ibérico

Tal como para as anteriores mercadorias, vamos agora deter a nossa análise nas vendas realizadas pela companhia em estudo das quantidades de sal ibérico que rececionou em Pisa. Como se vê na tabela em anexo⁴⁰⁷, as unidades de medida nas operações ligadas à importação de sal passam a resumir-se a duas: *staia* e *mine*, o que nos impede de perceber se todo o produto fora escoado durante o período de atividade da companhia Neroni de Pisa. Além disso, a grande maioria das operações de venda de sal concentrou-se no ano de 1458, registando-se apenas três na década de 60 do século XV.

Do grupo de clientes identificados, o maior comprador do conjunto de sal de diferentes origens, nas duas unidades de medida, foi o mercador genovês Lionardo Saulli estante em La Spezia: é uma aquisição de sal de Tortosa expedida do porto de partida

⁴⁰⁶ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 194.

⁴⁰⁷ Anexo 11.

para o porto no qual se encontrava Saulli, tendo o transporte sido realizado numa embarcação galega capitaneada por Arturo Vasques.⁴⁰⁸ Também como compradores de sal de Tortosa, em 1458, temos duas operações de um agente em Cremona, Iacopo Giuliano da Giagnuola; e uma outra operação de aquisição de Angelo Simonetta, em Milão, identificado como “*segretario*” do Duque de Milão, Francesco Sforza.⁴⁰⁹ Em relação a esta última operação, os registos nos livros de contas permitem-nos saber que o funcionário de Francesco di Nerone, Iacopo Zanobi Pantaleoni, deslocou-se a cavalo à cidade milanesa, na qual permaneceu um mês, para solucionar um problema que surgiu com esta compra de sal (“*a risquotere i danni de’ sali*”). Este membro do conselho do Duque de Milão realizou uma nova compra de sal à companhia pisana de Francesco di Nerone em 1460, mas desta vez sal de Portugal, tendo sido até o maior comprador deste produto.

Ainda em 1458 registaram-se as duas únicas vendas de sal de Ibiza, sendo os compradores a Comuna de Lucca e a de Florença: no caso do registo da venda à Comuna florentina não dispomos da indicação da quantidade vendida. A importação de sal de Ibiza foi realizada, como vimos, através de uma parceria da companhia Neroni de Pisa com outros agentes, com o registo da quantidade de mercadoria importada realizado na unidade de medida *modini* e as vendas em *staia*. Na tabela 32 referimos que um *modino* correspondia a 50 *staia*⁴¹⁰, o que nos permite saber que a Comuna de Lucca comprara 42,2 *modini* dos 150 *modini* importados, isto é 28,13%. Se admitirmos que o sal se vendeu na totalidade, a Comuna de Florença teria comprado 107,8 *modini* (5390 *staia*), correspondendo a 71,87%.⁴¹¹

Como referimos acima, a companhia Salviati de Pisa comercializou apenas sal de Ibiza e teve como clientes, sucessivamente, a partir de 1472, a Comuna de Florença e o

⁴⁰⁸ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 19, c. 214.

⁴⁰⁹ IANZITI, Gary – “A Humanist Historian and His Documents: Giovanni Simonetta, Secretary to the Sforza”. *Renaissance Quarterly*, 34 : 4 (1981) 496 e 12n. SAVY, Pierre – “Conseils et conseillers à Milan sous les Sforza (1450-1499)”. In *Conseils et conseillers dans l’Europe de la Renaissance: v. 1450 - v. 1550*. . Tours: Presses universitaires François-Rabelais, [Em linha] 2012. [Consultado a 23 de março de 2021]. Disponível em: <http://books.openedition.org/pufr/7818>.

⁴¹⁰ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 194.

⁴¹¹ Do ponto de vista do valor unitário, a quantidade calculada para Florença não andaria distante do valor unitário pago pela Comuna de Lucca (0.2.0 florins *di sugello*).

oficial da Alfândega de Lucca.⁴¹² Um conjunto de operações que vão ao encontro da ideia de que o sal de Ibiza seria dos mais apreciados.

Por fim, as duas últimas operações de venda realizaram-se no ano de 1463 e foram vendas de sal de Portugal: Lionardo da Cholti, em Pietrasanta, comprou 3001 *staia* e Iacopo Zanobi Pantaleoni, funcionário da companhia em estudo, 457 *staia*. No que respeita aos preços e aos potenciais ganhos com a venda desta mercadoria, tendo em conta as dificuldades com que deparamos, torna-se difícil estabelecer, como fizemos para as mercadorias anteriores, esses cálculos. Todavia, de uma forma geral, podemos perceber que as margens de lucro não seriam tão grandes.

3.1.1.4.2. Peixe

Como referimos na abertura do ponto relativo aos produtos alimentares, apenas as operações de comércio do sal ibérico se desenrolaram tendo por base as três tipologias de negócios que temos vindo a seguir como estrutura da nossa análise. No caso concreto das operações de compra e venda de pescado, estamos perante dois envios à comissão por parte de Filippo Pierozzi, mercador florentino agente da companhia Cambini, em Barcelona. O primeiro registo data de 1458 e consistiu num envio de 38 barris de anchovas que, posteriormente, foram vendidos por Neroni de Pisa a uma companhia comercial da mesma cidade. A segunda operação, também de Barcelona, verificou-se em 1460 e foi um envio de 91 barris de arenques e meio barril de atum. Importa destacar que, para este último, temos indicação do tipo de preservação da mercadoria: atum conservado em vinagre ("*sorra spagniola magra*"). Tal como o anterior, esta mercadoria teve como clientes outros mercadores na Pisa.

A presença do peixe não era incomum no conjunto dos negócios e das atividades destas companhias comerciais, sobretudo se tivermos em conta que se localizavam na cidade que tinha como função ser porto de entrada das mais variadas mercadorias na Toscana: Pisa. Se observarmos os dados relativos aos negócios do Banco Salviati de Pisa, verificamos que esta mercadoria estava presente nos seus registos desde a década de

⁴¹² CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 252.

40 do século XV, importada essencialmente do sul de França, da Sicília e ainda da Flandres.⁴¹³ O aspeto curioso nos registos do Banco Salviati de Pisa reside no facto de as transações relacionadas com envios de pescado oriundo da Península Ibérica, identificada nos livros de contas como *Spagna*, apenas se verificarem a partir de 1470.⁴¹⁴

Ainda em relação às operações de pescado nos livros de contas da companhia Neroni de Pisa, num dos cadernos que acompanham o livro mastro A – *Quaderno di Cassa segnato A*⁴¹⁵ – temos a diferenciação detalhada de um registo relativo a um valor que no livro mastro apenas nos surge como “despesas de mercadorias”. Tendo por base o *Quaderno di Cassa* sabemos ter-se tratado de uma despesa, de 1455, com 8300 libras de sardinhas enviadas a partir de Portugal através de Francesco Marabotto.⁴¹⁶ Não conseguimos identificar ao certo quem foi esta figura. A presença da família genovesa Marabotto em Portugal está documentada e tem merecido a atenção por parte historiografia portuguesa e internacional, com especial destaque para os três irmãos Marabotti que, em meados do século XV, estavam estabelecidos na cidade algarvia de Tavira.⁴¹⁷ Apesar de o registo de que dispomos datar da segunda metade do século XV, temos referências de que desde o final de Trezentos e o início de Quatrocentos chegava a Pisa peixe oriundo de Portugal: a referência a “sardinhas fumadas”⁴¹⁸ surge na correspondência de Bartolomeo Manni com as filiais da companhia Datini em Pisa e em Barcelona⁴¹⁹; também temos peixe salgado, a par de outras mercadorias, nos negócios do mercador português Afonso Eanes⁴²⁰.

⁴¹³ *Idem*, t. I, 227-228; t. II, 61.

⁴¹⁴ *Idem*, t. I, 251.

⁴¹⁵ Ver capítulo 1: ponto sobre as fontes e sobre a tipologia dos livros que acompanham os livros principais, os livros mastro.

⁴¹⁶ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 14, c. 58.

⁴¹⁷ DAMAS, Judite Maria Calado – *Italianos em Portugal (...)*, 307-309. D’ARIENZO, Luísa – *La presenza degli italiani in Portogallo (...)*, 580. SEQUEIRA, Joana – “Michele da Colle (...), 29. CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (...)*, passim.

⁴¹⁸ No registo da companhia Neroni de Pisa não se esclarece se seriam fumadas ou salgadas.

⁴¹⁹ RAU, Virgínia – “Cartas de Lisboa (...), 62.

⁴²⁰ COSTA-GOMES, Rita – “Between Pisa and Porto: Afonso Eanes, merchant of the king of Portugal (1426-1440)”. In *From Florence to the Mediterranean and beyond*. Firenze: Olschki Editore, 2009, 240.

3.1.1.4.3. Biscoito

Temos depois o caso particular dos biscoitos. Ao contrário dos demais produtos, as operações de que dispomos estão relacionadas, não com a sua importação, mas com a sua aquisição para o abastecimento das embarcações fretadas e que chegavam a Pisa transportando as mercadorias que, de facto, estavam no centro dos interesses comerciais da companhia Neroni da cidade Pisa. Desta forma, verificamos que os custos associados a estes fornecimentos não possuem contas próprias nos livros de mastro da companhia, como verificamos para as mercadorias anteriormente tratadas: os registos relativos ao biscoito estão inseridos no conjunto das operações que compõem as contas de despesas de mercadorias, ou seja, representavam um custo associado à importação de produtos que a companhia pisana de Francesco di Nerone teve. Tendo em conta que estamos perante despesas com o abastecimento das embarcações, não realizámos a análise seguindo as estruturas anteriormente definidas para as mercadorias.

Destacamos a referência a uma operação conjunta de despesa com biscoito entre a companhia Neroni de Pisa e Filippo Pierozzi de Barcelona (1456), e aqui recorde-se as diversas operações em sociedade estabelecidas por estes dois mercadores para o comércio entre Pisa e Barcelona.⁴²¹ O registo fala-nos de um pagamento imputado a Pierozzi, ou seja, ter-se-á tratado do fornecimento de uma embarcação que partira de Pisa e tivera Barcelona como destino final. Ainda em 1456 temos a referência relativa à compra de biscoito a diferentes *fornai* (padeiros) de Pisa para o abastecimento da embarcação de Luigi Beltrame, que transportou para a companhia mercadorias como lã de São Mateus e sal de Tortosa.⁴²²

Por fim, o terceiro registo de fornecimento de biscoito teve lugar em Portugal e, das três operações aqui tratadas, foi a única com conta própria num dos livros mastro (*bischotto fatto fare di farina*): em 1463, a companhia pisana de Nerone procede ao pagamento ao seu agente em Lisboa, Michele da Colle, pela compra e abastecimento de 8453 libras (2869,79 kg)⁴²³ – uma grande quantidade – de biscoito à embarcação

⁴²¹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 16, c. 167.

⁴²² AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 16, c. 176 e 184.

⁴²³ 1 libra equivalia a 339,5 gramas. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 12.

portuguesa que transportara couros e grã para Pisa.⁴²⁴ Em relação a esta embarcação, o registo nada nos diz. Todavia, tendo por base o nosso levantamento de dados, conseguimos identificar, para a década de 60, três embarcações portuguesas enquanto transportadoras de couros e grã com destino a Pisa. Poder-se-ia ter tratado da nave *Santa Maria da Estrela* de Vicente Martins, ou da caravela de Rui Gomes do Porto, ou ainda da nave *Santa Maria Flor de Rosa*, propriedade do Infante D. Fernando de Portugal. Importa ainda sublinhar o contributo que este registo traz para o comércio particular de biscoito que, como foi afirmado por Oliveira Marques no estudo sobre a questão cerealífera portuguesa durante a Idade Média, nos “escapa por completo” tendo em conta que as fontes em Portugal usadas para estudar o abastecimento de biscoito são somente régias.⁴²⁵

3.1.1.5. Produtos vários

Este último ponto tem como finalidade analisar um conjunto de mercadorias que, tal como as anteriores, estiveram presentes nas operações de transação de produtos a partir do espaço ibérico e a companhia Neroni em Pisa. No entanto, a grande diferença para as primeiras mercadorias analisadas prende-se com o facto de estas últimas não terem sido o foco dos interesses comerciais da companhia em estudo. Desta forma, tal como no ponto anterior, sobre as operações de produtos alimentares com origem na Península Ibérica e com a companhia Neroni de Pisa como destino, a organização deste ponto não seguirá a grelha de análise até aqui utilizada.

Na tabela 37 reunimos os produtos que fizeram parte deste conjunto de mercadorias diversas e podemos, desde já, constatar que se tratou de produtos com origem nas principais praças comerciais do mediterrâneo ibérico de então. A presente tabela está organizada tendo em conta o valor total de cada operação e reúne as principais informações sobre as mesmas. Assim, estamos perante um grupo de quatro produtos distintos, dos quais três podemos identificar como matérias-primas, ou seja, iriam ainda

⁴²⁴ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 275.

⁴²⁵ MARQUES, A. H. de Oliveira – *Introdução à História da Agricultura em Portugal. A questão cerealífera durante a Idade Média*. 3ª ed. Lisboa: Edições Cosmos, 1978, 240-242.

complementar processos de produção; e um produto manufaturado. Do ponto de vista das tipologias de negócio que temos vindo a observar anteriormente, contamos com a presença de operações à comissão, na quase totalidade, e apenas uma operação em sociedade entre a companhia e outro agente económico. De uma forma breve, se a este aspeto juntarmos ainda a ausência de operações próprias da companhia podemos considerar a hipótese de estarmos perante negócios de oportunidade e, sobretudo, oportunidades reconhecidas pelos agentes estantes no espaço ibérico que recorriam à companhia Neroni de Pisa como veículo para estas exportações para a Toscana.

Tabela 37 - Produtos vários oriundos da Península Ibérica transacionados pela companhia Neroni de Pisa, 1454-62

Mercadoria	Quantidade	Tipo de negócio	Praça exportadora para Pisa	Agente Económico	Valor (em florins <i>di sugello</i>)
<i>Maiolicha</i>	<i>2 giare</i>	Comissão	Valência	Bernardo Vai	4.19.8
Pez de Ibiza	-	Comissão	Ibiza	Francesco <i>charfidoni</i> de Florença	19.18.2
<i>Cera spagnola</i>	355 libras neto	Comissão	Sevilha	Simone di Negrone	30.11.0
Cera do Norte de África	662,5 libras neto	Comissão	Barcelona	Piero <i>Chanales</i>	54.18.10
Pez de Ibiza	15200 libras	Sociedade	Ibiza	c ^a Neroni de Pisa Nerone de Barcelona	118.13.3
Sebo	2472 libras	Comissão	Lisboa	Lopo Afonso	178.18.4

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

a) Cerâmica de *Maiolicha*

Quando falamos em *maiolicha* estamos a falar de peças de cerâmica denominadas como “de Maiorca”, não por serem produzidas nesta ilha das Baleares, mas devido ao facto de os navios que transportavam este produto para Itália, a partir de Valência,

serem originários de Maiorca.⁴²⁶ Na verdade, datam desde os finais do século XIII as primeiras notícias de que dispomos relativas à produção deste tipo de cerâmica na zona valenciana.⁴²⁷ As exportações deste produto para Itália iniciaram em Trezentos, conhecendo no século XV a sua maior expressão e consequente quebra na centúria posterior.⁴²⁸

As peças de cerâmica *maiolicha* eram de grande qualidade e muito apreciadas em Itália. Desde os finais do século XIV e inícios do século XV encontramos registos de encomendas desta cerâmica em Valência por parte da companhia Datini de Prato, nas quais foram até solicitadas peças personalizadas com as armas da família deste mercador.⁴²⁹ Marco Spallanzani, através da análise de um inventário de uma casa de um pisano, datado de 1480, mostra-nos como estas peças de cerâmica eram populares na vida quotidiana de então.⁴³⁰ Para além da Toscana, em Roma as principais figuras da sociedade adquiriam peças de *maiolicha*, em operações de fornecimento dominadas pelos mercadores florentinos.⁴³¹ Um dado curioso, e que reflete bem a importância deste tipo de cerâmica no mercado florentino e da península itálica, foi, para além da sua importação, o início de um desenvolvimento nos finais da Idade Média de centros produtores de peças desta tipologia denominada *maiolicha de Itália*.⁴³²

Data de 1461 o registo do envio, à comissão, de duas *giare de maiolicha* por parte de Bernardo Vai, mercador florentino estante em Valência. Como verificamos no ponto

⁴²⁶ ESCH, Arnold; ESCH, Doris – “L’importazione di maioliche ispano-moresche nella Roma del primo Rinascimento nei registri doganali 1444-1483”. *Faenza: bollettino del Museo internazionale delle ceramiche in Faenza* (2014) 9-10. SPALLANZANI, Marco – *Maioliche ispano-moresche a Firenze nel Rinascimento*. Firenze: S.P.E.S., 370. De referir que nesta obra, Spallanzani demonstra o grande sucesso que este tipo de cerâmica teve ao longo do Renascimento.

⁴²⁷ GARCÍA PORRAS, Alberto; FÁBREGAS GARCIA, Adela – “La cerámica española en el comercio mediterráneo bajomedieval: Algunas notas documentales”. *Miscelánea Medieval Murciana*, XXVII-XXVIII (2003-2004), 12.

⁴²⁸ GARCÍA PORRAS, Alberto; FÁBREGAS GARCIA, Adela – “La cerámica española (...)”, 14-15.

⁴²⁹ ESCH, Arnold; ESCH, Doris – “L’importazione di maioliche ispano-moresche (...)”, 12. GARCÍA PORRAS, Alberto; FÁBREGAS GARCIA, Adela – “La cerámica española (...)”, 15.

⁴³⁰ SPALLANZANI, Marco – “Maioliche di Valenza e di Montelupo in una casa pisana del 1480”. *Faenza: bollettino del Museo internazionale delle ceramiche in Faenza* (1986) 164-70.

⁴³¹ ESCH, Arnold; ESCH, Doris – “L’importazione di maioliche ispano-moresche (...)”, 13-14 e 16.

⁴³² GOLDTHWAITE, Richard A. – “The Economic and Social World of Italian Renaissance Maiolica”. *Renaissance Quarterly*, Vol. 42, No. 1 (1989), 1-32.

das fibras têxteis, este mercador e agente da companhia Cambini, foi ainda responsável pelo envio de oito *fardelli* de seda *spagnola* e de Almeria.

O registo de que dispomos apenas nos indica que Bernardo Vai enviou duas *giare* e não que tipo de peças de cerâmica em concreto se comercializaram. *Giara*, um grande pote cerâmico, era simultaneamente o recipiente para o transporte e a unidade de medida convencionada para as trocas comerciais desta mercadoria, sendo que uma *giara* poderia ter, por exemplo, 100 a 150 taças.⁴³³ No que aos valores diz respeito, na década de 50 do século XV oscilaram entre os 4,5 e os 8,7 florins, tendo descido, na década de 70, para os 3 a 6 florins.⁴³⁴ Tendo em conta que entre estas duas décadas conheceu uma quebra no seu valor, e atentando na tabela 37, podemos constatar que a operação de envio à comissão por parte de Bernardo Vai acompanhou essa descida (pouco mais de 4 florins). Em relação aos clientes destas peças de cerâmica de *maiolicha* podemos identificar três: Rinaldo di Domenico *charavuolo* em Pisa, a companhia de Giovanni d'Antonio Piatella em Colle, e Batista da *Chasana*.

A título de curiosidade, de referir que a coleção do The Hispanic Society Museum, em Nova York, é depositária de um prato em cerâmica *maiolicha*, do período 1425-1466, produzido em Valência e decorado com as armas da família Nerone. Através dos registos da companhia em estudo não conseguimos saber mais, mas é interessante constatar que, tal como a congênera família Datini de Prato, acima referida, entre outras, a família Nerone também encomendara peças *maiolicha* com as suas armas⁴³⁵.

⁴³³ ESCH, Arnold; ESCH, Doris – “L'importazione di maioliche ispano-moresche (...)”, 10. GARCÍA PORRAS, Alberto; FÁBREGAS GARCIA, Adela – “La cerámica española (...)”, 27-28.

⁴³⁴ ESCH, Arnold; ESCH, Doris – “L'importazione di maioliche ispano-moresche (...)”, 17.

⁴³⁵ SPALLANZANI, Marco – *Maioliche ispano-moresche (...)*, 293. A peça pode ser vista também online no site do The Hispanic Society Museum: <http://hispanicsociety.emuseum.com/objects/3708/lusterware-plate-with-coat-of-arms-of-neroni-family?sessionId=248680CD5F30032CCB0BF9BE49300C5D?ctx=914b408a-4e5a-4795-9760-670b1241cb3f&idx=14> [Consult. 17/12/2021].

b) Cera de *Spagna* e do Norte de África

Em meados da década de 50 do século XV, registam-se duas operações de envio de cera à comissão para a companhia Neroni de Pisa: cera identificada como *spagnola* – à semelhança do que verificamos para os couros e para a seda – e cera do norte de África. A cera, à semelhança do sebo, de que também iremos falar, estava entre as matérias-primas que integravam as indústrias de transformação, como por exemplo a construção naval, mas era também utilizada na iluminação.⁴³⁶ Claude Carrère destaca a elevada produção de velas em Barcelona, para a catedral e outras igrejas, tendo, consequentemente, levado à presença de ceras estrangeiras nesta praça comercial em quantidades consideráveis a par da cera *spagnola*.⁴³⁷ Do conjunto das ceras estrangeiras, destaca-se a cera do Norte de África, apesar de, como em outras mercadorias, como os couros, a qualidade ser inferior às suas equivalentes ibéricas.⁴³⁸ Por sua vez, quando atentamos nos registos alfandegários de Pisa, verificamos que a cera que chega a esta cidade tem duas indicações de origem: de *Spagna* e do Norte de África.⁴³⁹ No caso do Banco Salviati de Pisa, verificamos que a cera, tanto do espaço ibérico, como do norte de África, foi uma mercadoria que surgiu em esporádicas operações ao longo do período de atividade, tal como nos registos da companhia Datini de Prato, para um período anterior.⁴⁴⁰

De facto, as duas operações de que dispomos foram envios de cera destas duas qualidades. Atentando na tabela 37, a cera *spagnola* foi um envio à comissão por parte do mercador Simone di Negrone a partir da cidade de Sevilha. Importa recordar que esta figura fora também fornecedor de lã de São Mateus, em sociedade, e seda *spagnola* à companhia pisana de Francesco di Nerone. Por sua vez, a cera identificada como do norte de África foi enviada desde Barcelona, também à comissão, por parte de Piero

⁴³⁶ HEERS, Jacques – "Il commercio nel Mediterraneo (...)", 201.

⁴³⁷ CARRÈRE, Claude – *Barcelone (...)*, 359-360.

⁴³⁸ GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – "Acordes y desacuerdos (...)", 184. VALÉRIAN, Dominique – "Ports et Réseaux d'échanges dans le Maghreb médiéval". *Bibliothèque de la Casa de Velázquez*, 77 (2019) 190. CARRÈRE, Claude – *Barcelone (...)*, 359-360.

⁴³⁹ BERTI, Marcello – "Commercio all'ingrosso (...)", 63.

⁴⁴⁰ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 200; t. II, 66, 76, 78-79. HEERS, Jacques – "Il commercio nel Mediterraneo (...)", 201.

Chanales, que vivia em Pisa, e tendo como intermediário o mercador florentino estante na Catalunha, Filippo Pierozzi. Do ponto de vista dos valores unitários, como comparação entre estes dois produtos, o que se verificou foi uma diferença pouco significativa: a cera *spagnola* custou 0.1.9 florins *di sugello*, e a cera norte africana custou 0.1.8 florins *di sugello*. Em relação aos compradores desta mercadoria, ambas as qualidades de cera tiveram como clientes boticários (*speziale*), em Pisa e em Empoli.

c) **Pez de Ibiza**

A quarta mercadoria que identificamos dentro do conjunto destes produtos diversos foi o pez, substância que pode ter origem vegetal (resina do pinheiro) ou mineral (resíduo da hulha), e que era usada na construção naval⁴⁴¹. Dispomos de duas operações relativas a esta mercadoria. A primeira, datada de 1455, foi uma comissão por parte de um agente em Florença de uma determinada quantidade de pez de Ibiza, que o registo não expressa. No caso da segunda operação em estudo, estamos perante a única transação destas mercadorias em sociedade e tratou-se de uma sociedade com Nerone de Barcelona: 15200 libras de pez de Ibiza (tabela 37). Esta mesma sociedade, como já verificamos, fora responsável pela importação de outras mercadorias (lã de São Mateus e sal de Tortosa). Segundo Angela Orlandi, para além do sal, a abundância de pinhais em Ibiza permitiu ativar as trocas comerciais de madeira e pez.⁴⁴² Este aspeto coloca-nos perante a hipótese de que o pez importado pela companhia Neroni de Pisa seria de origem vegetal. Esta mercadoria chegou a Porto Pisano transportada pelo patrão de embarcação português Lopo Eanes e fora carregada no porto de Ibiza. Como já referimos anteriormente, a figura deste patrão de embarcação português, no conjunto destes registos, revela-se como uma amostra da função transportadora que os portugueses desempenharam no Mediterrâneo Ocidental durante o século XV.⁴⁴³

⁴⁴¹ BARROS, Amândio – *Porto: a construção de um espaço marítimo nos alvares dos tempos modernos*. Porto: Universidade do Porto, 2004. Dissertação de Doutoramento, 435.

⁴⁴² ORLANDI, Angela – "Ibiza entre el Mediterráneo, el Atlántico y el Mar del Norte (siglos XIV y XV)". *eHumanista: Journal of Iberian Studies*, 38 (2018) 52.

⁴⁴³ CARDOSO, Ana Clarinda – "Redes comerciais (...)", 18.

Quanto aos clientes desta mercadoria, no que diz respeito à operação comissionada, verificamos um maior número de clientes, sobretudo, boticários (Bartolomeo di Cambio *compagnia speziale* em Florença, Iacopo d'Agnolo *speziale* em Florença e os herdeiros de Bonifacio e *compagnia speziale* em Florença). Por sua vez, em relação aos clientes do pez de Ibiza transacionado em sociedade contamos apenas com três: uma companhia comercial sediada em Florença, o já referido Rinaldo di Domenico *charavuolo* em Pisa e, por fim, a instituição de administração da cidade pisana *Cinque Governatori di Pisa* (os cinco governadores de Pisa). Aqui, importa recordar, como indicado no ponto sobre o fundador da companhia em estudo, que em 1458 Francesco di Nerone fora nomeado para ocupar um destes lugares de governação da cidade pisana.

d) Sebo

Por fim, o último produto deste grupo de mercadorias várias foi o sebo (*sevo colato*). Lopo Afonso, agente económico português, fornecedor nas aquisições próprias da companhia Neroni de Pisa de couros oriundos da praça de Lisboa, e fornecedor à comissão de grã de Portugal, foi ainda fornecedor, também à comissão, de sebo (tabela 37). Um aspeto interessante foi o facto de Lopo Afonso ser o fornecedor de duas matérias-primas que estão presentes na mesma indústria transformadora - os curtumes - tendo em conta que no processo de curtição dos couros era necessária a utilização de uma gordura.⁴⁴⁴ Os registos relativos à venda desta mercadoria reforçam esta situação: a maioria dos clientes do sebo comissionado à companhia pisana de Francesco di Nerone eram curtidores em Pisa. Contudo, apesar de serem a maioria, a maior quantidade desta mercadoria não foi vendida, mas sim comissionada pela companhia Neroni a Ridolfo di Ser Gabriello, mercador florentino já referido.

Retomando a questão do fornecimento, Lopo Afonso comissiona à companhia Neroni de Pisa 19 *pondi* de sebo, o que equivalia a 2472 libras. Esta mercadoria partiu de Lisboa nos finais da década de 50 do século XV em duas embarcações distintas: 13

⁴⁴⁴ PEREIRA, Franklin – *Ofícios do Couro na Lisboa Medieval*. Lisboa: Prefácio, 2009, 29.

pondi foram transportados, pelo já mencionado, patrão de embarcação português Lopo Eanes; e 6 *pondi* foram-no pela “nave do Infante [D. Fernando] de Portugal”. Desde os inícios do século XIV que temos notícias de exportação portuguesa de sebo, com destino à Flandres e à Inglaterra.⁴⁴⁵ Para além disso, o sebo constava das mercadorias referenciadas pelos mercadores italianos, como na correspondência de Bartolomeo Manni, em Lisboa, com a companhia Datini (1399-1400), onde se evidencia a grande quantidade deste produto em Portugal; e a comparação feita por Uzzano, no seu manual para mercadores (1440), entre o sebo de Sevilha e de Lisboa, com a indicação de que o desta última cidade era de melhor qualidade.⁴⁴⁶

3.2. Mercadorias exportadas para a Península Ibérica

Para além do comércio dito de importação, a companhia pisana de Francesco di Nerone esteve também presente em negócios que conduziram mercadorias no sentido inverso. Este ponto tem como finalidade analisar quais os produtos que foram alvo de exportação pela companhia em estudo, para que praças ibéricas se dirigiram, quem foram os seus destinatários, tendo sempre em conta a tipologia de negócios: em próprio, em sociedade e à comissão.

No entanto, a nossa abordagem a estas operações de exportação tem algumas alterações em relação ao ponto das importações. Aqui, o nosso principal interesse está relacionado com as mercadorias e a sua receção no espaço ibérico, através dos agentes e das praças comerciais, mais do que as próprias condições de aquisição do produto em si. Por exemplo, no caso dos envios de papel, mercadoria de origem italiana, os registos permitem-nos saber a quem fora comprado na Toscana e para que praças, ibéricas e não ibéricas, fora enviado. Contudo, o nosso foco principal estará nas relações que se estabeleceram com a Península Ibérica, e com os agentes aqui presentes, para o

⁴⁴⁵ MARQUES, A. H. Oliveira – “Portugal na crise (...)”, 152 e 171. MARQUES, A. H. de Oliveira – *Hansa e Portugal (...)*, 90.

⁴⁴⁶ RAU, Virginia – “Cartas de Lisboa (...)”, 62-64. *Della Decima e delle altre gravezze. Contenente la Pratica della mercatura scritta da Giovanni di Antonio da Uzzano nel 1442*. Vol. IV. Lisbona e Lucca: Giuseppe Bouchard librajo francese in Firenze, 1766, 176.

comércio de exportação destas mercadorias. Antes de iniciarmos este ponto, importa salientar que uma característica desta companhia comercial começa a tornar-se evidente: o seu perfil enquanto companhia importadora dos bens necessários para fornecer as indústrias toscanas de então. Uma particularidade que se pode, desde já, aferir pela quantidade e volume das operações dos dois tipos de comércio. Mesmo antes de avançarmos neste ponto, podemos perceber que as operações de envio de mercadorias para a Península Ibérica foram incomparavelmente menores, muitas vezes reduzidas a pontuais envios em determinados anos de atividade e sem que exista uma aparente lógica de fornecimento de centros produtores e/ou consumidores. Um aspeto que, por oposição, se verifica nos negócios de importação de matérias-primas para Pisa, que visavam fornecer as principais indústrias toscanas de então.

3.2.1. Papel

Tendo em conta que os negócios de exportação de papel para as praças ibéricas se revestiram das mesmas estruturas que as relações comerciais de importação de matérias-primas anteriormente analisadas, vamos utilizar o mesmo método de análise.

O papel era uma das indústrias mais antigas da península itálica e o uso deste produto estava bastante difundido desde os inícios do século XIV.⁴⁴⁷ Para além da sua difusão no comércio interno, o papel figurou como uma das principais mercadorias exportadas pelos mercadores toscanos ao longo da Baixa Idade Média. Segundo Soldani, o papel esteve entre os principais produtos que marcaram as fortes relações comerciais entre a Toscana e a Catalunha desde os finais do século XIV e os inícios do século XV, respondendo à procura deste produto, essencialmente, pela cidade de Barcelona.⁴⁴⁸ De facto, num período de apenas três anos nos finais de Trezentos, a companhia de Francesco di Marco Datini enviou para Barcelona 356 *balle* de papel.⁴⁴⁹ De referir que não conseguimos apurar quanto de papel representaria esta unidade de medida em

⁴⁴⁷ MARIANI, Franco – *L'antica cartiera di Fabriano*. Ancona: Il lavoro editoriale. 1997, 5-6.

⁴⁴⁸ SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 106-107.

⁴⁴⁹ *Idem*, 107.

concreto. Maria José Santos, no seu estudo sobre as marcas de água do século XIV ao século XIX, indica que “uma bala de papel” poderia representar duas quantidades: 200 mãos de papel, correspondendo a 5000 folhas de papel; ou 32 mãos de papel, equivalendo a 800 folhas⁴⁵⁰.

Do ponto de vista das tipologias e qualidades do papel que chegavam às praças ibéricas, num primeiro momento, temos a presença, sobretudo, de papel Fabriano, oriundo da comuna homónima da província de Ancona, detentora de uma longa tradição na produção de papel desde o século XIII.⁴⁵¹ Mais tarde, em meados da primeira década do século XV, começa a chegar papel produzido na zona toscana de Colle di Val d’Elsa, centro de produção papeleiro que beneficiou de um conjunto de investimentos realizados por mercadores florentinos.⁴⁵² A produção de papel nesta região tem as suas origens no século XIV e estava associada ao mercado da lã.⁴⁵³ Além disso, os produtores de Colle di Val d’Elsa beneficiavam da procura deste produto por parte dos mercadores estantes em Pisa, para uso próprio e para exportação, e ainda do facto de esta cidade ser a porta para o comércio internacional no Mediterrâneo.⁴⁵⁴

No decurso do século XV, ao contrário do que se verificava nas cidades italianas e na restante Península Ibérica, em Portugal a produção de papel não era suficiente para responder à procura deste produto, colocando o reino dependente da sua importação de Itália e França.⁴⁵⁵ Para além disso, falamos de uma produção de papel com início tardio, datando das décadas de 30 e 40 do século XV as primeiras notícias sobre a

⁴⁵⁰ SANTOS, Maria José Ferreira – *Marcas de Água: séculos XIV-XIX*. Coleção TECNICELPA. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2015, 101.

⁴⁵¹ MARIANI, Franco – *L’antica cartiera di Fabriano*. Ancona: Il lavoro editoriale, 1997, 5-6. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 525.

⁴⁵² SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d’affari (...)*, 106-107. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 525.

⁴⁵³ DINI, F. – “Le cartiere in Colle di Valdelsa”. In *Carte e Cartiere a Colle*. Firenze: Tipografia Baccini e Chiappi, 1982, 76.

⁴⁵⁴ *Idem*, 82.

⁴⁵⁵ ANSELMO, Artur – *História da Edição em Portugal*. Vol. I. Porto: Lello & Irmão Editores, 1991, 94. ANSELMO, Artur – *Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981, 389-392. BANDEIRA, Ana Maria Leitão – *Pergaminho e Papel em Portugal: tradição e conservação*. Lisboa: CELPA, 1995, 28. SANTOS, Maria José Ferreira – *Marcas de Água (...)*, 40.

indústria do papelaria portuguesa, apesar de este produto ser conhecido e utilizado desde meados do século XIII.⁴⁵⁶

a) Operações de exportação de papel para a Península Ibérica

Entre 1454 e 1463 dispomos de sete operações de envio de um total de 213 *balle*⁴⁵⁷ de papel desde Pisa, através da companhia Neroni aí sediada, para quatro praças ibéricas: Barcelona, Valência, Sevilha e Lisboa. Atentando na tabela 38, podemos verificar que a praça de Sevilha recebeu mais de metade da quantidade de papel transacionado, com operações nos anos de 1454, 1455 e 1463.⁴⁵⁸ Em segundo lugar, encontramos os envios realizados para Barcelona, também três operações em três anos consecutivos, mas que totalizaram 51 *balle*.⁴⁵⁹ Apenas com um registo de envio desta mercadoria temos as praças de Lisboa, com 26 *balle*⁴⁶⁰, e a cidade de Valência, para a qual se enviou a menor quantidade de papel deste conjunto (6 *balle*⁴⁶¹). Com exceção deste último envio, as demais operações trataram de exportação de papel proveniente de Colle. A cidade de Valência, por seu turno, foi a única para a qual a companhia Neroni de Pisa enviou papel *Fabriano* e, como veremos, comissionado pelo seu parceiro de

⁴⁵⁶ BARROS, Henrique da Gama – *História da administração pública em Portugal séculos XII a XV*. T. IX, 2 ed. Lisboa: Sá da Costa, imp. 1945, 234-235. GOMES, Saúl António – “Notas sobre a produção de sal-gema e de papel em Leiria e em Coimbra durante a Idade Média”. *Revista Portuguesa de História*, vol. 1, nº 31 (1996) 438-443. BANDEIRA, Ana Maria Leitão – *Pergaminho e Papel (...)*, 14.

⁴⁵⁷ Recordando os valores de conversão apresentados por Maria José Santos, neste caso podemos estar perante 42.600 mãos de papel (1.065.000 folhas de papel) ou 6.816 mãos de papel (170.400 folhas de papel). SANTOS, Maria José Ferreira – *Marcas de Água (...)*, 101.

⁴⁵⁸ Nos finais do século XV, o papel era uma mercadoria que marcava presença nos negócios dos mercadores florentinos aí estantes ou que aí detinham os seus negócios. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Bartolomeo Marchionni (...)*, 68.

⁴⁵⁹ Nos registos do Banco Salviati de Pisa temos a presença de papel enviado para Barcelona, mas apenas numa conta que não individualiza a mercadoria. Trata-se uma conta denominada “mercadorias enviadas para a Catalunha”. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 180. Recordando os valores de conversão apresentados por Maria José Santos, neste caso podemos estar perante 10.200 mãos de papel (255.000 folhas de papel) ou 1.632 mãos de papel (40.800 folhas de papel). SANTOS, Maria José Ferreira – *Marcas de Água (...)*, 101.

⁴⁶⁰ Recordando os valores de conversão apresentados por Maria José Santos, neste caso podemos estar perante 5.200 mãos de papel (130.000 folhas de papel) ou 832 mãos de papel (20.800 folhas de papel). SANTOS, Maria José Ferreira – *Marcas de Água (...)*, 101.

⁴⁶¹ Recordando os valores de conversão apresentados por Maria José Santos, neste caso podemos estar perante 120 mãos de papel (30.000 folhas de papel) ou 192 mãos de papel (4.800 folhas de papel). SANTOS, Maria José Ferreira – *Marcas de Água (...)*, 101.

negócios Iacopo da Colle⁴⁶². Não deixa de ser uma operação curiosa: um mercador produtor de papel de Colle envia, através de um negócio à comissão, papel que não era da sua produção para uma praça ibérica. Todavia, talvez esta situação possa ser interpretada tendo em conta que no ano de 1452 a cidade de Valência atribuiu um salvo-conduto a um mestre produtor de papel de Colle para se fixar e produzir papel na cidade valenciana.⁴⁶³

Tabela 38 - Envio de papel de Colle para a Península Ibérica através da companhia Neroni de Pisa, 1454-1463, em balle

Anos	Barcelona	Valência	Sevilha	Lisboa
1454	13	-	74	-
1455	6	-	41	-
1458	32	-	-	-
1460	-	6	-	-
1461	-	-	-	26
1463	-	-	15	-
TOTAL	51	6	130	26

FONTE: AS, SNS Pisa, Libri di Commercio, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

Ainda atentando na tabela 38, verificamos que a maioria das operações de comercialização de papel nestas praças ibéricas esteve concentrada nos dois primeiros anos de atividade da companhia Neroni de Pisa, com 40,8% da quantidade de papel a ser exportada em 1454, seguida do ano de 1455. Não deixa de ser interessante constatar que o comércio desta mercadoria não se verificou de forma contínua ao longo dos anos de atividade da companhia pisana de Francesco di Nerone, estando 77,9% da quantidade transacionada concentrada no período entre 1454-1458. Apesar de Barcelona ter sido a segunda cidade do ponto de vista da quantidade enviada, não podemos deixar de equacionar a quebra nos envios de papel para esta praça tendo em conta o período de guerra civil na qual se viu envolvida na década de 60 do século XV.⁴⁶⁴

⁴⁶² Como já referido, a companhia de Iacopo da Colle esteve, desde a sua fundação, estreitamente ligada com a atividade produtiva e o comércio de papel. BERTI, Marcello – “Le aziende Da Colle (...)”, 61-64.

⁴⁶³ IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia (...)*, 362-363.

⁴⁶⁴ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 237.

Tal como nas demais mercadorias que temos vindo a analisar, também o papel com destino à Península Ibérica foi comercializado tendo por base as três tipologias de negócio. Observando a tabela 39, tendo em conta a quantidade de mercadoria, podemos constatar que os negócios em sociedade, ou seja, negócios da companhia Neroni de Pisa em parceria com outros agentes económicos, foram aqueles que se evidenciaram (73,2%). Em segundo lugar, encontramos os envios realizados à comissão (20,7%); seguidos da única operação em próprio, ou seja, resultante de uma aquisição própria da companhia: um envio datado de 1454 com destino a Barcelona (6,1%).

Tabela 39 - Quantidade de papel de Colle enviado pela companhia Neroni de Pisa para a Península Ibérica, por tipologia de negócio, em balle, 1454-1463

Anos	Próprio	Sociedade	Comissão
1454	13	74	-
1455	-	41	6
1458	-	-	32
1460	-	-	6
1461	-	26	-
1463	-	15	-
TOTAL	13	156	44

FONTE: AS, SNS Pisa, Libri di Commercio, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

No que aos preços diz respeito, o que aqui procuramos é tratar de uma forma mais abrangente, antes de iniciarmos uma análise mais detalhada de cada um destes negócios de exportação de papel para as praças ibéricas. Sobretudo porque, apesar de estarmos perante operações relativas a papel da mesma origem – de Colle, com exceção de uma operação – em alguns casos dispomos de indicações relativas à sua qualidade que podem ter influenciado o seu preço de venda. Assim, na tabela 40 apenas reunimos os valores mínimo e máximo que se verificaram nestes negócios de venda de papel. Contudo, importa referir que, tendo em conta o número reduzido de operações, não conseguimos estabelecer para todas a amplitude de preços verificada de acordo com a qualidade do papel.

Tabela 40 - Amplitude dos preços (em florins di sugello) nas transações de papel de Colle pela companhia Neroni de Pisa para a Península Ibérica, 1454-1463

Papel de Colle	Amplitude de Preços
(sem especificação)	6.17.6 - 7.10.0
<i>piccole e reali</i>	7.8.2
<i>fini e fioretto</i>	8.0.0
<i>fabriano</i>	9.18.6
<i>reali</i>	8.0.6 – 13.13.4

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Com base na tabela 40 podemos verificar que a diferença de valores é significativa e que estão interligadas com a qualidade do papel. De uma forma geral, as operações para as quais não dispomos de mais dados sobre o tipo de papel, apenas a indicação de que era da região de Colle, foram as que conheceram os valores de venda inferiores, apesar de, do ponto de vista da quantidade, este ter sido o mais transacionado⁴⁶⁵. Em segundo lugar, temos o valor correspondente a uma só operação, datada de 1461, em sociedade com Francesco Giuntini para a venda de papel em Portugal. No entanto, apesar de o registo indicar duas qualidades distintas de papel, não faz a diferenciação dos respetivos valores, indicando apenas: 20 *balle* de papel de Colle *forma piccola* e 6 *balle* de papel de Colle *reale*. O papel tido como de qualidade inferior, o *fini e fioretto*⁴⁶⁶, surge com valores próximos aos de melhor qualidade, numa operação em sociedade da companhia Neroni de Pisa com outro agente toscano num envio para Sevilha (1463). Um aspeto curioso de verificar é o facto de as operações com valores mais reduzidos resultarem de negócios nos quais a companhia em estudo tinha uma participação direta: negócios próprios ou em sociedade. De facto, as duas tipologias de

⁴⁶⁵ Em 1476, Bartolomeo Marchionni recebeu em Lisboa um carregamento de papel de Colle (22 *balle*), sem outra especificação, sendo que o seu valor não ultrapassou os 5 florins. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Bartolomeo Marchionni (...)*, 84-85.

⁴⁶⁶ ORNATO, Enzo; BUSONERO, Paola; MUNAFÒ, Paola F.; STORACE, M. Speranza – *La carta occidentale nel tardo medioevo*. Tomo I. Milano: Istituto centrale per la patologia del libro, 2001, 342-3.

papel com valores mais elevados, como podemos ver na tabela 40, foram operações nas quais a companhia pisana de Francesco di Nerone recebeu uma comissão pela venda dessa mercadoria. Duas operações, com destino a Barcelona, foram relativas a papel *reale* (1455 e 1458) e uma operação de papel *fabriano*, enviado para Valência (1463). Em relação a estas duas diferenciações importa distinguir que: *reale* surge como uma classificação da dimensão do papel, que, no caso, significa que seria de grandes dimensões⁴⁶⁷; a identificação *fabriano* surge como uma denominação da origem do produto e, conseqüentemente, da sua qualidade.

b) Compradores de papel no espaço ibérico

Como indicado, ao contrário da análise das operações relacionadas com o comércio de importação de mercadorias do espaço ibérico, neste ponto o nosso foco incide nos destinatários destes envios.

No que diz respeito aos negócios em próprio da companhia em estudo, como referido, apenas dispomos de uma operação. Assim, no ano de 1454 temos o envio de 13 *balle* de papel de Colle para Barcelona resultante de uma venda ao mercador florentino, agente da companhia Cambini aí estante, Filippo Pierozzi.⁴⁶⁸ Como temos vindo a referir, os negócios relacionados com a exportação de mercadorias não o foram apenas para a Península Ibérica e o papel desta conta própria da companhia Neroni é exemplo disso. Assim, para além de enviar para Barcelona, o registo permite-nos saber que Palermo, Sardenha e o Levante foram outros destinos desta mercadoria.

No que diz respeito à aquisição inicial deste papel, gostávamos de salientar que algumas dessas compras de mercadoria foram feitas através de permutas ("*a baratto*"). Assim, dispomos de três registos que nos dão conta da permuta de papel por couro já

⁴⁶⁷ AGATI, Maria Luisa – *Il Libro manoscritto. Introduzione alla codicologia*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2003, 104.

⁴⁶⁸ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 87.

curtido (*choiame*) e lã, e ainda de pano *paonazzo*⁴⁶⁹, ou seja, produtos que a companhia em estudo detinha e que utiliza como meio de troca para a compra de papel de Colle.

Em relação às sociedades estabelecidas pela companhia Neroni de Pisa para a exportação de papel de Colle para a Península Ibérica, podemos identificar quatro parcerias distintas: três realizaram envios para a cidade de Sevilha e uma para Lisboa (tabela 41).

Tabela 41 - Sociedades estabelecidas com a companhia Neroni de Pisa para a exportação de papel para a Península Ibérica, 1455-1463

Quant. (em <i>balle</i>)	Sociedade	Ano
74	c ^a Neroni de Pisa Simone de Negrone	1455
41	c ^a Neroni de Pisa Tommaso di Nanni da Colle	1455
26	c ^a Neroni de Pisa Francesco Giuntini	1461
15	c ^a Neroni de Pisa c ^a Ugolino e Antonio Martelli de Pisa	1463

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

No ano de 1455 temos o estabelecimento de duas sociedades que expediram um total de 115 *balle* de papel de Colle. A primeira, responsável pelo envio de maior quantidade, tratou-se de uma parceria estabelecida com um mercador genovês estante na cidade de Pisa, Simone de Negrone. O destinatário final deste papel foi, por sua vez, Cosimo de Negrone, mercador em Sevilha. De certa forma, podemos considerar que Francesco di Nerone, através da sua companhia pisana, estaria a utilizar a rede destes mercadores genoveses para fazer chegar o papel que tinha para comercializar à cidade sevilhana. Este é um aspeto que tivemos oportunidade de verificar nas operações de

⁴⁶⁹ O *paonazzo* era obtido através da tinturaria com um líquen denominado “*oricello*” (*urzela, roccella tinsctoria*) e permite obter uma cor púrpura. MUZZARELLI, Maria Giuseppina – *Guardaroba Medievale. Vesti e società dal XIII al XVI secolo*. Bolonha: Il Mulino, 1999, 162. SEQUEIRA, Joana – “A companhia Salviati-Da Colle (...)”, 53.

importação de matérias-primas ibéricas para Pisa. De facto, a figura de Simone de Negrone esteve presente nestas operações, nomeadamente na lã de São Mateus, na seda e na cera *spagnola*. Do ponto de vista das compras iniciais deste papel para exportação, o que verificamos foi que a própria conta em aquisição própria da companhia Neroni de Pisa, além de exportar para o espaço ibérico, funcionou como fornecedora desta mesma sociedade.

A segunda sociedade estabelecida, também em 1455, foi com um outro mercador pisano, Tommaso di Nanni da Colle, e encarregou-se de expedir 41 *balle* de papel para Sevilha. Tal como na operação anterior, os destinatários finais foram os mercadores genoveses Cipriano e Franco Cattaneo presentes na cidade. Este último mercador, como verificado, foi ainda protagonista nos negócios de importação de couros ibéricos para Pisa por parte da companhia em estudo. Nos registos relativos ao envio para a Península Ibérica do papel pertencente a esta sociedade, encontramos a diferenciação da mercadoria em papel *fini e fioretto*, como anteriormente referimos. No que diz respeito ao fornecedor inicial desta parceria, os registos não identificam quem possa ter sido.

A terceira sociedade estabelecida pela companhia pisana de Francesco di Nerone foi com o mercador florentino Francesco Giuntini, estante na cidade de Lisboa, uma das figuras que protagonizou as importações de couros e grã de Portugal, em aquisição própria e em sociedade com a Companhia Neroni de Pisa. Ao contrário das operações anteriores de expedição de papel para o espaço ibérico, o registo do envio de papel para Lisboa é composto por outras mercadorias, nomeadamente panos de seda, como analisaremos de seguida. Assim, em 1461 a sociedade entre a companhia Neroni de Pisa e Francesco Giuntini foram responsáveis pela inserção no mercado português de um total de 26 *balle* de papel de Colle, pelo valor total de 220 florins *di sugello*: 20 *balle* são identificados como *forma piccola*, que totalizaram 160 florins *di sugello*; e 6 *balle reale*, ou seja, de maiores dimensões, por 60 florins *di sugello*⁴⁷⁰. O fornecedor de papel desta

⁴⁷⁰ No registo no livro mastro temos a indicação que o valor total fora de 228.17.0. No entanto, no *ricordanze* dispomos da separação dos valores, quer das mercadorias quer dos custos associados com a

sociedade fora o mercador Iacopo da Colle⁴⁷¹, que entregou ainda papel à comissão à companhia em estudo, como veremos, mas desconhecemos quem fora o destinatário final deste produto.

Por fim, a última sociedade estabelecida foi em 1463 e com uma companhia pisana, pertencente a Ugolino e Antonio Martelli, mercadores florentinos, para o envio de 15 *balle* de papel para Sevilha, tendo sido compradas por Carlo *Bellaci*⁴⁷² nessa cidade. Na verdade, do total destas operações de exportação de papel para as cidades ibéricas esta operação foi a única que teve como cliente um mercador local. Esta companhia pisana fora também cliente da companhia Neroni de Pisa de grã portuguesa, como verificamos. Para além disso, estavam ainda ligados ao comércio de importação de lã de São Mateus para Pisa, e consequente comercialização.⁴⁷³ Como referimos acima, esta foi a operação que conheceu o valor de venda mais elevado, apesar de o registo não fazer qualquer referência à tipologia de papel, para além de ser proveniente de Colle. No entanto, este tratou-se do único envio que teve como cliente final um agente fora do círculo dos mercadores italianos, o que pode, em parte, explicar um valor de venda mais elevado. O fornecedor de papel desta sociedade fora a companhia de Giovanni Piatelle da Colle. Importa referir que esta sociedade foi ainda responsável pelo envio de papel de Colle para a Tunísia.

Por fim, temos três operações de exportação da conta relativa ao papel de Colle comissionado à companhia pisana de Francesco di Nerone por Iacopo da Colle, que se dividiram por três anos totalizando 44 *balle* de papel enviado (tabela 42). O mercador Iacopo da Colle foi uma figura bastante presente nos negócios da companhia Neroni de Pisa, como referimos, sobretudo nos negócios relacionados com os couros, tendo recebido o exclusivo do trato desta mercadoria através da companhia em estudo. Como

logística de transporte das mesmas. AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 27; liv. 6, c. 25.

⁴⁷¹ Como referido anteriormente, a companhia Da Colle, fundada por Iacopo, detinha uma longa tradição na produção de papel e no comércio internacional do mesmo. SEQUEIRA, Joana – “A companhia Salviati-Da Colle (...)”, 48. BERTI, Marcello – “Le aziende da Colle (...)”, 60-68.

⁴⁷² A fonte não nos dá mais indicações sobre esta figura e também não conseguimos apurar se se trataria de um mercador local ou não.

⁴⁷³ BORDES GARCIA, José; SOLDANI, Maria Elisa – “Il commercio della lana (...)”, 656.

indicamos, Iacopo fora um dos membros fundadores de uma companhia comercial que iniciou a sua atividade no comércio internacional através da exportação do papel de Colle que produziam.⁴⁷⁴

Assim, deste lote de papel comissionado por Iacopo da Colle à companhia em estudo, verificaram-se dois envios para a cidade de Barcelona, com destino ao mercador florentino, já referido em vários negócios analisados, Filippo Pierozzi. O primeiro em 1455, de 6 *balle* e o segundo, em 1458, de 32 *balle* de papel. Ambos os envios foram relativos a papel de Colle, identificado ainda como *reale*, ou seja, de maior formato, o que pode explicar o seu valor elevado. Por fim, a terceira operação data de 1460 e tratou-se do envio de 6 *balle* de papel Fabriano para Valência, tendo como destinatário final Marco Zorzi. Este mercador veneziano estante na cidade valenciana fora um dos fornecedores de grã, em aquisição própria, da companhia Neroni de Pisa, como já analisamos.

Tabela 42 - Destinatários do papel comissionado por Iacopo da Colle à companhia Neroni de Pisa, 1455-1460

Quant. (em <i>balle</i>)	Tipo papel	Comprador	Ano
6	<i>Reale</i>	Filippo Pierozzi (Barcelona)	1455
6	<i>Fabriano</i>	Marco Zorzi (Valência)	1463
32	<i>Reale</i>	Filippo Pierozzi (Barcelona)	1458

FONTE: AS, SNS Pisa, Libri di Commercio, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

⁴⁷⁴ BERTI, Marcello – “Le aziende da Colle (...)”, 61-68. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy (...)*, 525. SEQUEIRA, Joana – “A companhia Salviati-Da Colle (...)”, 48.

3.2.2. Panos de seda

Como referimos no ponto relativo à matéria-prima sericícola, que fornecia uma das mais destacadas indústrias têxteis florentinas de então, o mercador fundador da companhia Neroni de Pisa detinha uma participação ativa no comércio relacionado com esta indústria: na importação, para a Toscana, das matérias-primas essenciais; na comercialização e exportação dos panos de seda; e ainda na produção de panos de seda. No caso concreto da companhia Neroni de Pisa, como vamos analisar de seguida, a primeira imagem com que deparamos é que a importação das matérias-primas têxteis se sobrepôs à exportação dos têxteis de seda, tanto em valores monetários como em quantidade de produtos. Todavia, não podemos esquecer que Francesco di Nerone era também detentor de uma companhia comercial em Florença, da qual apenas dispomos de um único livro mastro, e ainda de uma companhia produtora de panos de seda, para a qual não dispomos de quaisquer livros de contas.

A exportação de panos de seda de Florença por parte de mercadores florentinos foi um tipo de negócio que caracterizou a sua atividade.⁴⁷⁵ Todavia, e apesar do protagonismo que Francesco di Nerone tinha na indústria sericícola, a partir da sua companhia em Pisa, dispomos apenas de envios de panos de seda para duas cidades ibéricas: Barcelona e Lisboa. No entanto, estamos perante registos muito diferentes entre si.

No caso específico dos envios para Barcelona falamos de um conjunto de registos datados de 1460 e 1461, mas que apenas nos permitem conhecer quais os valores das despesas relacionadas com os envios desses produtos.⁴⁷⁶ Assim, durante esse período foram expedidas 10 caixas e uma *chasseta*⁴⁷⁷ de panos de seda para Filippo Pierozzi, agente da companhia Cambini e correspondente de Francesco di Nerone em Barcelona, através de galés venezianas e florentinas. Em nenhum dos registos dispomos de mais informação sobre a qualidade e a quantidade dos panos de seda que estavam a ser

⁴⁷⁵ SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...), passim*. TOGNETTI, Sergio – *Un'industria di lusso (...)*, 121-127.

⁴⁷⁶ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 89.

⁴⁷⁷ Com a indicação de que pesava 28,5 libras.

comercializados e que compunham esses dois lotes. O único detalhe que possuímos é que todos os tecidos de seda que foram enviados foram produzidos pela companhia *setaioli* de Francesco di Nerone em Florença. Importa referir que nesta conta encontramos também despesas com o envio de panos de seda deste mesmo produtor para o Oriente.

Este conjunto de registos sublinha, em certa medida, um dos aspetos da companhia comercial pisana de Francesco di Nerone e que, como já referimos, era comum a outras companhias comerciais florentinas que se tinham fixado na cidade de Pisa após a sua integração na República de Florença: estarem estrategicamente posicionadas naquela que era a ‘porta’ de entrada e saída da Toscana para o comércio internacional.

Por outro lado, no que ao envio de panos de seda para Lisboa diz respeito, temos um maior detalhe em relação às mercadorias já que consistiu num negócio em sociedade entre a companhia Neroni de Pisa e o mercador florentino Francesco Giuntini estante na cidade portuguesa.⁴⁷⁸ Ambos os agentes, como verificamos, estiveram também envolvidos em sociedades para a importação para Pisa de couros e grã de Portugal, bem como de envio de papel italiano para a praça portuguesa.

O conjunto de panos de seda expedido para Lisboa por esta sociedade de mercadores florentinos foi enviado em dois lotes distintos e não foi registado nos livros de contas seguindo uma unidade de medida comum, o que nos impossibilita a realização de somatórios e até a comparação de valores (Tabela 43).

⁴⁷⁸ Uma sociedade dividida em 2/3 para a companhia Neroni de Pisa e 1/3 para Francesco Giuntini.

Tabela 43 - Lotes de panos de seda italianos enviados para Lisboa através da sociedade entre a companhia Neroni de Pisa e o mercador Francesco Giuntini em Lisboa, 1458 e 1461

Ano	Tipo pano de seda (Quant.)	Fornecedor	Valor (em florins <i>di sugello</i>)
1458	<i>Zendado</i> de várias cores (15)	António Bonafé de Bolonha	80.10.5
	<i>Domaschini</i> brancos brocados (2) <i>Zetani raxo chermixi</i> (1 <i>taglio</i>)	-	55.1.8
	Panos de seda (3)	Agnolo e Francesco di Nerone	362.1.8
1461	Panos de seda <i>Alessandrina</i> (2 <i>pezze</i>)	c ^a <i>setaioli</i> Neroni de Florença	2002.5.10
	<i>Domaschino</i> branco brocado (6 <i>pezze</i>)		
	Veludo <i>chermixi</i> (3 <i>pezze</i>)		
	<i>Domaschino</i> branco e bege (1 <i>taglio</i>)		10.0.0

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

O primeiro lote, no valor total de 497.13.9 florins *di sugello*, foi enviado em 1458 e era composto por 15 peças de cendal (*zendado*) de diferentes cores, fornecidas por António Bonafé de Bolonha; três panos de seda fornecidos pela sociedade de Agnolo e Francesco di Nerone; dois damascos brancos brocados e um *taglio* de *zetani chermixi*, ou seja, carmim, sendo que para estes últimos não dispomos da indicação do fornecedor. Em relação ao primeiro fornecedor, António Bonafé de Bolonha, este fora também cliente da companhia Neroni de Pisa na compra de lã de São Mateus e de grã de Valência. Por sua vez, o segundo lote, totalizando 2012.5.10 florins *di sugello*, foi enviado em 1461 e era composto por diferentes panos de seda, mas todos fornecidos pela companhia *setaioli* de Francesco di Nerone: duas *pezze* de panos de seda *alessandrina*, seis *pezze* de damasco branco brocado, três *pezze* de veludo carmesim e ainda um *taglio* de damasco branco e bege. Apesar de não conhecermos as cores de todos estes panos de seda, de certa forma podemos afirmar que o branco e o carmim se evidenciaram nestes dois lotes. O carmim, pertencente à paleta dos vermelhos mais valiosos, era uma das cores mais apreciadas na Idade Média, predominando nos tecidos

de seda, e uma das mais populares em Portugal no século XV.⁴⁷⁹ A par do carmim, o azul *alessandrina* foi outra das cores mais comuns nos panos de seda neste período; representando ambas os maiores custos de produção e, consequentemente, preços de venda mais elevados.⁴⁸⁰ Para a obtenção deste tipo de azul era necessária a combinação de três substâncias colorantes: urzela (*roccella tinctoria*), índigo (*indigofera tinctoria*) e ruiva-dos-tintureiros (*rubia tinctorum*)⁴⁸¹. Por sua vez, a cor branca conheceu um maior protagonismo no início do século XV.⁴⁸² Para ambos os lotes com destino a Lisboa, ao parceiro da companhia Neroni de Pisa, Francesco Giuntini, desconhecemos quem foram os clientes finais destes panos de seda.

Como referimos anteriormente, a partir do primeiro ano da década de 60 do século XV a companhia Neroni de Pisa passou a beneficiar da presença de um agente direto na praça de Lisboa: Michele da Colle, filho de Iacopo da Colle, como quem Nerone tinha relações comerciais de grande proximidade. Nos livros de contas elaborados por Michele da Colle na praça portuguesa entre 1461 e 1462, encontramos a referência a dois conjuntos de panos de seda pertencentes à companhia pisana em estudo. O primeiro conjunto foi entregue à comissão a este mercador e, analisando os registos das vendas destes têxteis, constatamos que em nada dizem respeito aos dois lotes enviados para Giuntini, já que se trataram de veludos e damascos de cor preta.⁴⁸³ Para além disso, não conseguimos estabelecer os cruzamentos entre os diferentes registos contabilísticos entre estes dois mercadores, a companhia Neroni de Pisa por um lado e Michele da Colle por outro, já que o primeiro conjunto de panos de seda foi enviado por Iacopo da Colle.⁴⁸⁴ Todavia, no que diz respeito ao segundo lote enviado para Francesco

⁴⁷⁹ DE ROOVER, Florence Edler – *L'Arte della Seta (...)*, 107. FRANCESCHI, Franco – "Un'industria «nuova» (...)", 182. MUZZARELLI, Maria Giuseppina – *Guardaroba Medievale (...)*, 161-162. PASTOUREAU, Michel – *Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997, 160-63. MARQUES, A. H. de Oliveira – *A Sociedade Medieval Portuguesa: aspectos de vida quotidiana*. 5ª ed. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1987, 60. TOGNETTI, Sergio – *Un'industria di lusso (...)*, 116.

⁴⁸⁰ DE ROOVER, Florence Edler – *L'Arte della Seta (...)*, 107. DE ROOVER, Florence Edler – "Andrea Banchi (...)", 905.

⁴⁸¹ *Ibidem*.

⁴⁸² FRANCESCHI, Franco – "Un'industria «nuova» (...)", 182.

⁴⁸³ CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (...)*, 75-81.

⁴⁸⁴ Para um maior cruzamento de dados, talvez consultando os livros de contas da companhia Da Colle para se perceber se se consegue reunir a totalidade dos registos relativos a este lote de panos de seda.

Giuntini, os livros de contas de Michele da Colle permitem-nos conhecer a operação com maior detalhe, já que este mercador foi encarregue da receção da mercadoria e do pagamento das despesas associadas com o transporte. Aqui, importa referir que as relações comerciais entre os Da Colle e Giuntini, sobretudo para a inserção no mercado português de panos de seda florentinos, se mantiveram ao longo da década de 60 do século XV.⁴⁸⁵

Retomando a análise do segundo lote de panos de seda enviados pela companhia Neroni de Pisa, no que ao conjunto de despesas relacionadas com toda a logística de transporte diz respeito, contamos já com um estudo detalhado de Joana Sequeira, feito a partir das cópias de contas da venda, a detalhe, desses tecidos.⁴⁸⁶ Todavia, no caderno de *ricordanze* de Michele da Colle, agente em Lisboa que se encarregou da receção deste envio, dispomos de um registo que nos permite conhecer de forma individual os diferentes tecidos de seda que compunham o segundo lote enviado pela companhia Neroni de Pisa (tabela 44).⁴⁸⁷

Tabela 44 - Comparação dos registos do lote de panos de seda enviado pela companhia Neroni de Pisa e rececionado por Michele da Colle em Lisboa, 1461-1462

Registo c ^a Neroni de Pisa, 1461	Registo Michele da Colle em Lisboa, 1462
Veludo <i>chermixi</i> (3 <i>pezze</i>)	<i>1^a peza una di veluto pianno chermixi</i>
	<i>1^a peza una di veluto pianno chermixi</i>
	<i>1^a peza una di veluto pianno chermixi</i>
Panos de seda <i>Alessandrina</i> (2 <i>pezze</i>)	<i>1^a peza una di baldachino azuro e bianco a ucelini</i>
	<i>1^a peza una di baldachino azuro e bianco a ucelini</i>
<i>Domaschino</i> branco brocado (6 <i>pezze</i>)	<i>1^a peza una di domaschino brochato d'oro in iii chamini apicciolato</i>
	<i>1^a peza di domaschino bianco brochato d'oro in 3 camini</i>
	<i>1^a peza di domaschino bianco brochato d'oro in 3 camini</i>
	<i>1^a peza di domaschino bianco brochato d'oro in 3 camini</i>
	<i>1^a peza di domaschino brochato d'oro opera soda</i>
	<i>1^a peza di domaschino brochato d'oro opera soda</i>
<i>Domaschino</i> branco e bege (1 <i>taglio</i>)	<i>1^a schampola di domaschino bianco brochato d'oro</i>

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22; Da Colle e Salviati, liv. 8, c. 73.

⁴⁸⁵ SEQUEIRA, Joana – “A companhia Salviati-Da Colle (...)”, 50.

⁴⁸⁶ SEQUEIRA, Joana – “Entre Lisboa e Pisa (...)”, 178-180.

⁴⁸⁷ AS, Serie I, *Da Colle e Salviati*, liv. 8, c. 73.

Atentando na tabela acima, podemos verificar que o registo desta exportação para Lisboa realizado pela companhia Neroni de Pisa foi elaborado de forma mais sumária e, de certa forma, por lotes tendo em conta a tipologia do tecido de seda. Por outro lado, no *ricordanze* de Michele temos uma listagem detalhada de cada um destes produtos permitindo-nos conhecer um pouco mais sobre os mesmos. Assim, no caso dos veludos, para além da informação de que seriam encarnados, ficamos a saber que seriam *pianno*. Esta classificação estava relacionada com a altura do pêlo do veludo, que poderia ser de uma ou duas alturas, sendo este último sinónimo de um maior trabalho e conhecimento técnico, e consequentemente um valor mais elevado.⁴⁸⁸ Tognetti, na sua obra sobre esta indústria de luxo florentina, afirma que os veludos *piani*, ou seja, de uma altura de pêlo, como os que temos referidos, eram os de uso mais comum.⁴⁸⁹ No caso dos tecidos *alessandrina*, nos livros de Michele temos a identificação da tipologia do tecido (*baldachino*⁴⁹⁰) e a referência ao desenho do brocado que teriam (*ucellini*, pássaros). O mesmo nível de detalhe encontramos também nos registos de Michele para os seis tecidos de damasco. Assim, é-nos possível saber que eram todos brocados a fio de ouro e que um teria ainda desenhos dentro da temática botânica (*apicciolato*).⁴⁹¹ Por fim, para o último damasco, branco e bege e com fio de ouro, refere que seria um “pedaço” de tecido, ou seja, não deveria ter o tamanho dos seis anteriores, e fora enviado para servir de pagamento pelo serviço de transporte prestado pelo patrão de embarcação português Lopo Eanes. Estamos perante um conjunto de tecidos de seda de alta qualidade e elevado preço, aspeto em tudo semelhante ao que podemos verificar nos negócios da companhia florentina Cambini em Lisboa.⁴⁹² No entanto, ao contrário do que se observa na companhia pisana de Francesco di Nerone, os negócios de exportação de panos de seda pelos Cambini (1459-1480) eram mais volumosos e Lisboa figurava como o segundo mercado para o qual mais exportaram panos de seda,

⁴⁸⁸ TOGNETTI, Sergio – *Un’industria di lusso (...)*, 115-116.

⁴⁸⁹ *Idem*, 116.

⁴⁹⁰ Baldachino: pano de seda brocado muito valioso, cujo nome deriva de *Baldacco* ou Bagdad. MUZZARELLI, Maria Giuseppina – *Guardaroba medievale (...)*, 353.

⁴⁹¹ Até à data, não conseguimos perceber o que significam os detalhes dos outros damascos.

⁴⁹² TOGNETTI, Sergio – *Un’industria di lusso (...)*, 126-127.

tendo sido dominante na década de 60.⁴⁹³ De certa forma, atentando nos dados destas duas companhias há algumas questões que nos surgem, nomeadamente as reduzidas exportações de panos de seda de Francesco di Nerone tendo em conta que era produtor e protagonista nesta indústria. No caso particular de Lisboa, a título de exemplo, podemos pensar que o comércio de panos de seda de Florença estaria dominado por companhias comerciais específicas? Todavia, torna-se difícil estabelecer comparações detalhadas e afirmar que seriam reduzidos os envios de panos de seda de Francesco di Nerone para o espaço ibérico, pois não dispomos dos livros de contas da sua unidade de produção de panos de seda da sua companhia de Florença.

No que aos clientes destes panos de seda enviados para Lisboa pela companhia Neroni de Pisa diz respeito, o patrão de embarcação Lopo Eanes é o único cliente final que nos é dado a conhecer concretamente. Todavia, se tivermos em consideração as operações de venda realizadas pela companhia Da Colle, correspondente em Lisboa da companhia Neroni, também na década de 60 do século XV podemos considerar que os clientes pertenceriam às camadas mais abastadas e próximas da Corte portuguesa.⁴⁹⁴

3.2.3. Pastel

Em relação aos colorantes relacionados com a indústria têxtil, nas contas da companhia Neroni de Pisa encontramos a importação de grã a partir da Península Ibérica, de que já tratamos, e, por outro lado a exportação desde Pisa de uma outra substância tintória com destino a duas praças ibéricas: o pastel (*guado* ou *pastello*). O pastel (*isatis tinctoria*) foi uma das substâncias tintureiras mais conhecidas da Idade Média pois, além de permitir obter a cor azul, era usado como primeiro processo para o tingimento com outras cores.⁴⁹⁵ Apesar de ser um dos produtos mais enviados de Pisa com destino ao reino de Aragão⁴⁹⁶, importa referir que o comércio do pastel não se

⁴⁹³ *Idem*, 116.

⁴⁹⁴ SEQUEIRA, Joana – “A companhia Salviati-Da Colle (...)”, 55-59. CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (...)*, 75-81.

⁴⁹⁵ SEQUEIRA, Joana – *O Pano da Terra (...)*, 115-118.

⁴⁹⁶ GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “Acordes y desacuerdos (...)”, 183.

verificou apenas com o espaço ibérico. Ao longo dos livros de contas da companhia em estudo encontramos operações de venda a companhias tintureiras toscanas e duas operações, datadas dos inícios da década de 60 do século XV, nas quais ficamos a conhecer duas exportações para a Europa do Norte. A primeira tem como destino a Flandres, através de um outro mercador estante em Pisa – Giovanni Colti – sem que nos seja permitido apurar o destinatário na praça flamenga; e, o segundo registo, fala-nos de um envio de pastel para a companhia Salviati sediada em Londres.⁴⁹⁷

Em relação às exportações para a Península Ibérica, estamos perante duas operações que resultaram de uma aquisição de pastel em negócio próprio por parte da companhia Neroni de Pisa e que foram, posteriormente, expedidas para serem vendidas à comissão. Ambos os envios datam de 1460 e tiveram como destino duas praças ibéricas e dois agentes distintos, mas bastante presentes nos negócios da companhia: para a cidade de Barcelona o pastel fora enviado para Filippo Pierozzi; e para Valência a mercadoria teve como intermediário Michele da Colle.⁴⁹⁸ Estamos perante duas das cidades do reino de Aragão que, devido à sua indústria têxtil, conheceram maior circulação de matérias-primas tintórias, entre as quais se evidenciou o pastel.⁴⁹⁹ No caso do envio para a praça valenciana, o registo indica-nos que a venda do pastel foi realizada através de uma permuta por grã com o mercador veneziano Marco Zorzi, como verificamos no ponto desta matéria-prima. Por sua vez, no caso de Pierozzi em Barcelona, no ano de 1461 temos o registo da entrega do apuramento das vendas do pastel que lhe fora comissionado. Desde meados do século XIV, dispomos de notícias sobre o comércio de pastel, essencialmente da região italiana da Lombardia, nas praças de Barcelona e, sobretudo, Valência: um tipo de comércio protagonizado por mercadores italianos.⁵⁰⁰ No caso dos exemplos de que dispomos, esta última tendência

⁴⁹⁷ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 34 e c. 254.

⁴⁹⁸ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 133; liv. 22, c. 19 e c. 29.

⁴⁹⁹ IGUAL LUIS, David – "Entre Barcelone et Valence: les importations de pastel et leur évolution à la fin du Moyen Âge". *Annales du Midi. Revue de la France méridionale*, t. 132, nº 309-310 (2020) 91.

⁵⁰⁰ David Igual Luis afirma que entre 1450 e 1500 os italianos detinham 80% das cotas de participação neste comércio em Valência. IGUAL LUIS, David – "Entre Barcelone et Valence (...)", 97-98. IGUAL LUIS, David – "La difusión de productos (...)", 486-489. SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 95, 420, 490. IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia (...)*, 38-40, 58 e 343.

está presente, mas na origem do pastel encontramos uma diferença. Apesar de os registos relacionados com a exportação não indicarem, claramente, a origem do pastel, nas operações de compra desta matéria-prima colorante, por parte da companhia em estudo, temos um destaque para as compras de pastel oriundo da região da Marche, que se situa entre os montes Apeninos e o Mar Adriático.

A análise da exportação desta matéria-prima colorante levanta algumas dificuldades, nomeadamente relacionadas com as quantidades e os valores associados. No primeiro registo de que dispomos sabemos que, no conjunto, se enviou para a Península Ibérica um total de 87 *balle* de pastel. O envio foi realizado na embarcação de um patrão denominado *Giovanni Piris*, presente em outros serviços de transporte para a companhia, para o qual foi realizado um seguro que totalizou 68.10.8 florins *di sugello*, sem separação dos valores e quantidades.⁵⁰¹ Por outro lado, tendo em conta que a companhia Neroni de Pisa entregou à comissão uma determinada quantidade de pastel a dois agentes seus em duas praças ibéricas, apenas dispomos das informações que nos falam da entrega do valor realizado com as vendas da mercadoria, ou seja, no final do processo. No entanto, em ambos os registos temos a utilização de duas unidades de medida distintas e diferentes ainda da utilizada no registo da expedição. No caso de Valência, temos a indicação de que 22,5 *charicha* de pastel foram pela permuta de grã valenciana⁵⁰², num valor total de 197.9.5 florins *di sugello*; e para Barcelona o registo fala-nos da entrega do valor da venda de 73 sacas de pastel, totalizando 208.8.6 florins *di sugello*. O facto de não sabermos que quantidade de mercadoria foi enviada para cada praça, mesmo com estas indicações, impossibilita-nos estabelecer comparações. Nos registos do banco Salviati de Pisa podemos verificar uma situação semelhante: temos uma conta dedicada ao envio para a Catalunha de mercadorias diversas, de entre as quais o pastel, sem referência ao seu valor ou custos associados.⁵⁰³

⁵⁰¹ Os registos não nos permitiram apurar de onde seria originária esta figura.

⁵⁰² Como vimos no ponto sobre a grã, tratou-se de um pagamento duplo: em valor monetário e em troca de bens. No caso dos bens, esta quantidade de pastel apenas cobriu o valor de 3 *balle* de grã, sendo o restante pago em dinheiro.

⁵⁰³ CARLOMAGNO, Antonio – *Il banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 180.

3.2.4. Trigo

Por fim, com apenas duas operações de exportação entre 1460 e 1462 temos os envios de um bem alimentar para a cidade de Barcelona: o trigo. Desde meados do século XV que esta cidade conhecia um déficit de abastecimento de trigo e, como destacou Soldani, a comunidade de mercadores florentinos aí estante teve um papel determinante no fornecimento deste produto.⁵⁰⁴ De facto, desde as primeiras décadas do século XIV que a companhia florentina Bardi era responsável pelo fornecimento de trigo à Coroa de Aragão.⁵⁰⁵ Contudo, estamos perante o comércio de um produto que se revestia de maiores riscos, sobretudo associados ao seu transporte, para além da particularidade de ser necessária uma autorização da cidade para se poder atuar como fornecedor de trigo em Barcelona.⁵⁰⁶ No entanto, Del Treppo sublinha que, apesar destas condicionantes, tratou-se de um comércio bastante vantajoso para os mercadores florentinos, com margens de lucro que rondavam os 10%.⁵⁰⁷

Em relação à companhia Neroni de Pisa, estamos perante duas operações de exportação de trigo para Barcelona entre 1460 e 1462, através de duas sociedades. Ambas tinham como elementos comuns a companhia em estudo e o agente Cambini em Barcelona, Filippo Pierozzi. A diferença verifica-se apenas no terceiro elemento de cada: uma tinha ainda como parceiro o mercador estante em Pisa Antonio Scarlatini; e, a outra, a terceira parte da sociedade pertencia a Francesco di Nerone, mas através da sua conta na praça de Barcelona, como foi possível verificar noutras operações. No que à mercadoria em si diz respeito, nos livros de contas da companhia o trigo exportado para Barcelona surge identificado como trigo *maremmano*⁵⁰⁸ e *nostrato*⁵⁰⁹. Em relação aos valores, apesar de nos ser difícil apurar as margens de lucro destes envios de trigo para Barcelona por nos faltarem os registos relativos à compra inicial do produto,

⁵⁰⁴ SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...), passim*.

⁵⁰⁵ *Idem*, 398.

⁵⁰⁶ *Idem*, 110.

⁵⁰⁷ TREPPO, Mario del – *I mercanti (...), 380*.

⁵⁰⁸ Maremma: denominação da região sul da Toscana.

⁵⁰⁹ *Nostrato* significa, literalmente, “nosso”. No entanto, também surgem referências que apontam para a zona de Lucca.

sabemos que estes anos coincidiram com um período de maior disponibilidade de trigo no mercado toscano e, consequentemente, de preços de compra mais baixos.⁵¹⁰ De facto, Tognetti sublinhou que, apesar das crises de abastecimento de Florença, a década de 60 do século XV foi um período caracterizado pela exportação de trigo.⁵¹¹

A primeira sociedade, constituída pela companhia Neroni de Pisa, Antonio Scarlatini e Filippo Pierozzi, foi responsável pela exportação para Barcelona de 4115 sacas de trigo oriundo de Maremma entre os anos de 1460 e 1462.⁵¹² O transporte desta mercadoria foi realizado pelo patrão de embarcação português Lopo Eanes, figura presente em variados serviços de transporte de e para a Península Ibérica, como já referido. Ainda em relação a esta sociedade, importa sublinhar que a mesma esteve ligada à compra e importação de lã de São Mateus para Pisa. No que diz respeito à compra inicial desta mercadoria, as fontes nada nos dizem a este respeito.

Por sua vez, a segunda sociedade era composta pela companhia em estudo, Filippo Pierozzi e pela conta que Francesco di Nerone detinha na cidade de Barcelona e foi responsável pelo envio de 7372,33 sacos de trigo para esta cidade.⁵¹³ Ao contrário da operação anterior na qual apenas temos presente uma qualidade de trigo, nesta operação datada de 1460 temos a presença de duas qualidades: 3328,49 sacos de trigo *nostrato* e 4043,84 sacas de trigo *maremmano* ou de Maremma. Para além disto, o registo desta operação é mais detalhado, permitindo-nos saber a quem e que quantidade de trigo fora comprada por esta sociedade. A título de exemplo, 168,66 sacas foram compradas a Iacopo da Colle, 403 sacas foram compradas em Pisa e 3146,66 sacas foram compradas a dois moradores de Bibbona⁵¹⁴. No que diz respeito ao transporte, os registos indicam-nos que o mesmo fora realizado por *Giovanni Grazia* identificado como biscainho.

⁵¹⁰ TOGNETTI, Sergio – “Problemi di vettovagliamento cittadino e misure di politica annonaria a Firenze nel XV secolo (1430-1500)”. *Archivio Storico Italiano*, Vol. 157, No. 3 (1999) 434.

⁵¹¹ *Ibidem*, 434.

⁵¹² AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 63, c. 74 e c. 75.

⁵¹³ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 139 e c. 163.

⁵¹⁴ Comuna da região da Toscana e da província de Livorno.

A título de comparação, quando observamos os dados relativos ao Banco Salviati de Pisa, com quem Francesco di Nerone tinha uma relação de grande proximidade, quer nos negócios, quer do ponto de vista familiar, podemos verificar que foi na década de 60 do século XV que se registaram envios de trigo para a Catalunha. Estamos perante um conjunto de três envios, totalizando 5626 sacas e 618 *moggia* de trigo, realizados em três momentos distintos, mas com grandes similitudes com aquilo que verificamos na companhia em estudo. Assim, falamos de envios de trigo oriundo da zona de Maremma, com destino a agentes na Catalunha com os quais o banco Salviati detinha outros negócios, nomeadamente a importação de lã de São Mateus, e com serviços de transporte a cargo de agentes identificados como biscainhos.⁵¹⁵

3.3. Balanço da Atividade Comercial

Findo o ponto relativo às transações comerciais entre a companhia Neroni de Pisa e a Península Ibérica⁵¹⁶, é tempo de elaborarmos um balanço. Antes de avançarmos, importa sublinhar que aqui teremos em conta o único denominador comum possível entre as diferentes mercadorias: o valor monetário (em florins *di sugello*) das respetivas operações de transação. Procuraremos realizar uma leitura abrangente dos dados da atividade comercial com o espaço ibérico, tendo em conta a cronologia da companhia, as diferentes tipologias de negócios, os grupos de mercadores presentes nas operações, sem esquecer as mercadorias, tanto para as importações como para as exportações. Esta análise global tem como finalidade última traçar o perfil comercial da companhia Neroni de Pisa.

Iremos incidir, em primeiro lugar, nas operações que conduziram as mercadorias da Península Ibérica até Pisa, seguindo-se um balanço daquelas que viajaram em sentido inverso. Terminaremos com uma síntese de ambas as atividades. Nestas análises procuraremos compreender a regularidade das operações por ano de atividade, a

⁵¹⁵ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 213-214.

⁵¹⁶ Para a simplificar, iremos utilizar os conceitos de “importação” e “exportação”, sempre que nos quisermos referir à receção e expedição de mercadorias desde Pisa.

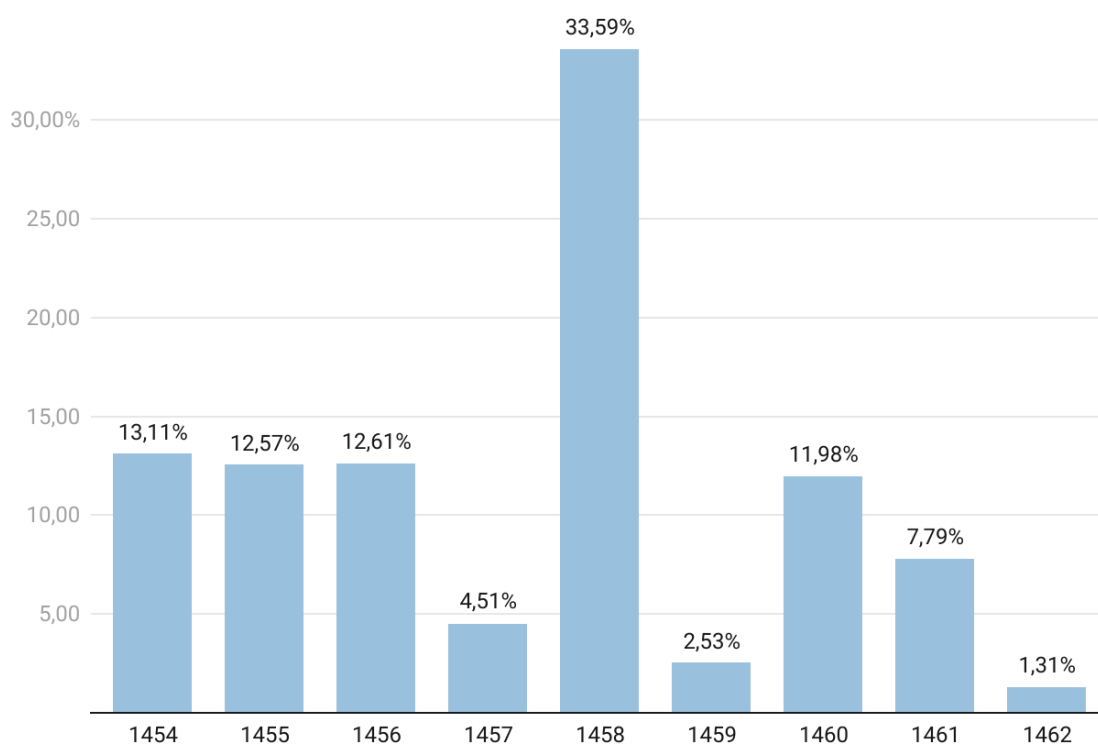
distribuição das mercadorias para perceber se existiu uma hierarquia de interesses, a identificação das tipologias de negócios que se evidenciaram, bem como os grupos de mercadores presentes.

a) Mercadorias da Península Ibérica para a companhia Neroni de Pisa

Terminada a análise individual das operações de importação de mercadorias do espaço ibérico para Pisa, através da companhia pisana de Francesco di Nerone, vamos agora observar esses mesmos dados de uma forma global. Atentando nos anos de atividade da companhia comercial, podemos verificar que a atividade de importação decorreu entre o ano da fundação, 1454, e 1462. Este, no entanto, não foi o último ano de atividade da companhia Neroni, que cujo fim se verificou cinco anos depois, mas foi o último no que concerne à receção de mercadorias oriundas do espaço ibérico.

Do conjunto destes oito anos de atividade, o ano de 1458 foi quando se registou uma maior concentração de operações de importação, por oposição a 1462, que regista o volume mais baixo (Gráfico 11).

Gráfico 11 - Evolução anual das transações de mercadorias da Península Ibérica para Pisa, por percentagem do valor monetário total, pela companhia Neroni de Pisa, 1454-1462



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

O destaque de 1458 encontra-se entre dois anos que conheceram dos valores mais reduzidos: 1457 e 1459. Em relação ao primeiro, estamos perante um ano de quebra que sucedeu a três anos de aparente estabilidade na atividade importadora. Por sua vez, a acentuada quebra de 1458 para 1459 foi seguida de um bom crescimento, quase atingindo os valores dos três primeiros anos, mas que não se conseguiu manter, iniciando-se um movimento decrescente até ao ano final.

A leitura destes valores tem de ser entendida em conjunto com outros fatores. Nomeadamente os que estão relacionados com as mercadorias em si. Considerando a tabela 45, o comércio de importação de mercadorias da Península Ibérica para Pisa, por parte da companhia em estudo, teve por base um conjunto particular de matérias-primas, às quais se somaram operações relativas a outros produtos, mas claramente dominado pelas importações de couros. Como vimos no ponto sobre esta mercadoria,

a sua importância neste conjunto de negócios estava diretamente associada quer aos interesses do mercador fundador da companhia em estudo, quer com a tradicional indústria da cidade de Pisa, ligada aos curtumes e à transformação dos couros e peles que lhe chegavam por via do comércio internacional.

Tabela 45 - Mercadorias transacionadas da Península Ibérica para Pisa, pela companhia Neroni de Pisa, por percentagem do valor monetário total, 1454-62

Mercadorias	Rep. Total
Couros	52,23%
Lã São Mateus	27,16%
Seda	14,20%
Grã	3,60%
Sal	2,14%
Outras	0,57%
Peixe	0,11%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

O relevo do comércio dos couros no conjunto desta atividade importadora, destaca-se quando comparado com os valores relativos às demais mercadorias. Por exemplo, a lã, que surge logo em segundo lugar, representa pouco mais de metade do valor dos couros.

Assim, quando pensamos nas flutuações dos oito anos de atividade da companhia Neroni de Pisa, devemos ter também em atenção, entre outros fatores, a distribuição das percentagens (por valores monetários totais) das mercadorias importadas. Tendo em vista uma análise abrangente, vejamos duas tabelas distintas. Na tabela 46 reunimos os valores monetários, em percentagem, de cada produto importado por ano de atividade, ou seja, pretendemos perceber qual a evolução do comércio de cada mercadoria por ano. Por outro lado, na tabela 47 as percentagens refletem os valores anuais do comércio de importação e o peso de cada produto por ano; nela podemos perceber quais as mercadorias que se destacaram em cada ano. Na

verdade, esta última tabela, reflete de forma mais detalhada o que observámos na tabela anterior (tabela 45): os negócios de couros ibéricos dominam em cinco dos oito anos de atividade, perdendo o seu protagonismo para o comércio da lã de São Mateus e da grã, essencialmente. Tal como referido nos respetivos pontos, o destaque do comércio dos couros ibéricos verificou-se não só pelos valores monetários mais elevados, mas também pelo facto de se ter tratado de um comércio de continuidade ao longo dos anos de atividade da companhia Neroni de Pisa.

Tabela 46 - Evolução anual de cada mercadoria transacionada da Península Ibérica para Pisa pela companhia Neroni de Pisa, por percentagem do valor monetário total

	Couro	Lã	Seda	Grã	Sal	Peixe	Outras
1454	24,69%		1,49%				
1455	17,35%	1,67%	20,01%	1,85%			25,86%
1456	7,87%	21,60%	17,26%		8,32%		
1457	5,86%	4,13%	0,79%	6,19%			
1458	24,02%	62,22%	17,23%	7,73%	63,82%	56,91%	
1459		0,34%	11,36%	23,01%			
1460	7,04%	10,04%	26,37%	21,42%	27,86%	43,09%	73,01%
1461	13,17%		5,48%	3,49%			1,22%
1462				36,31%			

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

Retomando a análise, 1458, além de ter tido como protagonistas na lã de São Mateus e os couros (Tabela 47), foi também aquele que concentrou os valores mais elevados de comercialização de diferentes mercadorias (Tabela 46): foi o ano com os valores mais altos para a lã, para o sal ibérico e para o peixe, tendo sido ainda o segundo e terceiro para os couros e a seda, respetivamente. Todavia, não podemos ignorar alguns fatores externos passíveis de terem concorrido para o destaque de 1458. Como verificámos no ponto biográfico sobre este mercador e a sua companhia pisana, em 1457 consumou-se a ligação entre a família Salviati e a família Nerone, com o casamento

da filha mais velha de Francesco de Nerone, Maddalena, com Averardo Salviati. A somar a isso, foi também nesse ano que Cosimo de Medici concretizou um importante investimento financeiro na companhia pisana de Nerone. Assim, podemos considerar que o protagonismo de 1458 foi devedor tanto do desenvolvimento dos negócios da companhia em si, como das ligações mais estreitas a importantes famílias florentinas de que a mesma passou a beneficiar. Importa ainda recordar que nesse mesmo ano Francesco di Nerone fora nomeado como um dos cinco governadores da cidade de Pisa.

Tabela 47 - Representatividade de cada mercadoria por ano transacionada da Península Ibérica para Pisa, pela companhia Neroni de Pisa, em percentagem do valor monetário total

	1454	1455	1456	1457	1458	1459	1460	1461	1462
Couro	98,39%	72,08%	32,62%	67,78%	37,34%		30,69%	88,31%	
Lã		3,62%	46,52%	24,81%	50,30%	3,57%	22,79%		
Seda	1,61%	22,61%	19,45%	2,47%	7,29%	63,71%	31,27%	9,99%	
Grã		0,53%		4,94%	0,83%	32,72%	6,44%	1,61%	100,00%
Sal			1,41%		4,06%		4,98%		
Peixe					0,18%		0,39%		
Outras		1,17%					3,46%	0,09%	

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Os anos de 1457, 1459, 1461 e 1462, por oposição, foram aqueles que registaram valores abaixo dos 10 pontos percentuais (Gráfico 11). No caso de 1462, e recordando que incidimos apenas nos negócios ibéricos, estamos perante uma operação de aquisição por parte da companhia em estudo de grã que, na verdade, representou ainda a aquisição mais elevada do conjunto das operações de compra desta substância tintureira (tabela 46). No que ao ano de 1459 diz respeito, como temos vindo a assinalar ao longo deste nosso trabalho, a quebra de representatividade que se verificou poderia estar associada com a ausência dos agentes portugueses – Lopo Afonso e Lourenço Caldeira – por se encontrarem a viajar de Pisa para Lisboa. Contudo, como assinalado, seria de grande interesse uma abordagem mais alargada a outras companhias

comerciais por forma a perceber se esta quebra foi apenas neste caso em particular, ou estaria ainda relacionada com questões externas.

No caso de 1461, temos a ausência da lã de São Mateus, algo comum a outros dois anos, e uma substancial redução nos valores das mercadorias registadas nesse ano, sobretudo na seda e na grã (tabela 46). A interpretação do desaparecimento da lã de São Mateus das operações a partir de 1461 pode estar relacionada com fatores externos. Como verificámos no ponto relativo a esta mercadoria, apesar de a mesma ser expedida pelo porto de Tortosa, foi na cidade de Barcelona, e através dos agentes económicos aí presentes, que a grande maioria das operações que estiveram na base deste comércio tiveram origem. Na década de 60 do século XV, a cidade de Barcelona mergulhou numa guerra civil, tendo conduzido à falência companhias comerciais e mercadores aí estantes, como o caso concreto de Filippo Pierozzi.⁵¹⁷ Como tivemos oportunidade de ir verificando ao longo deste capítulo dedicado à atividade comercial, este mercador florentino, agente da companhia Cambini em Barcelona, foi um dos mais importantes elos da rede de negócios da companhia Neroni de Pisa no espaço ibérico. Assim, a quebra de relações com esta praça catalã e com os seus agentes económicos pode ser uma explicação para a diminuição dos negócios de lã de São Mateus a partir de 1460.

Em relação a 1457, não deixa de ser curioso constatar que os negócios da companhia apresentam valores equilibrados de importação nos três primeiros anos e se verifica uma quebra em 1457 para mais de metade da percentagem do ano imediatamente anterior. No ano seguinte, 1458, registou-se uma recuperação para mais de 33%, tendo voltado a decrescer no ano seguinte para 2,53%. Em relação a 1457 e 1459, estamos perante os anos nos quais se registaram valores mais reduzidos para as mercadorias transacionadas num enorme contraste com 1458 (tabela 46).

⁵¹⁷ BERTI, Marcello – “Le aziende da Colle (...)”, 97. SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 544. TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 237-240.

Não podemos esquecer as normais oscilações a que uma atividade comercial estava sujeita e, sobretudo, devemos recordar que estamos apenas a incidir na atividade comercial com o espaço ibérico e nos negócios relacionados com a importação de mercadorias. Para se perceber melhor estas flutuações seria necessário integrá-las numa análise comparativa com os outros espaços geográficos nos quais a companhia em estudo se movimentava e, como veremos no capítulo seguinte, com a sua atividade financeira. Um outro aspeto comum a estes quatro anos de atividade com percentagem mais reduzida foi o facto de ter sido neles que se registou, simultaneamente, uma participação mais diminuta do grupo dos mercadores florentinos (Tabela 48).

Tabela 48 - Distribuição dos grupos de mercadores presentes nas transações de mercadorias da Península Ibérica para Pisa, por percentagem do valor monetário total, por parte da companhia Neroni de Pisa

	Florentinos	Genoveses	Portugueses	Florentinos e Genoveses	Catalães	Sieneses	Outros	Florentinos e Portugueses	Galegos
1454	92,61%	1,61%		5,77%					
1455	71,09%	22,34%	2,69%		0,63%		3,24%		
1456	57,08%	19,29%	0,29%		20,73%		0,33%		2,28%
1457	38,80%	32,16%	4,22%		24,81%				
1458	65,76%	11,93%	5,69%	14,14%	1,01%			1,47%	
1459	14,05%	10,03%				73,28%	2,64%		
1460	43,07%	30,17%	12,31%	14,44%					
1461	39,10%		60,90%						
1462		100,00%							
TOTAL	60,21%	16,57%	8,76%	6,59%	4,52%	2,07%	0,56%	0,40%	0,32%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

A tabela 48 permite-nos obter dois tipos de informações, mas sempre relativas às operações que conduziram as mercadorias do espaço ibérico para Pisa. Em primeiro lugar, atentando na linha relativa ao total, temos a representação do peso percentual de cada grupo de mercadores na totalidade do conjunto das operações. Em segundo lugar, podemos perceber qual o grupo que se destacou em cada ano.

Quando consideramos os grupos dos agentes económicos presentes nestes negócios, e como fomos observando ao longo deste capítulo, identificamos um

protagonismo acentuado dos mercadores florentinos no conjunto das operações de importação (Tabela 48). Uma percentagem que aumenta substancialmente se considerarmos ainda os valores relativos às parcerias estabelecidas com genoveses e com portugueses, e que não conseguimos individualizar.

No segundo lugar do ponto de vista geral, encontramos os mercadores genoveses, apesar de a diferença para os mercadores florentinos ser bastante acentuada. No entanto, tendo apenas por base estas duas categorias podemos afirmar que os mercadores italianos foram os grandes protagonistas destas relações comerciais da companhia pisana de Francesco di Nerone. Para além de falarmos de uma forte participação quanto aos valores monetários, tanto no grupo dos mercadores florentinos como no dos genoveses, verificam-se ainda duas situações que enfatizam a cota destes dois grupos. No que toca às mercadorias, ambos os grupos, florentinos e genoveses, estiveram presentes em todas as tipologias de produtos enviados para a companhia Neroni de Pisa. Em segundo lugar, regista-se a sua presença contínua em todos os anos de atividade, com exceção de 1462 para os florentinos e de 1461 para os genoveses. De sublinhar ainda que esta continuidade da presença dos mercadores italianos se verificou ainda do ponto de vista dos agentes em si, isto é, não foram negócios pontuais com vários mercadores florentinos ou genoveses, mas sim uma constante na atividade com um grupo restrito de mercadores italianos.

Em relação aos grupos de outras nacionalidades não oriundos da Península Itálica, temos agentes económicos portugueses, catalães e um mercador galego. A presença deste registou-se numa única operação: a venda de couros. Por outro lado, os agentes catalães surgem, essencialmente, nos negócios relacionados com o comércio de lã de São Mateus para Pisa, através da companhia em estudo, e numa operação de venda de cera. No que diz respeito aos agentes económicos portugueses, apesar de a sua percentagem se ficar pelos 8,76%, estamos perante um conjunto de figuras que participaram num número alargado das mercadorias transacionadas: couros, lã, grã, sal e sebo. Em relação a este grupo importa destacar uma característica. Quando falamos em mercadores florentinos e genoveses estamos perante um conjunto de personalidades que têm, de facto, o comércio como uma das suas atividades principais.

No caso dos agentes portugueses, e por isso a opção por esta denominação, estamos perante duas realidades distintas. Por um lado, temos os padrões de embarcação e os respetivos marinheiros a comercializarem, com a companhia pisana de Francesco di Nerone, mercadorias que também se encarregaram de transportar. Por outro lado, figuras portuguesas a desempenhar o papel de mercadores no comércio internacional identificamos apenas duas: Lopo Afonso e Lourenço Caldeira. Todavia, estas duas figuras, à semelhança do que se verificou em Portugal na Baixa Idade Média, não se dedicavam ao comércio *tout court*, antes representam aquilo que Vitorino Magalhães Godinho definiu como ‘cavaleiro-mercador’⁵¹⁸: ambos eram figuras da Corte do monarca português, tendo exercido vários cargos, como vimos.

Ao contrário dos agentes económicos portugueses, quando olhamos para os demais grupos o que se verificou foi uma maior multiplicidade de figuras dentro de cada grupo. Assim, se particularizarmos, no grupo dos mercadores florentinos o protagonismo das operações concentrou-se nas figuras de Francesco di Nerone (18,653%), com as suas duas companhias comerciais na Toscana e a sua conta em Barcelona⁵¹⁹; e de Filippo Pierozzi (8,804%), agente da companhia Cambini em Barcelona. Ambos estiveram presentes nos negócios das principais matérias-primas que chegavam à companhia Neroni de Pisa do espaço ibérico, com exceção do sal. Já considerando o grupo dos agentes genoveses, a figura que se evidenciou foi Marco Lomellini (9,157%), estante na praça de Lisboa e dedicado ao comércio dos couros, sobretudo daqueles que tinha em contrato com o rei de Portugal, D. Afonso V. Dentro deste grupo, evidenciaram-se: Azolino Spinola (3,397%), estante em Pisa, numa operação de fornecimento de couros; e uma sociedade entre dois mercadores genoveses, Simone de Negrone e Antonio Scarlattini (3,491%), com a companhia Neroni de Pisa, numa operação de importação de lã de São Mateus.

⁵¹⁸ GODINHO, Vitorino Magalhães – *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*. Vol. I, Lisboa: Editorial Presença, 1987, p. 51-62. Tese defendida pelo autor em primeiro lugar em: GODINHO, Vitorino Magalhães – *A Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*. 3 ed. Lisboa: Arcádia, 1977, 103.

⁵¹⁹ Sabemos da presença de Francesco di Nerone, enquanto mercador e financeiro, em Barcelona, mas pouco sabemos sobre esta sua conta na cidade.

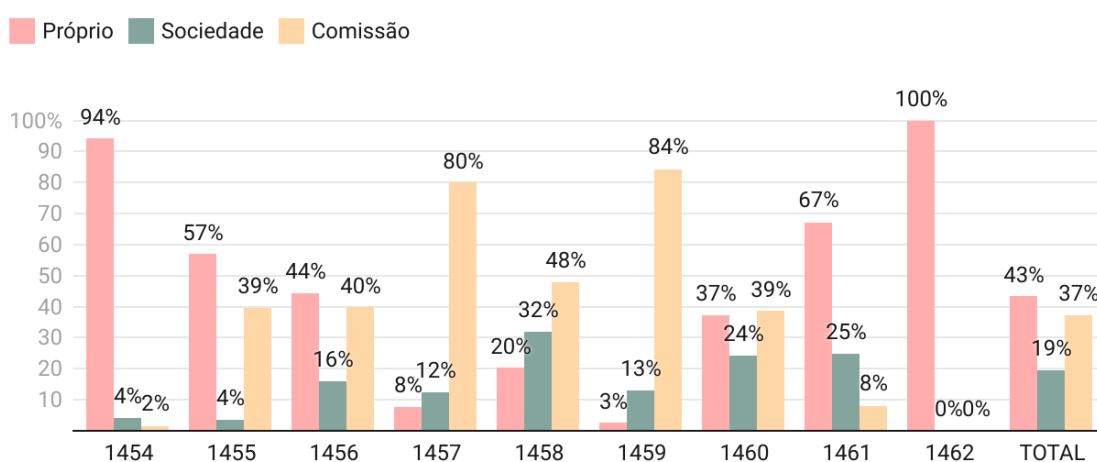
Em relação a estes dois grupos de mercadores italianos que se destacaram nas operações de envio de matérias-primas para a companhia Neroni de Pisa, importa referir um ponto em comum. As operações que protagonizaram, na sua maioria, foram fornecimentos únicos, ou seja, na generalidade dos casos não encontramos o mesmo mercador, florentino ou genovês, a fornecer mais do que uma tipologia destas mercadorias. Uma situação que contrasta claramente com os agentes económicos portugueses, mas que também se verificou num número restrito de mercadores italianos: assim, o já referido Filippo Pierozzi, o próprio Francesco di Nerone, sobretudo com a sua companhia em Florença; Bernardo Vai, mercador florentino em Valência; Nofri Borghesi de Siena e Simone de Negrone, aqui em atuação própria e não em sociedade com outros agentes económicos. Esta diferença, mesmo dentro do grupo de mercadores italianos, pode ser um indicador da dimensão da sua atuação no comércio internacional de diferentes produtos. Por outro lado, uma maior concentração em determinados produtos pode ser indicadora de um grau de especialização.

Ainda dentro da questão relativa aos grupos de mercadores e agentes económicos, há uma outra diferença a assinalar. Quando analisamos as operações comerciais da companhia Neroni de Pisa com as cidades de Sevilha, Valência e Barcelona o protagonismo foi, claramente, para os mercadores italianos, genoveses e florentinos. Uma característica que transmite a ideia de que estas comunidades de mercadores estavam fechadas sobre si mesmas, pouco voltadas para o estabelecimento de parcerias com os mercadores ‘locais’. Uma imagem que contrasta com aquela que se verifica na praça lisboeta, na qual existia uma forte comunidade de genoveses e florentinos, e pertencentes à rede de contactos da companhia Neroni de Pisa, como Marco Lomellini e Francesco Giuntini. Ao contrário do que verificamos nas demais praças ibéricas, só nos negócios da companhia pisana de Francesco di Nerone com Lisboa é que encontramos uma presença contínua nas relações de comércio – e financeiras – dos agentes ‘locais’ e até o estabelecimento de parcerias, como aquela estabelecida com Lourenço Caldeira.

Como verificámos neste ponto dedicado às relações comerciais da companhia Neroni, as operações que conduziram as mercadorias para Pisa desenvolveram-se através de três tipos de negócio distintas e, dependendo do produto comercializado,

com diferentes graus de importância. Tendo em conta a sua representatividade global (Gráfico 12), os negócios próprios foram os que conheceram maior expressão, logo seguidos dos negócios nos quais a companhia estava a ser comissionada por um agente externo (negócios à comissão). Por fim, as sociedades e parcerias estabelecidas pela companhia Neroni de Pisa ficaram em terceiro lugar.

Gráfico 12 - Distribuição das tipologias de negócio nas transações de mercadorias da Península Ibérica para a companhia Neroni de Pisa, por percentagem do valor monetário total, 1454-1462



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

No entanto, apesar do domínio dos negócios próprios, se analisarmos a tabela 49, constatamos que os mesmos não estiveram presentes em todos os anos de atividade e que as quebras desta tipologia de negócio estiveram associadas ao crescimento percentual das outras duas tipologias. Como foi referido, na análise cronológica verificamos que os três primeiros anos de atividade conheceram alguma constante na sua representatividade, com uma quebra em 1457 e recuperação no ano seguinte. Ora, se analisarmos os valores dos negócios próprios da companhia Neroni de Pisa conseguimos perceber que esta mesma oscilação esteve patente nesta tipologia de negócio. Algo que, por outro lado, não se verificou nas outras duas tipologias, tendo até registado um crescimento contínuo nestes mesmos anos, apesar da quebra em 1459 para os negócios em sociedade e em 1460 para os negócios à comissão.

Observemos agora os grupos de mercadores por tipologia de negócio. Quando analisamos as operações da companhia Neroni de Pisa em aquisição própria (Tabela 49), constatamos um destaque dos mercadores florentinos, presentes na aquisição de quatro das matérias-primas principais – couros, lã, seda e grã – (52,03%). Em segundo lugar, os mercadores genoveses (20,73%) presentes apenas nos fornecimentos de couros e de sal. Em terceiro, encontramos os agentes portugueses na transação de todas as mercadorias, à exceção de seda ibérica. Se considerarmos os valores por mercadoria nestas operações, os agentes florentinos evidenciaram-se enquanto fornecedores de couros e seda oriundos do espaço ibérico. No entanto, no que ao fornecimento de lã de São Mateus diz respeito o protagonismo concentrou-se na figura do agente de origem judaica catalão, Alfonso de la Caballería, como vimos. Quanto ao sal, por seu turno, o destaque foi para o agente português, Lopo Afonso.

Tabela 49 - Distribuição da participação, por percentagem do valor monetário total, dos grupos de mercadores nas operações de aquisição própria da companhia Neroni de Pisa, por mercadoria, 1454-62

	Couros	Lã	Seda	Grã	Sal	TOTAL
Florentino	56,16%	40,44%	84,96%	3,96%		52,03%
Genovês	23,42%				46,03%	20,73%
Florentino & Genovês	2,09%					1,80%
Veneziano				77,79%		3,10%
Catalão		55,47%				4,74%
Galego	0,80%					0,68%
Português	16,15%	2,24%		18,25%	53,97%	15,53%
Espanhol	0,06%					0,05%
Não identificado	1,32%	1,85%	15,04%			1,33%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Do ponto de vista das operações à comissão (Tabela 50), numa análise geral, verificamos, tal como na anterior, que a comunidade de mercadores florentinos tem maior representatividade (42,08%), seguida dos mercadores genoveses (38,55%). Por

outro lado, o protagonismo dos mercadores florentinos nesta tipologia de negócio incidiu apenas no comércio de lã de São Mateus, de sal e de grã ibéricos. No entanto, em relação à grã podemos constatar um quase equilíbrio nos envios à comissão entre florentinos, portugueses e sieneses. Por sua vez, nas comissões relativas ao comércio de couros e de seda destacaram-se os mercadores genoveses. Por fim, na categoria de “outras mercadorias”, apesar da presença de mercadores florentinos em duas operações, a de maior valor diz respeito a uma entrega à comissão feita por um agente económico português, Lopo Afonso.

Tabela 50 - Distribuição da participação, por percentagem do valor monetário total, de grupos de mercadores nas operações comissionadas à companhia Neroni de Pisa, por mercadoria, 1454-62

	Couros	Lã	Seda	Grã	Sal	Outras	TOTAL
Florentino	17,33%	74,06%	35,47%	35,19%	100,00%	28,11%	42,08%
Genovês	66,10%	0,77%	54,01%			10,48%	38,55%
Sienês			10,52%	33,96%			5,05%
Catalão		17,86%					5,39%
Português	5,77%			30,85%		61,40%	3,58%
Não identificado	10,80%	7,31%					5,34%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

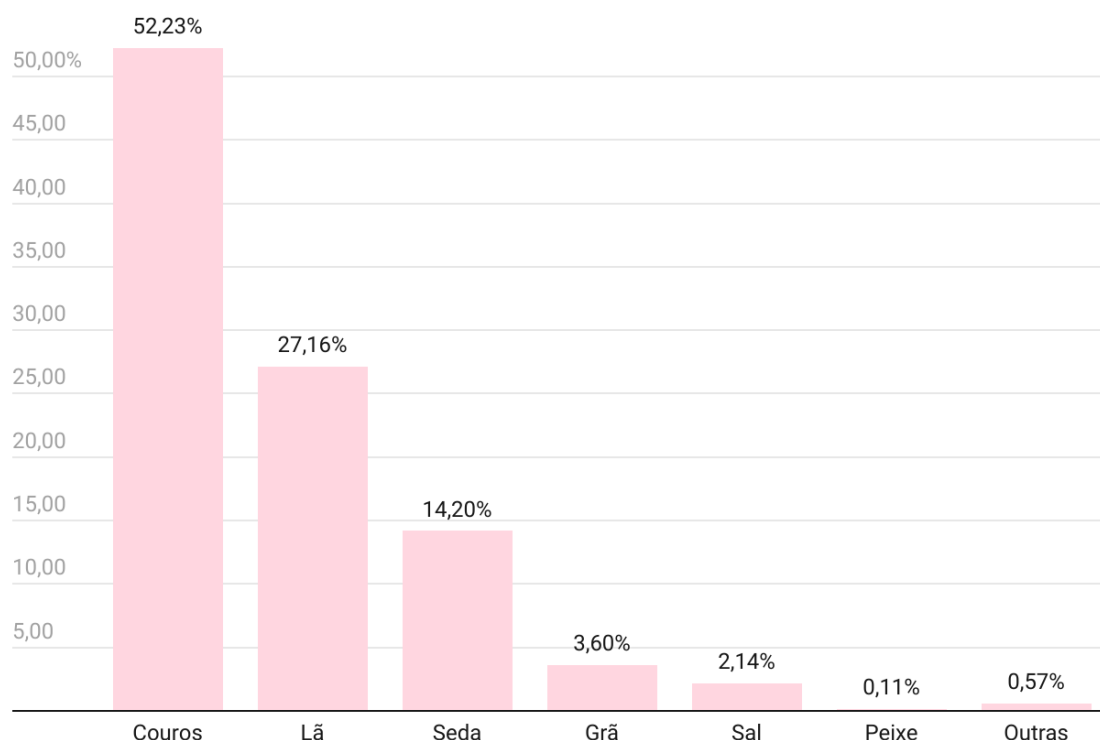
Em relação às sociedades estabelecidas para o comércio de importação de matérias-primas do espaço ibérico, como fomos observando para cada um dos produtos, a companhia pisana de Francesco di Nerone associou-se a outros mercadores florentinos, a mercadores genoveses e a um agente português. É de salientar que na praça portuguesa, para mercadorias oriundas de Portugal, tenhamos o estabelecimento de uma parceria com um agente português, Lourenço Caldeira. Quando olhamos para os negócios semelhantes nas outras praças ibéricas, as sociedades foram apenas estabelecidas com mercadores italianos. É curioso observar esta diferença, que nos pode trazer mais luz sobre as relações de confiança que existiriam entre estes agentes

portugueses e a comunidade de mercadores florentinos, aqui materializada na companhia pisana de Francesco di Nerone.

Assim, no caso da sociedade com um português, estamos perante uma operação concreta para o envio de couros portugueses numa parceria estabelecida entre a companhia Neroni de Pisa e Lourenço Caldeira, no ano de 1458. Já o caso dos mercadores genoveses, estamos perante sociedades nas quais participaram outros mercadores toscanos, com exceção da parceria entre a companhia em estudo e Antonio Scarlattini e Simone de Negrone, mercadores genoveses, dedicadas ao comércio de lã de São Mateus. Por fim, as sociedades estabelecidas com outros mercadores florentinos, estantes na Toscana ou nas praças ibéricas, foram aquelas que se destacaram no conjunto das operações dentro desta tipologia, tanto pelo valor monetário que totalizaram, mas também pelo facto de estarem presentes nas cinco principais matérias-primas importadas.

Retomando ainda a questão das mercadorias, após termos analisado as operações de transação de produtos entre o espaço ibérico e Pisa por parte da companhia da companhia pisana de Francesco di Nerone, podemos concluir que existiu um interesse direccionado para um grupo de produtos em particular. Do conjunto destes negócios, o comércio de couros para Pisa representou mais de metade (52,23%, gráfico 13).

Gráfico 13 - Transação de mercadorias da Península Ibérica para Pisa, por parte da companhia Neroni de Pisa, por percentagem do valor monetário total, 1454-1462



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Em segundo lugar, encontramos as importações de lã de São Mateus, mas estamos já perante uma redução percentual de quase metade da anterior mercadoria, seguida das importações de seda ibérica. Estas três mercadorias representam as três matérias-primas imprescindíveis ao fornecimento das principais indústrias florentinas de então: a indústria dos curtumes, com maior foco na cidade de Pisa; e a indústria dos têxteis florentinos produtora de panos de seda e de lã. Como fornecedor desta indústria têxtil falta ainda acrescentar um outro produto essencial e alvo de importação por parte da companhia em estudo, mas que apenas representou 3,6% do valor total: a grã.

Por fim, os produtos alimentares como o sal e o peixe, e as denominadas “outras mercadorias”, somados não alcançaram a percentagem da última matéria-prima referida acima. Assim, perante estes dados podemos afirmar que a atividade importadora da companhia Neroni de Pisa estava direccionada para a introdução de matérias-primas essenciais para as indústrias florentinas, sendo que o seu peso no

conjunto dos negócios estaria também associado à proximidade da própria companhia e de Francesco di Nerone, mercador fundador, a essas indústrias transformadoras. O exemplo dos couros revela-se paradigmático: mais de metade das importações ibéricas foram deste produto e Nerone era detentor, em Pisa, de uma unidade de produção de curtumes.

Por outro lado, podemos considerar que o exemplo da lã e da seda contradizem, em certa medida, esta afirmação, já que Francesco di Nerone detinha uma produção de panos de seda em Florença, e a importação desta matéria-prima pela companhia Neroni de Pisa estava em terceiro lugar. Ora, neste caso em particular, importa recordar que este mesmo mercador possuía uma companhia comercial em Florença, tendo sido esta fornecedora da companhia de Pisa em diversas mercadorias como os couros, a lã e a seda ibéricos. Com isto queremos dizer que, através desta companhia sediada em Florença a importação de matéria-prima sericícola poderia ser mais volumosa, com vista a fornecer a sua unidade de panos de seda também ela situada em Florença. No caso desta companhia comercial florentina de Nerone, como já referimos, apenas chegou até aos nossos dias um único livro de contabilidade, o que nos impossibilita realizar uma análise da sua atividade comercial. Todavia, as matérias-primas de lã, seda e grã estavam ainda ligadas às diversas relações sociais, familiares e comerciais da rede de Francesco di Nerone. À família Salviati, detentora de unidades de produção de panos de lã e de seda, estava associado por via do matrimónio, mas também por via dos negócios, como verificámos; e no seio da própria família Nerone existiam membros inseridos nos negócios de produção destes produtos têxteis.

Por fim, no que aos clientes finais destas mercadorias diz respeito, a primeira imagem com que ficamos é que se concentraram na região da Toscana. Nas vendas de couros, para além do fornecimento evidente da unidade de transformação detida por Francesco di Nerone, os clientes desta matéria-prima foram curtidores e sapateiros localizados em Pisa, Arezzo e Lucca. Foi nesta última cidade, simultaneamente, que se concentraram as aquisições da seda ibérica comercializada pela companhia Neroni. Em segundo lugar, para esta matéria-prima, encontramos a cidade de Florença. Estamos perante duas das cidades toscanas com maior tradição no fabrico de têxteis sericícolas.

Em contraste com estas mercadorias, a lã de São Mateus teve um número mais alargado de clientes, mas adquirindo quantidades mais reduzidas. Para além disso, os clientes da lã de São Mateus não se concentraram apenas na região da Toscana, ao contrário das matérias-primas anteriores. Em relação aos clientes finais da grã proveniente do espaço ibérico, como referimos, identificamos pontos em comum: além da aquisição desta substância tintureira, foram compradores das fibras têxteis, lã e seda ibéricas, que a companhia Neroni comercializou. De certa forma, podemos considerar que, e tendo em conta a percentagem mais reduzida da grã no conjunto dos negócios, se trataria de um fornecimento complementar ao das fibras têxteis.

Observando os compradores finais do sal proveniente do espaço ibérico, como foi analisado, identificamos duas situações distintas. O sal de diferentes origens, no qual estava incluído o sal oriundo de Portugal, foi adquirido por agentes localizados fora da Toscana, nomeadamente em La Spezia, Cremona e Milão. Por outro lado, quanto ao sal identificado como “de Ibiza” teve como únicos compradores as Comunas de Lucca e a de Florença. Por fim, no que ao peixe e aos produtos tratados no ponto relativo às mercadorias diversas diz respeito, voltamos a verificar uma concentração dos clientes na região da Toscana, sobretudo na cidade de Pisa.

b) Mercadorias da companhia Neroni de Pisa para a Península Ibérica

Antes de avançarmos, e como tivemos oportunidade de analisar no ponto correspondente, o comércio dito de exportação por parte da companhia Neroni de Pisa para a Península Ibérica foi escasso. E este aspeto é demonstrativo da estratégia comercial da companhia pisana de Francesco di Nerone, mas, ao mesmo tempo, faz com que a balança comercial desta companhia seja, em teoria, desequilibrada. No entanto, como já frisámos, estamos apenas a limitar a nossa análise a um espaço geográfico em concreto e não a toda a atividade da companhia.

A partir de Pisa, a companhia Neroni enviou para a Península Ibérica quatro tipologias de mercadorias que podem ser divididas em dois grupos distintos. Por um

lado, temos as matérias-primas – trigo e pastel – que tiveram como destino as praças de Barcelona e, essencialmente, Valência; e, por outro, os produtos já transformados – panos de seda e papel – enviados para diversas cidades ibéricas, nas quais as anteriores também se incluíam.

Deste conjunto, as expedições de trigo para Barcelona, datadas entre 1460 e 1462, conheceram uma maior representatividade nas operações de exportação da companhia pisana de Francesco di Nerone (tabela 51). Em segundo lugar, encontramos os dois lotes de panos de seda florentinos enviados para a capital portuguesa, um em 1458 e outro em 1461. Em terceiro lugar, ficaram as operações de envio de papel italiano entre 1454 e 1463 para diferentes praças ibéricas; e, por último, os dois lotes de pastel enviados para Barcelona e para Valência.

Tabela 51 - Envios de mercadorias de Pisa para a Península, pela companhia Neroni de Pisa, por percentagem do valor monetário total, 1458-1463

Mercadorias	
Trigo	47,91%
Panos de seda	30,95%
Papel	16,14%
Pastel	5,00%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

Como vimos, o negócio relacionado com o envio de mercadorias para a Península Ibérica foi menos expressivo e as operações concentraram-se na década de 60 do século XV. Para além disso, apenas os negócios relativos ao papel conheceram a divisão nas três tipologias que temos vindo a analisar – em próprio, em sociedade e à comissão – o que, em certa medida, nos mostra que o foco dos negócios da companhia Neroni de Pisa não estava nas exportações, pelo menos para a Península Ibérica. Os envios de panos de seda para Lisboa e de trigo para Barcelona foram operações que decorreram através de sociedades estabelecidas pela companhia em estudo. Aqui, tendo em conta que estes

dois produtos foram os que conheceram um maior peso nas exportações para a Península Ibérica, a percentagem das operações em sociedade, consequentemente, foi a que registou um valor mais elevado (Tabela 52). Por fim, nos envios de pastel, tanto para Valência como para Barcelona, estamos perante negócios à comissão, ou seja, a companhia Neroni de Pisa comissionou a venda desta substância tintureira a agentes seus correspondentes nestas duas praças ibéricas.

Tabela 52 - Distribuição das tipologias de negócio nas transações de mercadorias de Pisa para a Península Ibérica, por percentagem do valor monetário total, pela companhia Neroni de Pisa, 1458-1463

Tip. Negócio	
Sociedade	82,05%
Comissão	9,92%
Próprio	8,03%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Quanto aos grupos de mercadores presentes nestas operações de envios de mercadorias para a Península Ibérica, os registos revelam-nos a centralização das operações nos agentes da comunidade florentina estantes nessas praças. No caso da cidade de Barcelona, todos os envios realizados tiveram como destinatário Filippo Pierozzi, agente da companhia Cambini, e uma das figuras preponderantes nas relações comerciais entre a companhia pisana de Francesco di Nerone e a cidade catalã. Michele da Colle, sediado em Valência, e Francesco Giuntini, estante em Lisboa, foram outros dois mercadores toscanos que se evidenciaram nestas operações. De facto, um aspeto a sublinhar é a total ausência de outros agentes económicos nestes envios de mercadorias para o espaço ibérico que não oriundos da península itálica⁵²⁰, tanto na

⁵²⁰ Recorde-se que, nas operações de papel, temos operações que envolveram mercadores genoveses e venezianos, como verificamos no ponto dedicado a esta mercadoria.

intermediação da chegada dos produtos às praças como enquanto clientes desses mesmos produtos.

c) Considerações finais

Como mostra esta síntese sobre a atividade comercial da companhia Neroni de Pisa de e para a Península Ibérica, e como temos vindo a assinalar, existiu uma clara diferença entre as duas atividades (importação e exportação).

O foco principal da companhia pisana de Francesco di Nerone, nos negócios com a Península Ibérica, estava direcionado para a importação das matérias-primas fornecedoras das principais indústrias florentinas do Quatrocentos: produção de têxteis de lã e seda, e a transformação dos couros. Se a análise dos dados presentes nos livros de contabilidade da companhia Neroni de Pisa nos revelam isso, quando observamos no conjunto da atividade comercial de Francesco di Nerone, esta característica da sua companhia pisana acentua-se. Este mercador fora ainda detentor, paralelamente, de uma outra companhia comercial e de uma companhia produtora de panos de seda, ambas em Florença; e ainda de uma unidade de curtição em Pisa. Por outro lado, do ponto de vista das suas relações pessoais e familiares, como vimos no capítulo correspondente, detinha interesses, mesmo que indiretos, em centros produtores de lã. Aqui, o mais demonstrativo foi a sua ligação com a família florentina Salviati, detentora de unidades de produção de panos de lã e com uma atividade voltada para esta indústria, ao contrário das companhias de Francesco di Nerone mais dedicadas ao comércio e transformação dos couros e a indústria sericícola.

Contudo, este perfil da companhia de Francesco di Nerone não pode ser dissociado da própria cidade na qual se encontra. Como se viu, Pisa fora a cidade-portuária da Toscana e, sobretudo, de Florença para o comércio internacional. Após a conquista de Pisa, em 1406, verificou-se um movimento de fundação, na cidade, de sucursais das principais companhias florentinas como forma de potenciarem o seu acesso às rotas e redes do comércio internacional. Apesar de a companhia Neroni de Pisa ter sido fundada

nos inícios da década de 50 do século XV, podemos afirmar que se inseriu nesta tendência.

Apesar de, ao longo da análise, o número de operações e a quantidade de mercadorias em cada uma das atividades nos permitir perceber a enorme discrepância entre as importações e as exportações, não podemos deixar de analisar os valores de uma forma mais concreta. Assim, tendo em conta as percentagens dos valores totais, o comércio de mercadorias tendo como destino a companhia Neroni de Pisa representou 89,86%, contra os 10,14% das operações de sentido inverso, que se torna mais expressivo quando atentamos nos valores (Tabela 53)

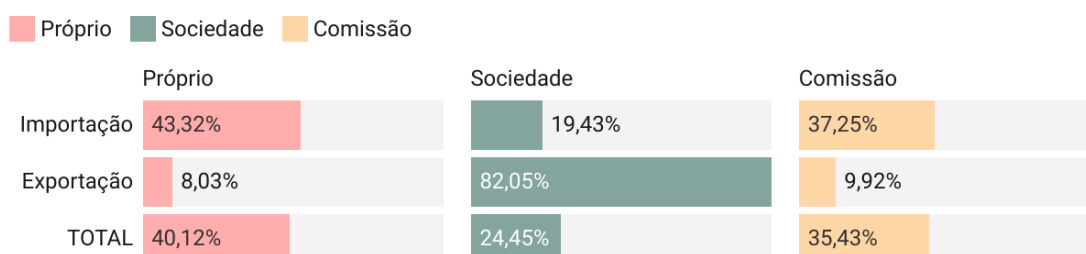
Tabela 53 - Distribuição das tipologias de negócio nas transações de mercadorias da companhia Neroni de Pisa de e para a Península Ibérica, pelo valor monetário total, em fiorini di sugello, 1458-1463

Tipologia de Negócios	Próprio	Sociedade	Comissão	TOTAL
Importação	31122.2.7	13844.6.9	26804.13.3	71848.1.4
Exportação	651.6.0	4404.12.3	804.4.3	5860.2.6

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Em ambas as atividades contamos com a presença das três tipologias de negócios, apesar de, como foi analisado, estas terem uma presença mais coerente nos negócios relacionados com a importação de mercadorias para Pisa (Tabela 53 e Gráfico 14). No caso das exportações, os negócios em próprio e os negócios à comissão foram suplantados pelos concretizados através de sociedades e parcerias que a companhia em estudo estabeleceu com outros agentes económicos.

Gráfico 14 - Distribuição das tipologias de negócio nas transações de mercadorias da companhia Neroni de Pisa de e para a Península Ibérica, por percentagem do valor monetário total, 1458-1463

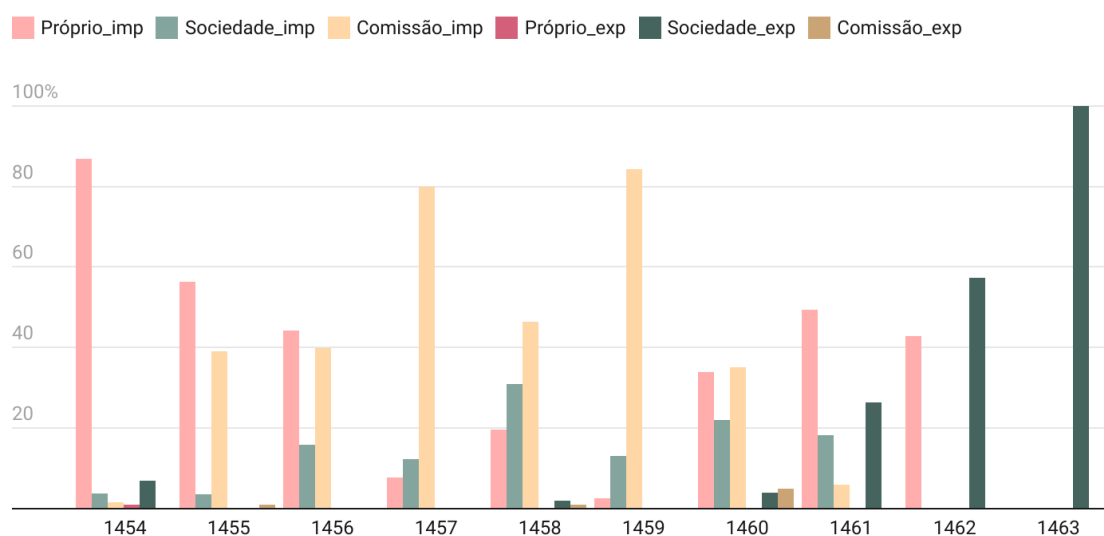


FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Para além disso, o destaque dos negócios em sociedade, na totalidade da atividade comercial com o espaço ibérico, beneficiou do protagonismo que tivera nas exportações (Gráfico 14). No entanto, vendo os valores totais, os negócios realizados em próprio, ou seja, de aquisição e venda próprias da companhia Neroni de Pisa, foram a tipologia que se evidenciou, tendo até ultrapassado, em valores absolutos, os restantes valores movimentados (Tabela 53). Em segundo lugar, no conjunto desta atividade comercial, temos os negócios à comissão. Se os primeiros testemunham as estruturas e as redes de que a companhia pisana de que Francesco di Nerone beneficiava para o desenvolvimento do seu comércio internacional de importação, os segundos sublinham e tornam mais relevante esta sua característica. Como tivemos oportunidade de analisar, estamos perante um conjunto heterogéneo de figuras, mercadores italianos e agentes ibéricos, localizados em diferentes praças, que reconhecem na companhia Neroni de Pisa um potencial veículo para a colocação dos seus produtos no comércio internacional no Mediterrâneo Ocidental.

Quanto à distribuição das operações por ano de atividade (Gráfico 15), podemos perceber de uma forma mais contundente a reduzida percentagem dos negócios relacionados com o envio de mercadorias para a Península Ibérica, face aos com sentido inverso.

Gráfico 15 - Distribuição das tipologias de negócio nas transações de mercadorias da companhia Neroni de Pisa de e para a Península Ibérica, por percentagem do valor monetário total



FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Tendo por base o gráfico 15, percebemos melhor a expressividade dos negócios em próprio da companhia Neroni de Pisa ao longo dos anos de atividade que, apesar das flutuações, foram os que se destacaram. Simultaneamente, vemos as variações relativas aos negócios à comissão que, de uma forma breve, parecem quase proporcionalmente inversas às registadas nos negócios próprios. Como já tínhamos chamado à atenção, após a quebra inicial nas importações, a recuperação que se seguiu não voltou aos valores iniciais. A partir da década de 60 temos uma nova quebra que, por sua vez, fez sobressair os negócios relacionados com os envios de mercadorias para o espaço ibérico.

Assim, e tendo em conta que a nossa análise incidiu apenas nas relações comerciais com a Península Ibérica, podemos concluir que a companhia Neroni de Pisa era direcionada e especializada no comércio de importação das matérias-primas essenciais às indústrias florentinas do século XV. Um conjunto de relações comerciais que se desenrolaram tendo por base uma sólida rede de contactos no espaço ibérico que o mercador fundador, Francesco di Nerone, fora construindo nos anos que antecederam

a sua companhia pisana. Para além disso, a atividade comercial desta companhia, em certa medida, espelhou as principais características da própria cidade na qual estava sediada: Pisa, cidade-portuária por excelência da Toscana através da qual se operava no comércio internacional.

Quanto à rede da companhia Neroni de Pisa, em síntese, podemos afirmar que, de entre os diversos agentes identificados, os membros da comunidade florentina e genovesa desempenharam um papel de grande relevo na totalidade da atividade. Contudo, importa sublinhar uma diferença entre a situação verificada em Lisboa e nas outras praças ibéricas. Ao contrário destas últimas, nas operações que conduziram mercadorias para Pisa através da praça portuguesa temos a presença, e bastante significativa, de agentes económicos portugueses. Aqui, estamos a falar de figuras que desempenharam funções de mercadores, como Lopo Afonso e Lourenço Caldeira, e ainda do ponto de vista da logística do transporte, como os patrões de embarcação portugueses.

4. Atividade Financeira com a Península Ibérica

No capítulo anterior dedicámos a nossa atenção ao desenvolvimento da atividade comercial da companhia pisana de Francesco di Nerone com a Península Ibérica. Neste capítulo vamos atentar naquela que foi a atividade financeira da companhia com o mesmo espaço. Para tal, a nossa abordagem incidirá na análise de um instrumento financeiro em concreto: as letras de câmbio, trocadas entre a companhia Neroni de Pisa e os agentes económicos correspondentes no espaço ibérico. De uma forma geral, a historiografia é unânime quando classifica este instrumento como dos mais complexos e dos mais importantes registos escritos para as operações financeiras internacionais dos finais da Idade Média, tendo constituído uma verdadeira revolução.⁵²¹ Apesar dos estudos que têm vindo a ser realizados com base neste tipo de fontes, os principais especialistas são unânimes em afirmar que ainda existe muito trabalho a desenvolver dentro da temática das letras de câmbio para os finais da Idade Média e inícios da Época Moderna.⁵²²

O instrumento financeiro denominado 'letra de câmbio' surgiu entre os séculos XII e XIII com especial incidência na cidade de Génova e assente em contratos notariais.⁵²³ A originalidade das operações realizadas com recurso a este instrumento

⁵²¹ Sobre as letras de câmbio na Idade Média veja-se, entre outros: BOLTON, Jim; GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "«Your flexible friend»: the bill of exchange in theory and practice in the fifteenth century". *Economic History Review*, (2021), 1-19. ORLANDI, Angela – "Aspetti del movimento finanziario (...)", 309-326. SPUFFORD, Peter – *Money and its use in medieval Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, xxx-xxxi. DE ROOVER, Raymond – *L'évolution de la Lettre de Change, XVe-XVIIIe siècles*. Paris: École Pratique des Hautes Études – VIe section, Centre de Recherches Historiques, 1953. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 217-221. DELGADO DE MOLINA, Rafael Conde y – "La letra de cambio en el sistema financiero de Alfonso el Magnánimo". In *La Corona d'Aragona in Italia* (secc. XIII-XVIII). XIV Congresso di Storia della Corona d'Aragona (1990), vol III, 257-269. TOGNETTI, Sergio – "«Fra Li Compagni Palesi et Li Ladri Occulti». Banchieri Senesi del Quattrocento". *Nuova Rivista Storica* (2004) 28-101. DINI, Bruno – "Mercati e piazze bancarie nel Mediterraneo e in Europa nei secoli XIV-XVI: presenze e strategie degli operatori economici fiorentini". In *Manifattura, commercio e banca nella Firenze medievale*. Firenze: Nardini Editore, 2001, 103-124. BEC, Christian – *Les marchands écrivains. Affaires et humanisme à Florence 1375-1434*. 1^a ed. 1967, De Gruyter Mouton; Auflage, 2016.

⁵²² BOLTON, Jim; GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "«Your flexible friend»: the bill of exchange (...)", 2. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 217-221. MATRINGE, Nadia – "The Fair Deposit: Credit Reallocation and Trade Finance in the Early Modern Period". *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 72 (2020) 276.

⁵²³ DE ROOVER, Raymond – *L'évolution de la Lettre de Change (...)*, *passim*.

reside no facto de reunir em si duas transações: uma operação de empréstimo à qual se soma o câmbio para uma outra unidade monetária. Numa fase inicial, estas operações eram realizadas de forma manual, mas rapidamente o potencial de longo alcance que estas letras de câmbio permitiam obter levou à integração daquilo que podemos classificar como depósitos à ordem e transferências em conta corrente.⁵²⁴ A especialização e o aumento da complexidade das operações com estes instrumentos financeiros estão intimamente relacionados com a especialização dos próprios agentes económicos e das práticas comerciais e financeiras, onde se inclui o processo de sedentarização dos mercadores.⁵²⁵ No decorrer dos séculos XIV e XV, deparamos com a substituição dos registos notariais por uma missiva que era trocada entre dois mercadores, em diferentes praças, e que preservava as características probatórias e executórias de um contrato de câmbio.⁵²⁶ Para além disso, foi também durante este período que começou a surgir nos registos comerciais a designação de ‘letra de câmbio’, ao mesmo tempo que se consolidavam as especificações de funcionamento destes instrumentos financeiros. Estamos perante um instrumento financeiro que, a par com a contabilidade, permitia o estabelecimento de vínculos de confiança entre diferentes agentes e em distintas cidades, num tipo de relações horizontais.⁵²⁷

De uma forma breve, o funcionamento das letras de câmbio pressupõe a movimentação de valores monetários, em duas moedas diferentes, entre duas praças financeiras distintas e com a presença de quatro figuras ocupando quatro funções essenciais. Do ponto de vista financeiro, além da troca de uma verba numa unidade monetária para outra, as letras de câmbio implicam ainda uma operação de crédito. Assim, na primeira praça temos o primeiro momento desta operação e a presença de duas funções: o dador (*datore*) procede à aquisição da letra ao tomador (*prenditore/trattario*), que realiza a sua emissão. Por sua vez, o segundo momento

⁵²⁴ DE ROOVER, Raymond – *L'évolution de la Lettre de Change (...)*, *passim*.

⁵²⁵ Jacques Le Goff destacou este ponto da sedentarização dos mercadores como fator impulsionador no desenvolvimento de novas técnicas e de uma organização mais complexa, que permitissem o controlo dos negócios através de uma sede central ligada a uma rede de associados ou agentes. LE GOFF, Jacques – *Mercadores e Banqueiros*. Lisboa: Gradiva, 1990, 17.

⁵²⁶ DE ROOVER, Raymond – *L'évolution de la Lettre de Change (...)*, 18.

⁵²⁷ GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 217-221.

corresponde ao pagamento do valor dessa letra através do pagador (*trattario*), na moeda da praça para onde a mesma foi enviada, ao beneficiário (*beneficiario*) da operação, ou seja, aquele a quem se destina a operação.⁵²⁸

Antes de avançarmos, importa clarificar uma questão em relação à nossa fonte. Ao contrário do que verificou noutros estudos, no caso da companhia Neroni de Pisa não dispomos das letras de câmbio em si, mas apenas da evidência das mesmas registadas nos livros de contabilidade da companhia⁵²⁹. Desta forma, tendo em conta que estamos a trabalhar com um registo indireto desse instrumento financeiro, a nossa análise passa, numa primeira fase, pela reconstrução da letra de câmbio que deu origem àquele registo. Todavia, esta especificidade das nossas fontes também significa uma dificuldade acrescida: em alguns casos, não nos foi possível incorporar todas as variáveis deste instrumento financeiro, ficando incompleto, ou, por exemplo, apurar qual o propósito para a sua troca.

A nossa abordagem irá ter em conta quais os agentes e as praças presentes na permuta destas letras de câmbio, procurando perceber que tipo de relações existiam, e quais os valores movimentados. Durante a construção da nossa base de dados relativa a este instrumento, identificámos a presença de um conjunto de figuras, portuguesas e ibéricas, em cidades italianas e que, tendo em conta a potencialidade dos dados, também iremos incluir neste estudo. Ou seja, além dos registos de que dispomos e que interligaram Pisa e as demais praças ibéricas, iremos incidir nas trocas entre cidades

⁵²⁸ Para além dos já citados, sobre letras de câmbio veja-se, entre outros: BEL, Adrian R.; BROOKS, Chris; MOORE, Tony K. – “Cambium non (...)”, 1-24. BERTI, Marcello - “Economia Marittima e Assicurazione a Pisa nella prima metà del Trecento”. In *Aspetti della vita economica medievale*, Atti del Convegno di Studi nel X anniversario della morte di Federigo Melis (Firenze-Pisa-Prato, 10-14 março 1984). Firenze: Università degli Studi di Firenze, 1985, 413-422. BRUSCOLI, Francesco Guidi – “Le tecniche bancarie”. In MÜLLER, A. R. C.; FRANCESCHI, F.; GOLDTHWAITE R., (ed.) – *Il Rinascimento italiano e l'Europa: Commercio e cultura mercantile*. Vol. IV, Fondazione Cassamarca, 2007, 543-566. DE ROOVER, Raymond – *Money, Banking and Credit in Medieval Bruges*. Cambridge: The Medieval Academy of America, 1948. MIQUEL MILIAN, Laura – “La estructura del primer Banco Público de Europa: la Taula de Canvi de Barcelona (siglo XV)”. *Medievalismo* (2019) 297-321.

⁵²⁹ Ao contrário do que se verificou, por exemplo, nos estudos que tiveram por base as letras de câmbio presentes no Arquivo Datini de Prato, tendo em conta que aqui se preserva um número elevado destes instrumentos financeiros para os finais do século XIV e inícios do século XV. ORLANDI, Angela – “Aspetti del movimento finanziario (...)”, 309-326.

italianas protagonizadas por personalidades oriundas da Península Ibérica. Assim, a nossa análise encontra-se dividida em dois grandes grupos: o primeiro grupo diz respeito às letras emitidas a partir de Pisa pela companhia em estudo e, posteriormente, subdivide-se pelas diferentes cidades para onde essas letras foram enviadas; na segunda parte, procuramos realizar a mesma abordagem, mas mudando a perspetiva das letras, ou seja, letras enviadas para Pisa a partir de outras praças financeiras. Esta subdivisão pelas múltiplas praças financeiras permite-nos fazer uma leitura mais individualizada dos registos, mas também perceber quais as tendências das trocas financeiras. Por fim, tal como no ponto dedicado à atividade comercial, faremos um balanço da atividade financeira. De referir ainda que, mais do que uma abordagem do ponto de vista técnico das letras de câmbio, procuramos utilizar estes instrumentos financeiros como fontes para o estudo das redes de diferentes relações internacionais entre múltiplos agentes⁵³⁰.

Para o período compreendido entre 1454 e 1462 identificámos 167 letras de câmbio que interligaram a companhia pisana de Francesco di Nerone com outros agentes em outras praças financeiras, representando um valor total de 27321.19.4 florins *di sugello*. A partir de Pisa, com a companhia em estudo a ocupar a função de emissora (*prenditore/traente*), é onde encontramos a maior incidência destas letras de câmbio (90) com destino a 12 cidades diferentes entre a península itálica, o espaço ibérico e a Flandres; e ocupando o primeiro lugar do ponto de vista do valor monetário movimentado (53,61%). Por outro lado, as operações que tiveram a companhia Neroni de Pisa como destinatária, ou seja, nas transações nas quais assumiu a função de pagadora (*trattario*) desses instrumentos financeiros (70), encontramos relações com oito cidades ibéricas e italianas, mas representando 46,39% do valor transacionado.

4.1. Operações de câmbio a partir de Pisa

⁵³⁰ Uma metodologia que tem sido levado a cabo pela recente historiografia, veja-se: MACCIONI, Elena – "Mercato cambiario (...)", 61-86.

Entre 1454 e 1462, como foi referido, identificámos 90 operações relacionadas com letras de câmbio que interligam com a praça pisana 12 outras praças diferentes localizadas em três grandes áreas geográficas: a Península Itálica; a Península Ibérica, e, por fim, o Norte da Europa (tabela 54). Todavia, tendo em conta o funcionamento destas operações relacionadas com fluxos monetários, vamos poder detetar a presença de outras cidades, como iremos ver mais adiante.

Tabela 54 - Operações de câmbio com origem na companhia Neroni de Pisa, 1454-1462

Área Geográfica	Praças	Nº letras de câmbio	Valor total movimentado (em florins <i>di sugello</i>)	Percentagem do valor total movimentado do conjunto das operações emitidas em Pisa (%)
Península Itálica	Roma	25	4052.11.4	27,67%
	Florença	13	2001.13.10	13,67%
	Milão	5	328.6.5	2,24%
	Génova	4	324.0.11	2,21%
	Siena	3	158.5.0	1,89%
	Bolonha	2	277.11.0	1,08%
	Mântua	1	620.0.0	4,23%
	TOTAL	53	7762.8.6	53,00%
Península Ibérica	Barcelona	20	4411.15.4	30,12%
	Lisboa	7	583.7.4	3,98%
	Valência	3	1026.0.0	7,01%
	Sevilha	3	125.0.0	0,85%
	TOTAL	33	6146.2.8	41,96%
Norte da Europa	Bruges	3	738.0.0	5,04%
	TOTAL	3	738.0.0	5,04%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio*, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

Com o maior número de operações e maior valor movimentado encontramos a península itálica, na qual as cidades de Roma e Florença se evidenciaram em relação às demais. No entanto, destaque-se o caso particular da cidade de Mântua que, apesar de ter conhecido apenas uma operação de câmbio, ocupou o terceiro lugar do ponto de vista do valor monetário transacionado entre estas cidades italianas⁵³¹. Quanto à península ibérica, o peso das operações com Barcelona é inequívoco, tanto em número de operações como em relação ao valor monetário transacionado. Na verdade, se atentarmos no valor movimentado por esta cidade catalã podemos verificar que as operações de câmbio com Barcelona dominaram neste conjunto de registos (30, 12% do total), nos quais a companhia Neroni de Pisa ocupou a função de emissora de letras de câmbio, ficando Roma em segundo lugar e a de Florença em terceiro. No entanto, destaque ainda para o caso da cidade de Valência, que com um número mais reduzido de operações registou um maior valor movimentado, ao contrário de Lisboa. Por fim, temos um conjunto de três operações com destino a Bruges, no Norte da Europa.

Do ponto de vista da cronologia das operações, apesar de Roma ter sido a cidade sobre a qual se registou um maior número de operações de câmbio, as mesmas estão concentradas entre 1454 e 1459, com ausência em 1455. Por outro lado, no caso de Barcelona, as operações iniciam o seu registo em 1455 e são contínuas até 1460, quando findam. Esta continuidade verifica-se também para Florença, com operações entre 1455 e 1461, apesar da inexistência de registos de câmbios emitidos para esta cidade em 1457. Esta questão relacionada com a cronologia das operações com as diferentes praças será analisada quando tratarmos de cada uma mais detalhadamente.

Ainda do ponto de vista da sua distribuição temporal, mas tendo em conta os valores monetários transacionados, o período entre 1458 e 1460 foi o que se evidenciou (tabela 55). No entanto, um aspeto curioso, e que já notámos anteriormente, é o facto de o maior número de operações registadas não ser sinónimo de um maior valor monetário movimentado.

⁵³¹ Uma operação relacionada com a deslocação da Corte papal, como iremos analisar ao longo deste ponto.

Tabela 55 - Operações de câmbio emitidas pela companhia Neroni de Pisa, por ano de atividade, número de registos e valor total transacionado

Anos	Nº operações de câmbio	Valor das operações de câmbio (florins <i>di sugello</i>)	Valor total movimentado do conjunto das operações emitidas em Pisa (%)
1454	1	351.18.11	2,41%
1455	6	1769.0.5	12,08%
1456	18	1537.13.0	10,50%
1457	14	730.17.3	4,99%
1458	19	3966.6.2	27,08%
1459	16	2613.15.4	17,85%
1460	10	2541.15.1	17,35%
1461	3	359.5.0	2,45%
1462	3	7760.0.0	5,30%
TOTAL	90	14646.11.2	100%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

O ano de 1458 foi o que concentrou o maior número de operações e o maior valor monetário transacionado, simultaneamente. Estamos perante um conjunto de operações que interligaram Pisa e a companhia em estudo, com 10 cidades diferentes no espaço ibérico e na península itálica, com as cidades de Roma e Milão a destacarem-se no número de operações de câmbio. Importa referir que, quanto ao espaço ibérico, temos a presença das quatro praças que marcaram estas transações – Barcelona, Valência, Sevilha e Lisboa – e no caso das cidades italianas 1458 foi marcado pela ausência de registos de emissão de letras entre a companhia pisana de Francesco di Nerone e Siena.

O segundo ano com maior número de operações de câmbio foi 1456, mas ficou em quarto do ponto de vista do valor monetário movimentado. Ao contrário do ano anteriormente analisado, temos uma maior ausência de praças financeiras. Do conjunto das cidades ibéricas, apenas se registaram operações com Barcelona e Lisboa, mas concentrando metade das operações. Florença, Génova, Roma e Siena foram as cidades italianas que conheceram registos para este ano.

Por outro lado, 1459, terceiro em número de operações registadas, foi o segundo do ponto de vista do valor monetário. Neste ano, além da Península Itálica e da Península Ibérica, somaram-se ainda registos com destino a Bruges, apesar de a primeira ter dominado o conjunto, com mais de metade das operações enviadas para Roma. O ano seguinte, 1460, conheceu um peso de valor transacionado quase semelhante a 1459, com dez registos entre cinco praças distintas: Florença, Siena, Bruges, Barcelona e Lisboa.

Do ponto de vista do valor transacionado neste conjunto de operações emitidas a partir da companhia Neroni de Pisa, as cinco operações de maior valor monetário concentraram-se entre 1458 e 1460, e representaram 25,12% do valor movimentado. Quanto às cidades para as quais estes instrumentos financeiros foram enviados, Roma protagonizou duas operações, sendo uma a de maior valor do conjunto total, seguida de Barcelona, Mântua e Bruges.

a) De Pisa para Roma

Passemos agora para uma análise mais detalhada das operações com cada uma das cidades para as quais foram enviadas. Do conjunto das cidades da Península Itálica, Roma evidenciou-se tanto em número de operações de câmbio como no valor total das mesmas, entre os anos de 1454 e 1459, apesar da ausência de registos para 1455⁵³². Quando atentamos nos correspondentes com os quais a companhia Neroni de Pisa estabelecia estas relações financeiras na cidade papal, percebemos um claro protagonismo da companhia Cambini, à qual se somou, em apenas duas operações, a companhia Medici em Roma⁵³³. Por outro lado, em relação aos clientes destas operações, enquanto dadores e beneficiários das mesmas, o que se verificou foi uma

⁵³² AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 55 e c. 59; liv. 18, c. 65, c. 83; c. 171, c. 201, c. 230, c. 249, c. 251, c. 260 e c. 284; liv. 20, c. 59, c. 71, c. 75, c. 85, c. 116, c. 138, c. 154, c. 160, c. 171 e c. 194.

⁵³³ Companhia de Piero e Giovanni de' Medici.

maior multiplicidade de figuras, apesar de a preponderância ser dos agentes eclesiásticos⁵³⁴.

Para os anos de 1454 e 1456 dispomos apenas de uma só operação para cada ano, ambas com a companhia de Francesco e Carlo Cambini em Roma como intermediários e sem que consigamos perceber quem foram os dadores iniciais. A primeira letra (1454), num valor total de 351.18.11 florins *di sugello*, teve como beneficiário o procurador do bispo de Lamego, D. João da Costa, identificado como *Gian* Fernandes. Por sua vez, a segunda letra (1456), de 123 florins *di sugello* teve como beneficiário João de Barros de Portugal⁵³⁵. Ao contrário da primeira, não nos foi possível apurar mais sobre esta figura portuguesa. No entanto, tendo em conta as operações e a ausência da indicação do dador em ambas, podemos considerar estas duas letras como o recurso a este instrumento financeiro para a deslocação destes agentes portugueses entre as cidades de Pisa e Roma, evitando o transporte de dinheiro consigo e conseguindo o câmbio para a moeda da cidade para a qual se movimentavam. Desta forma, teriam sido simultaneamente dadores e beneficiários das suas letras de câmbio, num tipo de utilização comum deste instrumento financeiro. Contudo, no caso do bispo de Lamego temos notícias de que em 1455 estaria na cidade de Roma, tendo regressado a Portugal em abril do ano seguinte, mas em relação ao ano da letra (1454) nada sabemos em relação à sua localização.⁵³⁶ No entanto, a hipótese de se ter tratado de uma letra para a deslocação do próprio não fica excluída, já que é paga ao seu procurador.

Para 1457 dispomos de um conjunto de nove operações relativas a letras de câmbio para Roma, das quais mais de metade estavam articuladas com operações de câmbio originárias em Sevilha. Entre julho, setembro e outubro de 1457, o mercador genovês estante na praça sevilhana, Cipriano Cattaneo, enviou sete letras de câmbio para a

⁵³⁴ As fontes falam-nos da presença de bispos e frades nestas operações de câmbio.

⁵³⁵ Não temos notícias que nos permitam identificar um João de Barros em Itália nesta cronologia. Na documentação portuguesa, apenas identificamos, para 1453, um João de Barros camareiro do arcebispo de Braga (ANTT, *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 4, fl. 36v); e, em 1468, um João de Barros cavaleiro da casa régia, tendo recebido o guarda-roupa da rainha e uma tença anual de 3000 reais brancos (ANTT, *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 28, fl. 54v, 69v).

⁵³⁶ COSTA, M. Gonçalves da – *História do Bispado e da Cidade de Lamego*. Vol. I, Braga: Of. Gráf. Barbosa & Xavier, 1977, 214-216.

companhia Neroni de Pisa para, posteriormente, serem pagas aos respetivos beneficiários através de Francesco e Carlo Cambini em Roma. O conjunto destas letras de câmbio totalizou 258.12.0 florins *di sugello* e, apesar de não dispormos de mais dados para cada uma das personagens beneficiárias destas letras, duas tiveram como destinatário final uma figura identificada como 'Cardeal de San Sisto'. Os mercadores da família genovesa Cattaneo em Sevilha, como verificamos, marcaram presença nas relações comerciais da companhia em estudo com esta cidade, não sendo inusitado que as mesmas se estendessem também ao nível das transações financeiras. De facto, se nas operações anteriores estávamos perante um tipo de utilização deste instrumento financeiro, atentando neste conjunto de letras podemos considerar a presença de uma outra tipologia. O facto de existirem relações comerciais entre os Cattaneo de Sevilha e a companhia Neroni de Pisa permitem-nos considerar duas situações. Por um lado, o recurso a redes de negócio já definidas entre estes mercadores era uma boa base de confiança para fazer transações monetárias a nível internacional. Por outro lado, a utilização de letras de câmbio estava ainda relacionada com a compensação de valores a saldar relativos a trocas comerciais estabelecidas entre os protagonistas, num complexo sistema financeiro que interligava estas companhias e agentes económicos.⁵³⁷

Ainda em relação 1457 dispomos de mais duas letras de câmbio. A primeira, emitida pela companhia Neroni de Pisa, teve como dador o bispo de Coimbra, D. João Galvão, e foi paga em Roma, pela companhia Cambini, a Vasco Fernandes, procurador do prelado desde 3 de março de 1456⁵³⁸. No caso concreto deste registo dispomos de mais detalhes sobre a motivação desta operação: o prelado de Coimbra, que se encontrava em Pisa, recorreu a este instrumento financeiro para custear a bula de confirmação do seu

⁵³⁷ David Igual Luis deixa essa ideia bem clara ao referir que o comércio e as finanças se complementavam, não só porque as segundas podiam servir como forma de pagamento do primeiro, mas porque se estabelecem jogos de compensação e reequilíbrio. IGUAL LUIS, David – "En las Rutas del Mediterráneo: naves y operadores económicos del siglo XV entre la Corona de Aragón e Itália". In SOLÓRZANO TELECHEA, Jesús Ángel; MARTÍN PÉREZ, Fernando (coord.) – *Rutas de Comunicación Marítima y Terrestre en los Reinos Hispánicos durante la Baja Edad Media. Movilidad, Conectividad e Gobernanza*. Madrid: La Ergástula, 2020, 136. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 217-221. BOLTON, Jim; GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "«Your flexible friend»: the bill of exchange (...)", 5-6.

⁵³⁸ COSTA, António Domingues de Sousa – *Portugueses no Colégio de S. Clemente e Universidade de Bolonha durante o século XV*. Bolonha: Real Colegio de España, 1990, 177-178.

episcopado, no valor de 27.12.0 florins *di sugello*. A segunda operação desse ano, por sua vez, no valor de 30.1.3 florins *di sugello*, teve como beneficiário em Roma uma figura identificada também como Vasco Fernandes. No entanto, este segundo Vasco Fernandes surge referido como “*montiere-maggiore del re d’Aragona*”, e desconhecemos qual a motivação desta operação, podendo considerar-se uma letra para a deslocação entre as duas cidades.

Datam de 1458 as duas únicas operações que envolveram a companhia Medici estante na cidade de Roma, bem como Marco Lomellini, por sua vez, em Lisboa. Como referimos anteriormente, a reconstrução destes instrumentos financeiros e das operações que os mesmos originaram revela-se bastante complexa, sobretudo quando não dispomos de fontes complementares nem das letras em si. Quando observamos a primeira operação, a companhia Medici em Roma foi creditada por um valor que pagara a Marco Lomellini, em nome da companhia Neroni de Pisa, mas por um montante que lhe era devido pela companhia Neroni de Florença (354.0.0 florins *di sugello*). Ora, como referimos acima, estas companhias comerciais em muitos casos recorriam a estes mecanismos de compensação financeira sem que, na realidade, tivesse existido uma troca física de letras de câmbio. Por sua vez, a segunda operação, de maior valor (920.14.0 florins *di sugello*), fora em tudo semelhante à anterior – um pagamento realizado em nome da companhia Neroni de Pisa a Marco Lomellini em Lisboa através dos Medici em Roma – mas na qual se faz referência à companhia Medici ‘*da Lisbona*’.

Ainda em 1458 dispomos de três operações nas quais a companhia Cambini de Roma ocupou o lugar de pagadora das letras a agentes portugueses: o dador das mesmas fora Lourenço Caldeira em Pisa, junto da companhia em estudo. A primeira operação teve como destinatário Estevão Gomes de Coimbra, do qual não temos mais informações⁵³⁹. As outras duas letras tiveram como beneficiário o embaixador português João Fernandes da Silveira, sendo até mencionado num dos registos como ‘procurador do

⁵³⁹ Encontramos referência a um ‘Estevão Gomes de Coimbra’ como mestre-escola de mesma cidade em 1458, mas sem qualquer relação com Itália. COSTA, António Domingues de Sousa – *Portugueses no Colégio de S. Clemente (...)*, 536.

bispo de Coimbra João Galvão⁵⁴⁰. Entre 1456 e 1460, João Fernandes da Silveira encabeçou uma missão diplomática a Itália, tendo passado por várias cidades à procura de apoio para a cruzada contra o Turco que o monarca português, D. Afonso V, pretendia realizar⁵⁴¹. E em 1458, sabemos que o embaixador português se encontrava em Roma.⁵⁴² No que ao dador destas letras de câmbio diz respeito, Lourenço Caldeira, dispomos de notícias que nos indicam que entre os anos de 1458 e 1459 estava, em conjunto com outros mercadores portugueses, na cidade de Pisa.⁵⁴³ Ao ocupar a função de dador destas letras, Caldeira estava a adquirir estes instrumentos financeiros à companhia Neroni de Pisa, para, posteriormente, serem pagos aos seus beneficiários na cidade de Roma. Apesar de Lourenço Caldeira não figurar, nestas operações, numa das funções de relevo do ponto de vista financeiro, este conjunto de transações são demonstrativas e reforçam a relação que existia entre este agente económico português e a companhia comercial em estudo, não se resumindo apenas ao comércio internacional de mercadorias. Para além disso, do ponto de vista de Lourenço Caldeira, este conjunto de operações permitem-nos repensar a posição destes agentes económicos portugueses no conjunto das redes destas companhias comerciais e financeiras.

Por fim, para 1459 dispomos de nove operações, das quais três envolveram o já referido embaixador português em Itália, João Fernandes da Silveira. A primeira operação de câmbio não se tratou de uma letra em si, mas antes de uma quitação de valores entre o embaixador de Portugal e a companhia Cambini de Roma, utilizando-se para tal os serviços da companhia Neroni de Pisa (300.0.0 florins *di sugello*). A segunda operação, datada de junho, foi uma letra de câmbio entre D. João Galvão, enquanto dador da letra em Pisa, e João Fernandes da Silveira, como seu beneficiário em Roma. Este último recebera 300 florins *di sugello* que tinham como finalidade custear a bula de

⁵⁴⁰ Esta operação foi também das poucas nas quais se referiu o valor da operação na moeda portuguesa: 250 reais de Portugal, 18 ducados de câmara e 21.12.0 florins *di sugello*.

⁵⁴¹ Sobre a atividade diplomática de João Fernandes da Silveira veja-se: FARIA, Diogo – *A diplomacia dos reis de Portugal no final da Idade Média (1433-1495)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2021. Dissertação de Doutoramento, *passim*.

⁵⁴² *Ibidem*.

⁵⁴³ RAU, Virgínia – *Portugal e o Mediterrâneo no século XV (...)*, 14-15.

confirmação do episcopado de D. João Galvão. Ora, anteriormente, em 1457, já tínhamos verificado que o então bispo de Coimbra enviara um outro valor para Roma, tendo sido recebido por Vasco Fernandes, também para pagamento de um diploma papal.

Por fim, a última operação de câmbio de 1459, na qual João Fernandes da Silveira figurou como beneficiário, em Roma, sendo paga pela companhia Cambini, teve como emissor na cidade de Pisa Vasco Fernandes. Anteriormente tínhamos já deparado com uma letra envolvendo alguém com o mesmo nome, porém parece tratar-se de figuras distintas, tendo em conta que este último ocupa funções de correspondente na cidade pisana do agente económico português Lourenço Caldeira⁵⁴⁴.

As restantes operações de câmbio de 1459 com a cidade papal (6) resultaram da transferência de valores pecuniários entre eclesiásticos portugueses. Quanto à função de pagador destas operações, o protagonismo manteve-se por parte da companhia de Francesco di Carlo Cambini em Roma. Em maio desse ano contamos com duas letras enviadas por Pedro de Sousa de Portugal. De origem aristocrática, identificado como “familiar” de D. Afonso V e doutor em ambos os Direitos, Pedro de Sousa, em data próxima a estas letras de câmbio, recebeu bula papal para estudar no Colégio de S. Clemente de Bolonha⁵⁴⁵, o que nos permite perceber que estaria de passagem na cidade de Pisa. Uma destas operações teve como beneficiário Pedro Fernandes, identificado como *cortinaio* da Sé de Lisboa (60 florins *di sugello*), e a segunda para João de Sousa, irmão do dador (120 florins *di sugello*). Em relação ao primeiro não conseguimos apurar mais dados, mas para João de Sousa, referido como cavaleiro de Santiago (da Espada),

⁵⁴⁴ O registo indica-nos que a letra fora redigida “*alla sua stanza*”, ou seja, Vasco Fernandes estaria a morar em Pisa.

⁵⁴⁵ Bula de 16 de junho de 1459, na qual Pio II lhe concede dispensa para, durante 5 anos, poder estudar Leis no Colégio de São Clemente de Bolonha. Parece ter estado em Bolonha entre 1459 e 1467. COSTA, António Domingues de Sousa – *Portugueses no Colégio de S. Clemente (...), passim*. NORTE, Armando; LEITÃO, André de Oliveira – “A mobilidade dos escolares portugueses: a peregrinatio academica entre os séculos XII e XV”. *Lusitania Sacra*. 33 (2016), 79. FERNANDES, Hermenegildo (coord.) – *A Universidade Medieval em Lisboa, séculos XIII-XVI*, Lisboa: Tinta da China, 2013, 528.

temos notícias de que era morador em Roma e, na década de 70 do século XV, fora um dos embaixadores do rei de Portugal junto da Santa Sé.⁵⁴⁶

Ainda de 1459, em outubro e novembro, temos duas operações nas quais um outro agente económico português surge como dador: Lopo Afonso que, tal como Caldeira, protagonizou um conjunto de operações relacionadas com a importação para Pisa de mercadorias de Lisboa. A primeira letra teve como beneficiário o Cardeal D. Jaime de Portugal que, nestes anos, já se encontrava em Itália⁵⁴⁷, no valor de 730 florins *di sugello*. Por sua vez, Álvaro Fernandes, identificado nos livros de contas da companhia Neroni de Pisa como *scrittore della penitenzaria del papa*⁵⁴⁸, fora o beneficiário da segunda letra (94.0.0 florins *di sugello*). Em relação a Lopo Afonso, dador destas operações, importa assinalar que para o período entre 1458 e 1459 dispomos de notícias que o incluem no grupo de mercadores portugueses que se encontravam na cidade de Pisa, tal como Lourenço Caldeira.⁵⁴⁹

Por fim, em dezembro de 1459, as duas últimas letras de Pisa para Roma tiveram como dadores dois priores portugueses. A primeira foi adquirida pelo prior de São Marcos de Coimbra⁵⁵⁰ para ser paga, em Roma, a Vasco Fernandes, identificado como *limosiere* do Papa (24.2.0 florins *di sugello*). A segunda, adquirida por Luís Eanes, prior de São Cristóvão, teve como beneficiário *Ludovico Giovanni*, identificado como abade do mesmo mosteiro (120.10.0 florins *di sugello*). Apesar de estas figuras terem sido os dadores das letras de câmbio, a sua aquisição realizou-se por intermédio de Lourenço

⁵⁴⁶ FERNANDES, Hermenegildo (coord.) – *A Universidade Medieval em Lisboa (...)*, 529. NORTE, Armando; LEITÃO, André de Oliveira – “A mobilidade dos escolares portugueses (...)”, 79. COSTA, António Domingues de Sousa – *Portugueses no Colégio de S. Clemente (...)*, *passim*.

⁵⁴⁷ ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*. Vol. I. Porto: Portucalense Editora, 1967, 458 e 513. Sobre o Cardeal D. Jaime veja-se: OLIVEIRA, Luís Filipe; FARELO, Mário – “Jaime de Portugal (1453-1459)”. In FONTES, João Luís Inglês (ed.) – *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte, 2018, 515-530.

⁵⁴⁸ Sobre esta personagem pouco conseguimos apurar. No entanto, temos uma notícia de 1476 que dá conta do falecimento de um Álvaro Fernandes na Cúria romana. COSTA, António Domingues de Sousa – *Portugueses no Colégio de S. Clemente (...)*, 1116-1117.

⁵⁴⁹ RAU, Virgínia – *Portugal e o Mediterrâneo no século XV (...)*, 14-15.

⁵⁵⁰ O registo não nos indica o nome desta personagem, apenas o identifica pelo cargo eclesiástico. Tendo em conta a cronologia, parece tratar-se de frei João Velho, que fora nomeado prior em 1452 e ocupou este lugar durante 10 anos. ANTT, *Mosteiro de São Marcos de Coimbra*, [Em linha]. [Consult. 17 de janeiro de 2022]. Disponível em: <http://digitalq.arquivos.pt/details?id=1459211>

Caldeira que, como verificámos acima, entre 1458 e 1459 encontrava-se na cidade pisana. Desta forma, podemos considerar que estas letras de câmbio em análise tiveram as suas origens, num momento anterior à emissão das letras, em operações de crédito, ou seja, Lourenço Caldeira teria sido creditado por estes membros do clero português nos valores que depois utilizaria para adquirir os instrumentos financeiros à companhia pisana de Francesco di Nerone. Importa ainda referir que para estas letras de câmbio possuímos a indicação do valor da operação na moeda portuguesa, o que reforça a ideia de que o ponto de partida inicial destas operações foi Lisboa. De facto, tal como anteriormente, Lourenço Caldeira surge como o ponto de articulação entre estas figuras do clero português, localizadas em diferentes cidades italianas, e as transferências de valores monetários entre elas, através do seu principal correspondente em Itália, a companhia Neroni de Pisa. Refira-se, ainda, que estas operações são um sinal demonstrativo de que a companhia pisana de Francesco di Nerone era um intermediário bancário de confiança para os clérigos portugueses.

b) De Pisa para Florença

A segunda cidade da Península Itálica que conheceu um maior número de operações de câmbio, a partir da companhia Neroni de Pisa, foi Florença (13) entre os anos de 1455 e 1461, exceto em 1457⁵⁵¹. Do ponto de vista do valor monetário movimentado, a praça florentina ficou também em segundo lugar do conjunto total analisado.

Deste conjunto de operações para Florença, sete tinham como ligação inicial Valência. Ou seja, tal como foi antes analisado, a companhia pisana de Francesco di Nerone atuou “em nome de” agentes estantes na praça valenciana, funcionando, desta forma, como um elo para as relações financeiras com a praça florentina. Em 1456 dispomos de duas operações iniciadas na cidade de Valência por parte de um mercador florentino aí estante, Lorenzo di Gianni. Assim, através da companhia Neroni em Pisa, enquanto intermediária, e a companhia Cambini em Florença, enquanto pagadora, este

⁵⁵¹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 174, c. 176, c. 244, c. 248 e c. 266; liv. 18, c. 102, c. 108 e c. 109; liv. 20, c. 33, c. 138, c. 183 e c. 215; liv. 22, c. 85, c. 133, c. 135, c. 214 e c. 219.

mercador florentino teve como beneficiários das suas operações Antonio Partini (100.0.0 florins *di sugello*) e a sociedade pisana de Filippo Renieri e Piero Neretti (150.0.0 florins *di sugello*).

Para os anos de 1460 e 1461 dispomos de cinco operações dentro desta tipologia, mas nas quais o correspondente em Valência foi Bernardo Vai, mercador florentino aí estante e agente da companhia Cambini. Para 1460 contamos dois registos, sendo o beneficiário final a sociedade de Stefano e Iacopo Bernardi de Lucca, mas com pagadores distintos. O primeiro pagador fora a sociedade Antonio da Rabatta e Bernardo Cambi (400.0.0 florins *di sugello*), e a segunda teve como pagador Giovanni Rucellai (465.8.9 florins *di sugello*). Nestas duas operações, a função da companhia Neroni de Pisa foi enquanto emissora das letras em nome do agente da companhia Cambini na praça valenciana.

Nas três operações de câmbio do ano seguinte, 1461, detetamos uma mudança na função ocupada pela companhia em estudo. Aqui, apesar de se manter a função “em nome de”, a companhia Neroni de Pisa figurou como dadora nessas três operações de câmbio, ou seja, em nome de Bernardo Vai a companhia Neroni de Pisa adquiriu três letras a três tomadores distintos: à companhia de Ugolino e Antonio Martelli de Pisa, a Salvestro e Cristofamo Trenta de Lucca, e a Antonio Tieri e *fratelli* de Lucca. Na cidade de Florença, estas letras tiveram como pagadores, a primeira, Piero Francesco de’ Medici, e as duas últimas, Antonio da Rabatta e Bernardo Cambi. Por fim, o beneficiário final destas três operações foi a companhia Neroni de Florença, num valor total de 359.5.0 florins *di sugello*. Aqui, levanta-se a questão do porquê de tantos intermediários em transações que tinham como destinatária a companhia Neroni em Florença. Para além disso, estes mesmos movimentos podiam ser encurtados em virtude de Bernardo Vai ser agente da companhia florentina Cambini. No entanto, tal como foi assinalado anteriormente, estamos perante um complexo sistema de redes assente nestes instrumentos financeiros que, sem a circulação monetária em si, proporcionava a

regularização de débitos e créditos, muitas vezes relacionados com as trocas comerciais.⁵⁵²

Ainda com destino à cidade de Florença, identificamos duas letras que tiveram como beneficiário o embaixador português Martim Mendes Berredo, uma datada de 1455 e outra de 1456, totalizando 49.11.5 florins *di sugello*, mas sem que se conheça o dador inicial das transações. Todavia, estes instrumentos financeiros revelam-se interessantes, pois para os anos de 1455 e 1456 não temos qualquer referência à presença de Martim Mendes Berredo em Florença, enquanto membro de uma embaixada do monarca de Portugal, ao contrário do que referimos para João Fernandes da Silveira. Na verdade, entre 1455 e 1458 Martim Mendes Berredo encabeçou uma embaixada à Coroa de Aragão, estando na cidade de Nápoles em 1455, sendo que algumas informações apontam para o facto de no primeiro semestre de 1458 se encontrar no Sul de França.⁵⁵³ Este último ponto pode, de certa forma, permitir-nos considerar estas operações de câmbio de Martins Mendes Berredo dentro da tipologia de utilização deste instrumento financeiro para as deslocações.

Ainda com data de 1456, relacionada com a embaixada portuguesa a Itália, como anteriormente referimos, e, sobretudo, com a deslocação do seu beneficiário, temos uma letra de câmbio que fora paga a João Fernandes da Silveira (76.3.10 florins *di sugello*) pela companhia Neroni de Florença. A última operação de Pisa para Florença em 1456 levanta algumas dúvidas na sua reconstrução. Tendo por base o registo da operação, a mesma sugere que Lourenço Caldeira, agente económico português, estava na cidade de Florença a realizar o levantamento do valor da letra junto da companhia Neroni nessa cidade. Ora, as escassas informações de que dispomos, e que ao longo deste trabalho coligimos sobre esta personagem, em nada nos apontam para que nos primeiros anos da segunda metade do século XV estivesse fora de Portugal, mas sim para o período entre 1458 e 1459⁵⁵⁴. Este pequeno indício parece corroborar o já

⁵⁵² BOLTON, Jim; GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "«Your flexible friend»: the bill of exchange (...)", 2. GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence (...)*, 217-221.

⁵⁵³ FARIA, Diogo – *A diplomacia dos reis de Portugal (...)*, 212, 308, 1581n, 544.

⁵⁵⁴ RAU, Virgínia – *Portugal e o Mediterrâneo no século XV (...)*, 14-15.

referido pela historiografia portuguesa em relação à importância deste tipo de fundos e de fontes para a História de Portugal, sobretudo para o conhecimento destes agentes económicos portugueses bem inseridos nas redes internacionais de negócios.⁵⁵⁵

Para 1458, identificamos uma letra de câmbio entre um agente catalão que estaria em Pisa, Lopo Sanches de Barcelona, também presente nas relações comerciais com a companhia em estudo enquanto fornecedor de lã de São Mateus: nesse ano Lopo Sanches adquiriu à companhia Neroni de Pisa uma letra de câmbio que fora posteriormente paga em Florença, pela companhia de Filippo e Lucca Renieri, ao beneficiário final, Tomaso di San Luigi (150.0.0 florins *di sugello*).

Por fim, em 1459, dispomos de mais uma operação com este instrumento financeiro, na qual está patente a relação de Lourenço Caldeira, agente económico português, com as duas companhias comerciais de Francesco di Nerone: junto da companhia Neroni de Pisa, ocupando a função de emissora, Lourenço Caldeira adquiriu uma letra de câmbio que, mais tarde, seria paga ao português Henrique (*Anrie*) Afonso, cavaleiro de São João⁵⁵⁶ (240.0.0 florins *di sugello*), através da companhia Neroni de Florença.

c) De Pisa para Milão

A cidade de Milão surge em terceiro lugar no número de letras emitidas (cinco) no conjunto da Península Itálica, mas com uma representação pouco significativa se tivermos em conta o valor monetário total transacionado (328.6.5 florins *di sugello*). Para além disso, estamos perante um conjunto de operações muito interessante já que foram protagonizadas pelas mesmas figuras entre os anos de 1457 e 1458.

O dador e beneficiário das letras de câmbio entre Pisa e Milão foi o então bispo de Coimbra, D. João Galvão, recorrendo aos serviços da companhia pisana de Francesco di Nerone para a emissão destes instrumentos financeiros. Por sua vez, a companhia de

⁵⁵⁵ MIRANDA, Flávio – "Portuguese Traders in Atlantic Europe in the Middle Ages". *e-Journal of Portuguese History* 12/1 (2014) 129. CARDOSO, Ana Clarinda – "Redes comerciais (...)", 29.

⁵⁵⁶ Não conseguimos identificar esta personagem.

Piero e Giovanni de Medici, estante na cidade milanesa, ocupou a função de pagadora destas letras. Atentando nas características destas cinco operações, podemos considerar que foram utilizadas por D. João Galvão como recursos para as suas deslocações, evitando levar consigo dinheiro e obtendo câmbio para a moeda da cidade para onde se dirigia: um dos aspetos mais curiosos deste conjunto de letras de câmbio é o facto de nos permitirem perceber o percurso do prelado até chegar a Milão. Apesar de a companhia comercial pagadora das letras se localizar nesta cidade da Lombardia, D. João Galvão solicitou um pagamento em Parma e três na cidade de Pavia⁵⁵⁷, sendo apenas o último concretizado efetivamente em Milão junto da companhia Medici.

A presença em Itália de D. João Galvão na segunda metade do século XV é conhecida pela historiografia, quer pela sua participação na embaixada para o casamento da Infanta D. Leonor de Portugal com o Imperador do Sacro Império Romano Germânico, Frederico III, quer enquanto estudante em três universidades italianas – Siena, Bolonha e Pavia –, quer pela sua proximidade a Enea Silvio Piccolomini, o futuro papa Pio II (pontificado 1458-1464).⁵⁵⁸ Em relação à passagem pelas Universidade de D. João Galvão, entre 1455 e 1456 frequentou a Universidade de Siena, com uma breve passagem em março deste último ano pela Universidade de Bolonha; e em novembro de 1457 era já estudante na Universidade de Pavia, tendo abandonado os estudos em meados de 1459.⁵⁵⁹ Ora, se tentarmos relacionar com as operações com letras de câmbio nos livros da companhia Neroni de Pisa, podemos estar perante transações relacionadas com as suas deslocações e estância enquanto estudante na Universidade de Pavia.

⁵⁵⁷ Ainda em relação às operações de João Galvão com Pavia, temos a referência ao pagamento das despesas associadas ao envio de um escravo do bispo de Coimbra para esta cidade. AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 307.

⁵⁵⁸ VIGIL MONTES, Néstor – "Un eclesiástico para un reinado: el servicio del obispo conimbricense João Galvão a D. Afonso V de Portugal". *Lusitania Sacra*. 35, 2017, 191, 194-196. MACHADO, J. T. Montalvão – *Dom Afonso primeiro Duque de Bragança: sua vida e obra*. Edição do Autor. Lisboa: Livraria Portugal, 1964, 411-415. Na nossa dissertação de mestrado elaborámos uma minibiografia dedicada a D. João Galvão: CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (...)*, 219-221.

⁵⁵⁹ VIGIL MONTES, Néstor – "Un eclesiástico para un reinado (...)", 195-196.

d) De Pisa para Génova

Entre Pisa e Génova identificámos quatro operações, divididas pelos anos de 1456 e 1458, e que envolveram agentes económicos presentes no espaço ibérico⁵⁶⁰. Estamos perante um conjunto de transações que, apesar de emitidas em Pisa pela companhia Neroni, tiveram como ponto de partida primordial Sevilha. Tal como já observámos anteriormente para outros casos, a companhia pisana de Francesco di Nerone, “em nome de” correspondentes seus em Sevilha, funcionou como ponto de intermediação para estes movimentos financeiros internacionais, muitas vezes empregues por estes agentes económicos como forma de liquidar valores pendentes e relacionados com operações comerciais.

No caso concreto das quatro operações aqui em análise, estamos perante um conjunto de registos demonstrativo das relações económicas existentes entre a companhia Neroni de Pisa e a família de mercadores genoveses Cattaneo. Aqui, importa recordar o papel destes últimos enquanto fornecedores de seda do reino nazarí de Granada à companhia em estudo, como vimos no capítulo anterior, para além de serem também fornecedores de lã ibérica ao Banco Salviati de Pisa.⁵⁶¹ Em relação à família Cattaneo, estamos perante uma das famílias de mercadores mais destacadas na cidade de Sevilha ao longo do século XV, onde tinham estabelecida uma companhia comercial.⁵⁶²

Assim, quanto às operações financeiras que temos registadas nos livros de contas da companhia Neroni de Pisa, em 1456 dispomos de duas transações entre as figuras de Alberto *Inponali* e Cipriano Cattaneo, estantes na praça sevilhana, e Franco Cattaneo, à data, em Génova (266.9.8 florins *di sugello*). Em 1458 as restantes duas operações de que dispomos voltam a ter como origem o mercador genovês em Sevilha, Cipriano

⁵⁶⁰ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 221 e c. 278; liv. 18, c. 32, c. 66, c. 73, c. 192 e c. 320.

⁵⁶¹ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 309.

⁵⁶² RAITERI, Silvana Fossati – “Presenze genovesi (...)”, *passim*. D’ARIENZO, Luísa – *La presenza degli italiani in Portogallo (...)*, 785. ORLANDI, Angela – “Tuscan merchants in Andalusia: a historiographical debate”. *European Review of History: Revue européenne d’histoire* (2016) 347.

Cattaneo, mas agora sozinho e não em sociedade, e como destinatário final na cidade genovesa Lazero e Franco Cattaneo (57.11.3 florins *di sugello*).

e) De Pisa para Siena

Em relação aos registos com Siena, identificámos três letras de câmbio⁵⁶³ envolvendo figuras portuguesas, e que tiveram como pagadores nesta cidade toscana a companhia de Riccardo Saracini, e a companhia de Alessandro Miraballi e Ambrogio Spannocchi *di Corte di Roma in Siena*.⁵⁶⁴ Esta última companhia comercial tinha como sócios um mercador-banqueiro napolitano, membro de uma das mais destacadas famílias de Nápoles, com relações estreitas com a Coroa de Aragão e presentes no comércio internacional, os Miraballi; e um mercador-banqueiro oriundo de Siena, Spannocchi. Desde a nomeação como depositária da Câmara Apostólica por Calisto III e, depois, reconduzida nessa função por Pio II, que a companhia Miraballi-Spannocchi ocupava um lugar de protagonista no mundo financeiro eclesiástico, sobretudo em Roma.⁵⁶⁵ No entanto, tendo por base os registos nos livros de contas da companhia Neroni de Pisa, percebemos que esta companhia estava em Siena, pelo menos, em 1460. De facto, dispomos de registos detalhados de duas estadias do papa Pio II e da sua corte em Siena em 1459, durante dois meses e durante a sua viagem para Mântua; e em 1460, durante cerca de sete meses e meio.⁵⁶⁶

⁵⁶³ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 57 e c. 109; liv. 20, c. 138 e c. 223; liv 22, c. 10 e c. 28.

⁵⁶⁴ Sobre esta companhia em Roma veja-se: AIT, Ivana – “Aspetti dell’attività mercantile-finanziaria della compagnia di Ambrogio Spannocchi a Roma (1445-1478)”. *Bollettino Senese di Storia Patria*, CXIII (2007), 91-129. E ainda: AIT, Ivana – “Mercanti a Roma fra XV e XVI secolo: interessi economici e legami familiari”. In TANZINI, Lorenzo; TOGNETTI, Sergio (eds.) – *Il governo dell’economia. Italia e Penisola Iberica nel basso Medioevo*. Roma: Viella, 2014, 59-77.

⁵⁶⁵ Os primeiros anos de atividade deste mercador-banqueiro são pouco claros: em 1455 encontrava-se já numa posição de destaque junto do Papa Calisto III e em 1457 a Câmara Apostólica já lhe era devedora de uma quantia considerável. AIT, Ivana – “Aspetti dell’attività mercantile-finanziaria (...)”, *passim*.

⁵⁶⁶ O estudo detalhado destas duas estadias do papa Pio II em Siena pode ser visto no artigo: NEVOLA, Fabrizio – “Ritual geography: housing the papal court of Pius II Piccolomini in Siena (1459–60)”. *Renaissance Studies: Journal of the Society for Renaissance Studies*, 2 (2006) 201-224.

Antes de avançarmos, importa sublinhar um pequeno detalhe. As operações de câmbio que envolvem a Cúria Papal quando tiveram Roma como cidade de destino ou de partida – como iremos analisar – possuíram sempre as companhias Cambini ou Medici presentes na cidade nas funções de pagadores (*trattario*) ou emissores (*traente*) destes instrumentos financeiros. Por outro lado, quando as operações decorreram em momentos relacionados com a ausência papal em Roma, estando em viagem por outras cidades italianas, o protagonismo no exercício das funções de banqueiro estava confiado à companhia Miraballi-Spannocchi. Tendo em conta a cronologia das operações, podemos considerar que esta última companhia ainda estaria num processo de consolidação da sua posição na esfera dos negócios financeiros da Cúria Papal. De facto, na década de 60 temos o culminar desse mesmo processo com a fundação do Banco de Ambrogio Spannocchi, em Roma; e, a coroar a importância deste mercador-banqueiro, o privilégio que lhe concedera Pio II de juntar, ao seu nome, o nome de família Piccolomini, bem como a autorização para usar o brasão de armas desta.⁵⁶⁷ Não dispomos de uma data concreta para este episódio, mas num conjunto de letras de câmbio de março de 1462 este mercador-banqueiro surge já referido como “Ambrogio Spannocchi de Piccolomini”.⁵⁶⁸

Retomemos a análise das transações financeiras registadas nos livros da companhia Neroni de Pisa. Em 1460 dispomos de duas operações de câmbio. A primeira, de fevereiro, ou seja, pouco depois da chegada e da instalação do Papa na cidade⁵⁶⁹, fora uma letra de câmbio entre Lourenço Caldeira e Nuno Fernandes, identificado como cavaleiro de Santiago⁵⁷⁰ (60.5.0 florins *di sugello*). Este registo levanta a questão da presença ou não de Lourenço Caldeira em Pisa. Como vimos anteriormente, este agente económico português esteve na cidade pisana apenas no período entre 1458 e 1459. Desta forma, não estando na cidade, a companhia Neroni de Pisa procedeu à emissão

⁵⁶⁷ Recorde-se que o nome de Pio II era Enea Silvio Piccolomini. AIT, Ivana – “Aspetti dell'attività mercantile finanziaria (...)”, 27.

⁵⁶⁸ *Idem*, 18. CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (...)*, 188 e 190.

⁵⁶⁹ NEVOLA, Fabrizio - “Ritual geography: housing the papal court of Pius II (...)”, 219-220.

⁵⁷⁰ Foi embaixador pontifício e fez parte da embaixada que prestou obediência a Calisto III em 1455. *Monumenta Henricina*. Vol 1. Ed. António Joaquim Dias Dinis. Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante Dom Henrique, 1960, 169.

esta letra “em seu nome” para que fosse recebida em Siena pelo referido eclesiástico português. A segunda letra de câmbio registada com a companhia Miraballi-Spannocchi conheceu como beneficiário D. João Galvão, numa operação da qual também foi dador, ou seja, recorreu, uma vez mais, a este instrumento financeiro para a sua deslocação (120.10.0 florins *di sugello*). O prelado português gozava de uma relação de grande proximidade com Pio II, com quem trocou correspondência, e por quem foi recebido em Siena.⁵⁷¹ Importa sublinhar que esta letra de câmbio datou de setembro de 1460, e, pouco depois, o Papa estava de regresso a Roma⁵⁷².

Anterior a estas operações, em setembro de 1456, identificámos uma letra de câmbio com João Fernandes da Silveira como destinatário e, simultaneamente, como seu dador (96.16.0 florins *di sugello*). Tal como outras dentro desta tipologia, o embaixador português utilizou este instrumento financeiro como forma de se movimentar entre as cidades de Pisa e Siena, evitando transportar consigo elevadas somas de dinheiro. Ao contrário das operações anteriores, o pagamento desta letra de câmbio foi realizado por uma outra companhia comercial na cidade de Siena: a companhia de Riccardo Saracini, considerado um dos maiores homens de negócios sieneses, ocupando também a função de representante da companhia Cambini nesta cidade.⁵⁷³

f) De Pisa para Bolonha

De Pisa para Bolonha contamos apenas com duas letras de câmbio, em dois anos diferentes, 1458 e 1459, mas com vários pontos em comum⁵⁷⁴. Ambas tiveram em Bolonha o mesmo pagador, a companhia de Nicholaio di Meleto, um dos clientes dos couros com quem o Banco Salviati de Pisa comerciava⁵⁷⁵; e ambas foram utilizadas para

⁵⁷¹ FERREIRA, Eliana Gonçalves Diogo – “1473 – um ano no desembargo do “africano”. Vol. II Porto: Universidade do Porto, 2001. Dissertação de Mestrado, 60.

⁵⁷² NEVOLA, Fabrizio - “Ritual geography: housing the papal court of Pius II (...)”, 219-220.

⁵⁷³ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 172 e 200. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 313.

⁵⁷⁴ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 59, c. 62, c. 85 e c. 86.

⁵⁷⁵ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 225.

a deslocação do seu dador e, simultaneamente, beneficiário. Assim, em 1458 D. João Galvão (122.5.0 florins *di sugello*), e em 1459 Pedro de Sousa (36 florins *di sugello*), recorreram a este mecanismo financeiro como forma de se movimentarem entre diferentes cidades italianas, evitando transportar dinheiro consigo e obtendo o câmbio para a moeda da cidade para a qual se deslocavam. Pedro Sousa, no mesmo ano, como verificamos, foi também dador de duas letras de câmbio a partir de Pisa e que tiveram Roma como destino. Por sua vez, D. João Galvão é uma figura que surge com alguma regularidade nas operações com este instrumento financeiro e foi em 1458 que concentrou o maior número de registos de letras de câmbio, que nos dão conta das suas deslocações por diversas cidades italianas.

g) De Pisa para Mântua

Por fim, para Mântua apenas dispomos de uma única operação com letra apesar de, no conjunto das operações de câmbio na península itálica, estar em terceiro lugar do ponto de vista da quantidade monetária movimentada (620.0.0 florins *di sugello*)⁵⁷⁶. Estamos novamente perante uma letra de câmbio na qual D. João Galvão foi dador e beneficiário, ou seja, este instrumento fora usado para a sua movimentação em 1458; e teve como pagador em Mântua a já referida companhia Miraballi-Spannocchi. Recordando o que analisámos no ponto relativo às operações com Siena, sobretudo com a viagem do Papa Pio II, podemos considerar que o prelado português estaria em Mântua, já que a Corte papal também se estava a deslocar de Roma para essa cidade.

h) De Pisa para Barcelona

Depois de analisarmos os registos de câmbios com as cidades italianas, passamos para as transações que tiveram as praças ibéricas como ponto de chegada. Do conjunto destas cidades, destacam-se as operações com início em Barcelona, tanto pela sua quantidade (20), como pelo valor monetário total movimentado (4411.15.4 florins *di*

⁵⁷⁶ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 71 e c. 223.

sugello) o que significou 71,78% da quantia transacionada com o espaço ibérico entre 1455 e 1460 (Tabela 54)⁵⁷⁷. No entanto, se considerarmos os montantes de uma forma global, ou seja, a totalidade das operações de câmbio emitidas pela companhia em estudo, a praça de Barcelona foi a que conheceu um maior movimento de valor monetário (30,12%), logo seguida de Roma (27,67%).

No conjunto das operações com destino a Barcelona conseguimos diferenciar dois grandes grupos. Por um lado, as transações que efetivamente tiveram esta cidade catalã como destino final. Por outro lado, temos aquela que, apesar de passaram por Barcelona, sobretudo pelo agente da companhia Neroni de Pisa aqui estante, o seu destino final era outro: uma particularidade a salientar neste grupo de operações com Barcelona foi a evidente centralidade da figura do correspondente da companhia pisana de Francesco di Nerone: Filippo Pierozzi, agente do Banco Cambini em Barcelona. Quando nos detivemos nos registos relacionados com a atividade comercial da companhia em estudo, ao longo do capítulo terceiro, percebemos que Filippo Pierozzi foi um dos mercadores-banqueiros que maior protagonismo conheceu, sobretudo na articulação com o espaço ibérico, de uma forma geral, e com a praça de Barcelona, em particular. Um papel que se sobreleva quando às transações comerciais somamos estes registos financeiros.

No que diz respeito ao segundo tipo de letras acima descrito – com uma outra cidade como destino final –, em 1455 Filippo Pierozzi funcionou como a plataforma entre a companhia Neroni de Pisa e a companhia de Piero Francesco de' Medici em Veneza. Ou seja, através do sistema de articulação das contas de cada uma destas personagens nos seus livros de contabilidade, identificamos quatro operações relacionadas com compensações financeiras. Pierozzi, em nome da companhia Neroni de Pisa, emite um conjunto de letras para a companhia Medici em Veneza, para que esta realizasse o pagamento a determinados beneficiários. Tal como nos registos anteriores enquadrados nesta tipologia, o que se observou na verdade foi uma compensação de saldos

⁵⁷⁷ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 202, c. 221, c. 256, c. 278, c. 283, c. 292, c. 298, c. 312 e c. 328; liv. 18, c. 83, c. 129, c. 130, c. 131, c. 248, c. 289 e c. 347; liv. 20, c. 19, c. 33, c. 123 e c. 192; liv. 22, c. 33, c. 48, c. 71 e c. 105.

contabilísticos entre estes diferentes agentes económicos. Ainda dentro desta tipologia de compensação financeira, e também datada de 1455, temos a operação que interliga a companhia Neroni de Pisa, o mercador Franco Cattaneo em Génova, em nome da companhia em estudo, tendo como beneficiário Filippo Pierozzi, por sua vez em Barcelona (239.13.0 florins *di sugello*). Em 1459 identificamos uma outra operação na qual o mercador veneziano estante em Valência, Marco Zorzi, emitiu uma letra para Filippo Pierozzi em Barcelona, em nome da companhia pisana de Francesco di Nerone, estabelecendo assim uma compensação contabilística de valores pendentes que existiriam entre estes agentes (351.7.8 florins *di sugello*).

Quanto às operações que, de facto, recorreram à letra de câmbio em si, dispomos de 14 registos para o período entre 1456 e 1460, sendo o primeiro aquele que maior número de registos concentrou (sete). Assim, em 1456, dispomos de duas letras de câmbio nas quais o dador, em Pisa, fora Franzin Bonetti de Barcelona e o beneficiário, na praça catalã, Bernardo Bonetti (233.0.0 florins *di sugello*). Segundo os livros de contas da companhia pisana de Francesco di Nerone, Franzin Bonetti, entre 1455 e 1456, foi um dos responsáveis pelo transporte de lã de São Mateus e sal de Tortosa para Pisa, enquanto condutor de uma embarcação. Assim, podemos considerar que estas operações de câmbio foram utilizadas como meio de pagamento pelo serviço de transporte de mercadorias realizado, tendo recebido o pagamento em Pisa e enviado o mesmo, com câmbio, para Barcelona. Uma outra operação de 1456 teve Lionardo Ferrerio Beltrani como beneficiário de uma letra, paga por Filippo Pierozzi, e emitida pela companhia Neroni de Pisa, sendo o seu dador Arrigo Chassinaro di Parma⁵⁷⁸ (150 florins *di sugello*).

Neste conjunto de transações de 1456, dispomos de duas letras para cujo dador não temos qualquer referência e uma outra sem indicação do beneficiário. A primeira, de abril, tem como beneficiário em Barcelona, através de Pierozzi, Piero di Giovanni *ing*⁵⁷⁹ (100 florins *di sugello*). O desconhecimento sobre o dador da letra pode estar

⁵⁷⁸ Não conseguimos identificar esta personagem.

⁵⁷⁹ Não conseguimos perceber a que se refere esta abreviatura.

relacionado com o facto de a companhia Neroni de Pisa ter emitido esta letra em nome da companhia de Francesco e Carlo Cambini em Florença, ou seja, poderia não ter conhecimento sobre quem adquiriu este instrumento financeiro numa primeira fase. A segunda letra cujo dador ignoramos, data de novembro de 1456, e tem como beneficiário em Barcelona, junto do mesmo agente pagador que a anterior, Francesco di Bartolomeo da Leuli (4.13.4 florins *di sugello*). Quanto à letra cujo beneficiário desconhecemos em Barcelona, de novembro de 1456, sabemos que fora adquirida em Pisa, à companhia em estudo, por um agente catalão: Berenguer Sanxo de Aragão⁵⁸⁰ (6.2.0 florins *di sugello*). Se tivermos em consideração exemplos anteriores, podemos pensar na possibilidade de as figuras ausentes nestas duas últimas operações terem sido as dadoras e as beneficiárias das respetivas letras, utilizando este instrumento financeiro para deslocação entre diferentes cidades, apesar de não termos comprovação dessas situações.

Por fim, e com a presença de agentes portugueses em 1456, identificámos uma letra de câmbio adquirida por João de Barros à companhia pisana de Francesco di Nerone, para ser paga em Barcelona, por Filippo Pierozzi, a Diogo Gonçalves *suo giovane* (7.10.0 florins *di sugello*). Anteriormente, tivemos oportunidade de analisar uma outra operação de câmbio na qual o papel de beneficiário, em Roma, fora ocupado por João de Barros.

Para 1457 e 1458, dispomos de um conjunto de quatro registos relativos a letras de câmbio, novamente associadas a deslocações dos seus intervenientes, ou seja, nas quais as funções de dador e beneficiário foram ocupadas pela mesma pessoa. Com dois registos em 1457 e um em 1458, Pasquali Ghualdes, identificado como biscainho, ocupou estas duas funções, tendo obtido a letra de câmbio junto da companhia em estudo em Pisa, e recebido o pagamento correspondente com Filippo Pierozzi em Barcelona (390.2.0 florins *di sugello*). Pasquali Ghualdes fora um dos patrões de embarcação responsáveis pelo transporte de mercadorias oriundas do espaço ibérico

⁵⁸⁰ Já identificado por Maria Elisa Soldani em relações comerciais e financeiras com mercadores toscanos na segunda metade do século XV: *Uomini d'affari (...)*, 358.

para a companhia Neroni de Pisa⁵⁸¹. Tendo isso em conta, estas letras de câmbio estariam certamente relacionadas com o pagamento dos seus serviços, que se concretizaria em Barcelona e na unidade monetária corrente. A quarta operação, em 1458, teve os mesmos agentes nas funções de emissor e pagador da letra, mas foi utilizada para deslocação pelo mercador catalão Lopo Sanches, um dos fornecedores de lã de São Mateus da companhia Neroni de Pisa, como já referimos (850.0.0 florins *di sugello*).

O período entre 1458 e 1460 representou uma interrupção nas operações financeiras com destino a Barcelona. A primeira transação, em abril de 1460, parece inserir-se na tipologia de operação de câmbio com vista a uma compensação de valores pendentes entre os diversos agentes económicos envolvidos: a companhia Neroni e os Salviati, ambos em Pisa, e Filippo Pierozzi, na praça catalã (500.0.0 florins *di sugello*). Por fim, dispomos de duas letras de câmbio, emitidas pela companhia em estudo, nas quais Bernardo Spitale⁵⁸² figurou como dador, e pagas por Pierozzi. Ambas as letras, uma de junho e outra de setembro, tiveram como beneficiários os agentes catalães Piero e Michele Roviera⁵⁸³, respetivamente (39.8.0 florins *di sugello* e 38.3.4 florins *di sugello*).

i) De Pisa para Lisboa

Com destino a Lisboa identificámos sete operações de câmbio entre 1456 e 1460, colocando esta cidade no segundo lugar das praças ibéricas com as quais a companhia Neroni de Pisa estabeleceu este tipo de transações⁵⁸⁴. Todavia, se atendermos à quantia total movimentada pelo conjunto das praças ibéricas, o segundo lugar foi ocupado por

⁵⁸¹ Os registos relativos a este padrão de embarcação não nos dão mais informações sobre as mercadorias transportadas. No entanto, a relação de proximidade com Filippo Pierozzi é evidente, o que nos permite considerar que tenha realizado o transporte de mercadorias para Pisa que este mercador florentino em Barcelona exportava.

⁵⁸² Não dispomos de mais informações sobre este agente em Pisa.

⁵⁸³ Nos livros de contas da companhia Neroni de Pisa surge referido como “Piero Roviera” e “Michele Roviera”. Sobretudo no caso de “Piero Roviera”, não sabemos se se trataria do mercador barcelonês “Pere Rovira” identificado por Maria Elisa Soldani para a década de 40 do século XV e com relações comerciais com mercadores-banqueiros florentinos. SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 247.

⁵⁸⁴ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 283 e c. 298; liv. 18, c. 83 e c. 142; liv. 20, c. 90, c. 138, c. 159 e c. 214; liv. 22, c. 45, c. 68 e c. 69.

Valência (16,69%), como iremos analisar mais à frente, e a cidade portuguesa não alcançou os dez pontos percentuais (9,49%).

Contrariamente ao que se verificou, por exemplo, para as praças de Roma e de Barcelona, nas quais sobressai um agente económico correspondente preferencial para o pagamento das letras de câmbio, em Lisboa o que se constatou foi uma multiplicidade de agentes. Para além disso, há uma outra característica a destacar na atividade financeira com esta cidade portuguesa. Na generalidade das praças ibéricas as relações comerciais e financeiras da companhia Neroni de Pisa concentraram-se em torno de outros agentes italianos, sobretudo florentinos e genoveses, mas com Lisboa isso foi uma exceção. De facto, quando atentamos nos registos relativos à praça lisboeta, além da presença de membros da comunidade italiana em Portugal, contamos com a presença de dois agentes económicos portugueses: Lopo Afonso e Lourenço Caldeira, apesar de não parecerem ser mercadores-banqueiros à semelhança dos congéneres italianos, figuraram em funções de destaque tanto no comércio de mercadorias de Lisboa para Pisa, como enquanto agentes ativos nas transações de câmbio que interligaram estas duas cidades, como veremos.

Do conjunto de letras de câmbio da companhia pisana de Francesco di Nerone para Lisboa, três registos tiveram como agente pagador o mercador florentino Giovanni Guidetti: dois em 1456 e um em 1459. A primeira operação teve como dador da letra de câmbio o bispo de Silves, D. Álvaro Afonso, mas na cidade de Florença, para ser paga em Lisboa a João Mendes, identificado como prior de São Salvador *debeda*⁵⁸⁵ (36.6.0 florins *di sugello*). Contudo, incluímos esta letra nas emitidas em Pisa, pois, tendo em conta os registos, o que se verificou foi o seguinte: a companhia Neroni de Pisa “em nome” da companhia Cambini de Florença emitira esta letra de câmbio, sendo o seu original dador o prelado português. Giovanni Guidetti, mercador-banqueiro, fora um dos maiores

⁵⁸⁵ Persistem dúvidas na identificação desta personagem. Não sabemos se se trataria de João Mendes que ocupara os cargos de coletor apostólico nos reinos de Portugal, de reitor da Igreja de São Salvador de Beja e de deão de Silves. COSTA, António Domingues de Sousa – *Portugueses no Colégio de S. Clemente (...)*, 140 e 989.

correspondentes externos da companhia florentina Cambini estante em Lisboa⁵⁸⁶, mas também banqueiro de figuras de relevo da sociedade portuguesa de então; destaca-se a relação de grande proximidade que existia entre este mercador-banqueiro em Lisboa e o Cardeal português, D. Jaime, que se estendeu ainda a toda a família Cambini, junto da qual o prelado português viria a falecer e estando sepultado na capela desta família florentina.⁵⁸⁷ Por sua vez, o bispo de Silves, D. Álvaro Afonso, fora mestre de D. Jaime, tendo-o enviado para Roma após a Batalha de Alfarrobeira em Portugal.⁵⁸⁸ Em 1459, D. Álvaro Afonso estava em Itália como procurador e executor do testamento do Cardeal português, que falecera nesse ano, e Giovanni Guidetti fora o mercador-banqueiro escolhido pelo prelado para o auxiliar, tanto com a questão do testamento como com o pagamento aos artistas que elaboraram o túmulo de D. Jaime na Igreja de San Miniato al Monte em Florença.⁵⁸⁹

A segunda letra de 1456 foi uma operação dentro de uma tipologia que temos vindo a verificar: João de Barros, já referido, adquiriu uma letra à companhia em estudo para lhe ser paga em Lisboa por Giovanni Guidetti (153.7.4 florins *di sugello*). Por fim, a terceira letra em Lisboa com este agente florentino foi para o pagar um transporte de mercadorias. João Medina, como vimos no capítulo anterior, foi um dos patrões de embarcação responsáveis pelo transporte de mercadorias do espaço ibérico até Pisa. Em 1459 foi dador de uma letra de câmbio (8.10.0 florins *di sugello*) para ser paga em Lisboa. Contudo, tendo em conta que ainda iria realizar a deslocação para Portugal, a letra foi emitida com a indicação de que poderia também ser reembolsada à esposa deste patrão de embarcação, Beatriz Gonçalves.

Na verdade, entre Pisa e Lisboa, esta não foi a única letra de câmbio que serviu o mesmo propósito: pagamento de fretes de navios. Em 1460 dispomos de duas

⁵⁸⁶ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...), passim*. D'ARIENZO, Luisa – *La presenza degli Italiani in Portogallo (...)*, 562.

⁵⁸⁷ ALESSANDRINI, Nunziatella – “A comunidade florentina (...)”, 65.

⁵⁸⁸ MORENO, Humberto Baquero – *A Batalha de Alfarrobeira (...)*, 681-682. ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*. Vol. I. Porto: Portucalense Editora, 1967, 518.

⁵⁸⁹ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 215-217 e 243. OLIVEIRA, Luís Filipe; FARELO, Mário - “Jaime de Portugal (1453-1459)”. In FONTES, João Luís Inglês (ed.) – *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte, 2018, 526.

operações que tinham como dador e beneficiário o patrão de embarcação português Lopo Eanes, que realizou um conjunto de serviços de transporte quer para os mercadores portugueses quer ao serviço da companhia Neroni de Pisa⁵⁹⁰. A primeira letra fora paga, em Lisboa, pelo agente económico português Lopo Afonso (240.0.0 florins *di sugello*) e, a segunda, pelo mercador florentino estante em Portugal Francesco Giuntini (120.0.0 florins *di sugello*). Estas duas operações possuem ainda um detalhe interessante: tal como o patrão de embarcação anterior, Lopo Eanes teria informado, em Pisa, que as letras seriam para lhe serem pagas a ele ou à pessoa que o próprio nomeasse, tendo em conta que também estaria a deslocar-se de regresso a Portugal.

Como foi indicado, além de Lopo Afonso, também Lourenço Caldeira figurou como pagador destes instrumentos financeiros em Lisboa, emitidos pela companhia pisana de Francesco di Neroni. No conjunto destes registos dispomos de uma operação, datada de 1458, mas da qual desconhecemos o dador na cidade italiana. Na praça portuguesa, Lourenço Caldeira realizou o pagamento a Pedro *Ghallo* Ferreira, cavaleiro de São João⁵⁹¹ (19.4.0 florins *di sugello*). Por fim, ainda do mesmo ano, temos uma transação na qual Marco Lomellini, mercador genovês estante em Lisboa, ocupou a função de pagador da letra. Em Pisa, a mesma foi adquirida à companhia em estudo por Iacopo di Stefano e, em Lisboa, o seu beneficiário foi Álvaro Fernandes (6.0.0 florins *di sugello*).⁵⁹²

j) De Pisa para Valência

Com apenas três operações em 1462, temos as letras de câmbio enviadas pela companhia em estudo, de Pisa, para Valência⁵⁹³. Contudo, como já anteriormente referido, apesar de serem apenas três letras de câmbio, o valor monetário movimentado colocou a praça valenciana em segundo lugar no que às praças ibéricas diz respeito, e

⁵⁹⁰ CARDOSO, Ana Clarinda – “Redes comerciais (...)”, 18.

⁵⁹¹ Não temos mais informações sobre esta personagem.

⁵⁹² Não temos mais dados sobre estas duas figuras.

⁵⁹³ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 197 e c. 317; liv 22, c. 228, c. 246 e c. 270.

em quarto no total das operações com letras de câmbio emitidas pela companhia Neroni de Pisa.

Tal como para outras cidades ibéricas, com exceção de Lisboa, o agente pagador das letras de câmbio emitidas pela companhia em estudo foi o mesmo nas três operações: Bernardo Vai, mercador florentino correspondente da companhia Cambini em Valência, presente também nas trocas comerciais da companhia Neroni de Pisa. O beneficiário destas três letras de câmbio foi só um: Giovanni Canigiani, procurador em Valência, nomeado nesse mesmo ano pela família florentina Ciampeli e fornecedor do Banco Salviati de Pisa⁵⁹⁴. Como dador destes instrumentos financeiros, a companhia comercial de Neri Capponi⁵⁹⁵ e Piero Bini, estante em Pisa⁵⁹⁶, foi responsável por duas letras (526 florins *di sugello*) e a companhia em Roma de Francesco e Giovanni Salviati por uma letra (250 florins *di sugello*).

k) De Pisa para Sevilha

Por fim, entre 1457 e 1458 houve três operações de câmbio entre a Pisa e Sevilha⁵⁹⁷. No conjunto das operações, quer com destino ao espaço ibérico, quer na generalidade, a praça sevilhana foi aquela que conheceu a menor movimentação de valores monetários (2,03% do conjunto das praças ibéricas e 0,85% do total das letras emitidas a partir de Pisa).

Estas três transações, duas em 1457 e uma em 1458, tiveram todas como agente pagador das letras o mercador genovês Cipriano Cattaneo estante em Sevilha, como já referido. As duas primeiras operações tiveram como beneficiário Iacopo Zanobi

⁵⁹⁴ SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 357. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 75.

⁵⁹⁵ A família Capponi tinha um grande prestígio na vida política e económica de Florença. Esta família estabeleceu relações comerciais de grande proximidade com o Banco Salviati de Pisa, e estava inserida na indústria de produção de tecidos de seda. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 330. TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 167. FRANCESCHI, Franco - "Un'industria «nuova» (...)", 168.

⁵⁹⁶ Também na década de 60 do século XV, esta companhia comercial foi um dos clientes da lã ibérica que o Banco Salviati de Pisa tinha para vender. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 380.

⁵⁹⁷ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 199, c. 200 e c. 320.

Pantaleoni, identificado como funcionário da companhia Neroni de Pisa. Esta fora a dadora e emissora destas duas letras de câmbio, que tinham como finalidade realizar dois pagamentos ao seu funcionário que se teria deslocado, temporariamente, à praça sevilhana (100 florins *di sugello*).

Por fim, a operação de 1458 teve como dador e beneficiário dois mercadores de Lucca: Giovanni Arrighi di Lucca, junto da companhia Neroni de Pisa, adquiriu uma letra, no valor de 25 florins *di sugello*, para ser paga a Matteo di Lucca em Sevilha, pelo referido mercador genovês.

I) De Pisa para Bruges

Como referimos no início deste ponto, analisaremos também três operações com letras de câmbio entre Pisa e Bruges, tendo em conta que envolveram agentes ibéricos, essencialmente portugueses, em 1459 e 1460⁵⁹⁸. Apesar de se tratar de um número reduzido de registos, do ponto de vista do valor monetário total movimentado nestas operações de emissão de letras a partir de Pisa, ocuparam o quarto lugar (5,04%).

Assim, para 1459 dispomos de duas letras de câmbio, emitidas pela companhia em estudo, e que foram pagas em Bruges pela companhia de Piero de Medici e Gerozzo de Pilli. Estas duas letras de câmbio foram obtidas na cidade de Pisa pelo marinheiro português Pedro Álvares do Porto (dador) e deveriam ser pagas, na cidade flamenga, a Fernão Vas do Porto (120 florins *di sugello*) ou, no caso da segunda letra, a Rui Manato (60 florins *di sugello*). Tendo em conta que Pedro Álvares fora uma das figuras que esteve encarregada do transporte de couros para a companhia Neroni de Pisa, podemos colocar a hipótese de estas operações serem pagamentos pelos serviços de frete. No entanto, para uma confirmação, seria necessário saber qual a relação de Pedro Álvares com a praça de Bruges e, sobretudo, com os dois beneficiários das letras de câmbio nas quais figurou como dador.

⁵⁹⁸ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 20, c. 103; liv. 22, c. 100 e c. 101.

A terceira letra de câmbio para a praça de Bruges (1460) foi paga pela companhia Rabatta estante na cidade (558 florins *di sugello*). Importa referir que esta última companhia pertencia ao universo das companhias comerciais florentinas associadas à família florentina Salviati⁵⁹⁹. O dador da letra em Pisa fora Lopo Afonso e, neste caso, recordando o que já foi dito sobre as duas personagens homónimas, teria sido Lopo Afonso neto a adquirir esta letra de câmbio junto da companhia pisana de Francesco di Nerone⁶⁰⁰. O beneficiário desta letra de câmbio em Bruges fora Martim Gonçalves, identificado como *fattore* do Rei de Portugal, D. Afonso V (1432-1481). Tendo sido o primeiro a ocupar, de forma permanente, este cargo, Martim Gonçalves fora o feitor de Portugal em Bruges entre outubro de 1455 e dezembro de 1465, tendo sido desde 1451 procurador da rainha de Portugal, D. Isabel, nesta cidade flamenga.⁶⁰¹ Não dispomos de qualquer indicação quanto ao objetivo último desta letra de câmbio.

4.2. Operações de câmbio para Pisa

Inversamente, vamos agora deter-nos nas operações de câmbio que tiveram a companhia Neroni de Pisa, e conseqüentemente a cidade, como destino final. Estamos perante um conjunto de 77 operações que interligaram oito praças distintas, localizadas na Península itálica e na ibérica, entre 1455 e 1462 (tabela 56).

⁵⁹⁹ PETRI, Alberti – *La Piazza di Bruges (...), passim*.

⁶⁰⁰ Como foi referido, Lopo Afonso avô estivera em Pisa entre 1458 e 1459. Em 1462 temos o pagamento por parte de Lopo Afonso avô pelos 25 meses que o neto homónimo vivera em casa de Iacopo di Lippo da Colle, ou seja, desde meados de fevereiro de 1460. AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 236.

⁶⁰¹ Sobre a feitoria portuguesa, veja-se: ELBL, Ivana – “Nation, Bolsa, and Factory: Three Institutions of Late-Medieval Portuguese Trade with Flanders”. *The International History Review*, Vol. 14, No. 1 (1992), 8. MIRANDA, Flávio – *Portugal and the Medieval Atlantic. Commercial Diplomacy, Merchants, and Trade, 1143–1488*. Porto: Universidade do Porto, 2007. Dissertação de Doutoramento, 59 e 193. POHLE, Jürgen; LISBOA, João Luís da Costa Campos Vieira; BERNARDO, Luís Manuel Aires Ventura; MARQUES, Cátia Teles e – *Os mercadores-banqueiros alemães e a Expansão Portuguesa no reinado de D. Manuel I*. Lisboa: CHAM, FCSH/NOVA-UAc, 2017, 208. MARQUES, A. H. de Oliveira – “Notas para a História da Feitoria Portuguesa na Flandres, no século XV”. *Ensaio de História Medieval Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1965, 177-178.

Tabela 56 - Operações de câmbio com destino à companhia Neroni de Pisa, 1455-1462

Área Geográfica	Praças	Nº letras de câmbio	Valor total movimentado (em florins <i>di sugello</i>)	Valor total movimentado do conjunto das operações rececionadas em Pisa (%)
Península Itálica	Florença	8	1980.16.8	15,63%
	Roma	3	193.7.4	1,53%
	Génova	1	720.0.0	5,68%
	Nápoles	1	704.0.0	5,55%
	TOTAL	13	3598.4.0	28,39%
Península Ibérica	Lisboa	40	2538.18.4	20,03%
	Barcelona	20	6162.9.8	48,62%
	Valência	3	302.0.0	2,38%
	Málaga	1	73.16.2	0,58%
	TOTAL	64	9077.4.2	71,61%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Atentando na tabela 56, podemos constatar que quer do ponto de vista do número de letras, quer do valor monetário movimentado, as transações com início no espaço ibérico dominaram este conjunto de registos com destino à companhia pisana de Francesco di Nerone: 64 operações de câmbio que representaram mais de 70% do valor total transacionado. Entre as praças ibéricas, evidenciaram-se duas cidades: quanto ao número de registos, Lisboa dominou as operações, mas se tivermos em conta os valores monetários, o destaque coube a de Barcelona: 67,89% do valor do conjunto das praças ibéricas e 48,62% da totalidade das operações emitidas para Pisa. Quanto às cidades da Península itálica, Florença foi a praça com um maior número de operações (8), seguida de Roma (3) que, por sua vez, foi a que teve um menor valor monetário transacionado.

Examinando a cronologia das operações, houve letras emitidas em Lisboa em todos os anos de atividade, apenas com exceção para 1458, que contou apenas com duas emissões de Barcelona. Esta ausência de Lisboa, tão presente nos demais anos, pode estar relacionada com o que temos vindo a apontar ao longo deste trabalho: a viagem de regresso à praça lisboeta dos agentes portugueses Lopo Afonso e Lourenço Caldeira. Em relação a Barcelona, que registou um maior volume monetário transacionado neste conjunto de operações, também contou com emissões para quase todos os anos, menos para 1459, 1461 e 1462, sendo que estes dois últimos podem ser entendidos no contexto da guerra civil da década de 60 que se verificou na Catalunha, como iremos salientar. Dentro desta conjuntura de guerra civil devem ser ainda consideradas as operações de emissão de letras de câmbio em Valência, que nos anos 60 do século XV esta cidade substituiu Barcelona enquanto principal praça comercial e financeira da Coroa de Aragão no espaço ibérico.⁶⁰² Em relação às cidades italianas, como podemos ver na tabela 3, a sua presença foi mais diminuta, destacando-se Florença com oito operações ao longo de diferentes anos, apesar de mais de metade dos registos se ter concentrado em 1461.

Ainda do ponto de vista da cronologia das operações, mas procurando relacionar o número de registos com o valor monetário transacionado, verificamos uma forte concentração em 1456 e no período 1460-1461 (tabela 57). Em relação ao valor monetário, o destaque foi para 1456, concentrando quase 45% do valor total, sendo que quatro destas operações foram das de maiores valores transacionados (três enviadas de Barcelona e uma de Nápoles). Foi ainda neste ano que contámos com operações de seis das oito praças em análise (tabela 3), foi o ano que concentrou o maior número de registos de emissão de letras de Barcelona (13) e ainda o ano no qual se registaram as três emissões de letras de Roma e as únicas de Málaga e Nápoles.

⁶⁰² TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 237. SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 554. BERTI, Marcello – “Le aziende da Colle (...)", 97. IGUAL LUIS, David – “La ciudad de Valencia (...)", 82.

Tabela 57 - Operações recebidas pela companhia Neroni de Pisa, por ano de atividade, número de registos e valor transacionado

Anos	Nº operações de câmbio	Valor das operações de câmbio (florins <i>di sugello</i>)	Valor total movimentado do conjunto das operações emitidas em Pisa (%)
1455	4	1232.14.10	9,73%
1456	21	5652.0.2	44,59%
1457	3	383.4.0	3,02%
1458	2	263.1.0	2,08%
1459	3	302.17.6	2,39%
1460	14	2170.7.8	17,12%
1461	27	2298.2.0	18,13%
1462	3	373.1.0	2,94%
TOTAL	77	12675.8.2	100%

FONTE: AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, 6 e 13-22.

Em relação ao ano de 1461, segundo em número de registos e de valor monetário total, importa referir que foi neste ano que identificámos a maior concentração de operações a partir de Lisboa (21) e de Florença (5). Por sua vez, 1460 ficou em terceiro lugar, apesar da forte presença de transações desde Lisboa (11) e de ter sido neste ano que se verificou a operação de maior valor monetário (720.0.0 florins *di sugello*) emitida de Génova.

a) De Lisboa para Pisa

Do conjunto das operações financeiras entre o espaço ibérico e a companhia em estudo em Pisa, aquelas com início em Lisboa foram as mais numerosas⁶⁰³ (40), seguidas das de Barcelona, com metade dos registos (20). Quando atentamos no valor monetário movimentado, os lugares das duas praças ibéricas invertem-se: as operações de

⁶⁰³ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 222 e c. 225; liv. 18, c. 72, c. 142, c. 167 e c. 171; liv. 20, c. 71, c. 85, c. 87 e c. 195; liv. 22, c. 10, c. 11, c. 13, c. 20, c. 28, c. 45, c. 62, c. 63, c. 73, c. 77, c. 79, c. 89, c. 92, c. 100, c. 148, c. 152, c. 188, c. 191, c. 192, c. 197, c. 207, c. 215, c. 240.

Barcelona representaram 48,62% e as de Lisboa 20,03%, primeiro e segundo lugares respetivamente.

Quanto aos emissores das letras, o que verificamos nestas operações de câmbio com origem em Lisboa foi uma maior representatividade dos portugueses nesta função: o já referido Lopo Afonso surge como emissor de 26 destas 40 operações, que representaram 66,60% do valor monetário total movimentado de Lisboa para Pisa, entre 1459 e 1461; seguido de Lourenço Caldeira, com seis letras, mas em terceiro lugar do ponto de vista da verba transacionada no período de 1460-1462. O segundo lugar do ponto de vista do valor pertenceu ao mercador florentino Giovanni Guidetti, que, no número de letras, ocupou o terceiro lugar, com registos em 1457 e 1459. Este não foi o único membro da comunidade italiana em Lisboa a surgir neste conjunto de registos: Cosimo di Bone foi emissor de duas letras em 1460, e Marco Lomellini e Bartolomeo Iacopo di Ser Vanni uma cada, em 1456 e 1455 respetivamente. De uma forma breve, podemos constatar que nos primeiros anos, sobretudo até 1459, as operações com letras de câmbio de Lisboa para Pisa se realizaram a partir dos mercadores italianos que se encontravam na praça portuguesa, e só mais tardiamente, com os agentes portugueses. Todavia, se recordarmos o analisado no ponto anterior, Lopo Afonso e Lourenço Caldeira encontravam-se em Pisa nesse 'período de ausência'. Este aspeto pode justificar o facto de não termos letras destes dois agentes portugueses de Lisboa para Pisa, mas acima de tudo, é um aspeto que vem reforçar a relação financeira de proximidade que existia entre Lopo Afonso e Lourenço Caldeira com a companhia Neroni de Pisa, bem como a posição de ambos nos negócios financeiros da cidade: regressados a Lisboa, são eles que protagonizam as operações de câmbio.

A primeira letra de Lisboa para a companhia pisana de Francesco di Nerone datou de 1455 e foi emitida por Bartolomeo Iacopo di Ser Vanni, agente da companhia Cambini em Portugal⁶⁰⁴. Apesar de não termos qualquer referência ao dador da letra, esta tivera como finalidade pagar ao patrão de embarcação Lopo Martins pelo transporte de couros

⁶⁰⁴ Sobe este mercador florentino veja-se, entre outros: RAU, Virginia – "Bartolomeo di Iacopo di Ser Vanni (...)", 97-117. D'ARIENZO, Luisa – "La società Marchioni-Berardi (...)", 1467. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "Da comprimari a protagonisti (...)", 68.

(95.8.10 florins *di sugello*), não estando descartada a hipótese de Lopo Martins ter ocupado a função de dador, semelhante a operações anteriores.

No ano seguinte, dispomos de duas transações também com mercadores italianos. A primeira, da qual também não conhecemos o dador, fora emitida por Marco Lomellini e tinha como beneficiário Nuno Fernandes, já anteriormente referido⁶⁰⁵. Todavia, por se encontrar em Roma, a companhia Neroni de Pisa remeteu esta letra para os seus correspondentes na cidade papal, a companhia de Francesco e Carlo Cambini de Roma, para que fosse paga ao beneficiário (124 florins *di sugello*). A segunda operação de 1456 teve como emissor em Lisboa o mercador florentino Giovanni Guidetti e é em tudo semelhante à de Marco Lomellini, ao ser reenviada para Roma, para a companhia Cambini, para ser paga ao respetivo beneficiário (154.0.0 florins *di sugello*). No entanto, os registos nada nos dizem sobre quem foi o beneficiário nem o dador. Esta situação repetiu-se no ano seguinte, 1457, no qual dispomos de duas letras de câmbio emitidas por Giovanni Guidetti em Lisboa, das quais não conhecemos os dadores, operações depois enviadas pela companhia Neroni de Pisa para os Cambini de Roma, e das quais apenas uma tem a indicação do beneficiário: João Álvares de Portugal⁶⁰⁶ (66.0.0 florins *di sugello*).

Com ausência de registos de operações de câmbio em 1458, em 1459 temos mais uma com Giovanni Guidetti como emissor. Esta letra, à semelhança de outras que já analisámos, fora usada para uma deslocação, ou seja, o doutor Pedro Sousa, já referido, fora o dador e beneficiário da operação (3.12.6 florins *di sugello*). Também em 1459, temos a primeira letra de câmbio emitida pelo agente português Lopo Afonso, a partir de Lisboa. No entanto, se recordarmos o ponto anterior, e a questão da presença dele em Itália, levantam-se algumas questões, sobretudo quanto à exatidão das datas da sua

⁶⁰⁵ Não conseguimos identificar quem era esta personagem. No entanto, Marco Lomellini adquiriu em Itália dois *cassoni* e o transporte destes bens para Portugal foi assegurado por Pedro Fernandes. Podemos considerar que talvez estivesse relacionado. AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 235.

⁶⁰⁶ Apesar de não termos mais qualquer indicação sobre esta personagem, a sua aparente relação com a companhia Cambini em Roma pode indicar-nos que se tratou de frei João Álvares, cativo em Fez com o Infante D. Fernando, e um dos testamenteiros do Cardeal D. Jaime. OLIVEIRA, Luís Filipe; FARELO, Mário – "Jaime de Portugal (...)", 526 e 528.

estadia em Pisa e, por outro lado, se teria em Portugal um procurador, ou outra figura, com funções para, em seu nome, emitir este tipo de instrumentos financeiros. Quanto à origem da letra de câmbio parece não existir dúvidas, já que o dador fora Rui Galvão, pai do então bispo de Coimbra que se encontrava em viagem por Itália e foi também beneficiário desta operação (60.5.0 florins *di sugello*).

Em 1460 verificou-se um aumento exponencial das operações de câmbio que interligaram a praça de Lisboa e a companhia Neroni em Pisa, em comparação com os anos anteriores: um total de 11 operações, emitidas por dois agentes portugueses, Lopo Afonso e Lourenço Caldeira, e um mercador italiano estante em Portugal, Cosimo di Bone. Em relação a este último, estamos perante duas letras de câmbio que conheceram diferentes destinatários. A primeira, adquirida por Paolo Strozzi em Lisboa, foi paga a Francesco e Giovanni Salviati, em Pisa (66.0.0 florins *di sugello*). A segunda teve como dador Lopo Afonso e, em Pisa, o beneficiário da operação foi o seu neto homónimo (108.0.0 florins *di sugello*).

Em 1460, Lopo Afonso foi responsável pela emissão de oito das 11 letras de câmbio identificadas. Contudo, uma destas operações, mais do que uma letra, foi uma operação de compensação financeira, envolvendo Lopo Afonso, as companhias Neroni, quer de Pisa, quer de Florença, e Filippo Pierozzi, em Barcelona, em nome do qual o agente português emite a operação. Em relação às restantes letras de câmbio emitidas por Lopo Afonso, de uma forma geral, verificamos que estes seus serviços estavam intimamente ligados com deslocações e pagamentos a clérigos portugueses em Itália. Com pagamento efetivo na cidade pisana, dispomos de duas letras de câmbio que tiveram como beneficiários o já referido D. Garcia de Meneses (180.0.0 florins *di sugello*) e Pedro Martins (9.12.0 florins *di sugello*), do qual nada sabemos. As restantes cinco letras, apesar de emitidas para pagamento em Pisa, foram reencaminhadas para Siena, como em outras operações já analisadas, onde os correspondentes da companhia em estudo efetivaram os respetivos pagamentos.⁶⁰⁷ Assim, a companhia Mirabelli-Spannocchi

⁶⁰⁷ Recorde-se que o Papa e a sua Corte estiveram em Siena no ano de 1460.

pagou a Lourenço Eanes *di Farro*⁶⁰⁸ (16.16.0 florins *di sugello*), a Afonso Eanes de Guimarães⁶⁰⁹ (4.16.0 florins *di sugello*) e, duas vezes, a João de Sousa, identificado como cavaleiro de *San Iacopo*, embaixador de Portugal junto da Santa Sé e irmão do doutor Pedro de Sousa (130.13.8 florins *di sugello*). Por último, a companhia Cambini de Roma estante em Siena pagou a letra ao beneficiário identificado como frade Vicente *barnellieri* (18.0.0 florins *di sugello*). Importa referir que só conhecemos o dador de uma destas operações: o patrão de embarcação fora o dador da letra que teve como beneficiário, em Siena, Lourenço Eanes *di farro*.

Por fim, dentro dos mesmos moldes destas letras de câmbio emitidas para a companhia Neroni de Pisa, mas reenviada por esta para Siena, temos a letra emitida por Lourenço Caldeira. O dador foi o então prior de Santa Cruz de Coimbra, D. João da Costa, depois bispo da diocese de Lamego, e teve como beneficiário o já referido João de Sousa, embaixador de Portugal (60.10.0 florins *di sugello*).

O mesmo crescimento de operações que se verificou em 1460 repetiu-se no ano seguinte: em 1461, 21 letras de câmbio foram emitidas a partir de Lisboa e apenas pelos dois agentes económicos portugueses. Tal como nas anteriores, o que se verificou foi o recurso aos serviços financeiros destes dois agentes portugueses por parte dos membros do clero português.

Lopo Afonso protagonizou novamente o maior número de letras emitidas, 17, das quais 14 foram reencaminhadas pela companhia pisana de Francesco di Nerone para Roma e apenas três foram pagas em Pisa. Em relação às primeiras, voltamos a verificar a articulação da companhia em estudo com as suas principais correspondentes na cidade pontifícia. Tal como nas demais operações que temos vindo a analisar, verifica-

⁶⁰⁸ Possivelmente uma referência à cidade de Faro (Algarve).

⁶⁰⁹ Apesar da dificuldade na identificação destas personagens, temos indicação de que o deão de Évora, entre 1464 e 1477, se chama Afonso Eanes de Guimarães; e D. Garcia de Meneses foi nomeado bispo desta diocese nos finais da década de 70 do século XV. VILAR, Hermínia – “D. Garcia de Meneses e o cabido de Évora: perspectivas de um governo episcopal (1471-1484)”. In *Actas do II Congresso Histórico de Guimarães: D. Manuel e a sua época*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2004, vol. II, 52.

se uma ausência da indicação dos dadores destas operações em Lisboa, junto de Lopo Afonso.

Assim, a companhia Cambini em Roma encarregou-se do pagamento a prelados portugueses de dez dessas letras de câmbio emitidas por Lopo Afonso. O frade Luís, identificado como vigário de São Salvador de Lisboa, figurou como beneficiário de três operações que totalizaram 153.1.10 florins *di sugello*. As demais letras de câmbio tiveram como beneficiários Martinho Branco *di fardoal*⁶¹⁰ (54.13.6 florins *di sugello*), o frade João Centelo (21.17.5 florins *di sugello*), Martim Fernandes (60.10.0 florins *di sugello*) e João Afonso de Portugal (121.0.0 florins *di sugello*)⁶¹¹.

Por outro lado, quatro das letras emitidas por Lopo Afonso e pagas em Roma foram-no através da companhia Mirabelli-Sapannocchi. Novamente, surge a figura de João de Sousa enquanto beneficiária de duas destas letras (60.18.0 florins *di sugello*). As outras duas letras de câmbio tiveram como beneficiários o doutor Rodrigo *deurigha* (72.12.0 florins *di sugello*) e o também já analisado Vasco Fernandes (19.7.2 florins *di sugello*).

Em relação às letras emitidas por Lopo Afonso em Lisboa e pagas pela companhia em estudo na cidade de Pisa, contamos três operações, para as quais, uma vez mais, desconhecemos quem fora o dador das letras na cidade portuguesa. A de maior valor foi paga pela companhia Neroni a Pedro Gomes⁶¹² (72.17.2 florins *di sugello*), seguida da letra de Luís Caiado (16.18.10 florins *di sugello*). Este último, irmão do famoso humanista português, Henrique Caiado, na década de 60 do século XV encontrava-se como estudante na Universidade de Pisa, tendo os seus estudos sido financiados por Piero di Cosimo de' Medici.⁶¹³

⁶¹⁰ Não conseguimos identificar o vocábulo ("Sardoal"?).

⁶¹¹ A identificação de muitas destas personagens é um desafio, tendo em conta que estes nomes eram bastante comuns em Portugal na Idade Média. No caso de João Afonso de Portugal, temos notícia de um João Afonso clérigo da diocese da Guarda, licenciado em direitos na universidade de Bolonha em 1457, familiar e capelão de D. Jaime, esmoler pontifício, tendo vindo a falecer na cúria romana em 1471. COSTA, António Domingues de Sousa – *Portugueses no Colégio de S. Clemente (...)*, 77, 84, 90-91, 94-96, 148, 1012, 1022-1023, 1026. OLIVEIRA, Luís Filipe; FARELO, Mário – "Jaime de Portugal (...)", 526.

⁶¹² Não conseguimos identificar esta personagem.

⁶¹³ RAU, Virgínia – "Alguns estudantes e eruditos portugueses em Itália no século XV". *Do Tempo e da História*, V (1972) 36. COSTA, António Domingues de Sousa – *Portugueses no Colégio de S. Clemente (...)*, 773, 794-795.

Por fim, dispomos de uma letra na qual a companhia Neroni de Pisa figura como beneficiária em nome do embaixador português em Itália, João Fernandes da Silveira (4.17.0 florins *di sugello*). Como temos vindo a verificar, a companhia pisana de Francesco di Nerone funcionou como a entidade para a circulação destes instrumentos financeiros entre os membros da embaixada portuguesa a Itália. No entanto, João Fernandes da Silveira recorre ainda à companhia Neroni para proceder ao envio para Portugal de bens que tinha adquirido aquando da sua deslocação, mais concretamente uma estátua em mármore, decorada a ouro, representando Nossa Senhora.⁶¹⁴ Esta operação, por sua vez, leva-nos a considerar que João Fernandes da Silveira recorreu a este instrumento financeiro também como mecanismo para deduzir aos valores a pagar à companhia Neroni de Pisa.

As restantes quatro letras de 1461 foram emitidas por Lourenço Caldeira, em Lisboa. Tal como as anteriores, temos duas letras que não foram pagas em Pisa, mas reenviadas para outras duas cidades. Através da companhia Mirabelli-Sapannocchi temos o pagamento a João Vasco, identificado como criado do cardeal D. Jaime (48.8.0 florins *di sugello*⁶¹⁵), em Siena. Por sua vez, tendo a companhia Cambini de Roma como intermediária, João de Sousa, já referido, recebe o pagamento da sua letra de câmbio (23.16.0 florins *di sugello*⁶¹⁶). Importa referir que, do conjunto destas quatro letras emitidas por Lourenço Caldeira, apenas para esta última conhecemos o dador da operação em Lisboa: Álvaro de Barros⁶¹⁷. Quando às letras pagas efetivamente em Pisa, o então bispo de Coimbra, D. João Galvão, e o português Pedro Gomes⁶¹⁸ foram os beneficiários (30.0.0 e 29.8.9 florins *di sugello*, respetivamente).

⁶¹⁴ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 11.

⁶¹⁵ Temos a indicação de que na moeda portuguesa equivaleram a 10.400 reais de Portugal.

⁶¹⁶ Na moeda portuguesa, 4.800 reais de Portugal.

⁶¹⁷ Não conseguimos obter mais dados sobre esta figura. No entanto, temos notícias de um Álvaro de Barros, cavaleiro e uchão régio, em 1451 (ANTT, *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 11, fl. 81v; liv. 10, fl. 104v); a quem foram doados os bens do recebedor da sisa dos panos de cor da cidade de Lisboa em 1462 (ANTT, *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 1, fl. 18v). Ainda para 1462 temos uma notícia que nos dá conta da nomeação de um Álvaro de Barros tabelião do cível e crime e inquiridor em Coimbra, e o registo do seu sinal público de tabelião (ANTT, *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 1, fl. 97v-98).

⁶¹⁸ Não conseguimos identificar esta personagem. Temos notícias de um Pedro Gomes, escudeiro régio, colação e tesoureiro da Infanta D. Leonor (ANTT, *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 34, fl. 101).

Por fim, em 1462, só temos uma operação com origem em Lisboa e também emitida pelo agente português Lourenço Caldeira. O dador foi Afonso Eanes, identificado como marinheiro, e o seu beneficiário na cidade pisana fora João Fernandes da Silveira, embaixador do rei de Portugal (31.0.4 florins *di sugello*).

b) De Barcelona para Pisa

Barcelona foi a segunda cidade no número de letras emitidas (20), tendo a companhia Neroni de Pisa como destinatária entre 1455 e 1460⁶¹⁹. No entanto, se considerarmos os valores monetários movimentados, as operações com origem nesta praça ibérica representaram 48,62% do total, ou seja, a praça catalã foi responsável pelo maior volume de verba emitida. Quanto aos agentes emissores destes instrumentos financeiros, repete-se o que encontramos aquando da análise das letras que tinham a praça catalã como destino: Filippo Pierozzi, mercador-banqueiro estante em Barcelona e agente da companhia florentina Cambini, concentrou em si a emissão destas letras.

Em 1455 dispomos de três transações, das quais duas representaram operações de compensação financeira interligando diferentes agentes económicos e diferentes praças financeiras. Assim, temos uma operação de compensação entre a companhia Neroni em Pisa, Filippo Pierozzi em Barcelona e Piero Francesco de' Medici em Veneza (262.6.0 florins *di sugello*); e a segunda entre as duas companhias de Francesco di Nerone, em Pisa e em Florença, e Pierozzi (200.0.0 florins *di sugello*). No que à letra de câmbio de 1455 diz respeito, foi emitida por Filippo Pierozzi e paga ao mercador pisano Giovanni da Vinaria pela companhia em estudo (675.0.0 florins *di sugello*).

Deste conjunto de operações de câmbio a partir de Barcelona e com destino à companhia pisana de Francesco di Nerone, o ano de 1456 teve o maior número de registos (13). Tal como temos vindo a verificar, foi também nesse que se conheceu uma maior interligação destas operações com outras cidades italianas. Assim, tendo Pisa

⁶¹⁹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 142, c. 143, c. 202, c. 208, c. 265, c. 312, c. 317, c. 333, c. 351, c. 352, c. 353 e c. 354; liv. 18, c. 30, c. 48, c. 53, c. 55, c. 59, c. 84, c. 108, c. 117, c. 130, c. 173, c. 248 e c. 289; liv. 22, c. 115 e c. 150.

como destino efetivo da transação, contámos quatro operações. A primeira, e uma das de maior valor, teve como dador, em Barcelona, Gaspare Ridolfi⁶²⁰ e como beneficiário na praça pisana, junto da companhia Neroni, o curtidor Piero Chacio (400.0.0 florins *di sugello*). Com o mesmo valor monetário da anterior, temos a transação entre Giovanni Rodero e Bernardo Bonetti, na praça catalã, e a companhia comercial pisana de Luigi e Giovanni Quaratesi. A terceira letra de câmbio deste ano foi entre dois agentes catalães: o já referido Michele Roviera, em Barcelona, adquiriu uma letra a Filippo Pierozzi para que a mesma fosse paga a Martino Solzina em Pisa (150.0.0 florins *di sugello*). Em relação a estas duas figuras, estamos perante dois agentes catalães com relações familiares e comerciais estabelecidas desde a década de 40 do século XV.⁶²¹ Por último, foi também em 1455 que identificámos a única operação que teve como emissor um outro agente que não Filippo Pierozzi. Matteo Capello emitiu uma letra de câmbio para, através da companhia Neroni de Pisa, efetuar o pagamento de um conjunto de mercadorias que tinha adquirido à companhia Neroni de Florença (139.17.6 florins *di sugello*)⁶²². Importa recordar que em todas estas operações, a companhia Neroni de Pisa ocupou a função de pagadora das letras de câmbio.

Ainda em 1455, as operações com destino a Pisa, mas encaminhadas para Florença foram cinco, numa dinâmica de articulação entre as duas companhias de Francesco di Nerone estantes em cada uma destas cidades. No entanto, apenas duas destas transações se traduziram em letras de câmbio efetivas. As outras duas operações destinaram-se à obtenção de compensações financeiras entre estes agentes. Quanto aos beneficiários das letras de câmbio, Bernardo Ciampelli, mercador catalão⁶²³, surge

⁶²⁰ Dúvidas se se trataria do mercador originário de Lucca identificado por Maria Elisa Soldani. SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 512.

⁶²¹ Martino Solzina (Martì Solzina) foi cunhado de Piero Roviera e um dos conspiradores contra o monarca aragonês, no período que antecedeu a Guerra Civil na Catalunha, tendo sido julgado e executado. CARRÈRE, Claude – *Barcelone (...)*, 917 e 921. ZEDDA, Corrado – “Il commercio del corallo e i contratti d'ingaggio dei corallieri ad Alghero nel XV secolo”. *Estudis Històrics i Documents dels Arxius de Protocols* (2001) 92. BATLLE GALLART, Carmen – “Una família barcelonesa: los Toró”. *Annals de l'Institut d'Estudis Gironins* (1974) 4.

⁶²² Como analisámos no ponto da atividade comercial, este agente catalão esteve presente enquanto fornecedor de couros e como cliente de panos de seda.

⁶²³ Bernardo Ciampelli era um mercador catalão, oriundo de Barcelona. Foi um dos intermediários do Banco Salviati de Pisa para a aquisição, sobretudo, de São Mateus, mas estabeleceu relações comerciais

em duas letras (total de 800.0.0 florins *di sugello*), apesar de um destes registos ter a indicação de que também poderia ser levantada por Tomaso Spinelli; e o Cardeal português D. Jaime⁶²⁴ numa outra operação (240.8.0 florins *di sugello*). O dador em Barcelona desta última letra de câmbio foi o português Fernando Eanes, do qual não temos mais dados.

As restantes quatro operações de 1456, emitidas em Barcelona por Filippo Pierozzi e enviadas para Pisa, foram reencaminhadas para quatro cidades distintas. Bernardo Ciampelli, já referido, foi beneficiário em duas destas letras: a primeira em Nápoles, sendo paga na cidade por Filippo Strozzi aí estante (461.15.0 florins *di sugello*); e a segunda paga em Veneza por Piero Francesco de' Medici (252.0.0 florins *di sugello*). No entanto, para ambas as operações não temos referência que nos permita identificar quem foram os dadores. Com destino a Génova dispomos de uma letra de câmbio, adquirida por Ambruogio Fattinanti e, através de Giovanni del Maestro Domenico na praça genovesa, paga a Domenico e Antonio Spínola (486.2.2 florins *di sugello*). Por fim, reencaminhada para Roma, temos uma letra de câmbio paga ao português João de Barros pela companhia Cambini na cidade (122.0.0 florins *di sugello*). Tal como outras operações, para esta última letra os registos nada dizem sobre quem fora o dador da operação em Barcelona, colocando-se a questão de poderem ter sido usadas para a deslocação dos seus beneficiários.

O registo de que dispomos para 1457, à semelhança de outros que temos vindo a assinalar, resultou de uma utilização da letra de câmbio para a realização de uma compensação de saldos nos livros de contas entre Filippo Pierozzi, em Barcelona, a companhia Neroni em estudo, em Pisa, e a companhia de Piero Francesco de' Medici na cidade veneziana (310.0.0 florins *di sugello*).

e financeiras com outros mercadores-banqueiros florentinos no Quatrocentos. CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, *passim*. SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 354-358.

⁶²⁴ Apenas de destacar que o registo nos livros de contas da companhia Neroni de Pisa identifica D. Jaime como: *veschovo di Lisbona oggi cardinale*. AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 59 e 84.

Para 1458, dispomos duas letras de câmbio em que as funções de dador e beneficiário foram ocupadas, simultaneamente, pela mesma figura: *Pasquali di Ghualdes*, patrão de embarcação oriundo da Biscaia (totalizando 263.1.0 florins *di sugello*). No ponto anterior, relativo às operações com letras de câmbio emitidas em Pisa, analisámos um conjunto de registos que davam conta da utilização deste instrumento financeiro por este patrão de embarcação para ser pago pelos seus serviços em Barcelona. Nestas operações, voltamos a ter a mesma situação, mas com os pagamentos a serem realizados na cidade pisana, junto da companhia de Francesco di Nerone. Assim, se pensarmos os registos de *Pasquali di Ghualdes* em conjunto podemos, de certa forma, considerar que seria um agente preferencial para o transporte de mercadorias por parte de Filippo Pierozzi em Barcelona e de Francesco di Nerone em Pisa.

Em 1460 temos a última operação com letra de câmbio emitida por Filippo Pierozzi desde Barcelona para ser paga pela companhia Neroni de Pisa. O dador da operação, na praça catalã, foi Bernardo Ciampelli e, em Pisa, o pagamento foi realizado à companhia de Francesco e Giovanni Salviati (250.0.0 florins *di sugello*). O facto de não dispormos de mais registos de operações financeiras e comerciais com Barcelona na década de 60 do século esteve, seguramente, relacionado com o clima de instabilidade política que conduziu à guerra civil da Catalunha (1462-1472). Este período conduziu à falência de companhias comerciais, como foi o caso de Filippo Pierozzi, mas também à fuga de mercadores e de capitais para a praça de Valência, contribuindo para um papel de relevo que a praça valenciana viria a conhecer nas últimas décadas do século XV.⁶²⁵

⁶²⁵ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 237. SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari (...)*, 554. BERTI, Marcello – “Le aziende da Colle (...)”, 97. CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (...)*, 127-128. IGUAL LUIS, David – “La ciudad de Valencia (...)”, 82.

c) De Valência para Pisa

A partir de Valência e com destino a Pisa, nomeadamente à companhia Neroni aí estante, identificamos três operações com letras de câmbio entre 1460 e 1462⁶²⁶. Recordando o que referimos no ponto anterior, da cidade de Barcelona, estas operações inserem-se no momento de tensão que se começava a viver nesta última cidade. No que aos agentes económicos diz respeito, verificamos um protagonismo de Bernardo Vai, correspondente da companhia florentina Cambini na cidade, quer como emissor, quer como dador de letras de câmbio, adquirindo as mesmas a outras figuras. Por outro lado, neste conjunto de registos temos a presença da companhia em estudo enquanto beneficiária de duas letras de câmbio. A presença de Bernardo Vai na praça valenciana foi também já analisada quando atentámos nos registos relativos às trocas comerciais entre a companhia pisana de Francesco di Nerone e esta cidade.

Assim, a primeira operação, datada de 1460, teve como emissor da letra de câmbio o mercador florentino Bernardo Vai, e Piero Giovanni Vernagallo como dador da mesma. Para o período entre 1446 e 1469 temos notícias de um mercador homónimo, com estreitas ligações com a cidade de Pisa⁶²⁷. A família Vernagallo fora uma das mais importantes da antiga nobreza pisana, conhecida desde os finais de Duzentos, dedicada às atividades comerciais e bancárias, e tendo mantido um lugar de destaque na Toscana durante o século XV. Segundo Giuseppe Petralia, desde cedo alguns dos membros desta família de Pisa começaram a fixar-se em algumas das praças ibéricas da Coroa de Aragão, com destaque para Barcelona e Valência, o que levou a que surgissem na documentação como mercadores autóctones e já não como pisanos⁶²⁸. Na cidade de Pisa, por sua vez, a companhia Neroni realizou o pagamento desta letra à companhia, também pisana, de Ugolino e Antonio Martelli, com relações comerciais e financeiras com a companhia em estudo, como referido, e sobretudo com o grupo Salviati⁶²⁹ (150.0.0 florins *di sugello*).

⁶²⁶ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 145, c. 192, c. 214, c. 237 e c. 240.

⁶²⁷ IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia (...)*, 85. Agradecemos a ajuda do Professor David Igual Luis na identificação deste mercador pisano.

⁶²⁸ PETRALIA, Giuseppe – *Banchieri e famiglie mercantili nel Mediterraneo aragonese. L'emigrazione dei pisani in Sicilia nel Quattrocento*. Pisa: Pacini Ed., 1989, 264-265.

⁶²⁹ CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa (...)*, t. I, 225.

De salientar ainda que Ugolino Martelli dirigiu a filial da companhia Medici em Pisa, desde a década de 40 do século XV até ao seu encerramento em 1460, tendo-se mantido como agente desta companhia até 1476.⁶³⁰

As duas operações seguintes, de 1461 e 1462, foram bastante semelhantes. Bernardo Vai figurou como dador de ambas, que tiveram como emissores, em Valência, duas personagens distintas para as quais não dispomos de mais dados: Iacopo *Amalsine* (117.10.0 florins *di sugello*) e Giorgio *Chancelliere* (34.10.0 florins *di sugello*). Por sua vez, o beneficiário nos dois casos foi a companhia pisana de Francesco di Nerone, tendo tido como pagadores duas outras companhias na cidade: Ugolino e Antonio Martelli, e Bernardo e Stefano Ambrogio, respetivamente.

d) De Málaga para Pisa

A partir de Málaga contamos com apenas uma operação com letra de câmbio, sendo a de menor valor no conjunto das operações financeiras com a companhia pisana de Francesco di Nerone como destino⁶³¹. Assim, em 1456 o, já referido, mercador genovês Benedetto Cattano emitiu uma letra de câmbio que teve com beneficiário o mercador e intelectual Francesco Tedaldi⁶³², identificado como escrivão da Galé da Flandres (73.16.2 florins *di sugello*). Em relação ao dador desta letra em Málaga, não temos qualquer referência que nos permita identificá-lo. Todavia, tendo em conta o que temos vindo a analisar ao longo deste capítulo, e o facto de Francesco Tedaldi ter sido escrivão de uma galé, o dador poderia ter sido também ele, para assim receber em Pisa o pagamento que lhe seria devido.

⁶³⁰ DE ROOVER, Raymond – *Il Banco Medici (...)*, 91, 396, 398.

⁶³¹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 350 e c. 352.

⁶³² Francesco Tedaldi foi um destacado mercador e intelectual, do círculo dos Medici, de meados do século XV. FERRANTE, Gennaro – “Poesia come “memoria” e “politica” nel florilegio di sonetti del Libro di Luigi Peruzzi”. In MALATO, Enrico; MAZZUCCHI, Andrea (eds.) – *Antologie d'autore. La tradizione dei florilegi nella Letteratura Italiana*. Roma: Salerno Editore, 2016, *passim*.

e) De Florença para Pisa

À semelhança do que verificámos na primeira metade deste capítulo – letras emitidas desde Pisa – identificámos um conjunto de registos relacionados com a emissão de letras de câmbio a partir de outras cidades italianas (tabela 56), com destino à companhia pisana de Francesco di Nerone, que envolveram diversas figuras ibéricas. Assim, consideramos que seria importante deter também a nossa análise nestas operações, tendo em vista um conhecimento mais detalhado, sobretudo, quanto à relação dessas personagens com estes agentes económicos italianos.

Quanto a este grupo de cidades italianas, o maior número de transações de que dispomos teve em Florença o seu local de emissão, entre os anos de 1456 e 1462, com especial concentração na década de 60⁶³³. As operações desde a cidade florentina foram aquelas que conheceram um maior valor monetário movimentado deste conjunto de cidades italianas, mas ficaram em terceiro lugar do ponto de vista geral das operações.

O primeiro registo tratou-se de uma letra de câmbio adquirida pela companhia de Bernardo Uguccioni⁶³⁴ à companhia florentina de Francesco e Carlo Cambini. Por sua vez, na cidade de Pisa, através companhia em estudo, esta letra foi paga a Piero *Chanales*, catalão (200.0.0 florins *di sugello*). Este agente oriundo da Catalunha era morador na cidade pisana, sendo recetor das mercadorias que chegavam do porto de Barcelona.⁶³⁵ As restantes seis operações, entre 1461 e 1462, possuem uma característica comum: apesar de emitidas em Florença pela companhia que Francesco di Nerone detinha na cidade, foram-no “em nome” do agente económico português Lopo Afonso. Como vimos, os livros de contas em análise referem dois agentes

⁶³³ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 281 e c. 283; liv. 20, c. 71 e c. 202; liv. 22, c. 152, c. 168, c. 191, c. 207, c. 230 e c. 234.

⁶³⁴ Para os finais do século XV encontramos notícias sobre a presença de membros desta família de mercadores florentinos em diversas praças ibéricas. Segundo David Igual Luis, os Uguccioni fixaram-se definitivamente em Valência em 1490 com a sua companhia sericícola formada em Florença, da qual Bernardo Uguccioni – já na cidade valenciana desde 1484 – foi o principal administrador. IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia (...)*, 204-205 e 307. Aproveitamos para agradecer ao Professor David Igual Luis a ajuda na identificação.

⁶³⁵ Nos registos da companhia Neroni de Pisa, destaca-se a sua ligação com Filippo Pierozzi em Barcelona e o pagamento que realizou a um patrão de embarcação e ao seu escrivão oriundos de Barcelona. AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 257.

portugueses com este nome, avô e neto, sendo que ambos estiveram em Itália em períodos distintos: o primeiro nos finais da década de 50, o segundo, nos primeiros anos da seguinte. Apesar de os registos relativos a estas letras de câmbio não nos permitem apurar a qual destes ‘Lopos’ dizem respeito os registos, é de novo um conjunto de operações que reforçam a estreita relação de negócios que existiu entre estas figuras e, sobretudo, evidencia a presença de Lopo Afonso nestas redes comerciais e financeiras internacionais.

Em relação às duas primeiras operações de 1461, não temos qualquer referência sobre quem foi o dador das mesmas. Francesco e Giovanni Salviati em Pisa foram os beneficiários da primeira operação (431.4.9 florins *di sugello*) e a companhia de Filippo Renieri e Piero Neretti os beneficiários da segunda (100.6.7 florins *di sugello*). Tendo em conta exemplos anteriores, é possível que esses instrumentos tenham sido usados para as deslocações destes agentes entre Florença e Pisa. Ainda em 1461 temos um registo que se insere nas operações de compensação financeira entre estes vários agentes comerciais. A emissão desta letra foi realizada pela companhia Cambini de Florença, tendo como dador a companhia Neroni de Florença, mas em nome de Lopo Afonso. Posteriormente, na cidade de Pisa, através da companhia em estudo, o pagamento o mercador florentino estante nesta praça Ridolfo di Ser Gabriello (300.18.0 florins *di sugello*).

As duas últimas letras emitidas em 1461 pela companhia florentina de Francesco di Neroni, “em nome” de Lopo Afonso de Portugal, tiveram como dadores Giovanni Borromei, membro de uma das famílias mais notáveis de mercadores-banqueiros florentinos⁶³⁶ (200.10.0 florins *di sugello*) e Lippi di Firenze⁶³⁷ (201.6.8 florins *di sugello*). Em Pisa, estas letras de câmbio foram pagas pela companhia em estudo a Dino d'Arrigo e Mariotto Lippo, respetivamente. Por fim, a única letra de 1462 seguiu o

⁶³⁶ Sobre os Borromei destaque-se, entre outros, o projeto dedicado ao estudo da atividade bancária desta família nos séculos XIV e XV: *The Borromei Bank Research Project (BBRP)*, J. I. Bolton e F. Guidi-Bruscoli (eds.), Queen Mary, University of London, 2008. Disponível em: <http://www.queenmaryhistoricalresearch.org/roundhouse/default.aspx> [Consultado: 15/02/2022]. GUIDI-BRUSCOLI, Francesco; BOLTON, Jim L. – “The Borromei Bank (...)”, 460-490.

⁶³⁷ Não dispomos de mais dados que nos permitam identificar esta personagem.

funcionamento das anteriores: Giovanni Borromei foi o dador em Florença e Giovanni Cavalcanti⁶³⁸ o beneficiário em Pisa (307.10.8 florins *di sugello*).

f) De Roma para Pisa

Com emissão a partir de Roma, identificámos três operações em 1456, sendo as que menores valores monetários movimentaram⁶³⁹. Tal como nas demais operações relacionadas com esta cidade, a companhia de Francesco di Carlo Cambini protagonizou os registos, desta vez enquanto emissora destas três letras de câmbio. Um outro ponto em comum em relação a estas transações é o facto de desconhecermos os seus dadores na cidade papal.

As duas primeiras letras tiveram como beneficiário em Pisa o então bispo de Silves, D. Álvaro Afonso, figura muito próxima de D. Jaime, o cardeal português que se encontrava em Itália (total 72.12.0 florins *di sugello*). Contudo, o registo nos livros de contas da companhia Neroni de Pisa indica-nos que a operação original tinha como destino Florença e o pagamento seria realizado pela companhia Cambini na cidade. No entanto, por algum motivo o seu beneficiário, o prelado português, solicitou o pagamento na cidade pisana, o que nos mostra também a relação de correspondência entre estas duas companhias mercantis. A terceira letra, à semelhança da anterior, tinha como beneficiário o embaixador português João Fernandes da Silveira (120.15.4 florins *di sugello*). Se tivermos em consideração operações anteriormente analisadas e sabendo que estas figuras estavam em constantes deslocações por diferentes cidades italianas, podemos pensar que ocuparam ainda a função de dadores das respetivas letras de câmbio, utilizando-as, desta forma, para as suas deslocações.

⁶³⁸ Não dispomos de mais dados que nos permitam identificar esta personagem.

⁶³⁹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 13, c. 298 e c. 304; liv. 18, c. 65 e c. 109.

g) De Génova para Pisa

A partir de Génova dispomos apenas de uma operação de câmbio⁶⁴⁰. No entanto, e dentro do conjunto, ficou em segundo lugar do ponto de vista do valor movimentado, por oposição a Roma que, com três operações, ficou em último lugar de valor movimentado (tabela 3). O dador desta operação, em 1460, foi o agente português Lopo Afonso e Filippo Lomellini o emissor do instrumento financeiro em Génova (720.0.0 florins *di sugello*). Tendo em conta o que sabemos em relação ao agente português, a ser Lopo Afonso ‘avô’, à data desta operação estaria em Lisboa e o seu neto em Pisa. Aqui impunha-se um conhecimento mais detalhado sobre estes agentes portugueses e, sobretudo, sobre as suas redes de negócios. Posteriormente, esta letra foi enviada para a companhia pisana de Francesco di Nerone para ser paga à companhia florentina Rabatta e Cambi, já referida, que, por seu turno, solicitou o pagamento em Siena. Tendo em conta esta modificação na praça, a concretização do pagamento verificou-se através da companhia de Francesco e Carlo Cambini que se encontrava em Siena nessa data a acompanhar a deslocação do Papa Pio II. Perante este registo coloca-se a questão da motivação de tal operação financeira, para a qual não conseguimos uma resposta. Novamente, e reforçando o acima indicado, impõe-se perceber as relações e as motivações para um pagamento entre o agente económico português e a companhia florentina Rabatta e Cambi, bem como com o mercador genovês Filippo Lomellini. Todavia, não deixa de ser um registo que vem contribuir para a imagem cada vez mais nítida, deste mercador português, Lopo Afonso, com ativa e destacada participação nestas redes económicas internacionais.

h) De Nápoles para Pisa

Por último, nestas operações com destino à companhia Neroni em Pisa temos uma operação que, tal como a anterior, foi a terceira do ponto de vista do valor monetário movimentado, por oposição a Roma⁶⁴¹. Em 1456 a companhia pisana de Francesco di

⁶⁴⁰ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 22, c. 73 e c. 77.

⁶⁴¹ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 109 e c. 113.

Nerone pagou uma letra de câmbio a um embaixador português em Itália, Martim Mendes Berredo (704.0.0 florins *di sugello*). Esta letra, por sua vez, fora emitida em Nápoles, pelo agente Filippo del Nero que ali se encontrava, e desconhecemos o dador. Todavia, à semelhança de outros membros desta embaixada portuguesa, como João Fernandes da Silveira, é possível que Martim Mendes Berredo possa ter recorrido a este instrumento financeiro para a sua deslocação entre a cidade napolitana e Pisa. Como vimos anteriormente, em 1455 este embaixador português estava em Nápoles e em 1458 encontrava-se no Sul de França.⁶⁴² Tal como nas letras emitidas de Pisa para Florença, do mesmo período desta de Nápoles a Pisa, podemos estar perante a deslocação de Martim Mendes Berredo por estas cidades italianas.

4.3. Outra operação com câmbio

Antes de finalizarmos este capítulo relativo às operações com recurso a este instrumento financeiro, identificamos uma outra operação que gostávamos de destacar sobretudo pelo facto de ser demonstrativa da versatilidade das letras de câmbio e das redes de negócios que estão na base da circulação das mesmas.

Em 1456, dispomos de um registo de um pagamento ao embaixador português Martim Mendes Berredo, em Nápoles, junto de Filippo del Nero (528.0.0 florins *di sugello*)⁶⁴³. A emissão desta letra de câmbio realizou-se em Lisboa, através do mercador genovês aí estante Marco Lomellini, sendo Martim Mendes Berredo o seu dador. Perante estes dados, estamos perante uma letra utilizada para a deslocação do embaixador português entre Portugal e Itália. Todavia, o destino último desta letra seria Roma e o pagamento nessa cidade estaria a cargo da companhia de Francesco e Carlo Cambini. Ora, a modificação do local de pagamento teve origem numa solicitação de Martim Mendes Berredo, o que implicava a existência de um agente correspondente da companhia Cambini na praça napolitana e Filippo del Nero não o era.⁶⁴⁴ Assim, a

⁶⁴² FARIA, Diogo – *A diplomacia dos reis de Portugal (...)*, 212, 308, 1581n, 544.

⁶⁴³ AS, SNS Pisa, *Libri di Commercio, Nerone e Salviati*, liv. 18, c. 65 e c. 109.

⁶⁴⁴ TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini (...)*, 172 e 227.

presença da companhia Neroni de Pisa no conjunto desta operação de pagamento desta letra de câmbio originária em Lisboa foi na qualidade de facilitadora do pagamento através da sua rede de negócios e, sobretudo, de intermediária da operação no seu segundo momento, ou seja, entre Roma e Nápoles. Um exemplo demonstrativo das relações de confiança que sustentavam estas redes internacionais.

4.4. Considerações finais

Ao longo deste capítulo analisámos um conjunto alargado de operações financeiras complexas que recorreram ao instrumento denominado “letra de câmbio”, tendo por base diversas motivações. Do ponto de vista das companhias comerciais, estas transações reforçam o que a historiografia tem vindo a evidenciar sobre o papel destes mercadores-banqueiros, sobretudo italianos, nestas intrincadas redes financeiras internacionais que interligavam uma grande multiplicidade de praças e de agentes económicos em diferentes funções.

Tanto em número de operações, como em valor monetário transacionado, evidenciaram-se as transações a partir de Pisa, da companhia Neroni no conjunto analisado: 89 registos relativos a letras de câmbio, ou seja, 53,61% da verba total movimentada. Esta maior incidência de valores está, seguramente, associada com o facto de a função de emissão destes instrumentos financeiros ter sido ocupada pela companhia em estudo, o que potencia esta concentração. Por outro lado, quando atentamos nas operações que tiveram a companhia pisana de Francesco di Nerone como destino, a diferença nestas duas variáveis foi pouco significativa: 77 operações, que se traduziram em 46,39% do valor monetário total. Insistimos que a nossa análise incidiu num conjunto muito particular de operações, sobretudo tendo em conta que a nossa finalidade é abordar as relações comerciais e financeiras com o espaço e os agentes ibéricos. No entanto, este conjunto de valores evidencia a ligação que estes agentes ibéricos detinham com a companhia Neroni de Pisa.

Em relação a esta questão dos agentes, ao longo deste capítulo foi possível irmos observando que figuras surgiam, quer como clientes destes instrumentos financeiros,

quer a desempenhar as funções de mercadores-banqueiros. Aqui, importa destacar um aspeto: se a presença de italianos, nas mais distintas praças italianas e internacionais, a desempenharem as funções de emissores e de pagadores das letras de câmbio, nos parece o mais comum⁶⁴⁵, quando olhamos para o espaço ibérico identificamos um conjunto de especificidades, que se relacionam, até, com o que salientámos no capítulo das trocas comerciais. Em cidades de Barcelona e Valência identificámos um claro domínio das relações estabelecidas com mercadores florentinos estantes nessas praças e, sobretudo, agentes-correspondentes da companhia florentina Cambini. Por outro lado, quando analisamos as operações com a praça de Sevilha, o protagonismo pertenceu aos mercadores genoveses presentes na cidade e, na maioria, pertencentes as famílias com uma longa tradição comercial e financeira nessa cidade, como também uma posição elevada na sociedade sevilhana. Por oposição a estas praças ibéricas, os dados relativos a Lisboa identificam uma pluralidade de agentes da comunidade italiana estante em Portugal, com especial evidência para os mercadores florentinos e genoveses: tal como nas anteriores, uma forte presença de correspondentes da companhia Cambini⁶⁴⁶ e um dos mais destacados mercadores da comunidade italiana em Portugal no século XV, o mercador genovês Marco Lomellini. No entanto, a característica diferenciadora da praça portuguesa foi a presença de agentes económicos locais, portugueses, nas funções de emissores e pagadores de letras de câmbio, funções essas geralmente ocupadas pelos mercadores-banqueiros italianos. Esta ideia reforça-se quando atentamos ainda nas letras de câmbio da companhia em estudo com Bruges, já que os pagamentos foram realizados pelo correspondente da companhia florentina Rabatta. Podemos concluir que, tanto na atividade comercial como na financeira, só nas relações económicas estabelecidas com Portugal é que encontramos a presença de

⁶⁴⁵ No *corpus* documental da investigadora Elena Maccioni para Barcelona, o protagonismo foi dos agentes toscanos. MACCIONI, Elena – "Mercato cambiario (...)", 69.

⁶⁴⁶ O banco Cambini era muito próximo dos membros da dinastia de Avis, como é exemplo o referido neste trabalho, o cardeal D. Jaime, filho do Infante D. Pedro e neto do fundador da dinastia. TOGNETTI, Sergio – "«Fra Li Compagni (...)", 52. TOGNETTI, Sergio – "Gli uomini d'affari toscani (...)", 89.

agentes locais e uma presença marcada pela continuidade das operações ao longo dos anos de atividade da companhia Neroni de Pisa.⁶⁴⁷

Lopo Afonso e Lourenço Caldeira foram os agentes económicos portugueses que se evidenciaram nestas operações de câmbio com a companhia Nerone de Pisa, demonstrativas da importância que esta companhia teria nas relações internacionais dos dois portugueses, funcionando como uma plataforma de acesso às importantes redes de comércio e financeiras da época no Mediterrâneo Ocidental. Para além disso, este conjunto de dados leva-nos a questionar sobre qual seria a posição destes dois agentes portugueses no panorama económico de Portugal na segunda metade do século XV. O desempenho de funções de mercador-banqueiro na emissão e no pagamento de letras de câmbio pode ser equacionado ainda de duas formas: a posição que esse agente detinha numa praça financeira do ponto de vista das relações de confiança, seja com quem pretendia fazer uma transferência de verba, seja com outros agentes económicos enquanto correspondente internacional para a execução desses instrumentos; e, sobretudo, na função de pagador de letras de câmbio, soma ainda a necessidade de ser alguém com uma elevada capacidade financeira, tendo em conta que teria de avançar as verbas para o pagamento das operações quando tal era solicitado. Tendo em conta estas similitudes, podemos considerar a hipótese de Lopo Afonso e Lourenço Caldeira ocuparem as mesmas funções de mercadores-banqueiros em Lisboa, a dos mercadores italianos do comércio internacional. Para além da presença destes dois agentes portugueses nestas complexas redes de operações com letras de câmbio, importa destacar um outro aspeto. O facto de dispormos de registos nos quais a companhia pisana de Francesco di Nerone realiza operações financeiras “em nome” de Lopo Afonso e Lourenço Caldeira, e nas quais apenas existiu um saldar de contas através dos livros de contabilidade, leva-nos a refletir se estes dois agentes não teriam algum tipo de contabilidade organizada, dada a complexidade das operações. Dos dois agentes portugueses, a figura de Lopo Afonso parece ser a mais demonstrativa de tais

⁶⁴⁷ No caso das letras de câmbio, temos um agente catalão enquanto emissor, mas foi um exemplo isolado. Ao contrário do que se verificou com os agentes económicos portugueses.

indicadores, tendo em conta a aquisição que realizou de livros mastro (*debitori creditori*), o facto de o seu neto ter estanciado em casa de um mercador toscano⁶⁴⁸, e ainda o termos outras notícias que nos permitem apurar que as suas relações financeiras deste âmbito não se resumiam à companhia pisana de Francesco di Nerone, nem à Toscana⁶⁴⁹.

Além do que já enumerámos, e tendo em conta o padrão de relações do próprio Francesco di Nerone, verificamos que este mercador florentino apenas estabeleceu os seus negócios com figuras de relevo nas praças em que estava inserido, o que poderá ser revelador da posição que estes dois agentes económicos portugueses detinham. Todavia, em relação a estes dois agentes portugueses, Lopo Afonso e Lourenço Caldeira, pouco se sabe sobre estas figuras. A questão sobre quem foram os mercadores portugueses na Baixa Idade Média continua maioritariamente por responder e este tipo de documentação – livros de contas de mercadores florentinos – parece conter importantes novidades.⁶⁵⁰

Quanto aos demais agentes ibéricos identificados nestas operações de câmbios, com destaque para os portugueses, a análise deste tipo de instrumentos permite-nos conhecer as formas de financiamento das embaixadas e clérigos portugueses em Itália, bem como as suas diferentes deslocações, e quais as relações financeiras que estabeleciam com as companhias de mercadores-banqueiros, ou seja, quais os canais internacionais que eram utilizados para as transferências de verbas. Dois dos exemplos mais demonstrativos foram o então bispo de Coimbra, D. João Galvão e o embaixador João Fernandes da Silveira, que recorreram às letras de câmbio com diferentes motivações: para as suas deslocações entre diferentes cidades italianas; para o

⁶⁴⁸ CARDOSO, Ana Clarinda; SEQUEIRA, Joana – “Michele Da Colle's Account Books (...)”, 173.

⁶⁴⁹ Recorde-se aqui a operação que analisamos entre de Génova para Pisa, da qual Lopo Afonso, sem estar na cidade genovesa, fora dador da letra de câmbio.

⁶⁵⁰ Algo já destacado também por Flávio Miranda: MIRANDA, Flávio – *Portugal and the Medieval Atlantic (...), passim*. MIRANDA, Flávio – “Network Takers or Network Makers? The Portuguese Traders in the Medieval West”. In CARACAUSSI, Andrea; JEGGLE, Christof (eds.) – *Commercial networks and European cities, 1400-1800*. London; Brookfield, Vermont: Pickering & Chatto, 2014, 171-186.

pagamento de documentação, no caso do prelado a sua bula do episcopado; e para a aquisição de bens, como as estátuas em mármore do embaixador.

Do ponto de vista da companhia Neroni de Pisa, a análise destas operações financeiras de grande complexidade permite-nos conhecer com maior detalhe de que forma se constituía a sua rede de negócios, identificando os agentes preferenciais, no quais se evidenciou a companhia florentina Cambini e os seus correspondentes em outras cidades, sobretudo nas praças ibéricas, mas também de que forma esta sua rede se articulava em si mesma e entre estes diversos espaços. Dentro deste complexo sistema de redes assentes nestes instrumentos financeiros, importa sublinhar ainda as operações de compensação financeira, demonstrativas das sólidas relações de confiança que existiam entre estes agentes que, com base nesta tipologia de registos e sem circulação monetária, permitiam a regularização de débitos e créditos mesmo estando em espaços geográficos distantes.

Conclusão

A investigação levada a cabo teve como ponto de partida os livros de contas da companhia Neroni de Pisa, pertencente ao mercador florentino Francesco di Nerone. Apesar de os negócios da mesma se desenrolarem em articulação com vários centros de comércio e finanças da Europa de Quatrocentos, a nossa investigação centrou-se nas relações comerciais e financeiras estabelecidas com a Península Ibérica. Os dez livros de contabilidade⁶⁵¹ desta companhia são parte integrante de um dos mais importantes arquivos para a história económica da Europa, o Archivio Salviati, pertencente à família florentina e que se encontra à guarda da Scuola Normale Superiore de Pisa. A construção das nossas bases de dados, levada a cabo durante três estâncias prolongadas no arquivo, conduziu-nos a uma abordagem mais detalhada do tipo de livros de contas que compunham o fundo da companhia. Se, por um lado, contém quatro livros *debitori e creditori*, o mais importante dentro desta tipologia de fontes documentais – os únicos com valor probatório –, por outro lado, possui um conjunto de cadernos de escrita preparatória muito diversificados e interligados entre si através de um sistema de remissão de contas. Estes, com diferentes níveis de informações, permitiram-nos complementar as informações que os *debitori e creditori* não nos proporcionam. A título de exemplo, e como vimos no ponto das exportações de panos de seda para a Península Ibérica, no livro *debitore e creditore* temos apenas a indicação do envio de uma caixa de panos de seda para Lisboa. No entanto, no respetivo livro de *ricordanze* podemos apurar mais pormenores sobre estes panos: quantos foram enviados, que cores tinham e particularidades decorativas.

No segundo capítulo, detivemo-nos um pouco na história de ambas as famílias florentinas diretamente associadas a este fundo documental: a Nerone e a Salviati. Rapidamente percebemos que estamos perante duas importantes famílias da sociedade

⁶⁵¹ Recordamos que o fundo é composto por 12 livros: 10 da companhia Neroni de Pisa, um da companhia Neroni de Florença e um denominado “*Libro rosso com segno de’ Salviati, che si crede segreto di Francesco di Nerone*”.

Florentina do Renascimento. Variados membros de ambas ocuparam cargos de destaque nas diversas instituições de governo da cidade, mantiveram posições políticas relevantes – algumas com desfechos infelizes – e estabeleceram inúmeras alianças matrimoniais com as mais notáveis famílias da oligarquia florentina, sendo os Medici a maior referência. Outro ponto em comum entre os Nerone e os Salviati foi o seu interesse pelos negócios internacionais e pelas principais indústrias florentinas, a par de outros investimentos comerciais e financeiros. Por um lado, no caso dos Nerone, e pensando concretamente na figura de Francesco di Nerone, temos um investimento na indústria dos couros e dos panos de seda. Por outro lado, no caso da família Salviati, verificou-se um interesse na indústria dos lanifícios: importação e transformação da lã, e produção de panos de lã. A união da família Nerone com a família Salviati consumou-se com o casamento de Maddalena Nerone, filha de Francesco, com Averardo Salviati, em 1457. Todavia, do ponto de vista dos negócios, a união destes mercadores-banqueiros já se tinha verificado em 1454 quando Averardo, filho mais novo de Alamanno Salviati, iniciou atividade na companhia comercial de Francesco, como funcionário, num primeiro momento e, mais tarde, enquanto sócio. Estas duas uniões poderiam estar relacionadas com a procura dos Salviati de uma maior exposição dos seus negócios ao comércio internacional, no qual Francesco di Nerone era já detentor de uma grande experiência e, sobretudo, de uma relevante rede de contactos. Do ponto de vista da união familiar, após o casamento, a família Nerone passou a estar inserida no ramo principal da família Salviati, tida, a par dos Medici, como a nova aristocracia de Florença que se formara durante o século XIII, representando uma estratégia de ascensão social e política. De facto, no ano seguinte ao matrimónio da sua filha, Francesco foi nomeado um dos cinco governadores de Pisa, como vimos.

Ainda neste capítulo procurámos explorar, através dos trabalhos já publicados⁶⁵² sobre a atividade comercial e financeira de Francesco di Nerone anterior à companhia em Pisa, como era constituída a sua rede de contactos internacionais. Barcelona

⁶⁵² O tempo disponível para a execução deste projeto e as limitações impostas pela pandemia COVID-19 impossibilitaram-nos de explorar os registos e as fontes que existem para este período anterior à companhia Neroni de Pisa.

evidencia-se como praça de eleição na Península Ibérica, tendo sido a cidade na qual Francesco fundou a sua primeira companhia internacional e onde manteve relações de negócios sólidas e duradouras. Contudo, com o passar dos anos, os seus negócios expandem-se a outras praças ibéricas, como Valência, Sevilha e Lisboa, mas mantendo sempre um ponto em comum: a estreita ligação com os agentes da companhia florentina Cambini que se encontravam estantes nessas mesmas cidades. Em Barcelona, Filippo Pierozzi; em Valência, Bernardo Vai; e em Lisboa, Giovanni Guidetti e Francesco Giuntini; em simultâneo com outros agentes de outras 'nacionalidades'. Em relação a esta questão importa destacar dois casos em especial. O primeiro está relacionado com a forte presença dos mercadores genoveses nos diversos negócios da companhia pisana de Francesco di Nerone e nas diferentes praças ibéricas, sobretudo em Sevilha. No caso de Lisboa, mais do que a comunidade de mercadores genoveses em si, o protagonismo foi para um dos seus membros: Marco Lomellini. O segundo caso diz respeito à presença de agentes portugueses. Como fomos referindo ao longo da dissertação, só nos negócios relacionados com Lisboa, mercadorias ou operações de câmbio é que encontramos a presença de agentes locais em simultâneo com agentes italianos. No caso das outras cidades ibéricas, a atividade da companhia Neroni de Pisa desenrolou-se tendo por base apenas mercadores pertencentes à comunidade de italianos estantes nessas cidades, fossem florentinos, genoveses ou venezianos. De facto, Lisboa e os portugueses surgem como uma exceção na rede internacional de contactos de Francesco di Nerone. Acreditamos que este aspeto em particular tenha mais significado do ponto de vista dos agentes portugueses do que do mercador florentino. Demonstra-nos que na segunda metade do século XV existiam agentes portugueses inseridos em sólidas redes internacionais de negócios, participando nelas de forma contínua, e não em negócios pontuais, assumindo as funções de autênticos mercadores-banqueiros.

O capítulo terceiro incidiu sobre as operações comerciais de mercadorias entre a Península Ibérica e Pisa, começando pela atividade de importação e, depois, a de exportação. Em relação à importação, de uma forma geral, estamos perante um conjunto de produtos muito específicos, já que tinham como principal finalidade fornecer as indústrias florentinas de então: produção de têxteis de lã e seda, e

transformação dos couros. Mais do que isso, foram as indústrias que marcaram a atividades das companhias de Francesco di Nerone e da família Salviati, que estavam unidas por via dos negócios e pelo matrimónio. Como vimos, a importação de couros dominou as relações comerciais com o espaço ibérico, seguida da lã e da seda. Do ponto de vista dos clientes, para além das unidades de produção de Nerone e dos Salviati, identificamos outros clientes também detentores de unidades de produção. O caso dos couros é bastante expressivo, tendo ainda em consideração, como foi analisado, a centralidade de Pisa na indústria curtidora e o facto de ser nesta cidade que Francesco di Nerone possuía uma *concia* (tanaria). Seria interessante fazer um estudo comparativo dos diversos importadores desta matéria-prima para Pisa no século XV para se perceber qual a posição da companhia Neroni em relação aos seus contemporâneos. As operações comerciais, como vimos, não mantiveram uma continuidade ao longo do tempo, tendo até conhecido uma quebra em 1459. Apesar de não termos conseguido apurar o motivo ou motivos que concorreram para esta quebra, pensamos que a mesma pode estar relacionada com uma paragem na relação com os agentes económicos portugueses, já que a quebra de 1459 coincide com uma ausência das operações e mercadorias que chegavam de Lisboa por via de Lopo Afonso e Lourenço Caldeira. Entre 1454 e 1458 estes agentes portugueses estavam em Pisa, e em 1460 sabemos que estavam já em Portugal. O hiato que existe nas operações pode estar relacionado com o período da viagem de regresso a Lisboa de ambos. Todavia, para uma análise mais completa neste ponto impõe-se uma comparação com outras companhias comerciais, florentinas e não só, em atuação no mesmo espaço geográfico, por forma a perceber se esta quebra se deu apenas na companhia Neroni de Pisa, por razões internas, ou se se tratou de um período generalizado de abrandamento dos negócios, fruto de outras circunstâncias.

Do ponto de vista das exportações, o que verificamos é que o seu peso foi bastante reduzido no conjunto das operações comerciais. Questionamo-nos se as mesmas não estariam antes relacionadas com negócios de oportunidade. Tratou-se quase sempre de negócios realizados em sociedade. Assim, o claro protagonismo que as importações tiveram no conjunto da atividade comercial da companhia Neroni

permite-nos caracterizar o seu perfil como fornecedora de matérias-primas essenciais às indústrias florentinas. Acreditamos que a sua fundação se inseria na estratégia seguida por outras companhias florentinas, ao estabelecerem em Pisa sucursais das suas companhias após a conquista da cidade (1406) e a compra da cidade portuária de Livorno (1421), momentos que representaram a obtenção de uma plataforma marítima e uma posição estratégica no comércio internacional para Florença.

Em paralelo com a atividade comercial, a companhia Neroni de Pisa dedicou-se a uma intensa atividade financeira, na qual se evidenciaram as operações com letras de câmbio, que analisámos no capítulo quatro. Este foi dos pontos mais desafiantes do nosso trabalho de investigação pois, como vimos, não dispomos das letras de câmbio propriamente ditas. O trabalho com registos indiretos deste instrumento financeiro, o processo de reconstrução das operações a que deram origem nos livros de contas e a impossibilidade de cruzar com outros arquivos, como o arquivo da companhia Cambini, foram algumas das dificuldades. Contudo, este ponto não podia ficar excluído da dissertação. Em primeiro lugar, a caracterização da companhia Neroni de Pisa ficaria incompleta, pois a sua atividade desenvolveu-se muito além dos negócios de importação e exportação de mercadorias de e para o espaço ibérico: a perspetiva, mesmo que parcial, do nosso estudo, concentrada no espaço e agentes ibéricos, é demonstrativa de uma atividade financeira regular e bem articulada com outras praças e cidades na Península Ibérica e fora dela, assente numa rede de contactos sólida e heterogénea. As operações de câmbio revelaram um maior potencial para o conhecimento desta rede, das relações de confiança existentes entre os diferentes agentes e companhias mercantis. Mas ao mesmo tempo, tendo em conta o que já referimos relativamente aos agentes portugueses, a elaboração deste ponto e o estudo deste instrumento financeiro trouxeram-nos mais questões do que aquelas que tínhamos no início. As operações de câmbio de que dispomos com Lopo Afonso e Lourenço Caldeira, sobretudo as que decorrem já com ambos regressados a Lisboa, parecem deixar poucas dúvidas quanto à sua inserção nestes circuitos internacionais. Se, considerando apenas as operações de comércio, estes dois agentes portugueses parecem ir ao encontro da figura do “cavaleiro-mercador” defendida por Vitorino

Magalhães Godinho⁶⁵³, quando analisamos as operações de câmbio a imagem dos mesmos reveste-se das características em tudo semelhantes à dos mercadores-banqueiros italianos. Ainda tendo em consideração as personagens, estes registos mostraram-nos que a companhia Neroni de Pisa foi a instituição bancária preferencial de vários clérigos, estudantes e embaixadores portugueses que circulavam entre as diversas cidades da Península Itálica desse período, sendo D. João Galvão e os embaixadores João Fernandes da Silveira e Martim Mendes Berredo os exemplos mais demonstrativos.

Para além da importância inegável que possuem para a história económica europeia dos finais da Idade Média, os livros de contas de companhias comerciais italianas e o estudo das redes internacionais de comércio revelam um importante potencial para uma ampliação do conhecimento sobre a presença, as funções, os circuitos, os valores monetários e os produtos dos agentes económicos portugueses: mercadores, “cavaleiros-mercadores”, patrões de embarcação, clientes, banqueiros⁶⁵⁴.

⁶⁵³ GODINHO, Vitorino Magalhães – *Os Descobrimentos (...)*, 51-62. Tese defendida pelo autor em primeiro lugar em: GODINHO, Vitorino Magalhães – *A Estrutura (...)*, 103.

⁶⁵⁴ MIRANDA, Flávio – “Portuguese Traders (...)”, 129. CARDOSO, Ana Clarinda – “Redes comerciais (...)”, 29. FONSECA, Luís Adão da – “O Porto nas Rotas do Mediterrâneo Ocidental (vésperas da época moderna)”. *Revista de História*, 3 (1980) 131. MACCIONI, Elena – “Mercato cambiario (...)”, 61-86.

Fontes citadas e consultadas

Achivio Salviati, Scuola Normale Superiore di Pisa, *Libri di Commercio, Francesco Neroni e Averardo di Alamanno Salviati di Banco in Pisa*, liv. 6 e 13-22;

Achivio Salviati, Scuola Normale Superiore di Pisa, *Libri di Commercio, Da Colle e Salviati Giovanni Da Colle e Averardo di Alamanno Salviati di Banco in Lisbona*, liv. 8;

Arquivo Municipal de Lisboa – Arquivo Histórico, *Chancelaria Régia, Livro 1º de contratos*, doc. 6 e 6 A.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 1, fl. 18v, fl. 97v-98; liv. 4, fl. 36v; liv. 10, fl. 104v; liv. 11, fl. 81v; liv. 28, fl. 54v, 69v; liv. 34, fl. 101;

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Mosteiro de São Marcos de Coimbra, [Em linha]. [Consult. 17 de janeiro de 2022]. Disponível em: <http://digitalq.arquivos.pt/details?id=1459211>

Bibliografia citada e consultada

ABULAFIA, David – *The Great Sea. A Human History of the Mediterranea*. London: Penguin Books, 2012;

AGATI, Maria Luisa – *Il Libro manoscritto. Introduzione alla codicologia*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2003;

AIT, Ivana – "Mercanti a Roma fra XV e XVI secolo: interessi economici e legami familiari". In TANZINI, Lorenzo; TOGNETTI, Sergio (eds.) – *Il governo dell'economia. Italia e Penisola Iberica nel basso Medioevo*. Roma: Viella, 2014, 59-77;

AIT, Ivana – "Aspetti dell'attività mercantile-finanziaria della compagnia di Ambrogio Spannocchi a Roma (1445-1478)". *Bollettino Senese di Storia Patria*, CXIII (2007), 91-129;

ALESSANDRINI, Nunziatella; DUARTE, Luís Miguel – "Porquê os Pessagno? Novos dados para o conhecimento desta família genovesa". In *O mar como futuro de Portugal (c. 1223 - c. 1448): a propósito da contratação de Manuel Pessanha como Almirante por D. Dinis*. Actas do XV Simpósio de História Marítima. Lisboa: Academia de Marinha, 2017, 35-48;

ALESSANDRINI, Nunziatella – "A comunidade florentina em Lisboa (1481-1557)". *Clio - Nova Série*, 9 (2003), 63-87;

ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*. Vol. I. Porto: Portucalense Editora, 1967;

ALMEIDA, J. C. Moitinho de – *O contrato de seguro no direito português e comparado*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1971;

AMMANNATI, Francesco – *Per filo e per segno. L'Arte della Lana a Firenze nel Cinquecento*. Firenze: Firenze University Press, 2020;

AMMANNATI, Francesco - "Intermediari del lavoro nell'Arte della lana in Toscana tra basso medioevo e prima età moderna". *Storia Economica* (2019) 69-92;

ANATRA, Bruno – "Il sale nel Mediterraneo bassomedievale". *Studi Storici*, 22: 3 (1981) 571-580;

ANSELMO, Artur – *História da Edição em Portugal*. Vol. I. Porto: Lello & Irmão Editores, 1991;

ANSELMO, Artur – *Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981;

ANTINORI, Carlo – “La Contabilità pratica prima di Luca Pacioli: origine della partita doppia”. *De Computis. Revista Española de Historia de la Contabilidad*, 1 (2004), 4- 23;

ANTONI, Tito – “I costi industriali di un’azienda conciaria della fine del Trecento (1384-1388)”. *Bollettino storico pisano*, 42 (1973) 9-52;

Archivio Salviati. Documenti sui beni immobiliari dei Salviati: palazzi, ville, feudi. Piante del territorio. Scuola Normale Superiore, Pisa, 1987;

ASENJO GONZÁLEZ, Maria – “El comercio: actividad económica y dinámica social en las plazas y mercados de Castilla, siglos XIII-XV”. *Cuadernos del CEMYR*, 9 (2001) 97-134;

ASTE, Elena Cecchi – *Di mio nome e segno. ‘Marche’ di mercanti nel carteggio Datini (secc. XIV-XV)*. Prato: Istituto di studi storici postali, 2010;

BANDEIRA, Ana Maria Leitão – *Pergaminho e Papel em Portugal: tradição e conservação*. Lisboa: CELPA, 1995;

BARATA, Filipe Themudo – *Navegação, comércio e relações políticas: os portugueses no Mediterrâneo Ocidental (1385-1466)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998;

BARATA, Filipe Themudo – “Os fretes marítimos: de negócio a política do reino”. *Revista Portuguesa de História*, vol. 31, nº 1 (1996) 297-329;

BARCELÓ CRESPI, Maria; CALDERÓN MEDINA, Inés – “«Oriundi Regni Portugalis». Portugueses en Mallorca al final de la Edad Media”. *Medievalismo*, 20 (2019) 43-69;

BARROCA, Mário – “Medidas-padrão medievais portuguesas”. *Revista da Faculdade de Letras – História*, 9 (1992), 53-85;

BARROS, Amândio – “O contrato de fretamento de navios entre os tempos medievais e modernos – breves notas de investigação”. *População e Sociedade*, 31 (2019) 165-179;

- BARROS, Amândio – *Porto: a construção de um espaço marítimo nos alvares dos tempos modernos*. Porto: Universidade do Porto, 2004. Dissertação de Doutoramento;
- BARROS, Amândio – "Barcos, Banqueiros e Cativos. Os portuenses e o Mediterrâneo nos séculos XV e XVI". In FONSECA, Luís Adão da; CADEDDU, Maria Eugenia (ed.) *Portogallo mediterraneo*. Cagliari: Consiglio Nazionale delle Ricerche, 2001, 259-295;
- BARROS, Amândio – "A Preparação das Armadas no Portugal de Finais da Idade Média. *Revista da Faculdade de Letras - História*, 7 (1990) 101-132;
- BARROS, Amândio – "São Pedro de Miragaia: uma confraria de gentes do mar do Porto no século XV". In *Bartolomeu Dias e a sua época*. Actas do Congresso. Vol. IV. Porto: Universidade do Porto, 1989, 301-310;
- BARROS, Henrique da Gama – *História da administração pública em Portugal séculos XII a XV*. T. IX e X, 2 ed. Lisboa: Sá da Costa, imp. 1945;
- BATLLE GALLART, Carmen – "Una família barcelonesa: los Toró". *Annals de l'Institut d'Estudis Gironins* (1974) 203-210;
- BEC, Christian – *Les marchands écrivains Affaires et humanisme à Florence 1375–1434*. 1ª ed. 1967, De Gruyter Mouton; Auflage, 2016;
- BEL, Adrian R.; BROOKS, Chris; MOORE, Tony K. – "Cambium non est mutuum: exchange and interest rates in medieval Europe". *The Economic History Review* (2016) 1-24;
- BELLO LEÓN, Juan Manuel – "¿Quiénes eran los mercaderes en Sevilla a finales de la Edad Media?". in SOLÓRZANO TELECHEA, Jesús Ángel; BOCHACA, Michel; ANDRADE, Amélia Aguiar (coord.) – *Gentes de mar en la ciudad atlántica medieval*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2012, 249-274;
- BENIGNI, Paola (coord.) – *Palazzo Neroni a Firenze: storia, architettura, restauro*. Firenze: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, Sovrintendenza Archivistica per la Toscana, 1996;
- BERTI, Marcello – "Commercio all'ingrosso e al minuto dei panni di lana a Pisa nei primi decenni della dominazione fiorentina". In *Lana, Panni e Strumenti Contabili nella*

Toscana Bassomedievale e della prima Età Moderna. Lucca: Istituto Storico Lucchese, 2000, 49-118;

BERTI, Marcello – "L'Industria Pisana agli inizi del Trecento". In *Lana, Panni e Strumenti Contabili nella Toscana Bassomedievale e della prima Età Moderna*. Lucca: Istituto Storico Lucchese, 2000, 15-30;

BERTI, Marcello – "Organizzazione produttiva, Tecnologia e Contabilità nelle Aziende Laniere in Toscana (secoli XIV-XVI)". In *Lana, Panni e Strumenti Contabili nella Toscana Bassomedievale e della prima Età Moderna*. Lucca: Istituto Storico Lucchese, 2000, 31-48;

BERTI, Marcello – "Registri atipici e registrazioni contabili atipiche nelle aziende commerciali (secoli XIV-XVIII)". In *Lana, Panni e Strumenti Contabili nella Toscana Bassomedievale e della prima Età Moderna*. Lucca: Istituto Storico Lucchese, 2000, 119-139;

BERTI, Marcello – "Le aziende da Colle: una finestra sulle relazioni commerciali tra la Toscana ed il Portogallo a metà del Quattrocento". In *Toscana e Portogallo: Miscellanea Storica nel 650° anniversario dello Studio Generale di Pisa*. Pisa: Edizione ETS, 1994, 57-106;

BERTI, Marcello – "Economia Marittima e Assicurazione a Pisa nella prima metà del Trecento". In *Aspetti della vita economica medievale, Atti del Convegno di Studi nel X anniversario della morte di Federigo Melis* (Firenze-Pisa-Prato, 10-14 marzo 1984). Firenze: Università di Firenze, 1985, 413-422;

BESTA, Fabio – *La Ragioneria*. Venezia, 1891-1910;

BLOCH, Marc – *Esquisse d'une histoire monétaire de l'Europe*. Paris: Librairie Armand Colin, 1954;

BLOCKMANS, Wim; KROM, Mikhail; WUBS-MROZEWICZ, Justyna – "Maritime Trade Around Europe 1300-1600. Commercial networks and urban autonomy". In BLOCKMANS, Wim; KROM, Mikhail; WUBS-MROZEWICZ, Justyna (eds.) – *The Routledge*

Handbook of Maritime Trade Around Europe, 1300-1600. New York: Routledge, 2017, 1-14;

BLOCKMANS, Wim – "L'unification européenne par les circuits portuaires". In ANDRADE, Amélia Aguiar; DA COSTA, Adelaide Millán (eds.) – *La ville médiévale en débat*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2013, 133-144;

BOCHACA, Michel – "Del Mediterráneo al Atlántico: parla y representaciones marineras en la primera mitad del siglo XV". *Cuadernos del CEMYR*, 22 (2014) 109-131;

BOITEUX, L. A. – *La fortune de mer: le besoin de sécurité et les débuts de l'assurance maritime*. Paris: S.E.V.E.N., 1698;

BOLTON, Jim; GUIDI-BRUSCOLI, Francesco - "«Your flexible friend»: the bill of exchange in theory and practice in the fifteenth century". *Economic History Review* (2021), 1-19;

BORDES GARCIA, José; SOLDANI, Maria Elisa – "Il commercio della lana di 'San Mateo' nella Toscana del Quattrocento: le dogane di Pisa". *Archivio Storico Italiano*, Vol. 165, 4 (2007), 635-664;

BORGIA, Luigi – "Notizie storiche, genealogie, insegne araldiche delle famiglie proprietarie del palazzo Neroni". In *Palazzo Neroni a Firenze: storia, architettura, restauro*. Firenze: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, Soprintendenza Archivistica per la Toscana, 1996, 75-79;

BOSCHETTO, Luca – "Tra Firenze e Napoli. Nuove testimonianze sul mercante-umanista Benedetto Cotrugli e sul «Libro dell'arte di mercatura»". *Archivio Storico Italiano*, 163 (2005) 687-715;

BOTÃO, Maria de Fátima – *A construção de uma identidade urbana no Algarve medieval. O caso de Loulé*. Casal de Cambra: Editora Caleidoscópio, 2009;

BRATCHEL, M. E. – *Medieval Lucca and the evolution of the Renaissance state*. New York: Oxford University Press, 2008;

BRAUDEL, Fernand – *O Modelo Italiano*. Lisboa: Teorema, 1997;

BRAUDEL, Fernand – *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*. 2 vols, Lisboa: Dom Quixote, 1995;

BRAUDEL, Fernand – *Civilização material, Economia e Capitalismo. Séculos XV-XVIII. Os Jogos das Trocas*, Vol. II. Lisboa: Teorema, 1979;

CÁCERES MILLÁN, Sandra – “El comercio de grano en la Valencia de principios del siglo XV: áreas de control y de influencia en el espacio rural y más allá de sus fronteras”. In NAVARRO ESPINACH, Germán; VILLANUEVA MORTE, Concepción (eds.) – *Industrias y Mercados rurales en los reinos hispánicos (siglos XIII-XV)*. Murcia: Sociedad Española de Estudios Medievales, 2017, 259-272;

CÁCERES NEVOT, Juanjo – “Un análisis de contabilidad comercial del siglo XV: el libro de cuentas de Joan Gasull, mercader de Barcelona”. *Studium: Revista de humanidades*, 17 (2011) 39-63;

CARACAUSSI, Andrea; JEGGLE Christof (eds.) – *Commercial networks and European cities, 1400-1800*. London; Brookfield, Vermont: Pickering & Chatto, 2014;

CARDON, Dominique – *Le monde des teintures naturelles*. Paris: Belin, 2003;

CARDON, Dominique – “Du «verme cremexe» au «veluto chremesino» une filière vénitienne du Cramoisi au XVe siècle”. In MOLÀ, Luca; MUELLER, Reinhold C.; ZANIER, Claudio (eds.) – *La seta in Italia dal Medioevo al Seicento. Dal Baco al drappo*. Veneza: Marsilio, 2000, 63-73;

CARDOSO, Ana Clarinda – “Redes comerciais entre Itália e a Península Ibérica: Fretes marítimos da Companhia Nerone-Salviati, 1454-1461”. *Ler História* (2020) 9-23;

CARDOSO, Ana Clarinda; SEQUEIRA, Joana – “Michele da Colle’s account books (1462-63): the first example of double entry in Portugal?”. *De Computis - Revista Española de Historia de la Contabilidad*, 17 (2020) 158-190;

CARDOSO, Ana Clarinda – *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (1462-63): do registo contabilístico à atividade comercial e financeira na praça de Lisboa*. Porto: Universidade do Porto, 2016. Dissertação de Mestrado;

CARIÑENA BALAGUER, Rafael; DÍAZ BORRÁS, Andrés – "La Colonia Genovesa en Valencia durante la Guerra Civil Catalana: el secuestro de sus bienes en 1472". *Anuario de estudios medievales*, 24 (1994) 131-154;

CARLOMAGNO, Antonio – *Il Banco Salviati di Pisa: commercio e finanza di una compagnia fiorentina tra il 1438 e il 1489*. Tomo I e II. Pisa: Universidade de Pisa, 2009. Dissertação de Doutoramento;

CARRÈRE, Claude – "La draperie en Catalogne et en Aragon au XVe siècle". In SPALLANZANI, Marco (ed.) – *Produzione, Commercio e Consumo dei Panni di Lana (nei secoli XII-XVIII)*. Firenze: Leo S. Olschki, 1976, 475-509;

CARRÈRE, Claude – "Aspects de la production et du commerce de la laine en Aragon au Milieu du XVe siècle". In SPALLANZANI, Marco (ed.) – *La lana come materia prima, i fenomeni della sua produzione e circolazione nei secoli XIII-XVII*. Firenze: Leo S. Olschki, 1974, 205-219;

CARRÈRE, Claude – *Barcelone, centre économique à l'époque des difficultés. 1380-1462*. Paris: Mouton & Co., 1962,

CASADO ALONSO, Hilario – "Comercio internacional y seguros marítimos en Burgos en la época de los Reyes Católicos". In *Bartolomeu Dias e a sua época*. Actas do Congresso. Porto: Universidade do Porto, 1989, 585-608;

CASINI, Bruno – "'Operatori economici stranieri a Pisa all'indomani della dominazione fiorentina (1406-1416)". DE ROSA, Luigi (ed.) – *Studi in memoria di Federigo Melis*, vol. III. Napoli: Giannini Editore, 1978, 193-243;

CASINI, Bruno – "Bilancio patrimoniale del coiaio Iacopo di Corbino". In CIPOLLA, Carlo M.; LOPEZ, Roberto Sabatino (eds.) – *Fatti e idee di storia economica nei secoli XII-XX. Studi dedicati a Franco Borlandi*. Bologna: Il Mulino, 1976, 169-196;

CASINI, Bruno – *Aspetti della vita economica e sociale di Pisa dal catasto del 1428-1429*. Livorno: S.E.I.T., 1965;

CASSANDRO, Michele – "La contabilità bancaria (XIII-XIV sec.)". In CAVACIOCCHI, Siminetta (ed.) – *L'Impresa, industria, commercio, banca. Secc. XIII-XVIII*. Atti della Ventiduesima Settimana di Studi. Prato: Le Monnier: 1991, 197-242;

CASSANDRO, Michele – *Il Libro giallo di Ginevra della compagnia fiorentina di Antonio della Casa e Simone Guadagni. 1453-1454*. Prato: Casa Editrice Le Monnier Fondazione Istituto Internazionale di Storia Economica F. Datini, 1976;

CECCARELLI, Giovanni – "Stime senza probabilità: assicurazione e rischio nella Firenze rinascimentale". *Quaderni Storici*, 135: 3 (2010) 651-701;

CECCARELLI, Giovanni – "Dalla Compagnia medievale alle Compagnie assicuratrici: famiglie mercantili e mercati assicurativi in una prospettiva europea (secc. XV-XVIII)". In CAVACIOCCHI, Simonetta (ed.) – *La famiglia nell'economia europea, secc. XIII-XVIII*. Atti della Quarantesima settimana di studi, 6-10 aprile 2008. Firenze: Firenze University Press, 2009, 389-408;

CECCARELLI, Giovanni – "Tra solvibilità economica e status politico: il mercato delle assicurazioni marittime a Firenze (secc. XIV-XV)". In *Politiche del credito. Investimento, consumo, solidarietà*. Atti del Congresso internazionale. Asti: Arti grafiche TSG, 2004, 191-221;

CHILDS, Wendy R. – *Trade and Shipping in the Medieval West: Portugal, Castile and England*. Porto: Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, 2013.

CIANO, Cesare – "Sulla rotta di Valencia nel 1444". *Bollettino Storico Pisano*, XLIV-XLV (1975-1976) 141-155;

CIULICH, Lucilla Bardeschi – "Michelangelo e il Banco Salviati di Pisa". *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. Classe di Lettere e Filosofia*. Serie III, Vol. 23, No. 3/4 (1993), 1041-1128;

COCA CASTAÑER, José Enrique López de – "Las galeras venecianas de Poniente y Berbería desde la perspectiva española". *Medievalismo: Boletín de la Sociedad Española de Estudios Medievales*, 16 (2006) 113-172;

- COCA CASTAÑER, José Enrique López de – "Granada y la expansión portuguesa en el Magreb extremo". *Historia. Instituciones. Documentos*, 25 (1998) 351-368;
- COLESANTI, Gemma Teresa – *Una mujer de negocios catalana en la Sicilia del siglo XV*. Caterina Llull i Sabastida: estudio y edición de su libro maestro, 1472-1479. Barcelona: Institución Milá y Fontanals (CSIC), 2008;
- CÓRDOBA DE LA LLAVE, Ricardo – *La industria medieval de Córdoba*. Córdoba: Caja Provincial de Ahorros de Cordoba, 1990;
- COSTA, António Domingues de Sousa – *Portugueses no Colégio de S. Clemente e Universidade de Bolonha durante o século XV*. Bolonha: Real Colegio de España, 1990;
- COSTA, M. Gonçalves da – *História do Bispado e da Cidade de Lamego*. Vol. I, Braga: Of. Gráf. Barbosa & Xavier, 1977;
- COSTA, Manuela Pinto – "Glossário de termos têxteis e afins". *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património*, III (2004), 137-171;
- COSTA-GOMES, Rita – *A Portuguese abbot in Renaissance Florence. The letter collection of Gomes Eanes (1415-1463)*. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 2017;
- COSTA-GOMES, Rita – "Between Pisa and Porto: Afonso Eanes, merchant of the king of Portugal (1426-1440)". In *From Florence to the Mediterranean and beyond*. Firenze: Olschki Editore, 2009, 235-248;
- COTRUGLI, Benedetto – *Della mercatura e del mercante perfetto (1458)*. Veneza: Elefanta, publicado em 1573;
- COULON, Damien – "Galeras de líneas de navegación en el gran comercio catalán a mediados del siglo XV. ¿Mito o realidad?". In GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl (ed.) – *Navegación Institucional Y Navegación Privada Mediterráneo*. La Nao. Alhulia, Salobreña, 2016, 193-215;
- CRUSELLES GOMEZ, Enrique – *Los comerciantes valencianos del siglo XV y sus libros de cuentas*. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I, 2007;

CRUSELLES GÓMEZ, Enrique – *Los mercaderes de Valencia en la edad media (1380-1450)*. Lleida: Editorial Milenio, 2001;

CRUSELLES Enrique – "La organización del transporte marítimo en la Valencia de la primera mitad del siglo XV". *Anuario de Estudios Medievales*, 1 (1994) 155-177;

DAMAS, Judite Maria Calado – *Italianos em Portugal nos séculos XIII a XV (1278-1460). Elementos para o seu estudo*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1971. Dissertação de Licenciatura;

D'ARIENZO, Luisa – *La presenza italiana in Spagna al tempo di Colombo*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 2010;

D'ARIENZO, Luisa – *La presenza degli italiani in Portogallo al tempo di Colombo*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 2003;

D'ARIENZO, Luisa – "La lettera Toscanelli- Martins e i Mercanti Fiorentini: la cultura toscana nel Portogallo delle Scoperte". In *Toscana e Portogallo. Miscellanea storica nel 650º anniversario dello Studio Generale di Pisa*. Pisa: Edizione ETS, 1994, 11-55;

D'ARIENZO, Luisa – "La società Marchioni-Berardi tra Portogallo e Spagna nell'età di Cristoforo Colombo". *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol. IV. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990, 1465-1481;

D'ARIENZO, Valdo – *Siciliani nell'Algarve: privilegi reali e prassi mercantile nell'Atlantico Portoghese*. Palermo: Sellerio, 1990;

DE LA FUENTE, Isabel – "La producció d'un argenter barceloní a través del seu llibre de comptabilitat: Miquel Bofill (1450-1460)". *D'art*, 23 (1997) 207-229;

DE LA TORRE GONZALO, Sandra – "Elites Financieras y Mercantiles de Zaragoza en el primer tercio del siglo XV (1380-1430)". In LALIENA CORBERA, Carlos; LAFUENTE GÓMEZ, Mario (eds.) – *Una Economía Integrada, Comercio, Instituciones y Mercados en Aragón, 1300-1500*. Zaragoza: Grupo C.E.M.A, 2012, 409-434;

DE ROOVER, Florence Edler – *L'Arte della Seta a Firenze nei secoli XIV e XV*. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1999;

DE ROOVER, Florence Edler – "Andrea Banchi setaiolo fiorentino del Quattrocento". *Archivio Storico Italiano*, Vol. 150, No. 4 (1992) 877-963;

DE ROOVER, Florence Elder – "Le voyage de Girolamo Strozzi de Pise à Bruges et retour à bord de la galère bourguignonne «San Giorgio»". *Annales de la Société d'Emulation de Bruges* (1954), 91-124;

DE ROOVER, Florence Edler – "Early Examples of Marine Insurance". *The Journal of Economic History*, Vol. 5, No. 2 (1945), 172-200;

DE ROOVER, Raymond – *Il Banco Medici. Dalle origini al declinio*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1970. (primeira edição é de 1948 e foi publicada, em inglês, pela New York University Press);

DE ROOVER, Raymond – "The Story of the Alberti Company of Florence, 1302 - 1348, as Revealed in Its Account Books". *The Business History Review*, Vol. 32, No. 1 (1958) 14-59;

DE ROOVER, Raymond – "The Development of Accounting Prior to Luca Pacioli According to the Account-books of Medieval Merchants". In *Studies in the History of Accounting*. Illinois: American Accounting Association, 1956, 114-174;

DE ROOVER, Raymond – *L'évolution de la Lettre de Change, XIVe-XVIIIe siècles*. Paris: École Pratique des Hautes Études - VIe section, Centre de Recherches Historiques, 1953;

DE ROOVER, Raymond – "Anvers comme marché monétaire au XVI siècle". *Revue belge de philologie et d'histoire*, 31: 4 (1953), 1003-1047;

DE ROOVER, Raymond – *Money, Banking and Credit in Medieval Bruges*. Cambridge: The Medieval Academy of America, 1948;

DE ROOVER, Raymond – "The Medici Bank Organization and Management". *The Journal of Economic History*, Vol. 6, No. 1, (1946) 24-52;

DE ROOVER, Raymond – "Aux origines d'une technique intellectuelle: la formation et l'expansion de la comptabilité à partie double". *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, (1937), 171-193 e 270-298;

DEL TREPPO, Mario – *I Mercanti Catalani e l'Espansione della Corona d'Aragona nel secolo XV*. Napoli: L'Arte tipografica, 1972;

DELGADO DE MOLINA, Rafael Conde y – "La letra de cambio en el sistema financiero de Alfonso el Magnanimo". In *La Corona d'Aragona in Italia (secc. XIII-XVIII)*. XIV Congresso di Storia della Corona d'Aragona, vol. III (1990) 257-269;

Della Decima e delle altre gravezze. Contenente la Pratica della mercatura scritta da Giovanni di Antonio da Uzzano nel 1442. Vol. IV. Lisbona e Lucca: Giuseppe Bouchard librajo francese in Firenze, 1766;

DIACCIATI, Silvia; FAINI, Enrico; TANZINI, Lorenzo; TOGNETTI, Sergio (eds.) – *Comme un arbre en fleurs. Florence entre Moyen Âge et Renaissance*. Grenoble: UGA Éditions, 2019;

Dicionário dos Italianos Estantes em Portugal. [em linha]. [Consultado a 20 de junho de 2016]. Disponível em: <http://www.catedra-alberto-benveniste.org/dic-italianos.asp>.

DINI, Bruno – "I battilori fiorentini nel Quattrocento". In *Manifattura, commercio e banca nella Firenze medievale*. Firenze: Nardini Editore, 2001, 48-49;

DINI, Bruno – "Mercati e piazze bancarie nel Mediterraneo e in Europa nei secoli XIV-XVI: presenze e strategie degli operatori economici fiorentini". In *Manifattura, commercio e banca nella Firenze medievale*. Firenze: Nardini Editore, 2001, 15-42;

DINI, Bruno – *Manifattura, commercio e banca nella Firenze medievale*. Firenze: Nardini Editore, 2001;

DINI, Bruno – "Il commercio dei cuoi e delle pelli nel Mediterraneo nel XIV secolo". In GENSINI, Sergio (ed.) – *Toscana: produzione e mercato nel tardo medioevo e nell'età moderna*. Pisa: Pacini Editore, 1999, 71-91;

DINI, Bruno – "L'industria serica in Italia. Secc. XIII-XV". In CAVACIOCCHI, Simonetta (ed.) – *La seta in Europa: Sec. 13.-20*. Atti della ventiquattresima settimana di studi 4-9 maggio 1992. Prato: Istituto Internazionale di storia economica "F. Datini", 1993, 91-124;

DINI, F. – "Le cartiere in Colle di Valdelsa". In *Carte e Cartiere a Colle*. Firenze: Tipografia Baccini e Chiappi, 1982, 69-119;

DINI, F. – "Le cartiere in Colle e la famiglia Morozzini, Notizie". In *Carte e Cartiere a Colle*. Firenze: Tipografia Baccini e Chiappi, 1982, 3-15;

DOMINGUEZ, Rodrigo da Costa – *Mercadores e banqueiros: sociedade e economia no Portugal dos séculos XIV e XV*. Brasília: Interlândia, 2009;

DUARTE, Luís Miguel – "Zaccaria, Pessagno, Bocanegra: os almirantes genoveses nos primórdios das marinhas de guerra de Castela, Franca e Portugal". In GALLINARI, Luciano, (ed.) – *Genova. Una "porta" del Mediterraneo*. Génova: Istituto di Storia dell'Europa mediterranea, 2005, 259-294;

DUARTE, Luís Miguel – "Os Genoveses: a chegada de Manuel Pessanha". In BARATA, Manuel Themudo; e TEIXEIRA, Nuno Severiano (eds.) – *Nova História Militar de Portugal*. Vol. I, Lisboa: Círculo de Leitores, 2003, 299-302;

DUARTE, Luís Miguel - "Súbditos da coroa de Aragão em Portugal no séc. 15: comércio e segurança: algumas notas". *História - Revista da Faculdade de Letras*, série II, vol. 7, (1990) 71-84;

EDLER, Florence – *Glossary of Mediaeval Terms of Business*. Italian Series, 1200-1600. Cambridge/Massachusetts: The Mediaeval Academy of America, 1934;

ELBL, Ivana – "Nation, Bolsa, and Factory: Three Institutions of Late-Medieval Portuguese Trade with Flanders". *The International History Review*, Vol. 14, No. 1 (1992), 1-22;

ESCH, Arnold; ESCH, Doris – "L'importazione di maioliche ispano-moresche nella Roma del primo Rinascimento nei registri doganali 1444-1483". *Faenza: bollettino del Museo internazionale delle ceramiche in Faenza* (2014) 9-27;

FABBRI, Lorenzo – *Alleanza matrimoniale e Patriziato nella Firenze del '400. Studio sulla famiglia Strozzi*. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1991;

FÁBREGAS GARCÍA, Adela – "Colaboradores necesarios. Comerciantes nazaríes y mercaderes extranjeros en el reino nazarí de Granada". *eHumanista*, 38 (2018) 116-130;

FÁBREGAS GARCÍA, Adela – "Las industrias y los mercados rurales en el Reino de Granada". In NAVARRO ESPINACH, Germán; VILLANUEVA MORTE, Concepción (eds.) –

Industrias y Mercados rurales en los reinos hispánicos (siglos XIII-XV). Murcia: Sociedad Española de Estudios Medievales, 2017, 63-92;

FÁBREGAS GARCÍA, Adela – “La integración del reino nazarí de Granada en el espacio comercial europeo (siglos XIII-XV)”. *Investigaciones de Historia Económica. Asociación Española de Historia Económica*, vol. 2 (2006) 11-40;

FÁBREGAS GARCÍA, Adela – *La familia Spinola en el reino nazarí de Granada. Contabilidad privada de Francesco Spinola (1451-1457)*. Granada: THARG, 2004;

FÁBREGAS GARCÍA, Adela – *Un mercader genovés en el reino de Granada. El libro de cuentas de Agostino Spinola (1441-1447)*. Granada: Universidad de Granada, 2002;

FARELO, Mário – “Lisboa numa rede latina? Os escolares em movimento”. In FERNANDES, Hermenegildo (ed.) – *A universidade medieval em Lisboa, séculos XIII-XVI*. Lisboa: Tinta da China, 2017, p. 237-265.

FARIA, Diogo – *A diplomacia dos reis de Portugal no final da Idade Média (1433-1495)*. Porto: Universidade do Porto, 2021. Dissertação de Doutoramento;

FARIA, Tiago Viúla de; MIRANDA, Flávio – “'Pur Bone Alliance et Amiste Faire': Diplomacia e Comércio entre Portugal e Inglaterra no final da Idade Média”. *CEM, Revista do CITCEM*, 1 (2010), 109-127.

FELICI, Andrea – “Parole di marmo. Identità versiliese nei documenti di Michelangelo per la fabbrica di San Lorenzo”. In BURNS, Howard; MUSSOLIN, Mauro (eds.) – *Architettura e Identità Locali*. Vol. II. Florença: Leo S. Olschki Editore, 2013, 605-626;

FERNANDES, Hermenegildo (coord.) – *A Universidade Medieval em Lisboa, séculos XIII-XVI*. Lisboa: Tinta da China, 2013;

FERRANTE, Gennaro – “Poesia come “memoria” e “politica” nel florilegio di sonetti del Libro di Luigi Peruzzi”. In MALATO, Enrico; MAZZUCCHI, Andrea (eds.) – *Antologie d'autore. La tradizione dei florilegi nella Letteratura Italiana*. Roma: Salerno Editore, 2016, 491-521;

FERREIRA PRIEGUE, Elisa – *Galicia en el comercio marítimo medieval*. La Coruña: Fundación Pedro Barrie de la Maza, 1988;

- FERREIRA, Ana Maria Pereira – *A importação e o comércio têxtil em Portugal no século XV (1385-1481)*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983;
- FERREIRA, Eliana Gonçalves Diogo – *1473 – um ano no desembargo do “africano”*. Vol. II. Porto: Universidade do Porto, 2001. Dissertação de Mestrado;
- FERREIRA, Sérgio Carlos – *Preços e Salários em Portugal na Baixa Idade Média*. Porto: Universidade do Porto, 2007. Dissertação de Mestrado;
- FERRER I MALLOL, Maria Teresa – “Catalan commerce in the late Middle Ages”. *Catalan Historical Review*, 5 (2012) 29-65;
- FERRER I MALLOL, Maria Teresa – “Productes del comerç catalano-portuguès segons una reclamació per pirateria (1408)”. *Miscel.lània de Textos Medievals*, 6 (1992), 137-163;
- FIGLIUOLO, Bruno – “I mercanti fiorentini e il loro spazio economico: un modello di organizzazione capitalistica”. *Archivio Storico Italiano*, Vol. 171, No. 4 (2013), 639-664
- FIORENTINO, Antonella – *Il commercio delle pelli lavorate nel basso medioevo*. Firenze: Firenze University Press, 2015;
- FONSECA, Luís Adão da - “Portugal e o Mediterrâneo no final da Idade Média: uma visão de conjunto”. In FONSECA, Luís Adão da; CADEDDU; Maria Eugenia (ed.) – *Portogallo mediterraneo*. Cagliari: Consiglio Nazionale delle Ricerche, 2001, 13-25;
- FONSECA, Luís Adão da – “Algumas considerações acerca das relações comerciais e marítimas de Portugal com Génova na Baixa Idade Média”. In *Bartolomeu Dias e a sua época*. Actas Congresso, vol. 3. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989, 635-644;
- FONSECA, Luís Adão da – “O Porto nas Rotas do Mediterrâneo Ocidental (vésperas da época moderna)”. *Revista de História*, 03 (1980) 127-140;
- FONSECA, Luís Adão da – *Navegacion y Corso en el Mediterraneo Occidental. Los portugueses a mediados del siglo XV*. Pamplona: Universidad de Navarra - Facultad de Filosofía y Letras, 1978;

- FONTES, João Luís Inglês – *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte, 2018;
- FRANCESCHI, Franco – “Il ruolo dell’allume nella manifattura tessile toscana dei secoli XIV-XV”. *Mélanges de l’École française de Rome – Moyen Âge*, 126-1 [Em linha] (2014). [Consult. 25 Maio 2021]. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mefrm/1582?lang=it>;
- FRANCESCHI, Franco; Goldthwaite, Richard A.; Mueller, Reinhold C. (eds.) – *Il Rinascimento italiano e l'Europa: Commercio e cultura mercantile*. Vol. IV, Treviso: Fondazione Cassamarca, 2007;
- FRANCESCHI, Franco – “L’impresa mercantile-industriale nella Toscana dei secoli XIV-XVI”. *Annali di Storia dell'impresa*, XIV (2003), 229-249;
- FRANCESCHI, Franco – “Un’industria «nuova» e perstigiosa: la seta”. In *Arti fiorentine. La grande storia dell'Artigianato*, volume II. Firenze: Giunti Editore, 1999, 167-189;
- FRANCESCHI, Franco – “Un «grande artigianato»: l’industria laniera”. In *Arti fiorentine. La grande storia dell'Artigianato*, volume I. Firenze: Giunti Editore, 1999, 129-161;
- FRYDE, Edmund – “The english cloth industry and the trade with the Mediterranean, c. 1370-c. 1480”. In SPALLANZANI Marco (ed.) – *Produzione, Commercio e Consumo dei Panni di Lana (nei secoli XII-XVIII)*. Firenze: Leo S. Olschki, 1976, 343-367;
- FURIÓ, Antoni – “Los mercados rurales en la Corona de Aragón”. In NAVARRO ESPINACH Germán; VILLANUEVA MORTE, Concepción (eds.) – *Industrias y Mercados rurales en los reinos hispánicos (siglos XIII-XV)*. Murcia: Sociedad Española de Estudios Medievales, 2017, 93-124;
- GARCÍA PORRAS, Alberto; FÁBREGAS GARCIA, Adela – “La cerámica española en el comercio mediterráneo bajomedieval: Algunas notas documentales”. *Miscelánea Medieval Murciana*, XXVII-XXVIII (2003-2004), 7-34;
- GARCIA, João Carlos – “Os têxteis no Portugal dos séculos XV e XVI”. *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, 21: 42 (1986), 327-344;

- GIRÓN PACUAL, Rafael – “«Cruzando aceros». El comercio de espadas entre España e Italia en los siglos XVI y XVII”. *Gladius*, XXXVI (2016), 161-179;
- GODINHO, Vitorino Magalhães – *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*. Vol. I, Lisboa: Editorial Presença, 1987;
- GOLDTHWAITE, Richard – “The Practice and Culture of Accounting in Renaissance Florence”. *Enterprise & Society*, 16 (2015) 611-647;
- GOLDTHWAITE, Richard A. – *The Economy of Renaissance Florence*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2011;
- GOLDTHWAITE, Richard A. – "La cultura economica dell'artigiano". In *Arti fiorentine. La grande storia dell'Artigianato*, volume I. Firenze: Giunti Editore, 1999, 57-73;
- GOLDTHWAITE, Richard A.; SETTESOLDI, Enzo; SPALLANZANI, Marco – *Due libri mastri degli Alberti. Una grande compagnia di Calimala 1348-1358*. Firenze: Cassa di Risparmio di Firenze, 1995;
- GOLDTHWAITE, Richard A. – *Studi sulla moneta fiorentina (secoli XIII-XVI)*. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1994;
- GOLDTHWAITE, Richard A. – “The Economic and Social World of Italian Renaissance Maiolica”. *Renaissance Quarterly*, Vol. 42: 1 (1989) 1-32;
- GOLDTHWAITE, Richard A. – “Local banking in Renaissance Florence”. *Journal of European Economic History*, 14 (1985) 5-55;
- GOLDTHWAITE, Richard A. – *Private Wealth in Renaissance Florence: a study of four families*. Princeton: Princeton University Press, 1968;
- GOMES, Saul António – *D. Afonso V: o Africano*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006;
- GONÇALVES, Iria – "Aspectos económico-sociais da Lisboa do século XV estudados a partir da propriedade régia". *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 1 (1980), 153-204;
- GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “Cádiz, frontera atlántica de las repúblicas mercantiles italianas (siglos XIII-XV)”. In SÁNCHEZ SAUS, Rafael; RÍOS TOLEDANO, Daniel (eds.) –

Entre la Tierra y el Mar. Cádiz, frontera atlántica de Castilla en la Baja Edad Media. Madrid: Sílex, 2022, 59-85;

GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “«Sibilla he stimatta la più bella et più nobile città de tutta Spagna». Una visión italiana de la jerarquía urbana castellana a principios del siglo XVI”. In ASEÑO GONZÁLEZ, María; ALONSO GARCÍA, David; PÉREZ GONZÁLEZ, Silvia María (eds.) – *Ciudades en Expansión. Dinámicas urbanas entre los siglos XIV-XVI*. Madrid: Dykinson, 2022, 119-138;

GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl; VIDAL, Tommaso – “Et scribatur viro nobili ser Angelo Venerio, consuli nostro Sibilie. Acción consular, comunicación diplomática y estrategia mercantil veneciana en Castilla a principios del siglo XV”. *Medievalismo*, 31 (2021) 201-234;

GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “Fuentes para el estudio de la tripulación de las galeras mercantiles de Florencia (s. XV)”. In SALICRÚ I LLUCH, Roser (ed.) – *Tripulacions i vaixells a la Mediterrània medieval. Fonts i perspectives comparades des de la Corona d'Aragó*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2019, 115-137;

GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “En el surco intrabético: genoveses en Guadix tras la conquista cristiana (c. 1490-1510)”. *eHumanista: Journal of Iberian Studies*, 38 (2018) 201-214.

GONZÁLEZ SÁNCHEZ, Santiago – “La manufactura textil en Castilla durante la minoría de Juan II”. In NAVARRO ESPINACH, Germán; Villanueva Morte Concepción (eds.) – *Industrias y Mercados rurales en los reinos hispánicos (siglos XIII-XV)*. Murcia: Sociedad Española de Estudios Medievales, 2017, 317-328;

GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “Acordes y desacuerdos. Navegación y comercio de las galeras mercantiles de Venecia y Florencia en el Mediterráneo ibérico desde una perspectiva comparada”. In GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl (ed.) – *Navegación Institucional Y Navegación Privada Mediterráneo*. La Nao. Alhulia, Salobreña, 2016, 145-191;

GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “Francesco Grimaldi, un mercader-banquero genovés entre Granada, la corte e Inglaterra (siglos XV-XVI). *En la España medieval*, 39 (2016) 97-126;

- GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – “De las postrimerías nazaríes a los albores castellanos: Ambrogio Spinola y la continuidad de los genoveses del Reino de Granada (1478-1508)”. *Archivio storico italiano*, 173: 2 (2015) 239-273;
- GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl – "Rapporti commerciali tra Firenze e il Regno di Granada nel XV secolo". In TANZINI, Lorenzo; TOGNETTI, Sergio (eds.) – "*Mercatura è arte*". *Uomini d'affari toscani in Europa e nel Mediterraneo tardomedievale*. Roma: Viella, 2012, 179-203;
- GOURDIN, Philippe – "Présence portugaise en Méditerranée occidentale et au Maghreb au XVe siècle". In FONSECA, Luís Adão da; CADEDDU, Maria Eugenia (eds.) – *Portogallo mediterraneo*. Cagliari: Consiglio Nazionale delle Ricerche, 2001, 129-142;
- GUAL CAMARENA, Miguel – "Orígenes y expansión de la industria textil lanera catalana en la Edad Media". In SPALLANZANI, Marco (ed.) – *Produzione, Commercio e Consumo dei Panni di Lana (nei secoli XII-XVIII)*. Firenze: Leo S. Olschki, 1976, 511-523;
- GUAL CAMARENA, Miguel – "Para un mapa de la industria textil hispana en la Edad Media". *Anuario de Estudios Medievales* (1967) 109-168;
- GUARNIERI, Giuseppe Gino – Da Porto Pisano a Livorno Città attraverso le tappe della storia e della evoluzione geografica: Studio storico-critico. Pisa: Giardini, 1967;
- GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "Uzzano, Giovanni da" Dizionario Biografico degli Italiani - Volume 97 [Em linha] (2020). [Consultado a 15 de agosto de 2020]. Disponível em: http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-da-uzzano_%28Dizionario-Biografico%29/;
- GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "Da comprimari a protagonisti: i fiorentini in Portogallo nel Basso Medioevo (1338-1520)". *eHumanista: Journal of Iberian Studies*, 38 (2018) 65-82;
- GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Bartolomeo Marchionni «Homem de grossa Fazenda» (ca. 1450-1530). Un mercante fiorentino a Lisbona e l'impero portoghese*. Firenze: Leo S. Olschki Editrice, 2014;

GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "Creating Networks through Languages: Italian Merchants in Late Medieval and Early Modern Europe". In CARACAUSSI, Andrea; JEGGLE, Christof (eds.) – *Commercial networks and European cities, 1400-1800*. London: Brookfield, Vermont: Pickering & Chatto, 2014, 65-80;

GUIDI BRUSCOLI, Francesco – "Bartolomeo Marchionni: un mercador-banqueiro florentino em Lisboa (séculos XV-XVI)". In ALESSANDRINI, Nunziatella; FLOR, Pedro; RUSSO, Mariagrazia; SABATINI, Gaetano, (eds.) – *Le nove son tanto e tante buone, che dir non se po'. Lisboa dos Italianos: História e Arte (sécs. XIV-XVIII)*. Lisboa: Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste» da Universidade de Lisboa, 2013, 39-60;

GUIDI- BRUSCOLI, Francesco – "Le tecniche bancarie". In MÜLLER, A. R. C.; FRANCESCHI, F.; GOLDTHWAITE R., (ed.) – *Il Rinascimento italiano e l'Europa: Commercio e cultura mercantile*. Vol. IV, Fondazione Cassamarca, 2007, 543-566;

GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – *Papal Banking in Renaissance Rome: Benvenuto Olivieri and Paul III, 1534-1549*. Aldershot: Ashgate Publishing Company, 2007;

GUIDI-BRUSCOLI, Francesco; BOLTON, Jim L. – "The Borromei Bank Research Project". In ARMSTRONG, Lawrin; ELBL, Ivana; ELBL, Martin (eds.) – *Money, Markets and Trade in Late Medieval Europe: Essays in Honour of John H.A. Munro*. Leiden, Brill, 2006, 460-490;

GUIDI-BRUSCOLI, Francesco – "Politica matrimoniale e matrimoni politici nella Firenze di Lorenzo de' Medici. Uno studio del Ms. Notarile Antecosimiano 14099". *Archivio Storico Italiano*, CLV (1997) 347-398;

GUIRAL, Jacqueline – "Les relations commerciales du royaume de Valence avec la Berbérie au XVe siècle". *Mélanges de la Casa de Velazquez*, 10 (1974) 99-131;

HAMILTON, E. J. – *Money, Prices and Wages in Valencia, Aragon and Navarre, 1351-1500*. Cambridge, Mass, 1936;

HAYEZ, Jérôme – "Un segno fra altri segni. Forme, significati e usi della marca mercantile verso il 1400". In ASTE, Elena Cecchi (ed.) – *Di mio nome e segno. 'Marche' di mercanti nel carteggio Datini (secc. XIV-XV)*. Prato: Istituto di studi storici postali, 2010,

HEERS, Jacques – "Le prix de l'assurance maritime à la fin du Moyen Age". *Revue d'Histoire économique et sociale*, 37 (1959), 7-19;

HEERS, Jacques – "L'Expansion Maritime Portugaise à la fin du Moyen Age: la Méditerranée". Separata da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, t. XXII, 2ª série, nº 2 (1956) 5-33;

HEERS, Jacques – "Il commercio nel Mediterraneo alla fine del sec. XIV e nei primi anni del XV". *Archivio Storico Italiano*, Vol. 113 (1955) 157-209;

HERNÁNDEZ ESTEVE, Esteban – *Aproximación al estudio del pensamiento contable español. De la Baja Edad Media a la consolidación de la Contabilidad como asignatura universitaria*. Madrid: Asociación Española de Contabilidad y Administración de Empresas, 2013;

HERNÁNDEZ ESTEVE, Esteban – "Reflexiones sobre la naturaleza y los orígenes de la contabilidad por partida doble". *Pecunia*, 1 (2005), p. 93-124;

HERNÁNDEZ ESTEVE, Esteban – "Los tratados contables de Luca Pacioli (Venecia, 1494) y Bartolomé Salvador de Solórzano (Madrid, 1590). Algunos comentarios y comparaciones". *Cuadernos de Estudios Empresariales*, 4 (1994), 155-191;

HERNÁNDEZ ESTEVE, Esteban – "Comentarios sobre puntos oscuros o de dudosa interpretación del Tratado De Computis et Scripturis de Luca Pacioli". *Revista Española de Financiación y Contabilidad*. XXIV: 80 (1994), 581-645;

HERNÁNDEZ ESTEVE, Esteban – *De las cuentas y las escrituras. Estudio Introductorio sobre la vida y obra de Luca Pacioli*. 2ª ed. Madrid: Asociación Española de Contabilidad y Administración de Empresas, 1994;

HERNÁNDEZ ESTEVE, Esteban – "Benedetto Cotrugli, precursor de Pacioli en la exposiciones de la partida doble". *Cuadernos de Estudios Empresariales*, 2 (1992), 87- 99;

HINOJOSA MONTALVO, José – "Valencia, centro mercantil mediterráneo. Siglos XIII-XV". In CAVACIOCCHI, Simonetta (ed.) – *Fiere e Mercati nella integrazione delle economie europee, secc. XIII-XVIII*. Prato: Istituto Internazionale di Storia Economica "F. Datini", 2000, 597-608;

HINOJOSA MONTALVO, Jose – “Las Salinas del Mediodía Alicantino a fines de la Edad Media”. *Investigaciones geográficas*, 11 (1993) 279-292;

HINOJOSA MONTALVO, José – “De Valencia a Portugal y Flandes. Relaciones durante la Edad Media”. *Anales de la Universidad de Alicante*, I (1982) 149-168;

HINOJOSA MONTALVO, José Ramón – “Sobre mercaderes extrapeninsulares en la Valencia del siglo XV”. *Saitabi: revista de la Facultat de Geografia i Història*, 26 (1976), 59-92;

HOSHINO, Hidetoshi – “La tinturaria di grana nel basso Medioevo”. In FRANCESCHI, Franco; TOGNETTI, Sergio (eds.) – *Industria tessile e commercio internazionale nella Firenze del tardo Medioevo*. Firenze: Leo S. Olschki, 2001, 23-40;

HOSHINO, Hidetoshi – “Nuovi documenti sulla compagnia degli Acciaiuoli nel Trecento”. *Annuario istituto Giapponese di Cultura in Roma*, 18 (1982-83), 7-23.

HOSHINO, Hidetoshi – *L'arte della lana in Firenze nel basso Medioevo*. Firenze: L. S. Olschki, 1980;

HOUSSAYE MICHENZI, Ingrid – “Reconstruire des réseaux d'affaires à partir de sources comptables: des exemples toscans (XIV^e -XV^e siècles)”. In *Réseaux politiques et économiques*. Paris: Éditions du Comité des travaux historiques et scientifiques [Em linha] 2016, 123-134. [Consultado a 10 de outubro de 2019]. Disponível em: <https://books.openedition.org/cths/2219>;

HOUSSAYE MICHENZI Ingrid – *Datini, Majorque et le Maghreb (14^e-15^e siècles)*. *Réseaux, espaces méditerranéens et stratégies marchandes*. Leyde: Brill, 2013;

HURTUBISE, Pierre – *Une famille-Témoin: les Salviati*. Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1985;

IANZITI, Gary – “A Humanist Historian and His Documents: Giovanni Simonetta, Secretary to the Sforza”. *Renaissance Quarterly*, 34: 4 (1981) 491-516;

IGUAL LUIS, David – “En las Rutas del Mediterráneo: naves y operadores económicos del siglo XV entre la Corona de Aragón e Itália”. In SOLÓRZANO TELECHEA, Jesús Ángel; MARTÍN PÉREZ, Fernando (eds.) – *Rutas de Comunicación Marítima y Terrestre en los*

Reinos Hispánicos durante la Baja Edad Media. Movilidad, Conectividad e Gobernanza. Madrid: La Ergástula, 2020, 129-154;

IGUAL LUIS, David – "Entre Barcelone et Valence: les importations de pastel et leur évolution à la fin du Moyen Âge". *Annales du Midi. Revue de la France méridionale*, t. 132, nº 309-310 (2020) 91-106;

IGUAL LUIS, David – "Entre Barcelone et Valence: les importations de pastel et leur évolution à la fin du Moyen Âge". *Annales du Midi. Revue de la France méridionale*, 132: 309-310 (2020) 91-106;

IGUAL LUIS, David – "Proyección marítima y sectores laborales en una ciudad del siglo XV: Valencia, de la pesca a la construcción naval". In GONZÁLEZ GUARDIOLA, María Dolores; IGUAL LUIS, David (eds.) – *El mar vivido. Perfiles sociales de las gentes de mar en la larga duración (siglos XV-XXI)*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha; 2020, 49-69;

IGUAL LUIS, David – "Los Del Nero, Mercaderes Florentinos: Familia, Negocios y Poder en los Reinos Hispánicos (1470-1520)". In SABATÉ, Flocel (ed.) – *El poder entre la ciutat i la religió*. Lérida: Pagès editors, 2018, 219-250;

IGUAL LUIS, David – "Las instituciones de la Corona de Aragón en la Navegación Mediterránea del siglo XV", In GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl (ed.) – *Navegación Institucional Y Navegación Privada Mediterráneo*. La Nao. Alhulia, Salobreña, 2016, 219-244;

IGUAL LUIS, David – "Letras de Cambio de Cagliari a Valencia". *Archivio Storico Sardo*, Vol. XLIX, Cagliari, 2014, 207-305;

IGUAL LUIS, David – "Red portuaria y control marítimo en el reino de Valencia (siglos XIII-XV). *Presses Universitaires de Rennes* (2013) 51-71;

IGUAL LUIS, David; IRADIEL MURUGARREN, Paulino – "Del Mediterráneo al Atlántico. Mercaderes, productos y empresas italianas entre Valencia y Portugal (1450- 1520)". In FONSECA, Luís Adão da; CADEDDU, Maria Eugenia (ed.) – *Portogallo mediterraneo*. Cagliari: Istituto sui rapporti italo- iberici, 2011, 143-194;

IGUAL LUIS, David – “Los banqueros del papa: Ambrogio Spannochi y sus herederos (1450-1504)”. In IRADIEL, Paulino; CRUSELLES, José Maria (eds.) – *De València a Roma a través dels Borja*. València: Generalitat Valenciana, 2006, 147-181;

IGUAL LUIS, David – “Itinerarios comerciales en el espacio meridional mediterráneo de la Baja Edad Media”. *Itinerarios medievales e identidad hispánica: XXVII Semana de Estudios Medievales*. Estella, 17 a 21 de julio de 2000. [Em linha]. [Consultado a 5 de março de 2019]. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/itinerarios-comerciales-en-el-espacio-meridional-mediterraneo-de-la-baja-edad-media/html/6a1b082a-5b26-4b15-b639-15dd82802faf_11.html;

IGUAL LUIS, David – “Los agentes de la banca internacional: cambistas y mercaderes en Valencia”. *Revista d'Historia Medieval*, 11 (2000), 105- 138;

IGUAL LUIS, David – “La difusión de productos en el Mediterráneo y en Europa occidental en el tránsito de la Edad Media a la Moderna”. In CAVACIOCCHI, Simonetta (ed.) – *Fiere e Mercati nella integrazione delle economie europee, secc. XIII-XVIII*. Prato: Istituto Internazionale di Storia Economica “F. Datini”, 2000, 453-434;

IGUAL LUIS, David – *Valencia e Italia en el siglo XV: rutas, mercados y hombres de negocios en el espacio económico del Mediterráneo occidental*. València: Universitat de València, 1996;

IGUAL LUIS, David – “La ciudad de Valencia y los Toscanos en el Mediterráneo del siglo XV”. *Revista d'història medieval*, 6 (1995), 79-110;

IGUAL LUIS, David – “Las galeras mercantiles venecianas y el puerto de Valencia (1391-1534)”. *Anuario de estudios medievales*, 24 (1994) 179-200;

JACKSON, Richard P. – “From Profit-Sailing to Wage-Sailing: Mediterranean Owner-Captains and Their Crews during the Medieval Commercial Revolution”. *Journal of European Economic History*, 18 (1989) 605-628;

KOTELNIKOVA, Liubov A. – “La produzione dei panni di lana della Campagna Toscana nei secoli XIII-XIV e la politica delle città e delle Arti della Lana”. In SPALLANZANI, Marco (ed.)

– *Produzione, Commercio e Consumo dei Panni di Lana (nei secoli XII-XVIII)*. Firenze: Leo S. Olschki, 1976, 221-229;

LADERO QUESADA, Miguel Angel – *Andalucía en torno a 1492. Estructuras. Valores. Sucesos*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992;

LE GOFF, Jacques – *Mercadores e Banqueiros*. Lisboa: Gradiva, 1990;

LIMÃO, Paula Cristina de Paiva – “Companhias comerciais, banqueiros e mercadores italianos em Portugal no século XV”. In *Case commerciali banchieri e mercanti italiani in Portogallo*. Lisboa: Istituto Italiano di Cultura in Portogallo, 1998, 81-91;

LISINI, Alessandro – “I segni delle cartiere di Colle”. In *Carte e Cartiere a Colle*. Firenze: Tipografia Baccini e Chiappi, 1982, 19-26;

LÓPEZ PÉREZ, M. Dolors; BASSO, Enrico; MARÍ I BRULL, Gerard; TRAVÉ ALLEPUZ, Esther – *De Aragón a Venecia. El «Llibre major de comerç de llana blanca amb Itàlia» de la companyia Torralba (1433-1434)*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2020;

LOZANO GRACIA, Susana – *Las elites de la ciudad de Zaragoza a mediados del siglo XV: la aplicación del método prosopográfico en el estudio de la sociedad*. Saragoça: Universidade de Saragoça, 2007. Dissertação de Doutoramento;

MACCIONI, Elena – “Mercato cambiario e uomini d'affari a Barcellona durante la guerra tra Alfonso il Magnanimo e la Repubblica Fiorentina”. *Anales de la Universidad de Alicante. Historia Medieval*, 23 (2022) 61-86;

MACHADO, J. T. Montalvão – *Dom Afonso primeiro Duque de Bragança: sua vida e obra*. Edição do Autor. Lisboa: Livraria Portugal, 1964;

MADURELL MARIMÓN, Jose Maria; GARCÍA SANZ, Arcadi – *Comandas comerciales barcelonesas de la baja Edad Media*. Barcelona: Colegio Notarial de Barcelona, 1973;

MALLET, Michael – “Florence and Pisa in the Fifteenth Century: aspects of the period of the first Florentine domination”. In RUBINSTEIN, Nicolai (ed.) – *Florentine Studies. Politics and Society in Renaissance Florence*. Londres: Faber, 1968, 403-441;

MALLETT, Michael Edward – *The Florentine galleys in the fifteenth century: with the diary of Luca di Maso degli Albizzi, Captain of the Galleys, 1429-1430*. Oxford: Clarendon Press, 1967.

MALLETT, Michael M. – “The Sea Consuls of Florence in the Fifteenth Century”. *Papers of the British School at Rome* (1959) 156-169;

MANDICH, Giulio – “Il fiorino di conto a Firenze nel 1382-1464”. *Archivio Storico Italiano*, Vol. 146, No. 2 (1988), 155-181;

MARIANI, Franco – *L'antica cartiera di Fabriano*. Ancona: Il lavoro editoriale. 1997;

MARQUES, A. H. de Oliveira – *Hansa e Portugal na Idade Média*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1993;

MARQUES, A. H. de Oliveira – *A Sociedade Medieval Portuguesa: aspectos de vida quotidiana*. 5ª ed. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1987;

MARQUES, A. H. de Oliveira – *Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*. In MARQUES, A. H. de Oliveira; SERRÃO, Joel (ed.) – *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1987;

MARQUES, A. H. de Oliveira – *Introdução à História da Agricultura em Portugal. A questão cerealífera durante a Idade Média*. 3ª ed. Lisboa: Edições Cosmos, 1978;

MARQUES, A. H. de Oliveira – *Para a História dos Seguros em Portugal: notas e documentos*. Lisboa: Arcádia, 1977;

MARQUES, A. H. de Oliveira - “Notas para a História da Feitoria Portuguesa na Flandres, no século XV”. *Ensaio de História Medieval Portuguesa*. Lisboa: Portugália Editora, 1965, 177-178;

MARQUES, José – “Relações entre a Igreja e o Estado em Portugal, no século XV”. *História: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto*, 11 (1994) 137-171;

MARQUES, José – *A Arquidiocese de Braga no século XV*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1988;

MARTÍN GUTIÉRREZ, Emilio – “Entre la costa y la sierra gaditana. De los paisajes rurales a la interacción sociedad-medio ambiente en el siglo XV.” *Arqueología y Territorio Medieval*, 25 [Em linha] (2018). [Consultado a 25 de junho de 2021]. Disponível em: <https://books.openedition.org/pur/7624>;

MARTÍNEZ MARTÍNEZ, María – "Oficios, artesanía y usos de la piel en la indumentaria (Murcia, ss. XIII-XV)". In Córdoba de la Llave, Ricardo (ed.) – *Mil años de trabajo del cuero: actas del II Symposium de Historia de las Técnicas, Córdoba, 6-8 de mayo de 1999*. Córdoba: Litopress, 2003, 237-274;

MARTÍNEZ MARTÍNEZ, Maria – “Indumentaria y sociedad medievales (ss. XIII-XV)” . *En la España medieval*, 26 (2003), 35-59;

MATRINGE, Nadia – “The Fair Deposit: Credit Reallocation and Trade Finance in the Early Modern Period”. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 72:2 (2017) 275-315;

MCLEAN, Paul D.; PADGETT, John F. – "Commerce and Credit in Renaissance Florence". In CAFERRO, William (ed.) – *The Routledge History of the Renaissance*. Londres: Routledge, 2017, 337-357;

MEDRANO FERNÁNDEZ, Violeta – *Un mercado entre fronteiras. Las relaciones comerciales entre Castilla y Portugal al final de la Edad Media*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2010;

MEDRANO FERNANDEZ, Violeta – "El comercio terrestre castellano-portugués a finales de la Edad Media: infraestructuras de apoyo a la actividad comercial y mercaderes". *Edad Media: revista de historia*, 8 (2007), 331-356;

MELIS, Federigo – “Di alcune figure di operatori economici fiorentini attivi nel Portogallo nel XV secolo”. In *I mercanti italiani nell'Europa medievale e rinascimentale*. Firenze: Le Monnier, 1990, 1-18;

MELIS, Federigo – "Da un baciono all'altro del Mediterraneo attraverso la Penisola Italiana". In RAGOSTA, Rosalba (ed.) – *Navigazioni Mediterranee e connessioni continentali (secoli XI-XVI)*. Napoli: Lucio Pironti Editore, 1982, 3-14;

MELIS, Federigo – "Gli opifici lanieri toscani dei secoli XIII-XVI". In SPALLANZANI, Marco (ed.) – *Produzione, Commercio e Consumo dei Panni di Lana (nei secoli XII-XVIII)*. Firenze: Leo S. Olschki, 1976, 237-243;

MELIS, Federigo - *Origini e sviluppi delle Assicurazioni in Italia (Secoli XIV-XVI). Le fonti*. Vol. I. Roma: Istituto nazionale delle assicurazioni, 1975;

MELIS, Federigo – "La lana della Spagna Mediterranea e della Barberia Occidentale nei secoli XIV-XV". In SPALLANZANI, Marco (ed.) – *La lana come materia prima, i fenomeni della sua produzione e circolazione nei secoli XIII-XVII*. Firenze: Leo S. Olschki, 1974, 241-251;

MELIS, Federigo – *Storia della Ragioneria*. Bologna: Zuffi, 1950;

MELO, Arnaldo de Sousa – "Le vocabulaire des comptabilités portugaise dans les livres de comptes municipaux de Porto de la deuxième moitié du XVe siècle". *Comptabilités. Revue d'histoire des comptabilités*. [Em linha] (2012). [Consultado a 07 de janeiro de 2016]. Disponível em: <http://journals.openedition.org/comptabilites/1184>;

MELO, Arnaldo de Sousa – "Comptabilités municipales: les livres des comptes de Porto dans la deuxième moitié du XVe siècle". *Comptabilités. Revue d'histoire des comptabilités* [Em linha] (2011). [Consultado a 07 de janeiro de 2016]. Disponível em: <http://journals.openedition.org/comptabilites/609>;

MENJOT, Denis – *Murcie castillane: une ville au temps de la frontière: (1243 - milieu du XVe siècle)*. Madrid: Casa de Velázquez, 2002;

MIQUEL MILIAN, Laura – "La estructura del primer Banco Público de Europa: la Taula de Canvi de Barcelona (siglo XV)". *Medievalismo*, 29 (2019) 297-321;

MIRANDA, Flávio; Casado ALONSO, Hilario - "Comércio entre o porto de Bristol e Portugal no final da Idade Média, 1461-1504". *Anais de História de Além-Mar XIX* (2018) 11-36;

MIRANDA, Flávio; FARIA, Diogo - "Lisboa e o comércio marítimo com a Europa nos séculos XIV e XV". In *Lisboa Medieval: Gentes, Espaços e Poderes*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2016, 241-266;

MIRANDA, Flávio – "Portuguese Traders in Atlantic Europe in the Middle Ages". *e-Journal of Portuguese History*, vol. 12 (2014) 119-130;

MIRANDA, Flávio – "Network Takers or Network Makers? The Portuguese Traders in the Medieval West". In CARACAUSSI, Andrea; JEGGLE, Christof (eds.) – *Commercial networks and European cities, 1400-1800*. London: Brookfield, Vermont: Pickering & Chatto, 2014, 171-186;

MIRANDA, Flávio – "Urban economy in 'Kingdom without Cities': population and exchange in late medieval Portugal". In ANDRADE, Amélia Aguiar; COSTA, Adelaide Millán da (eds.) – *La ville médiévale en débat*. Lisboa, Portugal: Instituto de Estudos Medievais, 2013, 175-183;

MIRANDA, Flávio – *Portugal and the Medieval Atlantic. Commercial Diplomacy, Merchants, and Trade, 1143 - 1488*. Porto: Universidade do Porto, 2012. Dissertação de Doutoramento;

MOLÀ, Luca – "Oltre i confini della città. Artigiani e imprenditori della seta fiorentini all'estero". In *Arti fiorentine. La grande storia dell'Artigianato*, vol. II. Firenze: Giunti Editore, 1999, 85-107;

MONNAS, Lisa – "Some Medieval Colour Terms for Textiles". In NETHERTON, Robin; OWEN-CROCKER, Gale (eds.) – *Medieval Clothing and Textiles*. Vol. X. Suffolk: The Boydell Press, 2014, 25-58;

MONTEMEZZO, Stefania – "Galley Routes and Merchant Networks between Venice and the North Sea in the Fifteenth Century". In CARACAUSSI, Andrea; JEGGLE, Christof (eds.) – *Commercial networks and European cities, 1400-1800*. London: Brookfield, Vermont: Pickering & Chatto, 2014, 153-170;

DINIS, António Joaquim Dias (ed.) – *Monumenta Henricina*. Vol I. Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante Dom Henrique, 1960;

MORENO, Humberto Baquero – *Relações marítimas e comerciais entre Portugal e a Baixa Andaluzia*. Porto: Universidade do Porto, 1993;

MORENO, Humberto Baquero – *A Batalha de Alfarrobeira: antecedentes e significado histórico*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1979-1980;

MUÑOZ POMER, María Rosa – “El eco de Portugal y los portugueses en Valencia (siglos XIV-XVI)”. In *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*. Porto: Universidade do Porto, 2006, vol. 4, 61-84;

MUÑOZ POMER, Maria Rosa; NAVARRO ESPINACH, Germán; IGUAL LUIS, David - "El comercio de importación portugués en Valencia, 1487-1488". In *Os reinos ibéricos na idade média, livro de homenagem a Humberto Baquero Moreno*. Porto: Universidade do Porto, 2003, 1121-1131;

MUZZARELLI, Maria Giuseppina – *Guardaroba Medievale. Vesti e società dal XIII al XVI secolo*. Bologna: Il Mulino, 1999;

NAVARRO ESPINACH, Germán – “Los sectores punta de la industria rural en la Corona de Aragón: azúcar, textil y otros”. In NAVARRO ESPINACH, Germán; VILLANUEVA MORTE, Concepción (eds.) – *Industrias y Mercados rurales en los reinos hispánicos (siglos XIII-XV)*. Murcia: Sociedad Española de Estudios Medievales, 2017, 175-202;

NAVARRO ESPINACH, German – "Las elites financieras de la monarquía aragonesa entre Juan I y Alfonso V (1387-1458) ". *e-Spania* [Em linha] (2015). [Consultado a 17 de junho de 2021]. Disponível em: <http://journals.openedition.org/e-spania/24259>;

NAVARRO ESPINACH, Germán – “La producción y el comercio de tejidos de seda en la Corona de Aragón en el siglo XV”. In, BROUQUET, Sophie; GARCÍA MARSILLA, Juan V., (eds.) – *Mercado del lujo, mercados del arte. El gusto de las elites mediterrâneas en los siglos XIV y XV*. Valência: Publicacions de la Universitat de València, 2015, 415-434;

NAVARRO ESPINACH, Germán – "La industria del cuero en el reino de Valencia y en el concejo de Teruel (siglos XIII-XVI)". In CÓRDOBA DE LA LLAVE, Ricardo (ed.) – *Mil años de trabajo del cuero: actas del II Symposium de Historia de las Técnicas, Córdoba, 6-8 de mayo de 1999*. Córdoba: Litopress, 2003, 201-230;

NAVARRO ESPINACH, Germán – “La seda entre Génova, Valencia y Granada en época de los Reyes Católicos”. *Actas del Congreso de la Frontera Oriental Nazarí como sujeto histórico (XIII-XVI)* (1997), 477-484;

NAVARRO ESPINACH, Germán – “La seda en Valencia en la Edad Media”. In Comisión Española de la Ruta de la Seda, (ed.) – *España y Portugal en las rutas de la seda: diez siglos de producción y comercio entre Oriente y Occidente*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996, 183-200;

NAVARRO ESPINACH, Germán – “Los genoveses y el negocio de la seda en Valencia (1457-1512)”. *Anuario de estudios medievales*, 24 (1994), 201-224;

NEVOLA, Fabrizio – “Ritual geography: housing the papal court of Pius II Piccolomini in Siena (1459–60)”. *Renaissance Studies: Journal of the Society for Renaissance Studies*, 2 (2006) 201-224;

NIGRO, Giampiero (ed.) – *Reti Marittime come fattori dell'integrazione europea. Maritime Networks as a Factor in European Integration*. Atti della “Settimana di Studi”, 13-17 maggio 2018. Prato: Fondazione Istituto Internazionale di Storia Economica “F. Datini”, 2019;

NIGRO, Giampiero (ed.) – *Francesco di Marco Datini. The Man the Merchant*. Firenze: Firenze University Press, 2010;

NORTE, Armando; LEITÃO, André de Oliveira – “A mobilidade dos escolares portugueses: a peregrinatio academica entre os séculos XII e XV”. *Lusitania Sacra*, 33 (2016), 43-98;

OLIVEIRA, Luís Filipe; FARELO, Mário – “Jaime de Portugal (1453-1459)”. In FONTES, João Luís Inglês (ed.) – *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte, 2018, 515-530.

ORLANDI, Angela – “Between the Mediterranean and the North Sea: Networks of Men and Ports (14th-15th centuries)”. In *Reti Marittime come fattori dell'integrazione europea*. Prato: Fondazione Istituto Internazionale di Storia Economica “F. Datini”, 2019, 49-69;

ORLANDI, Angela – "Ibiza entre el Mediterráneo, el Atlántico y el Mar del Norte (siglos XIV y XV)". *eHumanista: Journal of Iberian Studies*, 38 (2018) 48-64;

ORLANDI, Angela – "Le prestazioni di un holding tardo medievale rilette attraverso alcune teorie di management e la Social Network Analysis". In *Innovare nella Storia Economica: Temi, Metodi, Fonti*. Prato: Fondazione Istituto Internazionale di Storia Economica "F. Datini", 2016, 117-148;

ORLANDI, Angela – "Aspetti del movimento finanziario in area aragonese nella documentazione mercantile toscana (secoli XIV-XV). Un caso di studio: l'andamento dei cambi tra Barcellona, Valenza, Palma di Maiorca". In IRADIEL MURUGARREN, Francisco Paulino; NAVARRO ESPINACH, Germán; IGUAL LUIS, David; VILLANUEVA MORTE, Concepción (eds.) – *Identidades urbanas Corona de Aragón – Italia. Redes económicas, estructuras institucionales, funciones políticas (siglos XIV-XV)*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 2016, 309-326;

ORLANDI, Angela – "Tuscan merchants in Andalusia: a historiographical debate". *European Review of History: Revue européenne d'histoire*, 23:3 (2016) 347-366;

ORLANDI, Angela – "Networks and Commercial Penetration Models in the Late Medieval Mediterranean: Revisiting the Datini". In CARACAUSSI, Andrea; JEGGLE, Christof (eds.) – *Commercial networks and European cities, 1400-1800*. London: Brookfield, Vermont: Pickering & Chatto, 2014, 81-106;

ORNATO, Enzo; BUSONERO, Paola; MUNAFÒ, Paola F.; STORACE, M. Speranza – *La carta occidentale nel tardo medioevo*. Tomo I. Milano: Istituto centrale per la patologia del libro, 2001;

ORTUÑO MOLINA, Jorge; SOLER MILLA, Juan Leonardo – "Espacio jurisdiccional y espacio económico en el Sureste Peninsular en la Baja Edad Media". *Journal of Medieval Iberian Studies*, vol. 1 (2009) 69-85;

PACIOLI, Luca – *Summa de Aritmetica, geometria, proporzioni e proporzionalità*. Venice: Paganino de' Paganini, 1494;

PASTOUREAU, Michel – *Black: the history of a color*. Princeton: Princeton University Press, 2008;

PASTOUREAU, Michel – *Bleu. Histoire d'une couleur*. Paris: Le Seuil, 2000;

PASTOUREAU, Michel – *Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997;

PAVIOT, Jacques – "Marins et marchands portugais en Méditerranée à la fin du Moyen Âge". In COULON, Damien; OTTEN-FROUX, Catherine; PAGÈS, Paule; et al. – *Chemins d'outre-mer*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2004, 671-679;

PEREIRA, Franklin – *Ofícios do Couro na Lisboa Medieval*. Lisboa: Prefácio, 2009;

PETRALIA, Giuseppe – *Banchieri e famiglie mercantili nel Mediterraneo aragonese. L'emigrazione dei pisani in Sicilia nel Quattrocento*. Pisa: Pacini Ed., 1989;

PETRI, Alberti – *La Piazza di Bruges come rivive nel periodo 1461-1462 attraverso il Libro Grande Rosso segn. G della Compagnia di Giovanni Salviati e Piero da Rabatta*. Pisa: Universidade de Pisa, 1961-62. Dissertação de Licenciatura;

PEZZAROSSA, Fulvio – "La « ragione di Pisa » nelle « Ricordanze » di Ugolino Martelli". *Archivio Storico Italiano*, 138: 4 (1980) 527-576;

PINCHERA, Valeria – *Lusso e decoro. Vita quotidiana e spese dei Salviati di Firenze nel Sei e Settecento*. Pisa: Scuola Normale Superiore di Pisa, 1999;

PINELLI, Paola – "The Florentine Company of Francesco Neroni and Trade with Dubrovnik (Ragusa) in the first half of the 15th century". *Dubrovnik annals* (2008) 57-71;

POHLE, Jürgen; LISBOA, João Luís da Costa Campos Vieira; BERNARDO, Luís Manuel Aires Ventura; MARQUES, Cátia Teles e – *Os mercadores-banqueiros alemães e a Expansão Portuguesa no reinado de D. Manuel I*. Lisboa: CHAM, FCSH/NOVA-UAc, 2017;

PRAJDA, Katalin – "Florentine Networks in Europe". In *Network and Migration in Early Renaissance Florence, 1378-1433*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2018, 25-66;

QUERTIER, Cédric – “The Pisan Economy from the Tenth to Fifteenth Century: A Parabolic Trajectory”. In *A Companion to Medieval Pisa*. Leiden: Brill, 2022, 245–276;

RADULET, Carmen M.; THOMAZ, Luís Filipe F. R. (ed.) – *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513). Fontes italianas para a sua história: o codice Riccardiano 1910 de Florença*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2002;

RADULET, Carmen M. – “Girolamo Sernigi e a importância económica do Oriente”. Separata da *Revista da Universidade de Coimbra* (1985) 67-77;

RAITERI, Silvana Fossati – “Presenze genovesi a Siviglia nella seconda metà del Quattrocento”. *Anuario de Estudios Medievales*, 24 (1994) 299–312;

RAMSEY, Peter H. – “The Unimportance of Double-Entry Bookkeeping: did Luca Pacioli really matter?”. In In CAVACIOCCHI, Simonetta (ed.) – *L'Impresa, industria, commercio, banca. Secc. XIII-XVIII*. Atti della Ventiduesima Settimana di Studi. Prato, 1991, 189-196;

RAU, Virgínia – “Um florentino ao serviço da expansão portuguesa. Francisco Corbinelli”. In *Memórias*. Lisboa: Centro de Estudos da Marinha, 1974, 107-141;

RAU, Virgínia – *Portugal e o mediterrâneo no século XV. Alguns aspectos diplomáticos das relações com a Itália*. Lisboa: Centro de Estudos da Marinha, 1973;

RAU, Virgínia – “Alguns estudantes e eruditos portugueses em Itália no século XV”. *Revista Do Tempo e da História*, V (1972) 29-99;

RAU, Virgínia – “Aspectos do «trato» da «adiça» e da «pescaria» do «coral» nos finais do século XV”. *Do Tempo e da História*, V (1972), 143-157;

RAU, Virgínia – “Bartolomeo di Iacopo di ser Vanni mercador-banqueiro florentino «estante» em Lisboa nos meados do século XV”. *Revista Do Tempo e da História*, IV (1971) 97-177;

RAU, Virgínia – “Cartas de Lisboa no Arquivo Datini de Prato”. In *Estudos de História: mercados, mercadorias e pensamento económico*. Porto: Editorial Verbo, 1968, 21-22;

- RAU, Virgínia – "Privilégios e Legislação Portuguesa referentes a mercadores estrangeiros (sécs. XV e XVI)". In *Estudos de História: Mercadores, Mercadorias, Pensamento Económico*. Lisboa: Editorial Verbo, 1968, 15-30;
- RAU, Virgínia – "Um grande mercador banqueiro italiano em Portugal: Lucas Giraldi". *Estudos italianos em Portugal*, 24 (1965) 3-35;
- RAU, Virgínia – "Uma família de mercadores italianos em Portugal no século XV: os Lomellini". In *Estudos de História: Mercadores, Mercadorias e pensamento económico*. Porto: Editorial Verbo, 1968, 13-58;
- RAU, Virgínia – *A Exploração e o Comércio do Sal de Setúbal*. Lisboa, 1951;
- RIGHI, Laura – *La manifattura del cuoio e della calzatura nell'Italia comunale. Tecniche, struttura produttiva e organizzazione del lavoro*. Trento: Università degli Studi di Trento, 2017. Dissertação de Doutoramento;
- ROSÁRIO, Moraes do – *Genoveses na História de Portugal*. Lisboa, [s.n.], 1977;
- RUBINSTEIN, Nicolai – "La confessione di Francesco Neroni e la congiura antimedicea del 1466". *Archivio Storico Italiano*, vol. 126 (1968) 373-387;
- RUBINSTEIN, Nicolai – *The Government of Florence under the Medici (1434 to 1494)*. Oxford: Oxford University Press, 1968 (1966 primeira edição);
- SALICRÚ I LLUCH, Roser – "Los cueros bovinos en el mediterráneo del siglo XV. Retroceso del mercado magrebí y auge de los mercados ibéricos". In CORDOBA DE LA LLAVE, Ricardo (ed.) – *Mil años de trabajo del cuero: actas del II Simposium de Historia de las Técnicas, Córdoba, 6-8 de mayo de 1999*. Córdoba: Litopress, 2003, 169-200;
- SANCHEZ GARRE, Leandro – "El seguro en Europa del siglo XIII al siglo XVIII: "Ad risicum Dei, maris et gentium". *Revista de Historia Económica - Journal of Iberian and Latin American Economic History*, 3: 2 (1985) 315-322;
- SANGSTER, Alan – *Libr. XV: Cotrugli and de Raphaeli on business and bookkeeping in the Renaissance*. Edimburgo: Lomax, 2014;

SANGSTER, Alan; STONER, Greg; LANGE, Paul de; O'CONNELL, Brendan; BELGHITAR, Giovanna Scatagliani – “Pacioli's forgotten book: the merchant's ricordanze”. *Accounting Historians Journal*, 39: 2 (2012), 27-44;

SANTOS, Maria José Ferreira – *Marcas de Água: séculos XIV-XIX*. Coleção TECNICELPA. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2015;

SAPORI, Armando – “Una compagnia di prestatori fiorentini ad Avignone nella prima metà del Trecento”. In SAPORI, Armando (ed.) – *Studi di storia economica*. Vol. III. Firenze: Sansoni, 1955-1967, 101-119;

SAPORI, Armando – *La compagnia dei Frescobaldi in Inghilterra*. Firenze: Olschki, 1947;

SAPORI, Armando (ed.) – *I libri della ragione bancaria dei Gianfigliuzzi*. Milano: Garzanti, 1946;

SAPORI, Armando – *I libri di commercio dei Peruzzi*. Milano: Treves, 1934;

SAPORI, Armando – *Una compagnia di Calimala ai primi del Trecento*. Firenze: Olschki, 1932;

SAPORI, Armando – *La crisi delle compagnie mercantili dei Bardi e dei Peruzzi*. Firenze: Olschki, 1926;

SASTRE MOLL, Jaume – “La actividad comercial del mercader mallorquín Johan Barthomeu a mediados del siglo XV”. *Mayurqa: revista del Departament de Ciències Històriques i Teoria de les Arts*, 31 (2006) 251-274;

SAVY, Pierre – “Conseils et conseillers à Milan sous les Sforza (1450-1499)”. In *Conseils et conseillers dans l'Europe de la Renaissance: v. 1450 - v. 1550*. Tours: Presses universitaires François-Rabelais, [Em linha] 2012. [Consultado a 23 de março de 2021]. Disponível em: <http://books.openedition.org/pufr/7818>;

SAYOUS A. E. – “Les methodes commerciales de Barcelone au 15. Siècle d’après des documents inédits de ses archives. La bourse, le pret et l’assurance maritimes, les sociétés commerciales, la lettre de change, une banque d’Etat”. *Revue historique de droit française et étranger*, 2 (1936) 255-301;

SCHERMAN, Matthieu – “Apprenticeship of Florentine merchants-bankers: the example of the 15th century London Salviati bank”. Comunicação apresentada no encontro European Social Science History Conference 2014 [Em linha] (ESSHC 2014, Viena). [Consultado a 15 de setembro de 2020]. Disponível em: <https://salviati.hypotheses.org/315>;

SECHE, Giuseppe – “Il carteggio mercantile Dessì-Navarro: una fonte per la storia delle relazioni commerciali tra Valenza e la Sardegna nella seconda metà del Quattrocento”. In SCHENA, Olivetta; TOGNETTI, Sergio (eds.) – *Commercio, finanza e guerra nella Sardegna tardomedievale*. Sardegna: Viella, 2017, 197-233;

SEQUEIRA, Joana; MIRANDA, Flávio – “‘A Port of Two Seas.’ Lisbon and European Maritime Networks in the Fifteenth Century”. in *Reti Marittime come fattori dell'integrazione europea*. Prato: Fondazione Istituto Internazionale di Storia Economica “F. Datini”, 2019, 339-353;

SEQUEIRA, Joana – “Comprar, organizar e expedir: mercadores pisanos no negócio internacional dos couros portugueses e galegos no século XV”. *eHumanista*, 38 (2018), 131-145;

SEQUEIRA, Joana – “Entre Lisboa e Pisa: alguns exemplos de viagens comerciais no terceiro quartel do século XV”. In *Ao Tempo de Vasco Fernandes*. Viseu: DGPC/ Museu Nacional Grão Vasco/ Projecto Património, 2016, 173-185;

SEQUEIRA, Joana – “A companhia Salviati-Da Colle e o comércio de panos de seda florentinos em Lisboa no século XV”. *De Medio Aevo*, 7 (2015) 47-62;

SEQUEIRA, Joana – “Michele da Colle: um mercador pisano em Lisboa no século XV”. In *Con Gran Mare e Fortuna. Circulação de mercadorias, pessoas e ideias entre Portugal e Itália na Época Moderna*. Lisboa: Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste» 2015, 21-34;

SEQUEIRA, Joana – “O fim da linha. Legados têxteis nos testamentos do clero catedralício português (1280-1325)”. In *O clero secular medieval e as suas catedrais*:

novas perspectivas e abordagens. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2014, 337-552;

SEQUEIRA, Joana – *O Pano da Terra: produção têxtil em Portugal nos finais da Idade Média*. Porto: Universidade do Porto, 2014;

SERRANO Y SANZ, Manuel – "El linaje hebraico de la Caballería según el Libro Verde de Aragón". *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 73 (1918) 160-185;

SERRANO, Ana Filipa Albano – *The Red Road of the Iberian Expansion: Cochineal and the Global Dye Trade*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2016. Dissertação de Doutoramento;

SEVILLANO COLOM Francisco – "Navegaciones mediterraneas (s. XI-XVI). Valor del puerto de Mallorca". In RAGOSTA, Rosalba (ed.) – *Navigazioni Mediterranee e connessioni continentali (secoli XI-XVI)*. Napoli: Lucio Pironti Editore, 1982, 15-74;

SIGUENZA PELARDA, Cristina – "La vida cotidiana en la Edad Media. La moda en el vestir en la pintura gótica". In DE LA IGLESIA DUARTE, Jose Ignacio (ed.) – *La vida cotidiana en la Edad Media*. VIII Semana de Estudios Medievales de Najera. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1998, 353-368;

SILVA, Maria João Oliveira e – "Bolseiros e bolsas de estudo no tempo de D. Afonso V". In *Os reinos ibéricos na idade média, livro de homenagem a Humberto Baquero Moreno*. Porto: Universidade do Porto, 2003, 1091-1103;

SILVA, Pietro – "Intorno all'industria e al commercio della lana in Pisa". *Studi storici*, vol. 19 (1910) 329-377;

SOLDANI, Maria Elisa – "«E sia licito a' mercanti katelani avere loggia»: presenza e organizzazione dei mercanti catalani a Pisa e a Siena nel basso Medioevo". In *Els catalans a la Mediterrània medieval. Noves fonts, recerques i perspectives*. Roma: Viella, 2015, 283-316;

SOLDANI, Maria Elisa – "Mercanti «facitori di facciende grosse» fiorentini, pisani e lucchesi a Barcellona nel tardo Medioevo". In TANZINI, Lorenzo; TOGNETTI, Sergio (eds.)

- *"Mercatura è arte". Uomini d'affari toscani in Europa e nel Mediterraneo tardomedievale*. Roma, Viella, 2012, 115-147;
- SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari e mercanti toscani nella Barcellona del Quattrocento*. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2010;
- SOLDANI, Maria Elisa – "Alleanze matrimoniali e strategie patrimoniali nella Barcellona del XV secolo: i mercanti toscani fra integrazione e consolidamento della ricchezza". *Archivio Storico Italiano*, Vol. 162, No. 4 (2004), 667-696;
- SOLER MILLA, Juan Leonardo – "Los judíos valencianos, el mercado y las rutas mercantiles en el Mediterráneo bajomedieval". *Revista de Historia Medieval*, 15 (2006-2008) 87-108;
- SPALLANZANI, Marco – *Maioliche ispano-moresche a Firenze nel Rinascimento*. Firenze: S.P.E.S., 2006;
- SPALLANZANI, Marco – *Giovanni da Empoli. Un mercante fiorentino nell'Asia portoghese*. Firenze: Studio per Edizione Scelte, 1999 (a primeira edição foi em 1984);
- SPALLANZANI, Marco – *Mercanti Fiorentini nell'Asia Portoghese (1500-1525)*. Firenze: Studioper Edizione Scelte, 1997;
- SPALLANZANI, Marco – "Le aziende Pazzi al tempo della congiura del 1478". In *Studi di storia economica toscana nel Medioevo e nel Rinascimento in memoria di Federigo Melis*. Pisa: Pacini Editore, 1987, 305-320;
- SPALLANZANI, Marco – "Maioliche di Valenza e di Montelupo in una casa pisana del 1480". *Faenza: bollettino del Museo internazionale delle ceramiche in Faenza* (1986) 164-170;
- SPALLANZANI, Marco – "Una grande azienda fiorentina del Trecento: Carlo Strozzi e compagni". *Ricerche storiche*, 8 (1978) 417-436;
- SPALLANZANI, Marco (ed.) – *Produzione commercio e consumo dei panni di lana: nei secoli XII-XVIII*. Atti delle «settimane di studio». Prato: Istituto internazionale di storia economica «F. Datini». Pubblicazioni, 1976;

- SPALLANZANI, Marco (ed.) – *La Lana come Materia Prima. I fenomeni della sua produzione e circolazione nei secoli XIII-XVII*. Atti delle «settimane di studio». Prato: Istituto internazionale di storia economica «F. Datini». Pubblicazioni, 1974;
- SPUFFORD, Peter – *Money and its use in medieval Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988;
- SPUFFORD, Peter – *Handbook of Medieval Exchange*. London: Royal Historical Society, 1986;
- TANGHERONI, Marco – "Firenze centro culturale ed economico nel tardo Medioevo". In *Arti fiorentine. La grande storia dell'Artigianato*. Vol. I, Firenze: Giunti Editore, 1999, 29-55;
- TANGHERONI, Marco – "Le arti del cuoio". In *Arti fiorentine. La grande storia dell'Artigianato*. Vol. I, Firenze: Giunti Editore, 1999, 215-235;
- TANGHERONI, Marco – "Note sull'industria conciaria a Pisa nel medioevo". In GENSINI, Sergio (ed.) – *Il cuoio e le pelli in Toscana: produzione e mercato nel tardo medioevo e nell'età moderna*. San Miniato: Pacini Editore, 1999, 51-70;
- TANGHERONI, Marco – *Commercio e Navigazione nel Medioevo*. Roma: Laterza, 1996;
- TANGHERONI, Marco – "Commercio e lavorazione del cuoio in Toscana". In *La Conceria in Italia dal Medioevo ad oggi*. Milano: La Conceria, 1994, 173-192;
- TANZINI, Lorenzo – "Rappresaglie tra Toscana e Catalogna nei registri Marcarum dell'Archivio della Corona d'Aragona". In TANZINI, Lorenzo; TOGNETTI, Sergio (eds.) – *"Mercatura è arte". Uomini d'affari toscani in Europa e nel Mediterraneo tardomedievale*. Roma: Viella, 2012, 205-224;
- TAVARES, Maria José Pimenta – *Os Judeus em Portugal no século XV*. Vol. II, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984;
- TAVARES, Maria José Pimenta – *Os Judeus em Portugal no século XV*. Vol. I, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1982;

TOGNETTI, Sergio – "Gli uomini d'affari toscani nella Penisola Iberica (metà XIV secolo - inizio XVI secolo)". *eHumanista: Journal of Iberian Studies*, 38 (2018) 83-98;

TOGNETTI, Sergio – "L'attività assicurativa di un fiorentino del Quattrocento: dal libro di conti personale di Gherardo di Bartolomeo Gherardi". *Storia Economica*, XX-1 (2017) 5-48;

TOGNETTI, Sergio – "Galeras Estatales y Veleros Privados en la República Florentina del Cuatrocientos: la praxis mercantil". In GONZÁLEZ ARÉVALO, Raúl (ed.) – *Navegación Institucional Y Navegación Privada Mediterráneo*. La Nao. Alhulia, Salobreña, 2016, 107-144;

TOGNETTI, Sergio – "Le Compagnie mercantili-bancarie toscane e i mercati finanziari europei tra metà XIII e metà XVI secolo". *Archivio Storico Italiano*, IV: 646 (2015), 687-717;

TOGNETTI, Sergio – "Mercanti e Libri di Conto nella Toscana del Basso Medioevo: le edizioni di registri aziendali dagli anni '60 del Novecento a Oggi". *Anuario de Estudios Medievales*, 42 (2012) 867-880;

TOGNETTI, Sergio – "Il ruolo della Sardegna nel commercio mediterraneo del Quattrocento. Alcune considerazioni sulla base di fonti toscane". *Archivio Storico Italiano*, Vol. 163: 1 (2005) 87-132;

TOGNETTI, Sergio - "«Fra Li Compagni Palesi et Li Ladri Occulti». Banchieri Senesi del Quattrocento". *Nuova Rivista Storica* (2004) 28-101;

TOGNETTI, Sergio – *Un'Industria di Lusso al servizio del grand commercio. Il mercato dei drappi serici e della seta nella Firenze del Quattrocento*. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 2002;

TOGNETTI, Sergio – "Attività industriali e commercio di manufatti nelle città toscane del tardo Medioevo (1250 ca. - 1530 ca.)". *Archivio Storico Italiano*, Vol. 159: 2 (2001) 423-479;

TOGNETTI, Sergio – "Aspetti del commercio internazionale del cuoio nel XV secolo: il mercato pisano nella documentazione del banco Cambini di Firenze". In *Il cuoio e le pelli*

in Toscana: produzione e mercato nel tardo Medioevo e nell'età moderna. Fondazione Centro di studi sulla civiltà del tardo Medioevo. San Miniato: Pacini, 2000, 17-50;

TOGNETTI, Sergio – *Il Banco Cambini. Affari e mercati di una compagnia mercantile-bancaria nella Firenze del Quattrocento*. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1999;

TOGNETTI, Sergio – “I mercanti-banchieri fiorentini e il ruolo di Venezia come piazza finanziaria europea nel tardo Medioevo. In margine al lavoro di R. C. Mueller”. *Archivio Storico Italiano*, 157 (1999), 351-356;

TOGNETTI, Sergio – “Problemi di vettovagliamento cittadino e misure di politica annonaria a Firenze nel XV secolo (1430-1500)”. *Archivio Storico Italiano*, Vol. 157, No. 3 (1999) 419-452;

TRINDADE, Maria José Lagos – “Alguns problemas do pastoreio, em Portugal, nos séculos XV e XVI”. *Do Tempo e da História* (1965) 113-134;

UNGER, Richard W. – “Ships and Sailing Routes in Maritime Trade around Europe 1300-1600”. In BLOCKMANS, Wim; KROM, Mikhail; WUBS-MROZEWICZ, Justyna (eds.) – *The Routledge Handbook of Maritime Trade Around Europe, 1300-1600*. New York: Routledge, 2017, 17-35;

UNGER, Richard W. – *The ship in the medieval economy 600-1600*. London: Croom Helm, 1980;

VALÉRIAN, Dominique – *Ports et Réseaux d'échanges dans le Maghreb medieval*. Bibliothèque de la Casa de Velázquez, 77 (2019) 161-217;

VENDRELL GALLOSTRA, Francisca – “Aportaciones Documentales para el estudio de la Familia Caballería”. *Sefarad. Revista de la Escuela de Estudios Hebraicos*, vol. 3 (1943) 115-154;

VIGIL MONTES, Néstor – “Un eclesiástico para un reinado: el servicio del obispo conimbricense João Galvão a D. Afonso V de Portugal”. *Lusitania Sacra*, 35 (2017) 185-206;

VILAR, Hermínia – “D. Garcia de Meneses e o cabido de Évora: perspectivas de um governo episcopal (1471-1484)”. In *D. Manuel e a sua época*. Actas do II Congresso

Histórico de Guimarães. Vol. II. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2004, 43-56;

VILLAGRASA ELÍAS, Raúl – “Apuntes sobre el comercio aragonés de las especias a mitad del siglo XV”. In NAVARRO ESPINACH, Germán; VILLANUEVA MORTE, Concepción (eds.) – *Industrias y Mercados rurales en los reinos hispánicos (siglos XIII-XV)*. Murcia: Sociedad Española de Estudios Medievales, 2017, 489-504;

VILLANUEVA MORTE, Concepción – “El comercio de la seda entre Valencia y Portugal en el siglo XV”. In GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel, (ed.) – *La Península Ibérica entre el Mediterráneo y el Atlántico siglos XIII-XV*. Cádiz: Sociedad Española de Estudios Medievales, 2003, 165-179;

YAMEY, Basil – "Bookkeeping and Accounts, 1200-1800". In CAVACIOCCHI, Simonetta (ed.) – *L'Impresa, industria, commercio, banca. Secc. XIII-XVIII*. Atti della Ventiduesima Settimana di Studi, Prato, 1991, 163-187;

YAMEY, Basil – "Notes on the Origin of Double-Entry Bookkeeping". *The Accounting Review*, Vol. 22, 3 (1947), 263-272;

ZEDDA, Corrado – “Il commercio del corallo e i contratti d'ingaggio dei corallieri ad Alghero nel XV secolo”. *Estudis Històrics i Documents dels Arxius de Protocols* (2001) 85-106.

Anexos

**Anexo 1 - Descrição detalhada do fundo documental da companhia
Nerone de Pisa**

	Livros	Carte (fólios)	Dimensão (em cm)	Notas
A 1454-56	<i>Debitori e Creditori</i>	382 (preenchido até à 377)	40 x 29 x 11	• Tem índice • Escrito por mais do que uma mão; • Últimos fólios são um balanço para proceder ao transporte dos valores para o novo livro
	<i>Quaderno di Cassa</i>	239 (preenchido até à 228)	32 x 24 x 6	• Não tem índice
	<i>Entrata e Uscita</i>	192 (alguns fólios por preencher)	30 x 22 x 5	• Letra pouco cuidada • Índice interno: ○ Da c. 1 à 100 <i>entrata</i> (até à c. 47) ○ Da c. 100 à 200 <i>uscita</i> (até à c. 144)
B 1456-57	<i>Debitori e Creditori rosso</i>	422 (preenchido até à 395)	42 x 30 x 14	• Tem índice • Marca d'água
	<i>Entrata e Uscita e quaderno di Cassa</i>	336 (alguns fólios por preencher)	31 x 22 x 7	• Índice interno: • Da c. 1 à 72 <i>entrata</i> (até à c. 41) ○ Da c. 72 à 144 <i>uscita</i> (começa na c. 73, até à c. 109) ○ Da c. 144 à 330 <i>Quaderno di Chassa</i> (da c. 145 à c. 303) ○ Da c. 330 até ao fim 'recebimentos de caixa' (da c. 331 à c. 336)

	<i>Quaderno di cambi, lettere, commissioni, ricordi e gabelle</i>	190 (alguns fólhos por preencher)	35 x 24 x 5	- Índice interno: - Da c. 1 à 20 <i>Rimesse e Tratte</i> (da c. 1 à c. 9) - Da c. 20 à 40 <i>lettere di cambio o d'avixo per giornata</i> (da c. 21 à c. 27) - Da c. 40 à 80 <i>ricordi di debitori saranno a fare (?) tratti per noi o per amici per letra di cambio o d'aviso chomechadra per giornata</i> (da c. 41 à c. 60) - Da c. 80 à 110 <i>chomisioni</i> (da c. 81 à c. 89) - Da c. 110 à 132 <i>Lettere</i> (da c. 101 à c. 131) - Da c. 132 à 134 <i>Chonti di Choiami</i> - Da c. 169 à 170 <i>Ghabelle per mare per terra</i> - Da c. 190: duas contas sem qualquer indicação
C 1458-59	<i>Debitori e creditori rosso</i>	288 (preenchido até à 281)	43 x 31 x 10	Não tem índice
	<i>Ricordanze</i>	280 (alguns fólhos por preencher)	31 x 22 x 7,5	- Índice interno: - Da c. 1 à 70 <i>compras e vendas</i> (até à c. 68) - Da c. 70 à 110 cópias de contas de mercadorias que receberam de fora (vai até à c. 107)

				○ Da c. 110 à 150 comissões (até à c. 126) ○ Da c. 150 à 162 <i>tempi di lettere di cambio in dare e avere</i> ○ Da c. 162 à 172 conta de caixa (até à c. 169) ○ Da c. 172 à 200 envios de mercadorias para fora (até à c. 182) ○ Da c. 200 à 240 cópias de contas di robe que mandaram e receberam <i>di fuori di più luochi</i> (até à c. 280)
D 1460-63	<i>Debitori e creditori rosso</i>	305 (preenchido até à 284)	41 x 31 x 10	• Tem índice • Fólio inicial indica “compagnia mercatanti di Pisa” • Indica que a 23 de abril de 1463 passou a ser redigido por Iacopo di Lippo da Colle (a partir da c. 228) • Duas marcas d’água diferentes
	<i>Ricordanze</i> ⁶⁵⁵	350 (preenchido até à c. 327)	31 x 22 x 7	• Índice interno: ○ Da c. 1 à c. 80 <i>vendita e compra faremo per giornata</i> (preenchido até à c. 50) ○ Da c. 80 à c. 120 <i>ricevemo più robe avemo di fuori</i> (que vai continuar da c. 200 à c. 207 temos os recebidos)

⁶⁵⁵ Aquando do trabalho de pesquisa no Archivio Salviati, detetamos que este livro estava erradamente inventariado. Estava como pertencente ao fundo da companhia Da Colle, mas, cruzando as informações, e seguindo o sistema de ligação dos livros *debitori e creditori* com os seus cadernos de escrita preparatória, conseguimos retificar a catalogação deste livro de *Ricordanze*.

				○ Da c. 120 à c. 140 <i>mandati di tutti robe</i> (até à c. 128) ○ Da c. 140 à c. 170 <i>ricordi di comissioni</i> (até à c. 164) ○ Da c. 170 à c. 190 <i>tempi di lettere di</i> <i>cambio</i> (até à c. 184) ○ Da c. 190 à c. 210 <i>chopie di (?) di chonto</i> <i>di chassa</i> ○ Da c. 210 à c. 220 <i>richordo per (?)</i> (até à c. 212) ○ Da c. 220 <i>chopie di</i> <i>chonti mandemo e</i> <i>ricevemo</i> (até à c. 327)

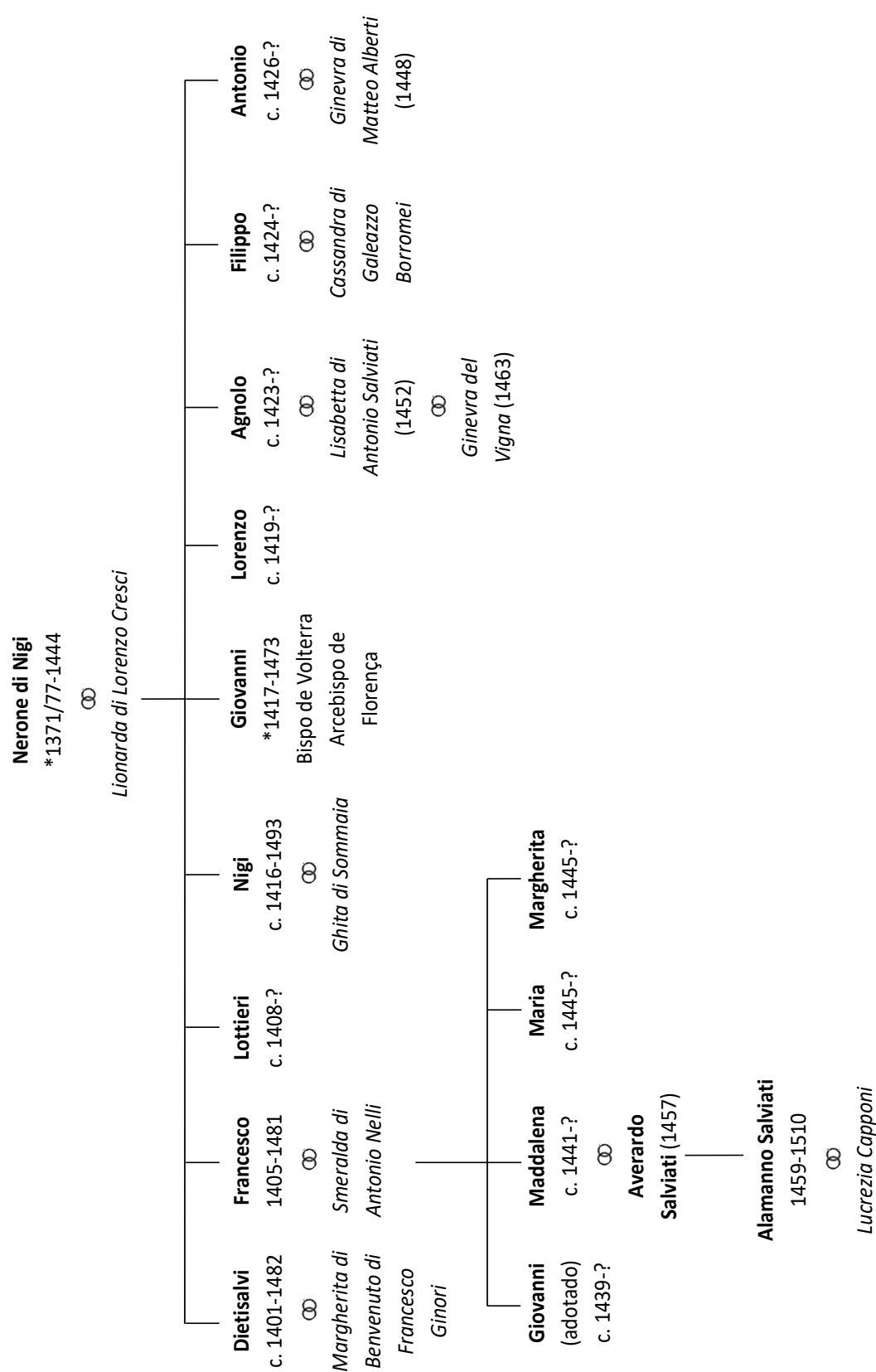
Anexo 2 – Pedra Tumular de Francesco di Nerone

Armas da cidade de Florença, em cima, e da família Nerone, em baixo. Inscrição:
“FRANCISCO NERONIO CIVI FLORENTINO, VIRO OPTIMO, QVI MULTIS HONORIBUS
FVNCTVS PATRIE PLVRIMVM PROFVIT CONSILIO, AUCTORITATE, PRVDENTIA. FATO
TAMEN ADVERSO ILLA PRIVATVS, HIC CONDITVR. ALEXANDER NEPOS PATRUO
BENEMERENTI POSUIT. VIXIT ANN. LXXVIII. DIE XXVII IULIJ 1481”.



Fonte: Foto de Claudio Neroni. Igreja de Santi Severino e Sossio, Nápoles.

Anexo 3 – Genealogia da Família Nerone



Fonte: HURTUBISE, Pierre – *Une Famille-Témoin: Les Salviati*. Città del Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1985, 496-498. BENIGNI, Paola – *Palazzo Neroni a Firenze: storia, architettura, restauro*. Firenze: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, Sovrintendenza Archivistica per la Toscana, 1996, 76-77.

**Anexo 4 - Preços (em florins di sugello) dos couros transacionados pela
companhia Neroni de Pisa, por ano e por tipo de negócio, 1454-1461**

	ORIGEM COURO	1454	1455	1456	1457	1458	1459	1460	1461	
PRÓPRIO	Norte de África	0.14.4								
	<i>Portogallo e</i>	1.19.4	1.5.6							
	<i>Spagna</i>									
	<i>Portogallo e</i>	0.9.0								
	<i>Spagna vitelos</i>	0.8.7								
	Galiza	1.6.4								
		1.2.2								
		0.14.10								
	Irlanda	0.9.4	0.18.7						0.11.4	
		0.7.10							0.10.1	
		0.7.9							0.12.0	
	Irlanda couros e vitelos	0.8.6								
	Lisboa	0.10.10	1.6.9	11.9.5	1.7.11	2.0.0	1.11.5		1.8.11	
		1.2.4	1.16.0	1.5.5	1.6.8	1.9.6	1.11.0			
		0.19.4	1.13.3	1.4.6	2.16.4		1.4.0			
		1.11.1	1.7.11	0.18.8	1.6.6		1.9.6			
		1.7.11								
		1.11.3								
		1.6.11								
		1.7.11								
		Sevilha	1.15.4							
SOCIEDADE	<i>Portogallo e</i>									
	<i>Spagna</i>									
	Irlanda	0.8.6	0.7.10							
		0.7.7								
	Lisboa	1.8.6				1.9.5	2.8.3	0.9.7		

COMISSÃO		1.11.5	1.12.11		
		1.4.6			
	<i>Portogallo e</i>	0.11.9			
	<i>Spagna vitelos</i>				
	Norte de África		0.8.0		
	Lisboa	0.19.9	1.3.2	1.3.1	1.4.2
				1.12.7	1.4.1
				1.9.3	
	Sevilha	1.15.4	1.6.9		

Anexo 5 - Preços (em florins *di sugello*) dos fardos de lã de São Mateus transacionados pela companhia Neroni de Pisa, por ano e por tipo de negócio, 1455-1460

	1455	1456	1457	1458	1459	1460
PRÓPRIO	14.6.3			14.10.1	15.19.11	
	16.3.6					
SOCIEDADE	2.15.10*			12.14.9		9.17.3
				13.5.2		15.19.0
COMISSÃO		3.10.11	12.14.6	5.14.2	17.13.0	
		9.12.0*		7.10.9		
				10.9.4		
				10.10.0		
				12.5.6		
				12.13.1		
				14.14.2		

FONTE: AS, SNS Pisa, Libri di Commercio, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

*Valor para sacas de lã.

**Anexo 6 - Compradores da lã de São Mateus vendida pela companhia
Neroni de Pisa, 1455-1460**

Ano	Comprador	Local		Quant.		Preço	Preço Uni.
		Cidade	Província	fardo	saca		
1455	Angholo Becci	San Gimignano	Toscana	1	-	16.0.1	16.0.1
1455	Antonio di Matteo	Pisa	Toscana	10	-	-	-
1455	Bartolomeo di Pagholo	Cholle	Toscana	2	-	31.15.8	17.10.10
1455	Marchionne di Malischotti	Modena	Emilia Romagna	-	9	70.8.0	7.17.0
1455	Marchionne di Malischotti	Modena	Emilia Romagna	1	-	13.4.2	13.4.2
1455	Dionigi da Chanriano	Milão	Lombardia	-	7	71.13.0	10.4.9
1455	Francesco di Michele di Beccho	Florença	Toscana	2	-	35.5.2	17.14.7
1455	Giovanni di Lanticci	Cremona	Lombardia	-	8	104.13.0	13.1.8
1455	Iachopo	Pisa	Toscana	2	-	35.10.8	17.17.4
1455	Giuliano da Chermona	Cremona	Lombardia	4	-	68.2.1	17.0.6
1455	Giovanni d'Andrea	Pistoia	Toscana	-	3	23.18.5	7.19.6
1455	Lorenzo di Giachobi	Perugia	Umbria	9	-	172.4.4	19.2.8
1455	Niccolòdi Piero da Meleto	Bolonha	Emilia Romagna	13	-	96.11.8	7.8.7
1455	Piero da Messer Filippo	Lucca	Toscana	3	-	55.6.6	18.8.10
1455	Sandro del Pellegrino	Pisa	Toscana	2	-	26.6.11	13.3.6
1455	erede di Ghiugliulio Bartolini	Pistoia	Toscana	3	-	47.13.6	15.17.10
1455	Giannino da Berghamo	Modena	Emilia Romagna	-	15	79.2.4	5.5.7
1456	Giannino da Berghamo	Modena	Emilia Romagna	7	-	116.16.7	16.13.10
1456	Arrigho Chassinaro	Parma	Emilia Romagna	13	-	180.0.0	13.16.11
1456	vendida numa viagem de Nerone a Lucca a più persone	Lucca	Toscana	11	-	190.5.0	17.5.11
1456	Piero di Giovanni	Modena	Emilia Romagna	9	-	126.10.10	14.1.2
1456	Francesco di Bartolomeo	-	-	2	-	30.9.8	15.4.10

1456	Francesco d'Antonio Barghegli	Pistoia	Toscana	2	-	35.13.2	17.16.7
1456	Ghiberto de Bianchi	Modena	Emilia Romagna	2	-	31.8.8	15.14.4
1456	Iacopo Benedetti	Pisa	Toscana	3	-	48.15.0	16.5.0
1456	Viviano Viviani	Colle	Toscana	2	-	44.0.9	22.0.5
1456	Francesco di Michele di Beccho	Florença	Toscana	6	-	119.17.8	19.19.7
1456	Francesco di Michele di Beccho	Florença	Toscana	-	-	24.12.1	-
1456	Tommaso di Nanni da Colle	-	Toscana	5	11	89.10.0	-
1457	Angnolo d'Antonio	San Gimignano	Toscana	1	-	18.6.2	18.6.2
1457	Antonio Bonafe	Bolonha	Emilia Romagna	-	8balle	55.7.1	6.18.5
1457	Antonio Bravo	Parma	Emilia Romagna	-	5	62.5.9	12.9.4
1457	Bartolomeo Del Maestro Giarmino da Berghamo	Modena	Emilia Romagna	14	-	200.1.8	14.5.10
1457	Bartolomeo di Masolino	Prato	Toscana	4	-	54.9.6	13.12.5
1457	Bonaviro di San Iacopo	Florença	Toscana	-	-	46.12.6	-
1457	Domenico di Lucha Chorzi	San Gimignano	Toscana	2	-	35.5.8	17.12.10
1457	Filippo di Deo	Prato	Toscana	2	-	28.19.8	14.9.10
1457	Francesco di Mercì			3	-	48.1.8	16.0.7
1457	Giovanni d'Antonio di Piero	Arezzo	Toscana	-	4balle	33.19.10	8.10.0
1457	Giovanni di Lantuni	Cremona	Lombardia	-	42	529.12.0	12.12.2
1457	Giuliano di Maestro Piero	San Miniato	Toscana	2	-	31.15.8	15.17.10
1457	Iachopo di Piero	Prato	Toscana	6	-	72.7.1	12.1.2
1457	Lucha	Prato	Toscana		-	25.11.0	-
1457	Lanfranco d'Antonio	Bergamo	Lombardia	6	-	94.15.2	15.15.10
1457	Messer Giuliano Ricci	Pisa	Toscana	1	-	16.0.0	16.0.0
1457	Uattorio(?) di Lodovico	Prato	Toscana		-	25.17.0	-
1457	Viviano di Piero Viviani	Colle	Toscana	6	-	107.19.2	17.19.10
1458	Giuliano di Maestro Piero	San Miniato	Toscana	14	-	207.3.4	14.15.11

1458	Orlando di Orlandi da Siena	Parma	Emilia Romagna	-	4	62.12.10	15.13.3
1458	Antonio Bonafe	Bolonha	Emilia Romagna	7	-	106.13.0	16.4.9
1458	Antonio Bravo	Parma	Emilia Romagna	15	-	223.2.10	14.17.6
1458	Antonio Del Maestro da Colle	Colle	Toscana	11	-	148.0.1	13.9.1
1458	Antonio di Damiano	Pontremoli	Toscana	2	-	24.12.0	12.6.0
1458	Antonio e Giovanni da Guido da Chastello e fratelli	-	Umbria	1	5	65.15.5	-
1458	Arigho de Gliorsi	Bolonha	Emilia Romagna	11	-	158.3.10	14.7.7
1458	Astolfo di Bergho	Pisa	Toscana	1		19.7.1	19.7.1
1458	Bandinello Sauli	Génova	Ligúria	100		1372.4.3	13.14.5
1458	Bartolomeo d'Andrea da Fuizano	-	-	3	-	49.11.6	16.10.6
1458	Bartolomeo di Martino	Pisa	Toscana	2	-	35.18.3	17.19.2
1458	Bartolomeo di Simone	Pistoia	Toscana	10	-	158.9.5	15.16.11
1458	Bernardo di Francesco	Lucca	Toscana	4	-	68.11.4	17.2.10
1458	Bertino da Giuseppe da Chompiano	-	Emilia Romagna	9	-	124.4.9	13.16.1
1458	Charlo e Salvestro di Giovanni	Pistoia	Toscana	3	-	52.13.4	17.11.1
1458	Aghostino di Francia	-	França?	2	-	30.19.6	15.9.9
1458	Andrea di Luccino	Modena	Emilia Romagna	4	-	64.18.8	16.4.8
1458	Beltrago de Bergamo		Lombardia	2	-	33.1.7	18.12.10
1458	Antonio Bonafe	Bolonha	Emilia Romagna	5	-	65.3.9	13.0.9
1458	Nicholo Tornabuoni	-	Toscana	3	-	49.16.7	16.12.2
1458	Francesco di Mercì	-		5	-	76.9.8	15.5.11
1458	Giovanni di Bartolomeo da Montelupo	Florença	Toscana	1	--	15.3.10	15.3.10
1458	Ludovicho della Campana	-	Campânia	3	-	41.1.2	13.13.9
1458	Luigi e Giovanni Quaratesi	-	Toscana	7	-	115.8.8	16.9.10

1458	Simone di Génova	-	Ligúria	1	-	8.14.4	8.14.4
1458	Deddo del Rosso	Castrocaro	Emilia Romagna	2	-	75.7.6	-
1458	Erede d'Antonio Pertini	Pisa	Toscana	7	-	105.9.0	15.1.3
1458	Erede di Lorenzo di Iachobo Fanbeci	Perugia	Umbria	10	-	144.4.6	14.8.5
1458	Fanuto e Simone Boezi e frattegli	Pisa	Toscana	-	5	52.7.9	10.9.7
1458	Fanurno e Simone Borgia	Pisa	Toscana	4	-	50.6.2	12.11.7
1458	Filippo di Chamilla de Génova	-	Ligúria	59	-	722.9.3	12.4.11
1458	Francesco di Mercì	-	-	31	-	457.7.2	14.15.1
1458	Franzino di Lorenzo da Reggio	-	-	2	-	28.16.10	14.8.5
1458	Giovanni d'Antonio da Monza	Monza	Lombardia	4	-	64.9.8	16.2.7
1458	Giovanni Lottieri de Cremona	-	Lombardia	14		212.2.5	15.3.0
1458	Giuliano d'Antonio da Montimoro	-	Ligúria	43	-	560.15.4	13.0.10
1458	Iacopo da Vivaro	-	-	2	-	31.6.7	15.13.4
1458	Iacopo di Bartolomeo di Cremona	-	Lombardia	6	-	76.16.9	12.16.2
1458	Iacopo di Piero	Prato	Toscana	2	-	28.19.0	14.9.6
1458	Lucca da Vernarra	-	Ligúria	8	-	104.4.10	13.0.7
1458	Ludovico della Champana di Modena	-	Emilia Romagna	7	-	113.12.6	16.4.8
1458	Martino di Bettino da Berghamo e Iacopo di Bartolomeo da Berghamo	-	Lombardia	3	-	46.14.6	15.11.6
1458	Martino Ingresuato	Pistoia	Toscana	1	-	10.10.0	10.10.0
1458	Nanni da Pernoli	Pisa	Toscana	4	-	70.7.6	17.11.11
1458	Niccolò Martino	Lucca	Toscana	3	-	52.8.11	17.9.8
1458	Piero de Bergamo	-	Lombardia	14	-	366.18.8	26.4.2
1458	Piero di San Ghuglielmo detto petrino e Piero Vismala	Milão	Lombardia	16	-	534.17.8	33.8.8
1458	Polo e Aghostino	La Spezia	Ligúria	31	10,5	566.17.10	-

1458	Rieri e Matteo Maschiani	-	-	2	-	31.18.5	15.19.3
1458	Ristoro di Ugholino Ristore	-	-	2	-	30.14.0	15.7.0
1458	Sandro del Pellegrino	Pisa	Toscana	4	-	72.11.4	18.2.10
1458	Tommaso di Nanni da Colle	-	Toscana	2	-	26.2.11	13.1.6
1458	Tommaso di Pietro Pasquale	Cremona	Lombardia	39	-	637.8.8	16.6.11
1459	Antonio Bravo	Parma	Emilia Romagna	2	-	29.7.8	14.13.10
1459	Antonio e Giovanni di Guido	Pisa	Toscana	3	-	41.12.4	13.17.5
1459	Antonio Scarlattini	-	Toscana	8	-	123.15.7	15.9.5
1459	Bartolomeo di Simone	Pistoia	Toscana	1	-	17.13.0	17.13.0
1459	Biagio Mei abita a Lucca	Lucca	Toscana	2	-	33.1.2	16.10.7
1459	Ciolo di Giuliano	Pisa	Toscana	7	-	100.19.2	14.8.5
1459	Daniello di Iacopo	Città Castello	Umbria	3	-	54.15.8	18.5.3
1459	Francesco di Mercì			4	2	86.0.6	-
1459	Francesco di Nerone	Florença	Toscana	28	-	446.5.1	15.18.9
1459	Iacopo da Colle	Pisa	Toscana	2	-	24.11.10	12.5.11
1459	Lorenzo e Francesco d'Agnolo Chapucci dal Borgho a Sansiporcho	-	Toscana	23	-	353.18.6	15.7.9
1459	Matteo da Parma	-	Emilia Romagna	4	-	60.14.8	15.3.8
1460	Antonio e Giovanni di Guido e fratelli	Pisa	Toscana	4	-	68.17.4	17.4.4
1460	Francesco da Colle	-	Toscana	3	-	49.0.9	16.6.11
1460	Giovanni da Bergamo	-	Lombardia	1	-	18.12.7	18.12.7
1460	Giovanni d'Antonio da Monza	Monza	Lombardia	2	-	35.11.2	17.15.9
1460	Giovanni di Matteo da San Bruno	San Bruno	Calabria	18	-	320.9.4	17.16.1
1460		Pistoia	Toscana	6	-	109.16.9	18.6.2
1460	Daniello di Iacopo di Città Castello	-	Umbria	13	-	213.10.6	16.8.6
1460	Fanuncio e Simoni Borzi e fratelli	Pisa	Toscana	14	-	233.6.11	16.13.4

1460	Venturino d'Antonio	-	-	5	-	83.16.6	16.15.4
1460	Francesco di Nerone	Florença	Toscana	8	-	149.13.8	18.14.3

FONTE: AS, SNS Pisa, Libri di Commercio, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

Anexo 7 - Preços (em florins di sugello) dos fardelli de seda ibéricos transacionados pela companhia Neroni de Pisa, por ano e por tipo de negócio, 1454-1461

	1454	1455	1456	1457	1458	1459	1460	1461
PRÓPRIO	80.4.3							279.6.11
SOCIEDADE	268.8.0*							
COMISSÃO	152.0.0	84.13.9	436.16.11*		57.5.2	116.3.2	276.8.4*	
		191.18.3			160.7.2	182.11.4	306.15.0	
		209.12.6			424.0.2	279.12.7	500.17.3	
		261.0.0						
		294.0.0*						

FONTE: AS, SNS Pisa, Libri di Commercio, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

*Seda de Málaga e Almeria.

**Anexo 8 - Compradores dos fardelli de seda ibérica vendida pela
companhia Neroni de Pisa, 1454-1462**

Ano	Comprador	Cidade	Quant. (fardelli)	Preço	Preço Uni.
1454	C ^a Neroni de Florença	Florença	1	260.18.8	260.18.8
1454	Cliente em Lucca	Lucca	75lb	215.12.6	-
1454	Cliente em Lucca	Lucca	1	452.13.0	452.13.0
1455	Cliente em Lucca	Lucca	3	756.10.0	252.3.4
1455	C ^a Neroni de Florença	Florença	1	261.2.0	261.2.0
1455	C ^a Neroni de Florença, <i>setaiuolo</i>	Florença	1	461.3.11	461.3.11
1455	Iacopo di Niccolò Turrettini e compagni di Lucca	Lucca	1	465.0.0	465.0.0
1455	Iacopo di Niccolò Turrettini e compagni di Lucca	Lucca	4	1619.0.0	404.15.0
1455	Erede di Niccolò Burlamacchi compagni di Lucca	Lucca	1	417.19.4	417.19.4
1457	Niccolò di San Federico compagni di Lucca	Lucca	1	258.13.8	258.13.8
1457	Erede di Niccolò Burlamacchi compagni di Lucca	Lucca	1	404.0.0	404.0.0
1458	Niccolò Ristoro Ristori compagni setaiuoli in Firenze	Florença	1	460.18.9	460.18.9
1458	C ^a Neroni de Florença, <i>setaiuolo</i>	Florença	1	456.5.0	456.5.0
1458	Erede di Niccolò Burlamacchi compagni di Lucca	Lucca	1	59.0.0	59.0.0
1459	C ^a Neroni de Florença	Florença	1	303.0.0	303.0.0
1459	Erede di Niccolò Burlamacchi compagni di Lucca	Lucca	2	577.4.4	289.2.2
1459	Erede di Pagholino Bernardini e Giorgio Fianotti di Lucca	Lucca	1	428.8.0	428.8.0
1460	Erede di Pagholino Bernardini e Giorgio Fianotti di Lucca	Lucca	2	933.3.9	467.2.5
1460	Filippo Arnolfini compagni di Lucca	Lucca	1	587.18.2	587.18.2
1460	Iacopo di Filippo Rapondi di Lucca	Lucca	1	603.16.9	603.16.9
1460	Stefano e Iacopo Bernardi compagni di Lucca	Lucca	3	865.8.9	288.9.7
1461	Bernardo di Francesco da Lucca abitante in Lucca	Lucca	1	239.3.4	239.3.4
1462	C ^a Neroni de Florença	Florença	1	332.2.2	332.2.2
TOTAL			31	-	-

FONTE: AS, SNS Pisa, Libri di Commercio, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

**Anexo 9 - Preços (em florins di sugello) da grã transacionada pela
companhia Neroni de Pisa, por ano e por tipo de negócio, 1455-1462**

Tip. Negócio	Origem da grã	1455	1456	1457	1458	1459	1460	1461	1462
Próprio	Sintra			0.11.3			0.13.11		
	Valência								60.18.2 89.15.9
	Norte de África	23.17.11							
Sociedade	Sintra							1.4.11	
	Valência					12.11.2			
Comissão	Sintra			0.13.3 0.14.8			0.13.6		
	Valência				100.0.0	0.12.1			
	Catalunha						146.9.2		

FONTE: AS, SNS Pisa, Libri di Commercio, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

Legenda: ● valor para libras ● valor para *balle*

Anexo 10 - Registo dos Compradores finais da grã oriunda da Península Ibérica vendida pela companhia Neroni de Pisa, 1455-1462

Ano	Comprador	Onde	Qt.		Origem da Grã	Preço	Preço Un.	
			libras	balle			libras	balle
1455	c ^a Neroni de Florença	Florença	-	2	Norte de África	66.13.1	33.6.7	-
1456	c ^a Nofri Borghesi	Siena	-	-	Sintra	111.11.7	-	-
1457	Bartolomeo del maestro Giarmino da Berghamo	Modena	38	-	Sintra	26.5.0	0.13.10	-
1457	Bartolomeo del maestro Giarmino da Berghamo	Modena	74	-	Sintra	51.15.0	0.14.0	-
1458	c ^a Neroni de Florença	Florença	600	-	Valência	382.17.0	0.12.9	-
1458	Nofri Degliagli	Florença	328	1	Valência	198.10.9	0.12.1	198.10.9
1460	c ^a Antonio Bonafé	Bolonha	319	1	Valência	198.5.6	0.12.5	198.5.6
1460	c ^a Riccardo Saracini	Siena	-	1	Catalunha	149.13.0	-	149.13.0
1461	c ^a Bernardo e Stefano Ambruogi	Pisa	1499	6	Valência	767.0.0	0.10.3	127.16.8
1461	c ^a Riccardo Saracini	Siena	1340	5	Valência	540.0.0	0.8.1	108.0.0

1461	c ^a Neroni de Florença	Florença	72,5	-	Sintra	90.4.0	1.4.11	-
1462	c ^a Antonio Bonafé	Bolonha	254	1	Valência	74.18.7	0.5.11	74.18.7
1462	c ^a Neroni de Florença	Florença	467	2	Valência	154.17.3	0.6.8	77.8.8

FONTE: AS, SNS Pisa, Libri di Commercio, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.

**Anexo 11 - Compradores do sal ibérico vendido pela companhia Neroni
de Pisa, 1458-1463**

Ano	Comprador	Onde	Qt		Origem sal	Preço	Pç Un	
			staia	mine			straia	mine
1458	Angelo Simonetta da Cremona, <i>segretario</i> do Duque de Milão	Milão	1126	-	Tortosa	127.19.1	0.2.3	-
1458	Iacopo Giuliano da Giagnuola	Cremona	-	1413	Tortosa	588.10.9	-	0.8.4
1458	Lionardo Saulli de Génova in La Spezzia	La Spezzia	-	2584	Tortosa	1135.18.11	-	0.8.10
1458	Lionardo Saulli de Génova in La Spezzia	La Spezzia	4677	-	Tortosa	531.9.8	0.2.3	-
1458	Comuna de Lucca	Lucca	2110	-	Ibiza	237.1.7	0.2.3	-
1458	Comuna de Florença	Florença	-	-	Ibiza	537.0.0	-	-
1458	Iacopo Giuliano da Giagnuola	Cremona	1126	-	Tortosa	139.6.2	0.2.6	-
1460	Angelo Simonetta da Cremona, <i>segretario</i> do Duque de Milão	PietraSanta	3613,25	-	Portugal	332.5.0	0.1.10	-
1463	Iacopo Zanobi Pantaleoni	Pisa	457	-	Portugal	29.19.4	0.1.4	-
1463	Lionardo da Cholti	PietraSanta	3001	-	Portugal	200.12.6	0.1.4	-

FONTE: AS, SNS Pisa, Libri di Commercio, Nerone e Salviati, 6 e 13-22.